

AS
TRES ROMAS.

DIARIO

D'UMA VIAJEM Á ITALIA.

PELO ABBADE GAUME,

Vigario geral da diocese de Nevers, cavalleiro da ordem
de S. Silvestre, membro da Academia da Religião
Catholica de Roma, etc.

*Nec unquam (civitas) nec
major nec sanctior.*

Nunca houve cidade
maior nem mais sancta.

Tr. Liv. Hist. lib. I.

TOMO TERCEIRO.

PORTO:

TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO,
Rua das Hortas n.º 105.

—
1858.



Bibliothèque Saint Libère

<http://www.liberius.net>

© Bibliothèque Saint Libère 2009.

A reprodução sem fins lucrativos é permitida.

AS

TRES ROMAS.

III.

TRES ROMAS.



28 de Dezembro.

O Velabro. — S. Jorge. — Recordações da Santa Bibiana. — Arco de Jano quadriforme. — O grande canal de Tarquinio, *cloaca maxima*. — Os canaes de Roma em geral. — Etymologia d'uma palavra muito conhecida. — Santa Maria Egypcia ou a Egreja dos Armenios.

A última das sete collinas, o Aventino, restava-nos por ver. Partimos pela manhã cêdo com a intenção de estudarmos esta montanha não menos celebre do que as outras, mas ficamos no caminho. Um mundo de recordações, de ruínas, de templos, de monumentos christãos e pagãos, se encontra no caminho e suspende o viajante. Quando, chegando à fralda do Capitolio, pela rua d'Ara-Coeli, se volta á direita, apresenta-se o bairro *della Ripa*, e é força ficar n'elle. Sito ao sul da cidade, nas margens do Tibre, occupa este bairro a antiga região do Aventino, e em parte a da *Piscina publica*, da *Porta capena*, do *Forum magnum*, e do *Grande Circo*.

Saudamos, ao passarmos, a casa de Santa Galla e a egreja da *Misericordia*, dois monumentos da charidade romana aos quaes voltaremos. Eis agora o Velabro, cujo nome excita logo uma dolorosa recordação: era nas bordas deste lago

lamacento, que a velha Roma depositava todas as noites montões de crianças recém-nascidas (1). Ao principio era o *Velabro* uma legoa formada pelo Tibre, que se atravessava em barquinhas para communicar com o Aventino [2]. Pouco a pouco as aguas, vasadas por Tarquinio Prisco, deram lugar a construcções solidas. No seu leito dessecado se elevaram successivamente o mercado dos bois, *Forum boiarium*, o mercado do peixe, *Forum piscarium*, que viu os sobrinhos de Cincinnato degradados comprarem uma sarda por dezenove mil francos; o bairro d'Argileto, *Vicus argiletus*, onde possuia Cicero numerosas lojas, que alugava caro aos livreiros, aos cabelleireiros e outros artistas; alojados nesta parte baixa da cidade (3).

A' entrada do *Velabro* está a pequena igreja de S. Jorge, que remonta ao VI.º seculo. Restaurada pelos papas S. Leão II e S. Zacharias, possui, n'um magnifico relicario, a cabeça do glorioso martyr cuja nome tem. Soldado desde a infancia, chegou S. Jorge a um posto superior nos exercitos de Diocleciano que o citou em balde a que adorasse os idolos: a corôa do martyrio foi o premio da sua invencivel resistencia. O santo está representado a cavallo, derribando um dragão; eloquente symbolo que nos diz a todos: « Filhos

(1) Vêde a este respeito a nossa *Hist. da Sociedade domestica*, t. I, cap. XI.

(2) Varr., lib. IV, 11. *A vehendis retibus velabrum dictum, quod velis transtretur*, Acron., Scholiast. — Horat., *Poetic.*

(3) Mart., *Epig.*, lib. I; id., lib II. — Cic. *Epist. ad Attic.*, lib. I, 13.

dos martyres, o vosso dever é atacar a serpente infernal e a vossa gloria derribal-a. Como foi com vossos pais Deus é comvosco ; não temais nada. *Georgi, noli timere, ecce ego tecum sum* (1).»

A' egreja de S. Jorge apoia-se um pequeno arco triumphal, de marmore, erigido em honra de Septimo Severo pelos banqueiros, negociantes e mercadores de bois do *Forum boiarium*. A mesma praça tinha ainda o nome de *Forum tauri*, por causa d'um toiro d'ouro collocado no meio (2). E' uma pequena particularidade de que eu não fallaria, se ella não suscitasse uma gloriosa recordação registrada nos annaes saugentos da primitiva Egreja. Filhas d'um pai e d'uma mãe-martyr, Santa Bibiana e sua irman, Santa Demetria, lavaram tambem os seus vestidos virginaes no sangue do Cordeiro. Demetria morreu ao pé do tribunal do pretor. Bibiana, que expirou aos golpes, foi abandonada aos cães no *Forum tauri*; porem estes animaes, menos crueis que os homens, respeitaram o cadaver sagrado da virgem martyr. Recolhidos pelos christãos, foram os despojos mortaes das duas irmans enterrados ao pé do palacio Licinio, habitação de S. Flavio, prefeito de Roma e chefe da sua illustre familia (3). De resto, comprehende-se sem difficuldade que aqui, como em todos os os outros bairros de Roma, era necessario o sangue das nossas virgens e dos nossos martyres para purificar uma terra manchada por tantos infanticidios e tantas superstiçãoens cru-

(1) Mazz., t. VI, p. 278.

(2) A foro boiario, ubi aureum tauri simulacrum conspicimus. Tacit. *Annal.*, lib. XII.

(3) Mazz., t. VI, p. 178 e segu.

cis. Lembrais-vos de que antes de entrarem em campanha os Romanos enterravam inteiramente vivos um homem e uma mulher do paiz a que haviam declarado guerra? pois bem! era ainda no *Forum boiarium* que se cumpria o horrivel sacrificio (1).

Não longe de S. Jorge subsiste outro monumento da superstição romana: é o arco de *Janus quadrifrons*, assim chamado porque tem quatro faces. Bem que despojado das estatuas de bronze e dos baixos-relevos de que era ornado, é comtudo este edificio uma prova da magnificencia desenvolvida pelo povo-rei, ainda nas suas obras de segunda ordem. E' todo de marmore, de boa architectura e solida construcção. Segundo Publio Victor, tinha-se o costume de erigir arcos semelhantes nas encruzilhadas e nos foros. Serviam, aos negociantes, de mostradores, de escriptorios, d'abrigo contra o sol e a chuva, d'altares para certos idolos, sem que por isso tivessem nada de comûm com o templo de Jano.

Caminhando alguns passos chega-se a diante da mais antiga maravilha de Roma: o Grande Canal de Tarquinio. A solidez desta obra é na verdade quasi um prodigio: ha mais de quinze seculos que Plinio se admirava della; que diria elle hoje, se visse a *Cloaca maxima* sempre *inexpugnabel*? Nem as construcções collossacs que ella sustentou, nem o choque das aguas que nella se precipitam dos outros canaes, ou que refluem violentamente do

(1) Boiario vero in Foro Græcum Græcamque defossos, aut aliarum gentium, cum quibus res esset, et uostra ætas vidit. cujus sacri precatio-nem, etc. Plin., lib. XXVII, c. II.

Tibre, nem os tremores de terra, nem a queda dos antigos edificios, nada tem podido abalal-a. *et tamen abnixa firmitus resistit* (1). Em pé diante da bôcca, podemos fazer uma idéa da sua construcção. O fundo é calçado de largas lageas perfeitamente cimentadas; as paredes e a abobada compoem-se de grandes pedaços de tufo lithoide, ligados de distancia em distancia por fieiras de «travertiu», sempre juntas umas com as outras sem cal nem bitume. O arco tem doze pés de largura e outros tantos d'altura; de modo que um carro carregado de feno pôde por elle passar, segundo a expressão de Plinio cuja exactidão é facil reconhecer (2). A extensão total do Grande Canal era de 2.500 pés.

Para que estas desmedidas proporçoens? Não é difficil comprehendel-o; vê-se que pela sua posição era a *Gloaca maxima* destinada a receber as aguas da maior parte dos canaes particulares. Ora, a abundancia das fontes que chegavam a Roma, a situação da cidade sobre sete collinas separadas por valles, a grande quantidade de immundicias, consequencia inevitavel d'uma immensa população, tornavam necessarios canaes vastos e multiplicados. Roma o comprehendeu de tal modo que fez depender parte da sua gloria do estabelecimento e da manutenção destas obras. Nós vemos que os seus mais illustres personagens não desdenharam de se occuparem dellas. Os censores Catão e Valerio Flacco gastaram enormes som-

(1) Lib. XXXVI, c. 15.

(2) *Amplitudinem cavis eam fuisse proditur, ut vehem fœni longe onustum transmitteret. Id. id.*

mas para as fazerem executar na região do Aven-
tino e nas outras que as não tinham (1). Agrippa,
genro d'Augusto, immortalisou-se fazendo alimpar
os antigos canaes aos quaes ajuntou outros novos
à sua custa (2). A sua gloria foi legitima: por-
que todas estas obras eram dignas da magestade
do imperio.

« Graças aos seus canaes, largos, profundos,
numerosos, pelos quaes correm borbulhando ver-
dadeiros rios. Roma, exclama Dion Cassio, e co-
mo uma cidade edificada nos ares, e que pode
offerecer o espectaculo d'uma navegação sub-
terranea (3). » « A magnificencia destas cons-
trucções subterraneas é tal, continua Cassiodo-
ro, que causa pasmo, e eclipsa tudo o que as outras
cidades podem offerecer mais maravilhoso. Alli
vos vireis, sob os flancos entre-abertos dos montes,
rios, capazes de sustentarem navios, lançarem-se
com impetuosidade em largas lagoas [4]. » « Tres

(1) Tit. — Liv. , *Decad.* , 4, lib. XI.

(2) Plin. , lib. XXXVI, 15.

(3) Præterea cloacas operum omnium dictu
maximum suffossis montibus atque urbe pensili,
subterque navicata a M. Agrippa in aedilitate
sua per meatus corrivali septem amnes, cursuque
præcipiti torrentium modo rapere atque auferre om-
nia coacti. Dio., lib. XL., Plin., lib. XXXVI, c. 15.

(4) Quæ tantum visentibus conferunt stuporem
ut aliarum civitatum possint miracula superare.
Videas illic fluvios quasi montibus concavis clausos
per ingentia stagna decurrerè. Videas structis navi-
bus per aquas rapidas cum minima sollicitudine
navigari... Hinc Romæ singularis quantum in te
est potest colligi magnitudo. *Lib. III, Ep. 30.*

coisas me revelam toda a magnificencia de Roma, dizia Diniz d'Alicarnasso, os Aqueductos, as Vias e os Canaes. Eu julgo da importancia dos ultimos, não só pela sua utilidade, mas tambem pela grandeza das sommas que custaram. Póde-se fazer uma idéa dellas, segundo o testemunho de C. Aquilio, que nos diz que a limpeza completa dos canaes custou aos censores mais de doze milhoens (1). Como eu disse, a maior parte dos canaes particulares iam terminar ao foro romano, onde começava a *Cloaca maxima*, e lançavam as suas lodosas aguas neste *Duodenum* da grande cidade.

Esta circumstancia suscita uma singular recordação, que veio muito a proposito divertir-nos um momento. « Vós sahis do collegio, disse eu aos meus jovens amigos, sabeis latim, grego, physica, algebra, historia universal, dizei-me pois que personagem celebre teve nascimento no logar em que nos achamos? — Se bem nos lembra, não nos lembra nada. — Vós fazeis-me admirar! e o vosso manual do barcharelado? — Não diz nem uma palavra. — E' uma falta; pois tracta-se d'um personagem muito conhecido nos nossos dias — De certo? — Como tenho a honra de vel-o dizer. — O seu nome? — Sabel-o-heis; mas antes do seu nome, a sua vida. Aqui pois, á borda do grande canal de Tarquinio, nasceu, ha mais de dois mil annos, um personagem que ainda vive, que falla todas as linguas, que traz todos os trajos, que habita simultaneamente Londres, Paris, S. Petersburgo, Constantinopla e Pekin, que se encontra em todos os caminhos do mundo, como o antigo Judeu errante, pregando peços a todo o genero humano, e trazendo

(1) *Hist.*, lib. III.

de ordinario farrapos aos pedaços e sapatos furados, bem que certos viajantes affirmam tel-o visto coberto de vestidos agaloados, a cavallo e de sege. — Então isso é coisa nova? — Não, é antiga; adivizhai? — Edipo não faria nada como o seu grego. — Basta só latim, e quando se é bacharel.... — Ora! não se é feiticeiro.

— Como quer que possa ser, eis aqui o facto em questão: por um motivo ou por outro, o povo meudo de Roma, os garotos, os ratoneiros, os artistas sem trabalho, se conservavam de boa xontade na junção dos canaes no Foro, com os braços cruzados, palrando, rindo, dizendo satyras e remoques aos velhos rendeiros e aos jovens elegantes, ás matronas e aos senadores. D'ahi, lhes veio o nome de *canalha*, que a nossa lingua herdou e que a maior parte d'aquelles que delle são dignos lançam em rosto uns aos outros sem lhe conhecerem a etymologia (1).

O aspecto da *Cloaca maxima* e dos outros canaes recorda um pensamento mais serio. Todos estes rios subterraneos, sobre os quaes estava edificada Roma pagã, verificam literalmente a predição de S. João; quando, fallando da grande prostituta, elle a mostrou assentada sobre numerosas aguas, bebendo com uma mão uma taça cheia do

(1) *Canalicolæ, forenses, homines pauperes dicti, quod circa canales fori consistere. Festus, v. Canali*

In medio propter canalem, ibi ostentatores meri, Confidentes, garrulique et malevoli.

Plaut., Curculio, scen. I, act. IV.

Qui jurabat cavillator quidam, et canalicolæ, et nimis ridicularius fuit. A. Gell., lib. IV, c. 2.

sangue dos martyres, e apresentando com a outra a todos os povos o vinho da sua corrupção. (1). E' assim que os monumentos romanos tem o privilegio de dar um testemunho igualmente incontestavel á exactidão da historia profana e da sagrada.

Quereis agora ver outra construção quasi tam antiga como o Grande Canal? Voltai á direita e estareis em frente da pequena igreja de *Santa Maria Egypcia*. Ella apresenta um parallelogrammo rodeado de columnas, tendo alguma relação com a casa quadrada de Nimes. Qual foi, no principio, o destino deste edificio, cuja forma e architectura annunciam os tempos visinhos de Romulo? A opinião mais seguida diz que é o templo da *Fortuna viril*. Fôra edificado por Servio Tullio, sexto rei de Roma, em reconhecimento de que havendo nascido escravo, a fortuna o elevara á dignidade real (2). Se assim é, console-se Servio Tullio: dedicando o seu templo a Santa Maria Egypcia, Roma christã não lhe mudou o destino; não fez mais que ennobrecel-o. Na illustre penitente do Oriente, consagra ella a passagem miraculosa d'uma servidão mais profunda a uma dignidade mais alta. As reliquias da santa repoisam debaixo do altar mor, e são objecto de grande veneração. Ha muito tempo que esta igreja é servida pelos Armenios que, nos dias de festa, desenvolvem aos olhos ãe seus irmãos do Occidente a magestade dos antigos ritos e a magnificencia dos trajos da Igreja oriental. Uma inscripção, posta á esquerda, recorda em termos tocantes que um bom negociante

(1) *Meretricis magnæ qui sedet super aquas multas, etc.*

(2) Nardini, p. 379.

armenio, tendo vindo estabelécer-se em Roma, alcançara uma fortuna consideravel que distribuiu inteira aos pobres. Feliz o viajante catholico na Cidade eterna! não pôde entrar n'uma egreja, visitar uma ruina profana, pôr os pés na rua, sem encontrar um objecto, uma recordação que despertelle os maiores e os mais doces pensamentos da fé.

29 de Dezembro.

Theatro de Marcello. — *Forum olitorium*. — Portico d'Octavia. — O Santo Anjo *in Pescheria*. — Inscriptoens notaveis. — Circo Flaminio. — Convento de Santo Ambrosio *della Massima*. — Grande Circo. — Dimensão. — Descripção dos jogos. — Santa Maria *in Cosmedin*.

Estavamos longe de ter acabado com a cidade baixa, e apezar do nosso desejo de subirmos ao Aventino, foi-nos mister ficar ainda na planicie. O bairro do Santo Anjo, que toca com o da Ripa, não nos permittiu passarmos os seus limites. Occupa elle em parte as antigas regioens da *Via lata* e do circo Flaminio. O rei deste bairro é o theatro de Marcello, cujos grandiosos restos attestam os melhores tempos da architectura romana. Edificado por Augusto, para eternisar a memoria de seu joven sobrinho, podia conter cerca de trinta mil espectadores. Estranha vicissitude das coisas humanas! os seus porticos, outr'ora scintillantes de marmores polidos, debaixo dos quaes vinha repouisar a molleza romana, estão hoje enegrecidos pelo fumo e divididos em compartimentos escuros, nos quaes laboriosos ferreiros ganham o pão de cada dia ao suor do seu rosto.

Entre o theatro de Marcello, o Tibre e a antiga porta Flumentana, isto é no espaço que separa hoje a ponte di Quattro Capi, o palacio Jovelli, è Santa Maria *in Portico*, se achava o *Forum olitorium*, mercado dos legumes (1). É famoso pela sua columna lactaria ao pé da qual se depositavam de noite, como nas bordas do Velabro, milhares de creaturinhas humanas (2). Transpondo com passo rapido este logar de triste memoria chegamos ao portico d'Octavia. Erguido á irman d'Augusto com os despojos dos Dalmatas (3), foi este monumento conservado, ao menos em parte, pela religião, na egreja de Santa Maria *in Portico*. Nos mesmos logares se acha a antiga egreja do Santo Anjo *in Pescheria*, edificada em memoria da celebre appareição de S. Miguel no monte Gargano, no reino de Napoles. O papa Bonifacio II a consagrou ao glorioso archanjo, a 29 de septeembro do anno de 439.

Debaixo do altar mór repoisam as reliquias dos illustres martyres de Tibur, Santa Symphorosa e seus sete filhos. A antiga inscripção que indica os veneraveis restos dos heroes christãos conservados no Santo Anjo, apresenta uma particularidade muito notavel. Começa assim: *Nomina sanctorum, quorum BENEFICIA hic requiescunt.* « Nomes dos santos cujos BENEFICIOS repoisam aqui.»

A palavra *beneficio*, empregada em vez de *corpo* para designar as reliquias dos santos, é certamente uma das figuras mais atrevidas da rheto-

(1) Varr., lib. IV. — Tertull., *Apol.*, 13.

(2) Festus, v. *Lactaria*.

(3) Dio., lib. XLI.

rica da fé. Para a inventar, dar-lhe curso e fazel-a gravar n'um grande numero de pedras monumentaes [1], convir-se-ha sem difficuldade que foi necessario a experiencia mais doce e constante. Ora apraz-me pensar que o viajante será feliz se conhecer os *benefícios* que descançam no Santo Anjo in *Pescheria*. Eis aqui a sua lista; transcrevo a veneravel inscripção: « dos SS. Pedro, Paulo, André, Thiago, João, Thomaz, Thiago, Philippe, Bartholomeu, Simão, Thadden, João Baptista, Sylvestre, Estevão, Lino, Lourenço, Cesario, Nicandro, Celso, Euplio, Pedro, Marcellino, Valentim, Donato, Nicolau, Pancracio, Anastacio, Judas, Theodoro, Jorge, Cristovão, Alexandre, Erasmo, Telio, Abaciro, João, Domesio, Procopio, Pantalhão, Nicasio, Cosme, Damião, Antonio, Leoncio, Euprepio, Antipo, Anna, Isabel, Euphemia, Sophia, Thecla, Petronilla, Theodota, Theopista, Aurea, Athanasia, Theucrista, Eudoxia.»

Quiz citar por inteiro este glorioso cathalogo, onde estão reunidos todos os estados e todas as condiçoens, a fim de apresentar, uma vez para todas, uma observação cujo motivo se encontra em cada egreja principal de Roma. Offerecer modelos e bemfeitores a todas as posiçoens da vida; mostrar-se verdadeiramente catholica pela santidade, como pela fé, n'uma palavra, fazer de cada um dos seus templos uma miniatura do ceu, tal é, sem duvida alguma, o pensamento intimo que dirigiu a Egreja quando povoou de santos martyres, de todas as gerarchias, de todas as edades, de todos os sexos e de todas as condiçoens, os

(1) Mazzol., lib. VII, p. 228.

seus numerosos sanctuarios. Conheceis um projecto mais nobre, uma intenção mais maternal?

O Santo Anjo *in Pescheria*, cujos habitantes se illustraram por gloriosas victorias, toca com um logar celebre por combates d'outra especie: aqui começava o circo *Flaminio*. Este novo theatro das alegrias ruidosas e cruéis da antiga Roma cobria o espaço hoje occupado pela praça *Margana*, pelo palacio *Mallet*, e pela rua das *Lojas escuras*: a egreja de *Santa Catherina dos Cordoeiros* lhe marca pouco mais ou menos o centro. Edificado por *Flaminio*, que pereceu na batalha de *Trasimeno*, tornou-se famoso pelos jogos que n'elle se davam em honra dos deuses infernaes (1).

Todos os accessos inspiravam horror. A maior parte dos demonios, adorados pelos Romanos com nomes diversos, *Jupiter Stator*, *Neptuno*, *Vulcano*, *Juno*, *Diana*, *Castor*, *Marte*, *Hercules*, presidiam aos combates e os seus templos formavam como um circuito continuo em volta do circo (2). A extremidade, que corresponde ao convento *Specchi Torde'*, era limitada pelo templo de *Bellona*, deusa da guerra, diante do qual se erguia a famosa columna *Bellica*. Descendo do templo de *Jupiter capitolino* onde se decidia a guerra, o consul, encarragado de a sustentar, subia á columna *Bellica* e disparava uma frecha ensanguentada contra o povo inimigo (3). Partindo do templo

(1) *Festus, Ludi taurii.*

(2) *Victor, in Reg., IX; Tit. Liv., Decad., III, lib. XVIII; Id., Decad. IV, lib. X; Vitr., lib. IV, cap. VII; Macrob., Satur. lib. III, c. IV.*

(3) *Ante (ædem Bellonæ) erat columna in-*

de. Bellona, o general que voltava da sua expedição se apresentava de novo n'elle à audiencia do senado, que lhe decretava ou recusava as honras do triumpho (1).

Depois de todas estas imagens de sangue, é-se feliz encontrando uma recordação cheia de encantos e innocencia. A egreja e o mosteiro de Santo Ambrosio *della Massima*, que se erguem á direita, substituem a casa paternal do illustre arcebispo de Milão. Foi alli que, depois de haver recebido o veu das mãos do papa S. Liberio, viveu em companhia de outras virgens christans, Santa Marcellina, digna irman, amavel mestra de seus dois irmãos Ambrosio e Satyro (2). Voltando para traz, passamos por diante do *Ghetto*, ou bairro dos Judeus, de que mais tarde fallarei, e chegamos ao valle que separa o Palatino do Aventino. Mas como transpol-o de corrida? demasiadas recordaçoes retardam a marcha do viajante e exigem a sua attenção.

Este longo valle, hoje todo coberto de silvas, de vinhas, de ruinas derribadas, desigual, agitado, excavado, informe, desfigurado, era outr'ora o grande Circo: o grande Circo! a maravilha de Roma pela sua extensão, o amor e a paixão dos Romanos que não pediam, para serem felizes, mais que *pão e as alegrias do Circo!*

Fundado pelos primeiros reis de Roma, cresceu com a cidade. Tal era a sua extensão no

dex belli inferendi. Vict., in Reg., IX. Cumque hæc dixisset, hastam cruentam juxta Bellonæ templum in porticum contorsit. Dio., lib VI.

(1) Tit. Liv., *Decad. I, lib. IX, etc., etc.*

(2) Bar., *Not. ad Martyr., 17 Julii.*

tempo dos imperadores, que occupava tres estadios e meio de comprimento por quatro geiras de largura e podia conter tresentos mil espectadores assentados (1). Situados na encosta do monte Aventino, imaginavamos esse immenso parallelogrammo de 2,187 pés de comprimento por 960 de largura, terminado em semi-circulo [2]. De cada lado corriam duas ordens de porticos erguidos um sobre o outro, adornados de columnas, e coroados por um largo terrado. Tavernas, logares de devassidão, passagens que conduziam ao interior do theatro occupavam os porticos inferiores. Como dorme amontoado nas lascas de Paris e Londres, dormia o povo meudo de Roma debaixo das suas arcadas, onde, durante os jogos, achavam os espectadores abrigo contra o calor e a chuva. Seis torres quadradas [3], dominando os terrados, estavam repartidas pelo circuito do edificio, e serviam de camarotes ás personagens distinctas. Uos bancos de pedra, dispostos em amphitheatro, corriam por tres lados do monumento, e o quarto, cortado em linha recta, era occupado pelos *Catce-*

(1)..... *Duas tantum res anxius optat : panem et circenses. — Eisque templum, et habitaculum, et concio, et spes omnis. Circus est maximus. Am. Marcell., lib. XXVIII.*

(2) *Tarquinius primus in Circo maximo inter Palatinum et Aventinum montes sito primo circumquaque operta tecto fecit sedilia. Namantia stantes spectare solebant Turcis tabulata sustentibus. Dion. Halic., lib. III; Plin., lib. XXXVI, c. 15; id., Panegyri. Trajan.; Vict., in Reg., XI.*

(3) *Mænianæ.*

res, d'onde partiam os cavallos e os carros. Por cima dos *Carceres* brilhava o pavilhão do imperador. Uma forte grade separava da arena os tres lados, guarnecidos de bancos: na base da grade circulava um *Buripo*, canal largo e da profundidade de dez pés, alimentado por aguas nativas, e que servia para inundar a liça para as *naumachias* [1].

O Circo era dividido em quasi toda a sua extensão pela *Espinha* [2], especie de muralha d'altura de seis pés e largura de doze. Sobre esta muralha aonde conduziã uns degraus dispostos nas duas extremidades, erguiam-se o altar do deus *Consus* [3], dois pequenos templos do Sol, as estatuas, de bronze dourado, de Hercules, *Cybele*, *Ceres*, *Baccho*, *Seja*, deusa das messes, e de muitas outras divindades. Do centro da *Espinha* alçava-se, a cento e vinte pés d'altura, o obelisco d'Augusto que tinha no topo uma flamma dourada, imagem do sol a que era dedicado (4). Este obelisco está hoje na praça do Povo. Nas duas extremidades da *Espinha* viam-se os tres *Marcos* (5) de pedra ou de pau dourado, em torno dos quaes deviam gyrar os carros cuja carreira se achava traçada, de cada lado da *Espinha*, por columnas em forma de cypreste e terminadas por dellins (6).

Tal era o grande Circo, cujas formidaveis con-

[1] Varr., lib. IV, p. 48.

(2) Spina.

(3) Tertull., *De Spect.*, VIII. Plut., *Romul.*, 20.

(4) Dion. XLIX, p. 478.

(5) Metæ.

(6) *Metasque imitata cypressus*, Ovid., *Metam.* X.

strucçoens, ennobrecidas pela côr açafroada que, debaixo deste bello ceu de Roma, annuncia uma antiguidade veneranda, se destacavam vivamente sobre uma arena juncada de vermelhão, côr de sangue, e de *chrysocale*, verde como uma fresca relva (1).

Para animar o quadro, reprêsentemo'-nos, nos bancos deste colossal monumento, tresentos mil espectadores! Depois, ás janellas, nas galerias, no alto dos terraços dos palacios que se erguem em amphitheatro nos flancos das tres collinas circunvisinhas, o Palatino, o Cœlio e o Aventino, um numero talvez egual de espectadores (2). Pintemo'-nos estes espectadores todos de vestido de festa, todos coroados de flores; esta multidão immensa, esmaltada de mulheres brillhantes nos adornos: ora levantando-se como um só homem para saudar o personagem amado do povo que entra no circo; ora prorompndo em gestos, em murmurios, em sarcasmos, em pateada, á vista do homem que perdeu o favor popular; depois, passando destes movimentos tam apaixonados e tumultuosos que se tomariam pelas agitaçoens e pelos bramidos do mar irado (3), a um socego completo, a um silencio profundo, exigido pelo cortejo religioso que desce das alturas do Capitolio.

Vêde, com effeito, sahir da formidavel habitação do grande Jupiter a longa e solemne procissão que se dirige ao Circo atravessando o *Foro roma-*

(1) Suet., *in Calig.*, 18; Plin., lib. XXXIII, c. 5. Isidor. *Hisp.*, *Etym.*, lib. XIX, c. 17.

(2) Dio., lib. LVII, p. 696.

(3) Tertull., *De Spect.*, XVI.

no (1). Na frente caminha um carro soberbo, em que vem o presidente dos jogos: é Augusto, é Nero, é Caligula, é qualquer outro personagem, edil, pretor ou prefeito, vestido o traço vermelho dos triumphadores. Um bando de rapazes de quatorze a quinze annos, uns a cavallo, outros a pé, abrem a marcha. Precedem os cocheiros (2) conduzindo as *Bigas*, as *Quadrigas*, os *Sejuges*, carros a dois, a quatro, a seis cavallos, que devem figurar nas corridas.

Depois dos cocheiros veem, n'um estado quasi completo de nudez, os athletas destinados a combater nos grandes e pequenos jogos. São seguidos de tres côros de dançarinos: o primeiro composto de homens feitos, o segundo de manrebos, o terceiro de creanças. Uma tunica escarlata apertada, com um cinto de cobre, uma espada ao lado, uma pequena lança na mão, um capacete de bronze assombrado de pennachos e ornado de cocares, compõe-lhes a armadura e o vestido.

Executam danças guerreiras que dirigem, acompanhando-as, tocadores de flautas curtas, de harpas de marfim e de alaudes. Aos musicos succedem bandos de *Satyros*, personagens horrendos cobertos de pelles de bodes, apertadas com cintos, e escondendo a cabeça debaixo de erriçadas guedelhas. Entre elles devisam-se os *Silenos*, outras especies de monstros vestidos de tunicas de longo pello e de mantos de todas as castas de flores. Todos juntos arremedam, d'uma maneira grotesca,

(1) Dion. Haly., l. VII, c. 13.

(2) Aurigarii.

as mais serias danças, e provocam, com mil contorsões, o riso dos espectadores (1).

Atraz dos Satyros e Silenos caminha um novo bando de músicos e uma multidão de ministros subalternos do culto, levando nas mãos cassoulas de ouro e prata, onde fumeja o incenso com que embalsamam os ares por onde passam. As estatuas dos deuses, momentaneamente tiradas dos seus templos, e acompanhadas pelos diferentes collegios sacerdotaes, fecham a marcha. Todas estas estatuas de mártilim ou de rico metal, decoradas de corôas d'ouro e adornadas de pedras preciosas, são collocadas, umas em brilhantes carros de mártilim ou prata (2), puchados por magníficos cavallos; outras em literias fechadas (3). Muitos patricios as escoltam; e meninos, que ainda teem pae e mãe, pegam no freio dos cavallos (4).

O cortejo entra no Circo e lhe dá a volta no meio do recolhimento universal, interrompido somente pelas acclamações que dão as diferentes classes de cidadãos, quando a divindade protectora da sua profissão passa por diante delles. Terminada a volta do Circo, põem as estatuas dos deuses na edicula que as espera não longe dos *Carceres*; deitam-as em coxins (5); os sacrificadores immolam victimas, o imperador faz libações; Roma e o Olympo, Jupiter e Cesar, estão no Circo; os jogos vão começar.

Já os carros sahiram dos *Carceres*; as quatro

(1) Dion. Halv., VII, 13.

(2) Tensæ.

(3) Armamaxæ.

(4) Cic., *De Arusp. resp.* II.

(5) Pulvinaria.

côres, o verde, o azul, o branco e o vermelho, brilham nas tunicas dos cocheiros (1); os corseis impacientes são apenas contidos pela cadeia que fecha a entrada da carreira; a multidão avida tem os olhos fitos nos carros; temerarias apostas se fazem entre os espectadores; por fim, da tenda imperial é lançado ao Circo um pano branco (2), sôa a trombeta, cahe a cadêa, todos os carros partem a um tempo. As suas rodas inflammiadas tocam apenas a arena, evitam-se os marcos, e todos voltam intactos ao ponto de partida; o povo está descontente. Segunda, terceira evolução torna a começar; um *agitador* habil arremessa bruscamente o seu carro sobre o do seu adversario, impelle a sua roda contra a delle, quebra-lhe o eixo e faz cahir os cavallos na arena; o povo applaude. Um carro arrojado para traz com impetuosidade, bate contra o marco, vóa em estilhaes, e morre o cocheiro: a cada morte, redobram os applausos.

Entretanto sustenta-se a lucta entre as quatro côres; cada facção excita os seus corseiros, dá-lhes conselhos, dirige-lhes reprehensdeas; os espectadores levantam-se, agitam as mãos, sacodem as tunicas, pateam em seus assentos, (3); lançam-se mutuamente sarcasmos, injurias, golpes; o combatenão é já na arena, é nos degraus do Circo, a

(1) Prasinus, venetus, albus, purpureus. *Bu-
leng., De Circis, cap. XLVIII, De Coloribus.*

(2) Mappa.

(3) *Varr., lib. II, De Re rustica.* Vêde *Bu-
lenger, De Circis, p. 125.* — E' n'esta obra especial
que se acham em grande parte os pormenores que
precedem e que se seguem.

refrega torna-se às vezes horrivel; n'um só dia trinta e cinco mil cadaveres (1)!!!

Conhecia pois bem os espectaculos da velha Roma, o grande apologista que os pintou em tres palavras: furor, crueldade, impudicicia (2). Poderia ter ajuntado: loucura, prodigalidade, idolatria.

Para este povo que não tem nome na lingua christan, os cocheiros tornavam-se personagens, heroes, semi-deuses. Os poetas cantavam as suas victorias; os imperadores, os magistrados, o povo inteiro lhes decretava corôas, lhes elevava estatuas de ouro e bronze, os enchia de riquezas e honras, e o marmore dos tumulos redizia a sua gloria às geraçoens futuras (3). Os mesmos cavallos partilhavam estas insensatas honras. Para elles havia corôas, estatuas, manjedouras de ouro, as glorias do consulado: enfraquecidos pela velhice, eram, como os veteranos do exercito, sustentados á custa do thesoiro publico; mortos, uma sepultura honrosa os esperava no Vaticano (4).

No Circo assim como no amphitheatro, era necessario, para attrahir os espectadores, variar os prazeres. Caçadas verdadeiramente fabulosas pelo numero e pela variedade dos animaes; combates de gladiadores; combates de homens e de feras, a lucta, o pugilato, naumachias n'um mar de vinho (5),

(1) Procop., *De bell Persic.*, lib I; Buleng., p. 129 e seg.

(2) *Voluptates circi forentis, caveæ sævientis, scenæ lascivientes.* Tertull., *De Pudicitia.*

(3) Martial. *De Stat.*, lib. V, c. 26; Buleng. p. 146.

(4) Id., 148.

(5) *Fertur in Euripis vino plenis navales circenses exhibuisse.* Lamprid., in *Heliogab.*

deviam alternativamente despertar as sensações deste povo embotado.

Póde ver-se o logar que faz nascer todas estas recordações sem lembrar Androcles e esse leão d'Africa menos feroz do que os Romanos? Foi alli no grande Circo, segundo Aulugellio, que o pobre escravo, exposto as feras, foi reconhecido e poupado pelo nobre animal a quem havia arrancado um espinho, quando, fugitivo, procurava no deserto um refugio contra a crueldade do seu senhor.

Não basta haver prodigalizado o ouro, a prata, o sangue do mundo inteiro para divertir o povo; era ainda necessario encher-o de riquezas, a fim de agradecer-lhe d'algum modo o haver-se dignado tomar parte nestas ruidosas festas: loterias terminavam os jogos do Circo. Viram-se successivamente Nero, Tito, Domiciano, Adrianno, e os outros imperadores, lançar a mãos cheias, na arena, dados de pau, que os homens, depois as mulheres, vinham apanhar e arrancar uns aos outros. Cada dado tinha uma inscripção que indicava um objecto que era entregue ao sahir do recinto. Suetonio vai-nos dizer qual era a natureza e o valor delles: « Durante os jogos que se prolongaram por muitos dias, foi Nero quotidianamente distribuir até mil *bilhetes* de loteria, com que se ganhavam todas as especies de coisas: aves, viveres, trigo, vestidos, ouro, prata, perolas, diamantes, quadros, escravos, cavallo, feras domesticadas, navios, casas, terras (1). » O mesmo succedeu com seus successores (2). Em compensação,

(1) *Sparsa et populo missalia omnium rerum, etc. Suet., in Ner., c. XI.*

(2) *Bulèng., De Venat. circi, p. 110 e segu.*

mandavam-se os velhos escravos morrer de fome na ilha do Tibre.

Se os jogos do Circo eram dignos da sociedade pagã, não o eram menos dos deuses que ella adorava. Acreditar-se-hia que os espectaculos eram festas religiosas, as festas do ceu e da terra, as festas do universo pagão? E comtudo é assim. « O caracter religioso mostra-se por todas as partes; não é necessario mais que abrir os olhos para o reconhecer. Elle brilha, não só nas disposições do edificio, theatro dessa piedosa solemnidade, como nos exercicios que a compoem. Olhai a *Bspinha*, vedel-a coberta de monumentos religiosos; os *Carceres*, cujo numero duodecimal vos recorda os doze signos do zodiaco. Os Delfins e os *Ovos* de madeira (1), de que são coroadas as columnas que traçam a carreira, teem relação com o culto de Neptuno ou Consus; e ao dos deuses dos corredores e luctadores, Castor e Pollux, ambos nascidos d'um ovo. Os cocheiros, vestidos de quatro côres differentes, representam as quatro estações do anno. Partem dos doze *Carceres*, como o anno passa, pelos doze signos do zodiaco, e as vinte e quatro corridas que elles effectuam são as vinte e quatro horas do dia e da noite. Muitas outras particularidades não teem uma relação menos sagrada com os mysterios da natureza. As *Bigas*, puchadas por um cavallo branco e outro preto, recordam a carreira variada da lua que se executa ora de dia ora de noite; as *Quadrigas* são uma imitação da carreira de Phœbo; os cavallos de mão em que os ministros do Circo vão annunciar

(1) Columnas em forma d'ovos ou de cypresses.

as corridas, figuram Lucifer que annuncia o dia. Plutão preside às Trigas, e Jupiter aos Sejuges (1). »

Dest'arte, nos jogos do Circo a idolatria corria a trasbordar. Devemos admirar-nos se os Padres da Igreja tropejaram tantas vezes contra estes divertimentos? Depois de haver durado sem interrupção por espaço de dias e noites, a festa acabava como tinha começado. Muito tempo depois que o sol deixara a horrizonte, milhares de tochas vinham alumiar a immensa multidão que sahia com custo dos porticos, e preceder a procissão sagrada, que reconduzia aos templos as estatuas dos deuses cuja presença havia sanctificado os espectaculos (2).

Quando, em pé nos mesmos logares que dellas foram theatro, se hão repassado pelo espirito estas loucuras demasiadamente criminosas, um grande aborrecimento se apodera do coração; a alma fatigada busca um ásylo solitario onde possa derramar sem constrangimento os sentimentos que a opprimem. Que felicidade para nós o avistarmos, nas vizinhanças, um sanctuario da Santa Virgem! Entramos n'elle: era Santa Maria *in Cosmedin*. Dedicada á doce Rainha do mundo, esta veneravel egreja ergue-se não longe do grande Circo, como para tranquillisar o viajante assustado com suas recordaçoes, lembrando-lhe que a humanidade vive sob outras leis: passa pela segundã egreja de Roma consagrada á Mãe de Deus. Crê-se

(1) Cassiod. *Variar.* III, 51; *Roma no seculo d'Augusto*, t. II, 232.

(2) Xiphil., *in Sever.*, p. 406.

edificada pelos primeiros christãos sobre as ruínas do templo da *Pudicitia patricia*, no qual só as mulheres nobres e não casadas segunda vez tinham direito de pênentrar. Segundo a tradição, Santo Agostinho ensinou allí rhetorica antes de ir para Milão, e os catholicos do Oriente, perseguidos pelos iconoclastas, tendo vindo refugiar-se allí, lhe deram o nome de *Eschola dos Gregos*. Bem que fosse em 772 restaurada pelo papa Adriano I.^o, e em 858 pelo papa Nicolau I.^o, esta Basílica conta-se entre aquellas que melhor conservam as formas primitivas.

Comtudo o seu mais precioso ornato é a imagem da Santa Virgem, que foi trazida do Oriente, a fim de subtrahil-a aos ultrajes do imperador iconoclasta, Leão o Isauriense. Na opinião dos entendedores, esta imagem, primor d'arte da pintura byzantinã, é tam bella que a mesma Roma não tem outra que a eguale. Está collocada atraz do altar mor, e tem uma famosa inscripção grega, que significa : « Mãe de Deus, sempre virgem. » Debaixo do côro está uma crypta primitiva a que se desce por duas escadas. A antiga inscripção adverte que allí se conserva o corpo de Santa Cyrilla, filha do imperador Decio *Beatae Cyrillae virg. et M. filiae Decii*. Os hagiographos pensam todavia que a illustre martyr era somente uma liberta da imperatriz, mulher do perseguidor. Como quer que seja, todos os peregrinos se apressam a beijar a pedra sobre que foi immolada a innocente victima : pôde ter tres pés de comprimento por dois de largura, e quatro pollegadas de espessura. Duzentos martyres de todas as edades, de todos os sexos e de todos os paizes, formam o augusto cortejo da Santa Virgem em

Santa Maria *in Cosmedin* (1). Nós lhes demos graças com effusão por haverem, com o seu sangue, livrado o mundo das atrocidades pagans, e tornamos a entrar para analysar as impressoens e as recordaçoes deste importante dia.



30 de Dezembro.

Monte Aventino. — Recordaçoes pagans. — Recordaçoes christans. — Egreja de Santa Prisca. — De Santa Sabina. — Historia. — Mosaico. — S. Domingos, sua laranjeira. — Egreja de Santo Aleixo. — Historia. — Priorado de Malta. — Vista de Roma. — O *Monte Testaccio*. — Ordem extravagante de Heliogabalo.

Atravessando de novo, sem olharmos nem para a direita, nem para a esquerda, com receio de nos determos ainda, parte das regioens visitadas nos dias precedentes, chegamos cêdo á fralda do Aventino. Por uma rua estreita, aspera, sem calçada, trepamos do lado do Tibre os flancos escarpados da collina; as recordaçoes surgem de todas as partes. A' esquerda deixavamos o antro de Caco, famoso ou fabuloso ladrão que foi morto por Hercules, cujos bois havia roubado (2); diante de nós se apresentava o sitio das *Thermas de Decio* e do *Heliogabalo*, tristemente celebres pelos nomes e factos que recordam (3); da casa

(1) Constanzi, t. II, p. 44. Mazzol., t. VI, p. 136.

(2) Virgil., lib. VIII.

(3) Cassiod., *in Cron.*; Lamprid., *in Heliogab.*

de Vitellio, que excitou o furor dos Romanos (1); do infame templo da Boa Deusa (2); de Minerva, onde se reuniam os comediantes e os poetas (3); da Liberdade, com seu *Tabularium* que continha o código penal das vestaes infieis (4). A esta pagina desfigurada da historia profana succederam em breve os titulos mais bem conservados das nossas glorias christans. Aqui habitaram Santa Marcella e Santa Sylvia, essas duas illustres matronas, a primeira das quaes occupa um logar tam glorioso nos escriptos de S. Jeronymo (5); e a segunda na vida de S. Gregorio Magno, digno filho de tal mãe.

Até aqui tinhamos vivido de recordaçoes : por fim começou a realidade. A igreja de *Santa Prisca* nos abriu as suas portas e os seus thesoiros de antiguidades. Visinha do templo de *Diana* e da *Fonte dos Faunos*, ergue-se no mesmo logar occupado pela casa da illustre martyr. N'ella recebeu S. Pedro frequentemente hospitalidade, graças a dois neophytos, judeus de nação, *Aquilla* e *Priscillo*, ligados talvez á familia consular de *Santa Prisca*. Esta joven virgem tinha treze annos de idade quando foi baptizada pelo apostolo em pessoa na habitação paternal. Denunciada ao imperador *Claudio*, conduziram-a ao templo d'*Apollo*, para sacrificar aos idolos. Recusando ella, o juiz mandou-a flagellar cruelmente, depois mettel-a n'uma estreita prisão. Levada segunda vez perante o tribunal, mostrou

(1) *Ticit., Hist., lib. III.*

(2) *Ovid., Fast., lib. V.*

(3) *Festus, in Scribas.*

(4) *Tit. Liv., Decad. V, lib. V; Festus, lib. V.*

[5] *Epist. 54 ad Desider.*

a mesma firmeza; de modo que o tyranno transportado de furor mandou lhe lançassem sobre a cabeça azeite a ferver e a precipitassem n'um négro carcere, d'onde só foi tirada para ser exposta ás feras; mas o leão que a devia devorar se lhe deitou respeitosaente aos pés. Este espectáculo não pôde tocar os algozes, que submeteram a joven virgem ás torturas do cavallette, do fogo e da fome; até que afinal, envergonhados de serem vencidos por uma criança, a arrastaram pela via de Ostia, onde lhe cortaram a cabeça, a tres milhas de Roma (1). Santa Prisca é considerada como a protomartyr do Occidente (2). Assim, o primeiro sangue regenerador que correu na velha Roma, foi um sangue romano, um sangue illustre, um sangue virginal!

Na crypta, guarda-se preciosamente o vaso com que S. Pedro ministrava o baptismo. Restaurada pelos papas Adriano I.º, em 772. e Callixto III, em 1455, conserva a egreja uma antiga inscripção que recorda summariamente os factos que acabo de referir (3).

(1) Baron, *Annot. ad Martyr.*; Martinelli, *Primo Trofeo della Croce*, c. XVIII.

[2] Mazzol., t. VI, p. 269.

[3] *Montis Aventini nunc facta est gloria major
Unius veri religioni Dei:*

*Præcipue ob Priscæ, quod cernis, mobile
Templum.*

Quod priscum merito par sibi nomen habet.

Nam Petrus id coluit, populos dum sæpe doceret,

Dum faceret magno sacraque sæpe Deo:

Dum quos Faunorum fontis deceperat error,

Hic melius sacra purificaret aqua.

Vêde Foggino, p. 285.

Um sangue, não menos illustre, purificou o lugar por muito tempo manchado pelo templo de *Juno Regina*. Este sangue foi o de Santa Sabina; martyrizada na casa de seus pais. Confiada aos cuidados d'uma aia christã, recebeu Sabina o baptismo, fez um rico casamento, e foi finalmente presa como christã. Por ordem d'Adriano, Elpidio foi-a interrogar: « Não sois vós, lhe diz elle, Sabina, illustre pelo nascimento e casamento (1)? — Sim, sou eu; mas dou graças a Jesus Christo que, por meio de sua serva Seraphia, me livrou da escravidão do demonio. » O juiz não perguntou mais nada; e depois de diversos tormentos, fez cortar a cabeça à nobre accusada. Seus irmãos na fé, que se haviam apressado a erigir um oratorio sobre a sua sepultura no *Pagus Vindicianus*, tiveram bem cuidado de não esquecer o theatro mesmo do seu triumpho. Em 426, um virtuoso sacerdote, chamado Pedro, Illyrio d'origem, edificou alli uma igreja. A seguinte inscripção recorda a memoria do charitativo fundador: « Rico para os pobres, pobre para si, que, despresando os bens da vida presente, mereceu esperar a vida futura. *Pauperibus locuples, sibi pauper, qui bona vitæ præsentis fugiens, meruit sperare futuram.* » Ha acaso alguma inscripção pagão que valha essa? Mas que dizer d'est'outra, posta na mesma igreja pelo piedoso cardeal Valentini? *At moriens viveret vixit ut moriturus.* « A fim de viver morrendo, viveu como devendo morrer. » Toda a philosophia da vida humana está encerrada nestas curtas palavras.

A igreja de Santa Sabina, tam cheia de recor-

(1) Tu-ne es illa Sabina et genere et matrimonio nobilissima?

daçoens, foi consagrada por S. Sixto III, e declarada estacional para quarta-feira de Cinza por S. Gregorio Magno. O illustre pontifice prégou nella varias vezes n'aquelle dia, e os papas conservaram por muito tempo o uso de irem a Santa Sabina receber as cinzas da penitencia.

As paredes lateraes, a disposição dos pontos de intersecção, annunciam que a igreja foi ornada de numerosos mosaicos. Delles restam somente dois bellos vestigios, o primeiro dos quaes corôa o abside. Quinze medalhoens estão em volta do arco; o mais elevado representa Nosso Senhor: os outros conteem figuras incertas, nas quaes se acha uma ligeira similhança com as imagens dos imperadores nas medalhas. De cada lado está uma cidade, que o archeologo christão reconhece por Jerusalem e Bethlem, os dois termos oppostos da vida mortal de Nosso Senhor; tres lampadas estão suspensas ás suas abobadas, emblema da luz que brotou do presepio, berço do Menino Deus, e da cruz, seu leito de morte. No ceu, por cima da cabeça de Nosso Senhor, voejam nove pombas, gracioso symbolo da innocencia e da doçura do Deus feito homem.

No fundo da igreja está outro vestigio, não menos interessante que o primeiro. Os quatro Evangelistas com seus attributos, formam a parte superior do quadro. Dos lados vê-se á direita S. Pedro, á esquerda S. Paulo, ambos prégando o Evangelho. Por cima da cabeça de S. Pedro escapa-se, do seio da nuvem, a mão meio fechada, symbolo do poder divino, de que é depositario o Apostolo. Inferiormente a S. Pedro apparece uma mulher que tem um livro na mão; por baixo dos seus pés lêem-se as seguintes palavras que expli-

cam a figura : *Ecclesia ex Circumcissione* : a igreja da Circumcisão. Por baixo de S. Paulo está uma figura semelhante com estas palavras, igualmente claras : *Ecclesia ex Gentibus* : a igreja dos Gentios. Unção, simplicidade, grandeza, taes são os caracteres destas antigas pinturas. Na realidade, nossos pais eram mais bem inspirados que os artistas modernos, que, muitissimas vezes, inscrevem nas paredes dos nossos templos, com um pincel pagão e um coração mundano, verdades de que elles não tem nem a intelligencia, nem o sentimento (1).

Na crypta, situada por baixo do altar, repoisam os corpos de Santa Sabina e Santa Seraphia, virgem e martyr, sua aia. A' esquerda, entrando, vê-se, pregada na parede, a pedra que cobria o tumulo das santas martyres e sobre a qual S. Domingos costumava fazer oração. Como havia o glorioso fundador dos Dominicanos escolhido este logar d'oraçoens ? A razão é mui simples : o papa Honorio III possuia um palacio contiguo a Santa Sabina, de que fez presente a S. Domingos, e o palacio pontifical veio a ser a morada do religioso e uma das casas mais illustres da sua ordem.

Na fachada brilha o nome dos moradores immortaes que o habitaram : S. Domingos, S. Raymundo de Pennaforte, S. Thomaz d'Aquino, S. Jacinto, luz da Polonia, S. Pio V. Julgai de que temor religioso se é assaltado ao transpor o limiar desta habitação tantas vezes veneravel, ao percorrer aquelles mesmos logares que tantos santos e homens de genio hão percorrido ! Foi-nos permittido entrar no quarto de S. Domingos, cuja forma não mudou ;

(1) Vêde Ciampini, t. I, p. 186 e seg.

póde ter 10 pés de comprimento por seis de largura. Hoje é uma capella ricamente decorada pelos reis de Hespanha. Pequena distancia a separa da modesta cella habitada por S. Pio V, pontifice de gloriosa memoria, vencedor de Lepanto. Guiados por um religioso cheio dessa doce affabilidade que caracteriza todos os Dominicanos que tenho encontrado, atravessamos os vastos claustros para nos dirigirmos ao jardim.

Alli se acha uma laranjeira, plantada pela mão de S. Domingos; está rodeada d'um immenso caixão de pedra que recorda os *pluter* dos antigos; esta arvore, seis vezes secular, ainda dá laranjas. Tiveram a bondade de colher algumas á nossa vista, e de nol-as dar como recordações de piedade. Recebemol-as com gratidão, dil-o-hei muito alto, trouxe-mol-as como reliquias incomparavelmente mais preciosas do que as folhas dos arbutos virgilienses, ou os bocados de marmore e mosaico tirados aos monumentos profanos, de que a maior parte dos viajantes *esclarecidos* não deixam de fazer uma ampla collecção.

Quando ao sahir de Santa Sabina se volta á direita, alguns instantes bastam para chegar ao convento dos Jeronimos, onde se acha a bella igreja de Santo Aleixo. O primeiro objecto d'uma justa admiração é o tabernaculo do altar-mor, de pedras preciosas, dada verdadeiramente real de Carlos IV, rei de Hespanha. Mas aqui as maravilhas da arte e a magnificencia dos principes são eclipsadas pelo brilho da humildade christã. Antigo palacio de Euphemio, senador romano e pai de Santo Aleixo, a igreja que visitavamos recorda o heroismo d'uma virtude talvez mais difficil do que o martyrio. Vêde á direita,

no recinto sagrado, esse poço estreito e profundo; é o mesmo d'onde o filho do senador tirava a água com que matava a sede. No fundo da igreja, por traz d'uma soberba grade, vêde essa escada; é a mesma debaixo da qual Aleixo, voltando d'uma longa e mysteriosa peregrinação, viveu dezeseite annos, pobre e desconhecido na casa paterna. Esta escada é de madeira, composta de dez degraus e está coberta de garça, que a protege contra o pó, sem impedir que se veja distinctamente [1] Uma magnifica estatua, de marmore branco, representa o Santo deitado, tendo n'uma mão um crucifixo e na outra um papel. O esculptor quiz immortalizar a milagrosa circumstancia que acompanhou a morte do grande servo de Deus. Eis aqui o facto;

Havia dezeseite annos que o filho de Euphemio é Aglae vivia obscuro e occulto como um pobre ordinario, debaixo da escada da casa paterna: o fim da sua carreira heroica chegou. O Deus das almas humildes quiz fazer brilhar a virtude do seu servo e glorificar solemnemente perante os homens aquelle que, para agradar a Deus, havia por tanto tempo e tam fielmente evitado os olhares delles. Aleixo morre; logo uma voz myste-

(1) Em baixo da mesma escada lê-se a seguinte inscripção; « Sub gradu isto in paterna « domo B. Alexius, Romanorum nobilissimus, non « ut filius, sed tanquam pauper advena receptus, « asperam egenamque vitam duxit annis XVII, « ibique purissimam animam Creatori suo feliciter « reddidit anno CCCCXIV, Innocentio PP. I., et « Honorio et Theodosio II Imperatoribus.»

riosa resoa em muitas egrejas de Roma, e diz : *Querite hominem Dei, ut oret pro Roma: Procurai o homem de Deus, a fim de que elle ore a favor de Roma.* » A cidade commove-se; agitam-se, interrogam-se, poem-se em oração, para perguntar a Deus onde está o santo que é mister buscar. A mesma voz se faz ouvir : « *Procurai o homem de Deus, a fim de que elle ore a favor de Roma;* » e depois accrescenta : *In domo Euphemiani querite: Procurai na casa d'Euphemio.* »

O povo dirige-se lá em tropel; encontram o santo pobre, morto debaixo d'uma escada, com um crucifixo na mão, um papel fechado na outra. Em vão querem tirar-lhe esse papel em que presumem que elle escreveu a sua historia. O summo Pontifice, o imperador, o senado, são depressa informados do prodigio; acodem ao monte Aventino: o pai d'Alcixo faz parte do cortejo. Chegando junto do morto, ordena-lhe o vigario de Jesus Christo, em nome de Deus, entregue o papel que tem na mão: a mão abre-se e deixa cahir o escripto na do papa. Procede-se à leitura d'elle na presença do imperador, do senado, de todo o povo, do pai, da mãe, da esposa de Santo Aleixo. Julgue-se a impressão que ella deve ter produzido nestas ultimas testemunhas, annunciando-lhes que aquelle pobre, occulto havia dezesete annos debaixo da escada do seu palacio, era Aleixo, seu filho, seu esposo!

Roma inteira desfaz-se em lagrimas de dor, de alegria, e, se fosse permittido dizel-o, de admiração. Em signal de respeito para com o servo de Deus, o imperador Honorio e o papa Innocencio I quizeram levar elles proprios o santo para a egreja de S. Bonifacio, que, unida ao palacio d'Euphemio, se

tornou na igreja de Santo Aleixo (1).. O seu corpo descança debaixo do altar mor, n'um relicario magnifico, com o de S. Bonifacio, martyr. Não longe d'alli se vê a milagrosa imagem da Santa Virgem, que manifestou aos habitantes d'Edessa o merecimento do bemaventurado peregrino, e que lhe aconselhou voltasse a Roma e vivesse alli desconhecido na casa paterna (2).

O heroismo christão que acabavamos de admirar na coragem d'uma joven virgem, e na humildade d'um nobre mancebo, ainda brilha, no monte Aventino, n'uma das suas mais sublimes expressões: ao pé de Santo Aleixo está o grã-priorado dos *Cavalleiros de Malta*. A sua igreja dedicada á Santa Virgem, ergue-se sobre as ruínas do templo da deusa *Fauna* (3); é, como se sabe, um dos numerosos titulos que os pagãos davam a Cybele. Fazer honrar Maria no mesmo lugar onde se celebravam os mysterios da Boa Deusa: na verdade Roma é admiravel em tacto e intelligencia. Santa Maria *Aventina* forma o centro do priorado, sito n'uma posição magnifica. Quando estiverdes diante da porta principal que dá para a explanada plantada de arvores verdes, não vos esqueçaes de olhar pelo boraco da fechadura: a vossa vista irá descançar a meia legua d'alli, exactamente no zimbório de S. Pedro.

Do belveder, *construido no fundo do jardim*, na extremidade escarpada da collina, a vista é verdadeiramente pitoresca. Por junto do Aventino

(1) Vêde os Bollandistas, 17 de julho.

(2) Mazzol., c. VI. p. 270.

(3) Nardini, p. 398.

passa o Tibre, dirigindo penosamente as suas aguas amarelladas para o porto dos Romanos; na margem opposta mostra-se o grande hospicio de S. Miguel; depois o Trastevere; depois o Janiculo no horizonte e Roma para a direita. A' esquerda, para o sudeste, entre a antiga porta *Trigemina* e a porta d'Ostia, os olhos da memoria descobrem o vasto porto *Navalia*, *Emporium*, aberto pelos Romanos e cercado de soberbos porticos, aonde vinham aportar os navios encarregados de trazer a Roma as producções e os despojos do mundo. Nos mesmos logares divisam ainda o arsenal da marinha e os celleiros publicos (1), assim como o *Forum pistorium*, estabelecido talvez desde que Domiciano formou um collegio de padeiros (2). Mais adiante eleva-se, isolado no meio da vasta planicie, o monte *Testaccio*. Singular montanha! toda formada de entulho e de panellas quebradas, que não tem menos de 163 pés de altura por 4,503 de circumferencia. Conveem em dizer que a terra tirada pelos antigos Romanos, quando construíram o grande circo e os outros monumentos da sua cidade, forma as camadas inferiores desta collina artificial; as amphoras quebradas constituem a parte superior. Esta explicação, aliás provada pelo facto, nada tem que repugne. Sabe-se que os Romanos faziam continuo uso e por consequencia grande consumo, dos vasos de barro cozido, para deitar as aguas, os vinhos, os azeites, os outros liquidos e até as cinzas dos mortos. Levados para o mesmo logar duran-

(1) Tito Livio, *Decad.* V, lib. V.

(2) Sext. Aurel., *in Trajan.*

te seculos, estes fragmentos se tornaram no monte *Testaccio*.

Na base abriram vastas adegas de grande frescura, nas quaes se conserva ainda a provisào dos vinhos para o consumo da cidade: o *Testaccio* é a *Rapée* de Roma.

Quando contemplardes esta montanha *de panel-las quebradas*, se vos dignardes lembrar-vos de que um dia Heltogabalo, querendo conhecer o tamanho de Roma, ordenou aos seus escravos que ajuntassem todas as aranhas da cidade, e que obteve dez mil libras dellas [1], tereis duas indicaçoens assás extravagantes, ou do descuido e da porcaria, ou da prodigiosa multidão da população romana.

31 de Dezembro.

Fim do anno. — Impressoens. — *Te Deum* no *Gesú*.

Era o ultimo dia do anno. Graves em toda a parte, os pensamentos que inspira este tempo que foge e que nos leva fugindo; este anno que vai cahir no abysmo da eternidade como a gota d'agua nas profundezas do Oceano; esta scena do mundo tam caprichosa e mobil, com a qual nós mesmos mudamos; este mundo finalmente que desaba em volta de nós: todos estes pensamentos se tornam mais graves e solemnes em Roma. Poderia acaso

[1] *Servis imperasse ut omnes araneas colligerent in urbe; atque eos collegisse ad decem millia pondo, et subjecisse, vel hinc intelligendum quam magna Roma esset. Lamprid. in Heliogab.*

succeder d'outra sorte? D'uma parte, os objectos que vos cercam, isto é a imagem por todas as partes presente aos vossos olhos da maior gloria humana, do poder mais collossal que jámais se ha visto, desfigurada, desvanecida, occulta na silenciosa noite d'um immenso tumulo; d'outra parte, os monumentos christãos que se encontram a cada passo, em pé sobre os restos mutilados dos theatros e dos foros, no esguio cume das sete colinas; o aspecto dessa Igreja de Jesus Christo, que só, entre todas as catastrophes e todas as revoluçoens dos imperios, permanece immutavel; a reunião no mesmo logar, no ultimo dia do anno, de dois mundos, um n'outr'ora formidavel gigante, vencedor das naçoens, e hoje cadaver putrido na sepultura; o outro n'outr'ora pequeno rebanho perseguido até ás entranhas da terra, e hoje rei assentado no carro de triumpho: estas duas vistas do nada do homem e da grandeza de Deus penetram a alma d'um temor religioso, e, em que á gente pese, vem a dizer a si mesma: E tu tambem passas! peregrino d'um dia, ámanhan quem se lembrará de ti? Queres viver depois do tumulo? immortaliza o espirito, immortilza o coração, immortaliza a vida, identifica-te com o que não passa. Cada anno, roubado à tua existencia terrestre, vá ajuntar-se à tua existencia futura; apressa-te, por quanto aquelle que começa será talvez o derradeiro.

Guiado por estes pensamentos, os unicos, parece-me, que se harmonisam bem com Roma no fim do anno, dirigimo'-nos ao *Gesú*. Segundo o costume; o proprio summo Pontifice vai alli no ultimo dia do anno, pela tarde, para dar uma benção e cantar um solemne *Te Deum*. Derramar

uma ultima vez o fecundo orvalho da graça sobre o mundo catholico, fazer subir para aquelle de quem desce todo o dom perfeito um ultimo hymno de reconhecimento, perfumar com o incenso da oração o anno que vai apparecer ante Deus ; tal é o objecto sublime desta cerimonia.

Para ver chegar o Padre Santo, uma multidão immensa enchia a praça do *Gesú* e todas as ruas adjacentes. Não foi sem custo que nós conseguimos romper e postar-nos. Por fim, dois dragoens chegaram a gallope, e todo o povo começou a descobrir-se e a repetir : *Eccolo, eccolo ! eil-o ! eil-o !* Com effeito, em breve appareceu a guarda nobre, de grande gala, depois o coche pontifical tirado por seis cavallo pretos guiados por dois postilhoens de libré vermelha. O Padre Santo trazia sotana branca, roquete, murça, estola e chapéu vermelho. Foi-nos possivel seguil-o á egreja e assistir ao *Te Deum*; mas apertados pela multidão, só imperfeitamente podemos gozar a bella illuminação. Ao sahir, foi o summo Pontifice saudado por um grito que nenhum monarcha no mundo ouviu jamais : *Santo Padre, la benedizione*; Santo Padre, a vossa benção ! repetia, á vista do seu pai e do seu rei, o povo romano, verdadeiro filho mimoso d'um governo talvez demasiado suave.

1.º de Janeiro de 1842.

O primeiro dia do anno em Roma — Visita a S. Pedro. — Dimensão. — Bellezas artisticas. — O pulpito de S. Pedro. — Os fundadores d'ordens. — O docel. — A cupula. — S. Pedro, imagem do ceu. — As reliquias. — Visita ao Padre V... — Varinha do penitenciario.

Naquelle dia eu vivi um pouco em Roma e

muito em França. A lembrança dos nossos amigos, lembrança tam doce quando se está perto, tam amarga quando se está longe, se apoderou de nós desde o despertar; que fazem elles? que dizem elles? Ah! pensam em nós, fallam de nós, envi-am-nos os seus votos; e nós tambem tinhamos para elles desejos no coração e nos labios. Depo-sitados no santo altar, no seio do Pai commum da grande familia catholica, foram confiados aos anjos do ceu, e os plainos da Italia não foram bastante largos, e os Alpes não foram bastante altos para impedirem que elles chegassom ao seu des-tino.

Depois dos nossos amigos de França vieram nossos amigos de Italia. Apraz-me dizel-o, em Roma reina não sei que sympathia que vos dá em breve amigos e quasi irmãos. Mais prompta e completamente que nas outras partes, as distinc-ções do paiz, as opposições, ou até, se quizerdes, as repugnancias nacionaes, desapparecem para dar logar a um só titulo, o de catholico. Em Roma, cada qual se considera como em sua casa: e na realidade é com razão. Não é Roma a cidade do Pai commum, o centro da catholicidade, o berço e o throno da fé que, d'um polo ao outro, une todos os espiritos e todos os corações no mesmo pensamento e no mesmo amor? Acaso as glorias de Roma não são as minhas glorias? acaso as suas festas não são as minhas festas? acaso a sua doutrina não é a minha doutrina? Eis ahí o que pode dizer-se do catholico francez, inglez, africa-no, asiatico, qualquer que seja a sua patria; e eis ahí o que elle muito bem sente e o que a si diz ao menos instinctivamente, quando está em Roma. Por tanto, recebemos a visita e os votos de certo

numero de amigos estrangeiros e romanos. Esta mostra de affeição, cujo principio era certamente a communhão de pensamentos na fé, produz uma impressão que não pôde o tempo desvanecer.

Na rua ouvia-se circular de todas as partes o *Buon capo d'anno*, palavras consagradas pelo uso para desejar o anno bom. Estas palavras não vão sós; facil nos foi ver que em Roma, como em Paris, no primeiro dia do anno, o genero humano se divide mathematicamente em duas classes: uma que dá e outra que recebe estrêas; e, se tenho boa memoria, em toda a parte é esta muito mais numerosa, sem ser a menos contente.

Deixando na sua felicidade esta inleressante porção da humanidade, aproveitamos os nossos instantes e nos encaminhamos para S. Pedro. Não era conveniente o começar o anno por uma visita ao rei da cidade? Alem disso o bom padre V...., penitenciario de França, nos havia emprazado para o seu domicilio, o que quer dizer para o seu confessorio, encostado ao transepto da grande basilica. Ao passar por ao pé do obelisco de Nero, o excellente amigo que nos acompanhava se descobriu respeitosa e recitou uma oração. « Saudais, lhe disse eu, um dos mais gloriosos tropheus do christianismo! — Faço ainda mais, saúdo a verdadeira cruz, um bocado da qual corôa o monolithe, e recito o *Pater* e a *Ave* a que Sixto V concedeu uma indulgencia de dez annos e dez quarentenas.» Imitamos o seu exemplo, e chegamos a S. Pedro cuja historia e architectura deviam principalmente occupar-nos:

Antes de entrarmos no vestibulo, disseram-nos: « Vêde essas columnas que sustentam a grande varanda: se lhes cortasseis uma fatia terieis uma

meza para receber doze pessoas.» Como todos os viajantes, respondemos com um signal de incredulidade; mas em breve foi preciso abaixar de tom, e convir em que os doze convivas estariam muito à vontade. Tal é a felicidade ou desgraça de S. Pedro: tudo alli é colossal, e nada parece grande. D'uma parte, a architectura grega com seus arcos plenos e suas linhas cortadas, que abaixam constantemente o raio visual; d'outra parte a harmonia das proporções que, fazendo de todas as partes do monumento um todo perfeitamente homogeneo, não põe em relevo nenhuma dellas, passam por ser as causas principaes da illusão.

Antes de transpormos o limiar, quizemos dar-nos conta das transformações que a egreja soffrera antes de vir a ser, pela sua grandeza e magnificencia, o primeiro templo do mundo.

Em primeiro de tudo apresenta-se uma aproximação que não é sem interesse. Entre os diferentes bairros de Roma, foi o Vaticano particularmente manchado pelas superstições e infamias do paganismo. O templo da Boa Deusa, o d'Apollo, o palacio de Nero, a presença de horriveis serpentes (1), justificam explicando-a a palavra *infame*, pela qual designa Tacito esta região trans-tiberina (2). Profundidade dos eternos conselhos! foi este mesmo logar que a Providencia escolheu

(1) *Faciunt his fidem in Italia appellatæ Boæ (id est serpentes) in tantam amplitudinem exeuntes, ut D. Claudio principe, occisæ in Vaticano solidus in alvo spectatus sit infans.* — Plin., *lib. VIII, c.*

(2) *Postremo ne salutis quidem cura infamibus Vaticani locis magna pars retendit, unde crebræ in vulgus mortes.* — Tacit., *Hist. lib. II.* 71

para local do templo mais augusto do universo, no mesmo solo onde a antiga serpente reinava como senhora; onde Nero julgou suffocar a Igreja no herço, devia resplandecer aos olhos dos povos admirados o templo do Pescador galileu, monumento immortal das duas victorias ganhas sobre o inferno e sobre o mundo: na aba da mesma montanha aonde os pagãos illudidos iam procurar os oraculos da mentira, era necessario que o mundo christão fosse receber com respeitoso amor os infalliveis oraculos da verdade. D'ahi, o nome de Vaticano dado a esta collina (1).

Entretanto, os martyres immolados por Nero foram depositados nas grutas abertas por seus irmãos nas visiohanças do circo e dos jardins imperiaes. Victima, por sua vez, do cruel imperador, veio o Apostolo repouisar no meio de seus filhos, e começar a grande cidade dos martyres. Sobre estas grutas, sepultura, asylo e berço dos primeiros christãos, erigiu o papa Anacleto, successor de S. Pedro, um modesto oratorio (2); e como dizer as lagrimas e as oraçoens derramadas neste veneravel logar durante as tempestades tres vezes seculares que açoitaram a Igreja nascente? Na aurora da paz, apressou-se Constantino a mudar o oratorio primitivo n'um templo digno do logar que devia consagrar. No dia designado para começar os trabalhos, dirigiu-se o imperador ao

[1] Vaticanum, a Vaticinio. Severan. a S. Severano *de septem urbis eccles.*, etc. — Ciampini, *Vetermonim.*, t. III, p. 30 e seg.

(2) Hic memoriam B. Petri construxit et composuit, dum presbyter factus fuisset a Petro. — Anast., *in Anac.*

Vaticano, e depondo o diadema e a purpura, quiz elle proprio abrir os alicerces e extrahir delles doze cestos de terra em honra dos doze Apostolos. Não era justo que as mãos dos Cezares, empregadas n'outr'ora em edificar os templos dos idolos, fossem sanctificadas, trabalhando nos templos do verdadeiro Deus (1)? O corpo de S. Pedro, levantado da sua sepultura, foi collocado n'um relicario de prata, encerrado n'outro de bronze doirado e adornado de uma cruz d'ouro do peso de 150 libras.

Constantino e Santa Helena reuniram as suas liberalidades para aformosear o novo templo. Eis ahi a lista abreviada dos seus presentes: os doze Apostolos, de prata, pesando cada um 300 libras; tres calices d'ouro, ornados de 45 pedras preciosas, pesando cada um 12 libras; vinte calices de prata, cada um de dez libras; duas galhetas d'ouro, do peso de dez libras; uma patena, do ouro mais puro, com um tabernaculo em forma de torre, terminado pela pomba, ornado de 215 perolas, pesando 30 libras; cinco patenas de prata, cada uma de 15 libras; uma corôa d'ouro, diante do tumulo, com um candelabro ornado de 30 delfins, do peso de 35 libras; no meio da egreja, 32 candelabros de prata, ornados de delfins, pesando cada um 10 libras; o altar, d'ouro e prata cinzelada, ornado de 210 pedras preciosas e pesando 350 libras; uma cassoula para os perfumes, do ouro mais puro, adornada de 51 perolas e pesando 15 libras; de res-

(1) *Restitutionem Capitolii aggressus ruderibus purgandis manus primus admovit, ac suo collo quædam extulit. Suet. in Vespas., c. VIII.*

to, rendimentos consideraveis para a manutenção da igreja e magnificencia das ceremonias (1).

Este Augusto templo foi consagrado, pelo papa S. Sylvestre, a 18 de novembro do anno 324. Depois de muitas restaurações, augmentos, e até uma reconstrução completa, tornou-se, pelo zelo dos Summos Pontifices, no que é hoje, a maravilha do mundo. O frontispicio descança sobre oito columnas e quatro pilastras corinthias, separadas por cinco portas. É coroadado por um attico terminado por uma galeria d'onde se erguem treze estatuas colossaes representando Nosso Senhor e os doze Apostolos: de cada lado estão dois magnificos relogios. As cinco portas do frontispicio, postas em frente das cinco portas da igreja, conduzem a um soberbo vestibulo todo brilhante de marmores e doirados. Em frente da porta do meio está o celebre mosaico chamado a *Navicella*. Nesta obra do XIII.^o seculo vê-se S. Pedro dirigindo a sua barca agitada pelos ventos. O verdadeiro motivo por que este quadro se achá no vestibulo não é conhecido de todos os viajantes. Alguns christãos ignorantes conservaram por muitas gerações o costume pagão de contemplar o sol nascente e honral-o antes de entrar na Basilica. A fim de offercer-lhes um objecto digno das suas homenagens, foi collocado o mosaico no sitio onde ainda está; todos os dias, durante trinta annos, nunca deixou o cardeal Baronio de o venerar ao entrar em S. Pedro, e de recitar esta oração: Senhor, salvai-me das ondas do peccado, como salvastes Pedro das ondas do mar: *Domine, ut erexisti Petrum a fluctibus, ita eripe me a peccatorum*

(1) Anast. in Sylvestr.

undis. Imitado pelos collegas do piedoso cardeal, o seu exemplo é ainda seguido pelos peregrinos que o conhecem.

Nas duas extremidades do vestibulo, collocou a Igreja a recordação dos dois maiores acontecimentos politicos da sua historia. Constantino e Carlos Magnó, presentes em suas soberbas estatuas equestres, recordam: o primeiro, a victoria do christianismo sobre o mundo pagão; o segundo, o estabelecimento social do seu reinado sobre o mundo moderno. A grande porta de bronze, homenagem de Eugenio IV, é ornada de baixos-relevos representando o martyrio de S. Pedro, a coroação do imperador Sigismundo, assim como os principaes acontecimentos do concilio de Florença e a reunião tam desejada dos Gregos com os Latinos. Por cima desta porta admira-se o baixo-relevo de Bernin que mostra Nosso Senhor confiando a S. Pedro o cuidado das suas ovelhas.

Entrando na Basilica, procura o viajante em vão as collossaes proporções de que ouvira falar: altura, largura, comprimento, tudo lhe parece ordinario; e contudo S. Pedro excede em magnificencia e grandeza as mais vastas e esplendidas egrejas do Oriente e Occidente: Santa Sophia de Constantinopla, a cathedral de Milão e S. Paulo de Londres. A cathedral de Milão não tem mais que 418 pés de comprida por 312 pés de larga; e S. Paulo de Londres, 499 pés de comprimento por 251 de largura; em tanto que a partir da porta da entrada, até á trazeira do altar-mor, conta S. Pedro 573 pés de comprido e 419 de largo no transepto. A nave do meio tem 83 pés de largura por 142 de altura, comprehendendo a abobada. As duas naves lateraes teem

cada uma 20 pés de largura. Estas diferentes dimensões estão gravadas no pavimento de S. Pedro. Todo de marmore ou porphyro, parece-se este pavimento com um brilhante jardim esmaltado de flores e talhado em florens, losangos e compartimentos de graciosa variedade e grande riqueza de desenho.

As pias d'agua benta augmentam a principio a illusão; mas depressa a dissipam: approximar-se-lhes é o primeiro meio de conhecer o tamanho de S. Pedro. Haviam-nos dicto: « Os anjos que as sustentam tem seis pés; » e nós responderamos: « Exaggeração de viajantes entusiastas. » Pois tinham razão e nós não a tínhamos. Medimos esses anjos que, á primeira vista, se parecem com criancinhas; e que são mui realmente colossos de seis pés. São de marmore branco, e sustentam duas conchas de marmore amarello, collocadas uma defronte da outra, diante das duas primeiras entre-pilastras. Eu quiz offercer agua benta ao excellente amigo que nos acompanhava; mas elle recusou recebê-la. « Para gozar a indulgencia, me disse, tomando agua benta nas basilicas romanas, é necessario tomal-a a propria pessoa; assim o quizeram os Summos Pontifices, a fim de que cada fiel cumprisse pessoalmente um acto de religião.»

Quando se vem a S. Pedro para lhe admirar as maravilhas, o maior embaraço é saber por onde começar. Monumentos de toda a especie, obras primas de pintura e esculptura disputam entre si a attenção. Se se assalta a augusta Basilica pelo lado direito, tendes primeiro a capella da *Piedade*, onde o cinzel de Miguel Angelo se

revela na immortal estatua da Santa Virgem tendo seu filho morto sobre os joelhos. A columna rodeada de ferro, que se ergue ao pé do altar, é, segundo a tradição, uma das doze columnas do templo de Jerusalem, que Constantino mandou collocar em volta da confissão de S. Pedro.

A antiga inscripção que a acompanha celebra os numerosos milagres concedidos á fé dos peregrinos em frente deste monumento sanctificado pela presença e talvez pelo contacto do Homem-Deus. Subindo apresenta-se a capella de S. Sebastião, notavel pelos dois tumulos do papa Innocencio XII e da condessa Mathilde de Mantua. Mais adiante, a magnifica capella do Santissimo Sacramento offerece á vossa admiração os seus tumulos de Sixto IV e Gregorio XIII, o seu rico tabernaculo e a sua communhão de S. Jeronimo de mosaico. E' aqui que, em quinta feira santa, o Summo Pontifice, despojado dos ornatos da sua dignidade, lava os pés aos doze pobres. Vem depois a capella da santa Virgem, construida, segundo os desenhos de Miguel Angelo, com o seu altar todo brilhante d'alabastro, amethystas e outras pedras preciosas: Benedicto XIV repouza alli no meio da *Sciencia* e da *Charidade*. Admirai ainda o altar da *Barquinha*, cujo quadro a mosaico representa a barca de Pedro prestes a submergir-se, e o Salvador vindo acalmar as ondas; depois o magnifico mausoleu de Clemente XIII, obra immortal de Canova. Os dois leons deitados sobre os dois grandes pedestaes são os dois mais bellos leons modernos que se conhecem. E' de lamentar que, nas outras figuras, sacrificasse demasiadamente o artista o espirito a forma. A ultima capella á direita é dedicada a santa Petronilla, e o quadro que representa a santa no

momento da sua exumação, passa pelo mais bello mosaico de S. Pedro.

Na cabeceira da igreja apparece a grande altura o Pulpito de S. Pedro. Que gosto para um catholico, para um sacerdote, o descansar os seus olhares naquelle venerando monumento! Eis ahi pois esse Pulpito mil vezes mais respeitavel que as cadeiras curvas dos senadores romanos e que todos os thronos dos reis e dos imperadores; esse Pulpito em que S. Pedro se assentou tantas vezes nos subterraneos do Vaticano; do qual ordenou os primeiros sacerdotes e consagrou os primeiros pontifices; do qual prégava e administrava os sacramentos áquelles charos neophytos, cujo vestido, lavado na vespera nas aguas do baptismo, devia no dia seguinte tingir-se no sangue do martyrio. Conservado por muito tempo ao pé do corpo do Apostolo na catacumba vaticana, foi o primeiro throno em que vinham assentar-se os seus successores depois da sua eleição. Finalmente, Alexandre VII o mandou collocar no magnifico monumento que hoje se vê e não custou menos de cem mil escudos romanos. (1). Um altar magestoso de marmore raro e um pulpito de bronze dourado em que se conserva o pulpito de madeira de que se serviu o Apostolo, taes são as duas partes que compoem esta bella obra. A parte superior é sustentada por quatro figuras colossaes de bronze, que representam os quatro grandes doutores da Igreja, dois do Oriente e dois do Occidente. Como acompanhamento erguem-se de cada lado os soberbos

(1) Constanzi, t. II, p. 19.

tumulos de Paulo III e Urbano VIII. E' debaixo deste pulpito duas vezes monumental que o Santo Padre está assentado quando pontifica.

Descendo a egreja pelo lado esquerdo, chega-se ao altar dos santos apóstolos Simão e Judas, decorado de duas grossas columnas de granito negro egypcio, no meio das quaes brilha o mosaico representando S. Pedro curando o coxo. Paremos diante da capella de S. Leão Magno, para admirar as suas duas columnas de granito vermelho e o magnifico baixo-relevo d'Algardi, representando o Pontifice que faz recuar Attila. Eis aqui agora o tumulo d'Alexandre VII, ultima obra do Bernin. O altar é notavel pelas suas quatro columnas, duas dellas d'alabastro e duas de granito negro. Pio VII, d'immortal memoria, assentado entre a *Força* e a *Sabedoria*, repousa na capella Clementina, sob um mausoleu devido ao cinzel de Thorwaldsen e á generosidade do fiel cardeal Gonsalvi. A estes monumentos succede a magnifica capella do capitulo de S. Pedro. Fechada por uma grade de ferro ornada de bronze doirado, apresenta, sobre tudo durante os officios, uma soberba vista. Por cima da porta visinha é depositado provisoriamente o corpo do ultimo papa reinante: como em S. Diniz, o morto não desce á sepultura senão por fallecimento do seu successor. Entre os primores d'arte consagrados á gloria immortal dos Santos e dos Pontifices, brilham reaes infortunios: os monumentos dos Stuarts, obra de Canova, ornam a capella da *Apresentação*. A capella da *Pia baptismal* termina esta corda de sanctuarios mais esplendidos uns que os outros. Tudo o que podem as artes para despertar a fè na grandeza do sacramento que, do filho do pó, faz um filho de Deus

e um irmão dos anjos, brilha neste logar sagrado. As pinturas da cupula são de perfeita execução; uma urna de porphyro em forma de barquinha, de doze pés de comprimento por seis de largura, contem a agua baptismal. Esta urna, achada no *Forum*, servia outr'ora de tampa ao sarcophago do imperador Othão II, morto em Roma em 974. É hoje fechada por uma especie de pyramide de bronze doirado, ornada d'arabescos, e realçada por quatro anjos de bronze.

Voltando ao nosso ponto de partida, começamos nova viagem pela grande nave. A' direita e esquerda é a gente dominada pelas estatuas colossaes de todos os fundadores d'ordens religiosas. Estes poderosos genios, enviados de seculo em seculo em soccorro da Igreja, estes illustres generaes cujas phalanges defenderam com tanta gloria a verdade, a virtude, a civilisação, formam uma comprida galeria e como que duas cadeias que, prolongando-se até ao circuito da igreja, vão unir-se ao Pulpito de S. Pedro, centro unico da unidade e foco sempre ardente da luz e da charidade catholica. Abaixando-se, encontram os olhos a estatua de S. Pedro assentado no seu throno; já fallei della, mas tenho vontade de falar mais porque suscita uma nobre recordação. Diga o que disser certa *Viagem á Italia*, foi o bronze da estatua de Jupiter Capitolino que forneceu a materia para esta estatua de S. Pedro, monumento da gratidão de S. Leão Magno. O illustre Pontifice a mandou fundir em honra do glorioso Apostolo, que mais poderoso para proteger Roma christan, do que Jupiter o fóra para defender Roma pagan, acabava de sal-

var a cidade dos furores d'Attila (1). Penetrado desta grande recordação, pouco vos custará imitar os peregrinos catholicos e beijar o pé desta estatua e tocar-a com a fronte; dois costumes que bem traduzem as duas disposições de todo o filho da Igreja: o amor e a submissão. O mesmo coração se enternece, quando cumprindo este piedoso dever a gente se recorda de que todos os dias, durante trinta annos, o pai da historia ecclesiastica, o immortal Baronio, tocou com sua nobre fronte o pé desta estatua e o cobriu de seus beijos. Ao mesmo tempo se escapava de sua grande alma esta phrase de simplicidade infantil: *Pax et obedientia: credo Unam, Sanctam et Apostolicam Romanam Ecclesiam; « Paz e obediencia; eu creio a Igreja Uma, Santa, Apostolica e Romana.»*

Quanto mais se caminha para a Confissão de S. Pedro, mais augmenta o respeito. Para mais o accrescentar, um decreto da Congregação dos Ritos, de 10 de outubro de 1594, ordena a todos aquelles que se lhe aproximam ponham o joelho em terra sem exceptuar ninguém, nem o imperador, nem o mesmo papa; e uma sentença de excommuuhão ameaça o clerigo de serviço que ou sasse limpar ou adornar o altar não estando revestido da *cotta*. Este altar, onde só o Summo Pontifice tem direito de celebrar missa, eleva-se sobre sete degraus de marmore branco; está isolado e

(1) Vêde Torigio, de *Cryptis vaticanis*, p. 126. *Id.* *Sacri Trofei Romani*, p. 149. Fr. Maria Phœbeus, de *Identitate cathedræ D. Petri* Dissert., p. 38. *Id.* Ciamp., *Monim. veter*, t. III, p. 57. *Id.* Constanz., t. II, p. 17.

virado, segundo o costume ordinario, para o Oriente. Quatro columnas torcidas de bronze doirado sustentam o docel. Fundidas, em 1633, por ordem d'Urbano VIII, não teem estas columnas menos de trinta e quatro pés d'altura. São feitas com o bronze das portas do Pantheon, e cheias, segundo nos foi asseverado, d'ossos de martyres. Nos quatro angulos da cimalha brilham quatro anjos em pé, virados para os quatro pontos do ceu. Dos seus pés partem quatro modilhoens inclinados que, no seu ponto de junção, sustentam um globo doirado rematado por uma cruz. Tudo isto parece de mediana elevação; e o palacio mais alto de Roma, o palacio Farnese, não chega à altura d'esto magnifico monumento. Do solo occupado pela estatua de Pio VI (1), ao topo da cruz, mede mais de oitenta e seis pés.

A Confissão de S. Pedro parece-me resumir completamente a historia da Igreja militante. Fundada pelos Apostolos, sustentada pelos martyres, erguendo-se sobre os destroços do paganismo veocido, chamando os eleitos de Deus dispersos pelos quatro ventos, dominando o mundo pela cruz e alçando à sua augusta cabeça até às portas do ceu: tal se mostra a Igreja durante a sua peregrinação. Mas não é isto mais que a primeira parte da sua existencia, ou antes a metade della. Como o seu divino fundador, reina a augusta sociedade no ceu e na terra: um templo verdadeiramente catholico deve represental-a nestes dois estados. E eis que edificando S. Pedro de Roma, o genio de Miguel Angelo é atravessado por uma dessas illuminaçoens subitas que geram as obras

(1) É uma das bellas obras de Canova.

primas. Mui longo tempo escravo da arte pagan, levanta o immortal artista nobremente a cabeça e, de repente inspirado pela fê, lança nos ares a sublime cupula. Nesta criação, a mais ousada que se conhece, terá a arte christan o espaço necessario para desenvolver em toda a sua magnificencia a idéa da Egreja catholica. Nestas vastas paredes do cento e trinta pés de diametro e trezentos de elevação, o mosaico, pintura immortal, representará com as mais brilhantes côres a Egreja triumphante, com suas gloriosas gerarchias : os santos, depois a Rainha dos santos e dos anjos, depois a augusta Trindade, depois o infinito : depois a cruz dominando a eteroidade e a immensidade, como domina o tempo e o espaço.

Todavia não é só em pintura que a Egreja do ceu está presente em S. Pedro de Roma : vive alli nas innumeraveis reliquias dos seus santos e dos seus martyres.

Estrangeiros que tivesseis a desgraça de levar à augusta Basilica um coração manchado pela impia duvida ; e vós peregrinos de sciencia incompleta ou de van curiosidade, agora não vos resta mais que sahir do templo. Como um brilhante panorama, todas as bellezas exteriores do soberbo edificio hão passado por diante dos vossos olhos ; haveil-as admirado com mais ou menos intelligencia, criticado com mais ou menos boa fé : tudo está acabado. A belleza interior da casa de Deus vos é occulta ; o sentido poetico do monumento vos escapa : porque o mundo sobrenatural que a habita è nullo para vós. Ao catholico está reservada a intelligencia destas coisas ; só elle tem olhos para as ver e coração para sentil-as. Se pois S. Pedro de Roma é o reflexo do ceu por suas magnificencias,

é a imagem delle pelos santos que o habitam. Todas as ordens de bemaventurados estão alli representadas. Aquelle mesmo que está acima de todas as hierarchias se faz adorar alli nos trophéus da sua victoria. A' vista dessa nuvem de testemunhas, um temor religioso se apodera de vós; e não foi sem experimentarmos sentimentos desconhecidos, que a exemplo de tantos milhoens de peregrinos percorremos esse Paraiso da terra. Aqui, não ha um só habitante da Jerusalem celeste que vos não indique a sua presença com uma recordação viva.

JESUS CHRISTO, o REI DO CEU: eis uma parte notavel da sua cruz, o ferro da lança que lhe traspassou o lado, o lenço em que está impressa a sua face adoravel (1).

MARIA, a Rainha do ceu: eis uma porção do sagrado veu que foi do seu uso.

S. JOÃO BAPTISTA, o maior dos filhos dos homeas, SANT'ANNA, S. JOSE': eis parte das suas cinzas ou dos seus vestidos.

OS APOSTOLOS E OS EVANGELISTAS: eis os corpos gloriosos de S. Pedro, S. Paulo, S. Simão, S. Judas; as reliquias de Santo André, S. Thiago Maior, S. Bartholomeu e S. Lucas.

OS PONTIFICES: eis os corpos de trinta e cinco papas, santos ou martyres: Lino, Cleto, Anacleto, Evaristo, Sixto I, Telesphoro, Hygino, Pio I, Eleutherio, Victor, Fabio, João I, João II, Leão I, Gelasio II, Symmaco, Hormidas, Agapeto, Gregorio I, Bonifacio IV, Diomedato, Eugenio I, Vitalio, Agathão, Leão II, Sergio I, Gregorio II, Gregorio

(1) Veja-se a nota no fim do volume.

III, Zacharias, Paulo I, Leão III, Leão IV, Nicólaú I; Leão IX, Felix IV.

Os BISPOS e os DOUTORES : eis os corpos ou as reliquias dos santos : Chrysostomo, Basilio, Gregorio de Nazianzo, Palicarpó, Lamberto, Martinho, Hilario, Gregorio o Thaumaturgo, Carlos Borromeu, Jeronimo, Thomaz d'Aquino.

Os SACERDOTES, os DIACONOS e os RELIGIOSOS: eis S. Thomaz de Villanova, S. Francisco d'Assiz, Santo Antonio de Padua, S. Pedro d'Alcantara, S. Bernardino de Sienna. S. Philippe de Neri, Santo Estevão, S. Lourenço, S. Vicente, S. Paulo, eremita, Santo Antonio, abbade.

Os MARTYRES de todas as edades, de todos os sexos e de todas as condiçoens : eis, além daquelles que acabamos de nomear, S. Procés e S. Martiano, carcereiros de S. Pedro : Santo Anastacio, S. Theodoro, S. Niceas, Santo Achilleu, os quarenta martyres, S. Gorgon, S. Tiburcio, Santa Petronilla, Santa Bibiana, Santa Theodora, Santa Agatha, Santa Colomba, Santa Susanna, Santa Balbina, Santa Rufina, Santa Catherina, Santa Pudencia, Santa Margarida e multidão d'outros vindos do meio da grande tribulação, depois de haverem lavado os seus vestidos no sangue do Cordeiro.

Taes são os habitantes de S. Pedro de Roma ; taes astestemunhas que alli vos olham, os irmãos que alli vos recebem, os amigos que alli vos consolam, os modelos que alli vos mostram as suas palmas e as suas corôas. Conheceis uma assemblea mais augusta, um logar mais santo, uma imagem mais perfeita do cen na terra ? Ainda uma vez desgraçado do viajante que tem olhos e não vê

estas coisas, espirito e não as comprehende, coração e não as sente!

Quanto a nós, absorvidos pela vista das bellezas exteriores e interiores do primeiro templo do mundo, havíamos desde longo tempo olvidado o objecto secundario da nossa visita. Finalmente, uma vista lançada para a esquerda da Confissão de S. Pedro nos recordou o excellento penitenciario de França. Numerosos confessionarios collocados nesta parte da Egreja, e com esta inscripção: *lingua hispanica, lingua anglicana, lingua græca*, annunciam a presença dos penitenciaros. As palavras *lingua gallica* escriptas no friso d'um grande confessionario, nos indicaram a morada do P. V.... Da meia porta deste confessionario sahe uma varinha de cerca de seis pés de comprimento que embarçou muito os meus jovens amigos.

Com effeito que é um penitenciario? Porque está *armado* d'uma comprida varinha? Porque dá com ella na cabeça dos camiohantes que o sollicitam? Eis perguntas e costumes que a maior parte não se dão ao trabalho de aprofundar: brevemente fallarei da *Penitenciaria*; bastará saber, por agora, que se acham em S. Pedro padres das differentes naçoens catholicas para ouvirem as confissoens dos peregrinos. Investidos de poderes especiaes, exercem sob a jurisdicção do penitenciario mor um ministerio duplicadamente util. Absolver os penitentes e socorrer, dirigir, pilotar os seus compatriotas durante a sua estada em Roma, tal é a vida delles: Como se está certo de os encontrar em S. Pedro, o seu confessionario torna-se d'algum modo o seu domicilio; dão alli as suas audiencias, recebem as vossas cartas de recommendação, tomam nota dos vossos pedidos, sollicitam para vós

apresentações ao Santo Padre ou bilhetes de entrada nas ceremonias do Vaticano. O bom P. V... em particular desempenha estes differentes deveres com uma bondade tal, que foi justamente chamado a *Providencia dos Francezes*.

« Meu padre, lhe disse Henrique, que significam essa comprida varinha que tendes diante de vós e o toque que com ella dais na cabeça daquelles que o pedem? — E' o signal da alforria espiritual. Quarenta dias de indulgencia estão ligados a este acto de humildade, quando se cumpre com as disposições convenientes. » Que pensar agora dos andejos que contam sem pestanejar que em Roma se perdoam os peccados com um toque de varinha? de tantos viajantes que, contentes com não censurarem este uso, córam de o admirar mui alto e desdenham mui baixo de com elle se informarem? Não sabem pois, que entre os Romanos, a alforria tinha logar dando um toque de vara na cabeça do escravo: Roma christian conservou este costume. « Com um toque de vara, diz ella, faziam os senhores do mundo cahir os ferros de seus escravos; pois eu, mais poderosa que os senhores do mundo, liberto as almas, servindo-me do mesmo signal. » Não ha senão as ceremonias para perpetuar com esta simplicidade sublime os usos da mais remota antiguidade (1).

[1) Haviamos trazido à memoria esta recordação quando achamos a confirmação e o desenvolvimento della na nota seguinte do conde de Maistre: *Délat de la just. div. not. III, p. 92, éd. in. — 8.º, Lyon.*

2 de Janeiro.

Organisação do governo ecclesiastico. — Congregações romanas, seu objecto, sua origem, sua constituição. — A Propaganda. — O Santo Officio. — O *Index*. — A Congregação do concilio. — Do exame dos bispos. — Da residencia dos bispos. — Dos bispos e regulares. — Da disciplina dos regulares. — Da immuniidade ecclesiastica. — Congregação consistorial. — Congregação dos ritos. — Das indulgencias e das santas reliquias. — Dos negocios ecclesiasticos extraordinarios. — Baptisado d'uma familia judaica, sua historia.

Hontem, por motivo da nossa visita a S. Pedro, havia eu nomeado a Penitenciaria; e hoje, por

• Havia em Roma tres maneiras de forrar um escravo, o *Censo*, o *Testamento* e a *Varinha*. Para não fallar senão da ultima, o pretor, poisando na cabeça do escravo uma varinha que se chamava em latim *vindicta*, isto é *adjudicante*, lhe dizia: *Declaro este homem livre como os Romanos são livres. Dico eum liberum esse more Quiritum*. Depois virando-se para a banda do lictor, lhe dizia: *Pega nesta varinha e faz o teu dever, seguindo o que eu te disse: Secundum tuum censum, sicuti dixi: Ecce tibi vindicta*. O lictor, havendo recebido a *vindicta* da mão do pretor, dava com ella uma vez na cabeça do escravo; depois lhe batia com a mão na face e no hombro, depois do que um secretario inscrevia o nome do liberto no registro dos cidadãos. Estas formulas estavam estabelecidas para fazer entender aos olhos que esse homem, sujeito ha pouco aos ignominiosos castigos da escravidão, estava livre delles para sempre. O poder publico lhe batia para annunciar que lhe não bateriam mais.

motivo da Penitenciaria, vou occupar-me das Congregaçoens romanas. Ora, o que Voltaire dizia da Liga pôde-se dizel-o da organização espiritual de Roma :

Beaucoup en ont parlé, mais bien peu l'ont connu.

(Muitos teem della fallado, mas muito poucos a teem conhecido.)

Centro do mundo catholico, viu Roma desde os primeiros seculos chegarem do Oriente e do Occidente todos os grandes negocios que interessam a defesa e a propagação do Evangelho. Habita ella ainda as catacumbas, e já a Igreja de Corintho vem, como uma filha a sua mãe, dar-lhe parte das suas dôres e rogar-lhe acalme o scisma que a afflige; mais tarde, è a Igreja do Oriente que lhe supplica decida a grande questão da celebração da Paschoa. Eis agora a Igreja d'Africa que lhe submette o irritante assumpto do baptismo dos herejes; final-

Comprehende-se alem disso que estes actos não eram mais que de pura formula, pois o escravo era apenas tocado..... O espirito desta formalidade, que não é duvidoso, nada tem que não seja muito motivado e razoavel: è ainda recordado em nossos dias pelo penitenciario mor (e até por todos os penitenciaros) de Roma, que toca com a *vindicta* christian o penitente absolvido, para lhe declarar que cessou de ser escravo (*venundatus sub peccato*, Rom. VII, 14), e que o seu nome acaba de ser inscripto pelo soberano espirital no numero dos'homens livres; porque só o *justo é livre*, como o Portico o disse antes do Evangelho. »

mente è o mundo inteiro que se apressa em submeter-lhe as suas dificuldades, confiar-lhe as suas dôres, trazer-lhe todos os problemas que interessam a sua vida moral, algumas vezes até a sua vida politica e civil. « De todas as partes, dizia o papa Innocencio I, veem pedir de beber na fonte apostolica (1); » — « innumeraveis consultas se nos dirigem, » ajuntava S. Leão [2]. « A vossa Igreja é a mãe de todas as Igrejas, escrevia ao papa João o imperador Justiniano, e nós não permittimos que vós ignoreis coisa alguma do que interessa ás outras Igrejas (3). » Todos os seculos hão seguido o mesmo exemplo e Roma nunca faltou à sua missão.

Mas como tem ella podido bastar para esta sollicitude universal e regular tantos negocios diferentes com uma sabedoria incensuravel? O seu primeiro cuidado, e direi a sua regra invariavel, foi ajuntar à assistencia sobrenatural que lhe está promettida todas as luzes que podem dar o saber e a experiencia. Longe de repulsar o genio, Roma chama-o; aqui mais que em qualquer outra parte

(1) Per omnes provincias de apostolico fonte petentibus responsa, etc., *Epist.* 30.

(2) Apostolicam sedem innumeris relationibus esse consultam, *Epist.* 10.

[3] Nec enim patimur, quidquam quod ad ecclesiarum statum pertinet, quanquam manifestum et indubitatum sit quod movetur, ut non etiam vestrae innotescat Sanctitati, quæ caput est omnium sanctarum ecclesiarum. *Dig.* lib. VIII, c. de *Sum. Trinit.*

a sciencia e a virtude conduzem infallivelmente aos empregos importantes e ás grandes dignidades : é um facto glorioso de que offerece numerosos exemplos a historia dos papas e dos cardeaes. Demais disso, Roma dividio os negocios em grandes cathegorias e estabeleceu outros tantos tribunaes differentes para delles conhecerem. Ora, todos estes negocios se referem a dois objectos : propagar e manter o Evangelho. D'ahi a origem, o numero, o character e as attribuições das *Congregações romanas* (1).

1.º Na ordem logica, a primeira que se apresenta é a *Congregação da Propaganda*. Hospedado ao pé do sitio onde ella celebra as suas sessoens, tinha eu dobrado interesse em começar por ella a minha peregrinação. Instituida em 1622 pelo Summo Pontifice Gregorio XV, compõe-se esta Congregação d'um cardeal que tem o titulo de prefeto, de varios outros cardeaes e de protonotarios apostolicos, interpretes das linguas estrangeiras. Tem por objecto, como indica o seu nome, espalhar a fé pelo mundo inteiro. Em consequencia, o cuidado de todos os negocios concernentes ás missoens, a intendencia sobre todos os seminarios e collegios destinados a subministrar missionarios, formam as suas attribuições. A's segundas-feiras tem uma reunião diante do S. Padre ; as suas outras sessoens, que se repetem fre-

(1) Para esboçar o quadro desta magnifica administração, recordarei que existem em Roma treze congregações aonde vão ter todos os negocios da catholicidade ; tres principaes tribunaes ecclesiasticos, e um principal tribunal civil.

quentemente, tem lugar no collegio da Propaganda, na praça d'Hispanha. Este magnifico estabelecimento chama-se o *Collegio Urbano da Propaganda*, do nome do papa Urbano VII que o fundou em 1627. E' destinado aos mancebos das naçoens estrangeiras, e especialmente das naçoens orientaes, que se dispoem para o estado ecclesiastico. Por ordem d'Alexandre VII, todos os discipulos da Propaganda se obrigam por juramento a não abraçarem nenhuma ordem regular sem permissão da Santa Sé, a entrarem nas ordens sagradas por conselho da Congregação, e a prégerem o Evangelho na sua patria. Estes mancebos enviados a maior parte pelos missionarios, não gastam nada nem na viagem, nem no sustento, nem na educação, nem no regresso: a charidade apostolica se encarrega de todas as despezas. Este anno são elles oitenta em numero. O seu traje compõe-se do chapéu romano e d'uma sotana preta com botoens e cinto vermelho. Todos os dias, ou quasi todos sahem a passeio a fim de evitar a maligna influencia do *Sirocco*; e durante as ferias, vão gozar a *Vallegiatura* em alguma aldea nos arredores de Roma. O estudo das sciencias sagradas e profanas, ensinadas por mestres habéis, occupa-lhes todos os momentos: uma vasta bibliotheca e um rico museu estão a sua disposição. O collegio da Propaganda possui tambem uma imprensa composta de todas as especies de caracteres estrangeiros, para publicar missaes, biblias, catecismos e outros livros para uso dos povos recém-convertidos. Os seus numerosos quartos servem de hospedaria aos novos christãos e aos pobres bispos que se dirigem a Roma. Desde a sua fundação tem sido a Propaganda um

viveiro de missionarios zelosos, de vigarios apostolicos, de bispos, arcebispos e martyres (1).

2.^o Congregação ou tribunal do *Santo Officio*. Não é sufficiente plantar a fe, é mister velar pela conservação desta arvore divina, preservando-a do verme roedor da heresia e da impiedade. Ora, na idade media, surgiu uma multidão de sectarios que, debaixo da mascara da verdade e da virtude, corrompiam a san doutrina e se entregavam no silencio aos excessos da libertinagem mais revoltante. Não só a fé, mais a liberdade da Europa era ameaçada; foi então que em sua immensa sollicitude, o grande papa Innocencio III estabeleceu a *Inquisição* ou o *Santo Officio*. Estamos dispensado de dizer bem delle, depois que todos os herejes, todos os impios, sem excepção, tam mal teem dicto. Sob os papas Gregorio IX, Innocencio IV e Clemente VIII, os Dominicanos, os Franciscanos e os Minimicos desempenharam successivamente as funcçoens de inquisidores. Em 1545, estabeleceu Paulo III (2) em Roma o *Tribunal supremo* do Santo Officio, cuja direcção confiou a seis cardeaes. Este numero foi levado a oito por Pio IV e a doze por Sixto V, de sorte que hoje se compõe esta Congregação do Summo Pontifice, presidente; de doze cardeaes com o titulo de inquisidores geraes; d'um secretario, d'um assessor, d'um commissario e de grande numero de consultores. Reune-se tres vezes por semana: á segunda e quarta feira no convento dos Dominicanos para preparar as questoes, e a quinta feira perante o

(1) Constanzi, t. I, p. 109.

(2) Constit. *Licet*, etc.

Santo Padre, para decidil-as. A qualidade dos membros que formam este tribunal manifesta a grandeza da sua auctoridade nas causas que interessam a pureza da fè. A sua jurisdicção estende-se sobre toda a especie de pessoas ecclesiasticas ou leigas, cidades, communidades ou reinos, e não ha privilegio pessoal ou local que della possa isentar: tam ilimitado é o seu poder, tam grandes são a equidade e a misericordia que presidem aos seus juizos. Debaxo do nome de *qualificadores*, uns theologos envelhecidos no estudo dão ás proposições más, contidas nos livros denunciados, as notas ou qualificações que lhes competem. Feito e verificado o seu relatorio, procede-se aos debates, mas á porta fechada, a fim de salvar a honra do culpado, se está presente; elle proprio pôde apresentar a sua defeza ou recorrer ao ministerio de um advogado á sua escolha. Por um privilegio unico, se elle confessa o seu erro, é absolvido; nenhuma pena exterior lhe é infligida, tudo se limita a algumas obras satisfactorias. Se a obstinação do culpado obriga o tribunal a proceder com rigor, as penas exteriores que impõe estão longe de serem proporcionadas ao tamanho do delicto: tal é essa inquisição tam calumniada de que se tem querido fazer um espantelho. Quando estiverdes em Roma não deixeis de ir visitar essas prisoens que se dizem tam temiveis; buscai essas masmorras escuras, esses horriveis instrumentos de supplicio, esses juizes sanguinarios cujo nome vos fez empallidecer; e depois de vos haverdes rido do vosso terror, reconheceréis a justiça desse dicto attribuido já não sei a que magistrado: • Se me accusassem de ter tomado as torres de Nossa Senhora, deitaria logo a

fugir ; porque não ha absurdo que se não faça acreditar à força de repetil-o. •

3.º Congregação do *Index*. Tem o erro como a verdade dois órgãos : a voz e a imprensa. A palavra viva tem mais effeito, a palavra escripta pela sua duração e propagação exerce mais extensa influencia : não a vigiar, seria da parte da Igreja uma prevariação. Por isso desde o momento em que a imprensa se tornou o auxiliar activo, incessante do pensamento humano, occupou-se Roma em dirigil-a e reprimir-lhe os desvios. O concilio de Trento (1) encarregou alguns prelados de lavrarem um cathalogo dos livros suspeitos ou perniciosos (*index purgatorius*). Não tendo podido examinar este *index*, o Concilio o enviou a Pio IV que o approvou, assim como as regras estabelecidas pelos prelados examinadores. S. Pio V e Clemente VIII, modificando um pouco a obra dos seus predecessores, constituiram a Congregação tal qual existe hoje. Compõe-se de dez cardeacs, um dos quaes tem o titulo de prefeito ; do mestre do sacro palacio que é assistente perpetuo ; d'um secretario que é sempre um dominico ; de grande numero de consultores e de alguns relatores. O seu objecto é examinar os livros e indicar aquelles que devem ser prohibidos ; vedar, sob pena de excommunhão, o conservar e ler as obras contrarias à religião e aos bons costumes ; traçar aos bispos, aos inquisidores locaes e aos impressores as regras que devem seguir na leitura, revisão, publicação e venda dos livros. Quando a Congregação se reúne, examina as obras que lhe são denunciadas, qualquer que seja o paiz em que foram publicadas ; reunidos os votos,

(1) Sess. XVIII.

apresenta a sentença á approvação do Santo Padre, depois publica-se o *index*, isto é, a lista das obras condemnadas com a prohibição de lê-las.

Quantas vezes não vi eu nas paredes de Roma a condemnação de certos livros cujo merecimento proclama Paris e cuja propagação fomenta com grande reforço de annuncios e reclamos! Ora confesso que aos meus olhos não ha nem artigo de diario, nem dignidade que possa lavar a vergonha d'um auctor atado ao pelourinho, na capital do mundo christão (1).

(1) Os decretos da Congregação do Index são assim concebidos:

Decretum.

Die N. N. 18.

Sacra Congregatio Eminentissimorum ac Reverendissimorum sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalium a SANCTISSIMO DOMINO NOSTRO N. PAPA N. sanctaque Sede apostolica Indici librorum pravæ doctrinæ, eorundemque proscriptioni, expurgationi, ac permissioni in universa Republica præpositorum ac delegatorum, habita in palacio Vaticano, damnavit et damnat, proscripsit proscribitque, vel alias damnata atque proscripta in Indicem librorum prohibitorum referri mandavit et mandat opera quæ sequuntur.

Aqui o titulo das obras e o nome dos auctores.

No fim:

Itaque nemo cujuscumque gradus et conditionis prædicta opera damnata atque proscripta, quocumque loco, et quocumque idiomate, aut in

4.º Congregação do Concilio. Protegidas a integridade da fé e a pureza dos costumes pelo Index e pelo Santo Officio, era de mister velar pela vida exterior da Igreja. Por uma parte, a belleza da filha do Rei não deve estar somente na sua alma, deve brilhar tambem nos seus vestidos sem macula, ornados de diversas côres; por outra parte, a Igreja deve ser como um exercito formado em batalha que obra com união e a quem coisa alguma pôde romper. Ora, a disciplina é esse laço mysterioso que a torna uma e forte. Ao santo Concilio de Trento toca especialmente a gloria de haver, nos tempos modernos, reparado e fortalecido esse laço conservador. Mas os instinctos rebeldes, que vivem no coração do homem decahido, não podiam deixar de recorrer à

posterum edere, aut edita legere, vel retinere audeat, sed locorum ordinariis aut hæreticæ pravitatis inquisitoribus ea tradere teneatur sub pœnis in Indice librorum vetitorum indictis.

Quibus SANCTISSIMO DOMINO NOSTRO N. PAPÆ N. per me infrascriptum secretarium relatis, SANCTITAS SUA decretum probavit, et promulgari præcepit. In quorum fidem, etc.

Datum Romæ die N. N.

Assignatura do cardeal, prefeito da Congregação.

E do secretario.

Depois:

Die N. supradictum decretum affixum et publicatum fuit ad S. Mariæ Supra Minervam, ad Basilicæ Principis Apostolorum, Palatii S. Officii, Curia Innocentianæ valvas, et in aliis consuetis Urbis locis per me N. apost. curs.

astucia e á chicana para eludirem umas leis que os vexam : os padres da augusta assemblea o tinham previsto. Dirigiram-se pois ao Pontífice supremo , para lhe supplicarem prevenisse ou tornasse vãos estes novos ataques. Pio IV respondeu aos seus desejos estabelecendo uma Congregação encarregada de interpretar os decretos do Concilio (1), de velar pela sua execução e de submeter ao papa as duvidas que podessem sobrevir.

Os Summos Pontífices S. Pio V e Sixto V esteaderam os direitos desta Congregação. Em consequencia, pertence-lhe interpretar tudo o que diz respeito á reforma e disciplina estabelecidas pelo concilio de Trento ; rever os decretos dos synodos, examinar o relatorio que os bispos devem enviar a Roma depois da visita da sua diocese ; dispensar os beneficiados da residencia por causa de saudade ou de estudo, etc. Em rasão do grande numero e da gravidade dos seus negocios , compõe-se a Congregação de vinte e quatro cardeaes, um dos quaes tem o titulo de prefeito ; d'um secretario e vice-secretario, d'um substituto com amanuenses e de doze prelados comprehendendo o secretario das letras latinas. Este ultimo é encarregado de transmittir aos bispos a solução das difficuldades que hão submettido á Congregação.

5.^o Congregação do *Exame dos bispos*. A manutenção da disciplina e o triumpho d'um exercito dependem quasi sempre dos generaes que o commandam : ora, os bispos são os generaes do exercito militante. D'ahi , o religioso cuidado

(1) Constit. *Altit nos*, etc.

empregado pela Igreja romana para fazer boas escolhas. Os grandes papas Gregorio XIV e Benedicto XIV occuparam-se particularmente deste objecto fundamental: Clemente VIII estabeleceu uma Congregação especial para examinar os candidatos aos bispados d'Italia. O afastamento dos logares não lhe permite subjeitar a esta saudavel medida os bispos das naçoens estrangeiras. A Congregação divide-se em duas commissoens: uma para a theologia, outra para o direito canonico. A primeira é composta de cinco cardeaes examinadores e de grande numero de religiosos escolhidos pelo Summo Pontifice. A segunda conta nove cardeaes examinadores e varios prelados. Um prelado secretario toma nota das respostas e lavra o processo verbal da sessão.

A Congregação reune-se diante do papa que está assentado no seu throno rodeado dos cardeaes examinadores: o candidato conserva-se de joelhos n'uma almofada. Responde em latim ás perguntas e objecçoens que lhe são dirigidas. Concluido o exame, os cardeaes dão a sua opinião por estas palavras: *est idoneus*; depois reune-se o Consistorio e o papa preconisa o candidato que póde então receber a consagração episcopal. Apraz-se a gente de recordar que depois do seu exame, S. Francisco de Sales mereceu ouvir da propria bôcca do Summo Pontifice este elogio tam lisongeiro: *Ide, meu filho, e bebei da agua da vossa cisterna.*

Já que nomeei o Consistorio, não é inutil determinar o sentido desta palavra. O Consistorio é o conselho do Santo Padre, *sacrum Pontificis consilium*, e o principal tribunal de Roma. É publico ou secreto. O papa preside em pessoa, revestido das suas vestes pontificaes: os assistentes

são os membros do collegio e outros grandes dignatarios. As assembleas teem logar regularmente uma vez por semana, á segunda ou á quinta ; tambem tem sessoens extraordinarias. Entretanto que o Consistorio está reunido, todas as outras Congregaçoens devem suspender os seus trabalhos. Todos os negocios da Igreja podem ser da alçada do Consistorio, mas só se occupa dos mais importantes. Quando uma bulla ou uma constituição foram deliberadas neste conselho, disso se faz menção ; se, pelo contrario, o papa pronunciou só, a bulla ou constituição teem o nome de *proprio motu*.

6.^o *Congregação da Residencia dos bispos.* Se nem todos os bispos podem ser examinados em Roma, devem todos possuir as virtudes do seu cargo e cumprir as obrigaçoens delle. Ora, o primeiro dever d'um pastor é velar pelas suas ovelhas ; mas para isso é necessario que resida no meio do seu rebanho. O direito natural, o direito divino, o direito ecclesiastico lhe vedam o ausentarse sem causa grave ; attendendo a que o lobo roubador que gyra em torno do aprisco nunca se ausenta. Para dissipar os escrúpulos dos bispos e pol-os a coberto das sollicitaçoes do mundo, o Pastor dos pastores estabeleceu sabiamente uma Congregação encarregada de decidir se os motivos de ausencia são legitimos. Nascida do concilio de Trento, compõe-se esta Congregação de varios cardeaes, um dos quaes tem o titulo de prefeito, e d'um secretario : não tem dia fixo para as suas reunioens.

7.^o *Congregação dos Bispos e Regulares.* O exame dá bons bispos, a residencia torna-os uters á sua diocese ; porem graves, numerosas difficul-

dades podem estorvar o seu governo. A's vezes succede que os sacerdotes, os capitulos, os regulares que trabalham ás suas ordens se julgam feridos no seu direito: era necessario um recurso aos fracos, um freio aos fortes, uma regra para todos. E eis que uma Congregação romana, independente, desinteressada, tem por missão decidir as divergencias. Estabelecida por Sixto V (1), compõe-se de vinte e quatro cardeaes, um dos quaes tem o titulo de prefeito; d'um secretario; d'um vice-secretario; d'um substituto e de grande numero de empregados. O prelado que faz as funcçoens de secretario occupa o que se chama em Roma um logar *cardinalicio*, isto é que sahindo do cargo está revestido da purpura. Esta Congregação reúne-se todas as quintas feiras. Cortar as difficuldades que sobrevêm ácerca da jurisdicção dos bispos, decidir as questoes relativas ás novas fundaçoes de mosteiros, á passagem d'uma ordem para outra, á sahida momentanea do convento, á alienação dos bens ecclesiasticos: tal è o vasto campo da sua jurisdicção.

8.º Congregação da *Disciplina dos Regulares*. Pela sua educação forte e severa, pela sua isenção de todos os laços terrestres e pelos seus votos solemnes, são as ordens religiosas o melhor corpo da Igreja militante; mas quanto mais decisiva é a sua acção, mais importa regulal-a. Se pois a congregação precedente se occupa especialmente do clero secular, esta tem por objecto da sua solicitude a direcção da milicia regular. Ministerio central de todas as ordens religiosas, mantem com

(1) Constit. 74.

ellas uma correspondencia que se estende a todas as partes do mundo. A fim de que os seus avisos e as suas decisoes sejam dadas com conhecimento de causa, possui nos seus archivos as constituições e os estatutos de todas as religioens com a sua estatistica a mais circumstanciada. Esta Congregação deve a' sua origem ao papa Innocencio XII (1). Os membros que a compoem são dez em numero: um cardeal prefeito e nove outros cardeaes, coadjuvados por um prelado secretario, um substituto e varios empregados. As erecções de conventos, de noviciados, os professores e os directores destas casas, a vida commum, a observancia dos votos, das regras e das constituições, as pessoas regulares, etc., compoem a sua repartição.

9.º Congregação da *Immunitate ecclesiastica*. De que serviria á Igreja o ter bons generaes e um exercito perfeitamente disciplinado, se ella mesma não podesse obrar? Sociedade perfeita, investida pelo seu divino fundador de todos os poderes necessarios para manter a sua existencia e cumprir a sua missão em todo o universo, a Igreja não pôde sem crime ser embaraçada na sua acção por nenhuma potencia humana; mas, em razão das paixoes dos homens, este direito divino nem sempre produz um facto analogo. De mais é verdade que os reis, as nações, os grandes do mundo procuram restringir o poder da Igreja, embaraçar-lhe o exercicio d'elle, usurpar os seus direitos e transformar os seus ministros em funcionarios do poder temporal. Foi no momento

(1) Bulla *Debitum pastoralis officii*, etc., 14 d'agosto de 1795.

em que estas tendencias anti-christãs se iam tornar mais geraes e imperiosas que o papa Urbano VIII estabalecêu a Congregação da *Immunitate*, destinada a ser o baluarte da independencia ecclesiastica. Compõe se de doze cardeaes, um dos quaes tem o titulo de prefeito; de grande numero de prelados; d'um secretario; d'um vice-secretario e de varios escrivães.

Nada mais delicado que a natureza das suas attribuições. Segurar a livre acção da Igreja em todas as partes do mundo; oppôr-se aos tributos, aos impostos que os magistrados e as communidades seculares querem lançar injustamente às pessoas e aos logares ecclesiasticos; punir a violação dos direitos e immunidades da Igreja, quaesquer que sejam os culpados: taes são os difficeis negocios que esta congregação deve manejar todos os dias e que decide com soberana auctoridade. Em Roma, onde se tem mantido a antiga disciplina, occupa-se ella tambem em amparar os culpados, fazendo respeitar os asylos sagrados. Entre os Judeus havia, como é sabido, cidades de refugio; o mesmo acontecia entre os pagãos: os seus templos eram asylos inviolaveis (1). Por esta instituição quizera o legislador subtrahir o culpado aos golpes irreflectidos da primeira colera, ensinando ao mesmo tempo aos homens que a vingança deve expirar no limiar da casa de Deus. Fiel às instrucções da sabedoria antiga, conserva Roma o direito d'asylo; mas somente para certos crimes ou delictos. Acha d'est'arte o meio de proteger eficazmente a moral, sem privar a sociedade das reparações legitimas que lhe são devidas. Ora, decidir, segundo as

(1) Vêde *Am. Marcellin., etc.*

constituições apostolicas, se em tal caso um criminoso tem o direito d'asylo, eis nos nossos dias ainda o dever da *Congregação da Immunidade*.

10.º *Congregação Consistorial*. Para preparar os graves e numerosos negocios que devem ser submettidos ao conselho do Santo Padre, que coisa mais conveniente do que estabelecer um tribunal de instrucção encarregado de examinar antecipadamente todos os documentos do processo? Que meio mais proprio para dar ás decisoes pontificaes esse caracter de madureza e alta sabedoria que as devem distinguir e com effeito distinguem? Tal é a missão da *Congregação* que nos occupa. Ella discute especialmente os negocios que tem relação com a erecção, com a união dos bispados, com as alienações, com os coadjutores dos bispos e com os suffraganeos. Estabelecida por Sixto V, compõe-se como as outras de varios membros do sacro Collegio e d'um prelado secretario; mas o que a distingue e prova todo o cuidado da Santa Sé em se rodear de luzes, é a presença dos secretarios nacionaes: a França, a Hespanha, a Austria, todas as nações catholicas são nella representadas.

11.º *Congregação dos Ritos*. Graças ás *Congregações* de que acabamos de fallar, a esphera em que a Igreja deve exercer a sua acção exterior é livre. Mas o sacerdocio está revestido de dois poderes: se obra sobre o corpo moral de Jesus Christo que é a sociedade christan; obra tambem sobre o seu corpo natural, presente na divina Eucharistia. Quaes devem ser a ordem, a magestade, a unidade, a santidade dos sacerdotes e das ceremonias para tornar o culto sagrado digno do Deus a que se dirige? Eis o que decide

em primeiro lugar a *Congregação dos Ritos*. Indagar quaes são os servos de Deus que teem direito ás homenagens de seus irmãos; verificar a verdade dos seus milagres, estabelecer o heroismo das suas virtudes, e para isso entregar-se ás investigações mais minuciosas e longas, fazer de todo o processo um relatorio ao Vigario de Jesus Christo encarregado de pronnciar: tal é a sua segunda e nobre tarefa. Jurisdicção soberana de tudo o que tem relação com a liturgia e com o culto exterior, foi ella estabelecida por Sixto V. Alem dos doze cardeaes que a compoem, conta um prelado secretario; outro prelado que tem o titulo de promotor da fé; um assessor ou vice-promotor da fé, e grande numero de consultores, entre os quaes estão sempre o mestre do sacro palacio, os mestres de ceremonias pontificaes, um hymnographo, um tabellião, um chanceller com seus escripturaens. Nas causas de beatificação ou canoatização associa a si advogados, medicos, physicos, interpretes para as differentes linguas que todos se obrigam, debaixo de juramento, a fallar segundo a sua consciencia.

Para quem quer que se deu ao trabalho de estudar as regras deste tribunal e as sabias lenti--doens dos seus processos, está bem demonstrado que não existe debaixo do ceu nenhum jury cujas decissoens mereçam, mesmo humanamente fallando, semelhante grau de confiança.

12.^o *Congregação das Indulgencias e das santas Reliquias*. Quanto a Egreja se mostra zelosa pela belleza do culto que é devido ao seu divino Esposo, tanta vigilancia desenvolve para impedir as fraudes e os abusos que poderiam embaciar-lhe o brilho. Fazer conhecer aos fiéis quaes são

as graças particulares inherentes ás orações ou aos actos de piedade; nomear-lhes com certeza quaes são as reliquias de seus irmãos mortos pela fé e ás quaes devem as suas homenagens; evitar deste modo os excessos d'um zelo pouco esclarecido, ou a criminosa indiferença da impiedade; n'uma palavra, esclarecer a devoção e regular a piedade para com os martyres: tal é o objecto que ella se propoz ao estabelecer a *Congregação das Indulgencias e das santas Reliquias*. Como todas as outras instituições catholicas, esta entranha as suas raizes até ás profundezas da antiguidade. O germen que a fez nascer foi depositado no mesmo berço da Igreja e cresceu com ella. Todavia a existencia regular desta Congregação só se mostra na idade media, sob o pontificado d'Innocencio III. A sua forma permanente, as suas attribuições e as suas regras actuaes são obra do papa Clemente IX. Na sua constituição trigesima sexta (1), dada no anno de 1669, a estabeleceu sobre as bases seguintes: seis cardeaes, um delles com o titulo de prefeito, um prelado secretario e grande numero de consultores; eis pelo que toca ao pessoal. Em quanto ás attribuições, devem-se ajuntar ás precedentes as de outorgar os altares privilegiados e obter do Summo Pontífice o estabelecimento de novas indulgencias

13.º *Congregação dos Negocios ecclesiasticos extraordinarios*. A proporção que os antigos vinculos que uniam á Igreja as nações christãs se vão enfraquecendo, difficuldades de natureza inteiramente nova veem embarçar a marcha da

(1) In ipsis pontificatus nostri primordiis, etc.

Egreja. Cada anno, por assim dizer, rebentam revoluçoens entre os differentes povos ; e semelhantes a furacoens varrem as instituçoens catholicas , despedaçam as leis disciplinares, lançam às mãos dos espoliadores avidos o patrimonio da Igreja e dos pobres. Entretanto o socego parece renascer ; por um ou outro motivo, os novos governos querem tornar a dar uma forma a essa christandade transtornada : é necessario entabolar negociaçoens com Roma, e propoem-se concordatas. Nestas graves circumstancias, comprehende-se sem custo que a Santa Sé se rodêa de todas as luzes possiveis. Sem duvida as Congregaçoens de que tenho fallado até aqui bastam para offerecer ao Santo Padre todos os conselhos desejaveis. Mas seja por causa da immensa quantidade de negocios que as sobrecarregam, seja por um effeito dessa prudencia consummada que distingue a Santa Sé, Roma possui para os casos extraordinarios uma Congregação formada de homens eminentes, habituados desde muito tempo ao manejo dos negocios : é a Congregação de que se tracta. Deve a sua origem ao immortal Pio VII, que, milagrosamente restituído ao seu povo, a estabeleceu em 1814. Compõe-se de oito cardeaes, d'um secretario, de cinco consultores e dos empregados ordinarios.

Aqui fomos obrigados a suspender as nossas investigaçoes ; porque as nossas correrias e os nossos estudos ecclesiasticos não deviam impedir que nos dirigissemos naquella mesmo dia á *Ara-Cœli*. Uma grande *Funzione*, como se diz em Roma, devia ter logar alli : tractava-se do baptisado solemne de toda uma familia israelita, cuja interessante historia cil-a aqui em poucas palavras. Esta opulentissima familia habitava Ancona. Treze annos

se haviam deslizado desde que uma joven israelita desta cidade havia sido mettida n'um collegio catholico. Seus paes tinham exigido que nunca lhe fallassem de religião ; a condição tinha sido acceita e fielmente cumprida ; de sorte que a filha d'Israel havia crescido em toda a opposição anti-christian que caracteriza a sua nação. Acabava ella de chegar aos seus vinte annos pouco mais ou menos, quando no dia do Corpo de Deus, impellido-a a sua curiosidade, se poz a uma janella para ver passar a procissão. A' vista do Santissimo Sacramento, elevado nas mãos do sacerdote, cahiu desmaiada e se levanta catholica. Supplicas, opposições, lagrimas, ameaças até da parte de seus paes, nada pôde abalar a sua resolução.

Pae desta joven neophyta, o chefe da nossa familia judaica tinha sido testemunha do acontecimento. Desde essa epocha, sentia-se impulsado a procurar a verdade fora do judaismo. Depois de numerosos combates, fez-se catholico em seu coração ; e consequente comsigo mesmo, collocou uma piedosa ama junto de seus filhos.

Fallavam-lhes da religião christian, conduziam-os ás nossas ceremonias, dávam-lhes madonas : aquellas pobres crianças não sonhavam senão no catholicismo. Só a mãe se mostrava d'uma obstinação afflictiva. Entretanto duas de suas filhas, em especial, não cessavam de rogar por ella. Depois de muitos annos, assuas orações e caricias foram coroadas de feliz exito : a mãe consentiu em tomar conhecimento da religião. Espírito elevado, caracter firme, coração recto, aquella senhora reconheceu brevemente a verdade, e com admiravel fé pediu ella propria o sacramento da regeneração.

Essa feliz familia, composta do pai, da mãe e de tres filhinhas, ia pois fazer a sua abjuração, receber o baptismo, a penitencia, a confirmação, a communhão; e o pai e a mãe, o sacramento do matrimonio. Que festa! Julgaes se semelhante cerimonia attrahira a multidão. Segundo o costume italiano, as paredes da egreja estavam armadas de damasco vermelho e ós antigos pilares cobertos até aos capiteis d'um estofa da mesma côr. No meio da nave, em frente do throno pontifical, erguia-se um altar provisorio, com pia baptismal e tudo o que é necessario à administração dos sacramentos. O cardeal Franzoni, prefeito da Propaganda, fazia a cerimonia.

Segundo o uso da primitiva Egreja, o chefe da familia, homem dos seus quarenta e cinco annos, trazia o vestido branco dos cathecumenos; sua mulher e suas filhas tambem vestidas de branco, estavam cobertas com um veu que descia até ao chão. Todas as vezes que tiveram de erguel-o para as differentes ceremonias, observaram os espectadores a alegria socegada e doce que radiava na frente daquellas venturosas ovelhas d'Israel: bello assumpto para o pincel d'um grande pintor. Não podendo traçar na tela aquelle interessante espectáculo, contentamo'-nos com abençoar com effusão o Deus que na sua bondade quiz fazer de todos os homens um só povo de irmãos.

A' tarde tivemos outro motivo de acçoens de graças; o hom P. Grassi, superior da Propaganda, nos enviou bilhetes para assistirmos á *Festa das linguas*: fallarei della no seu logar.



3 de Janeiro.

A Penitenciaria. — A Dataria. — A Chancellaria romana. — A Rota. — As Encyclicas. — Os Breves — As Bullas. — Os Legados a *Latere*. — Os Nuncios. — Os Legados-natos. — Os Dêlegados. — Os Cardeaes protectores. — Visita à familia judaica. — Conservatorio dos Neophytos.

Pela manhã cêdo, apresentou-se uma occasião de ver de mais perto a familia israelita, ao baptisado da qual haviamos assistido na vespera; mas este prazer ficou reservado para a tarde. No entretanto, continuamos os nossos estudos e as nossas correrias ecclesiasticas que tinham ficado incompletas. Depois das Congregaçoens romanas, deviam occupar-nos os tribunaes; porque completam essa magnifica gerarchia de poderes que faz do governo romano um modelo tanto mais interessante que estudar quanto é menos conhecido.

1.º A *Penitenciaria*. A belleza incommunicavel da Egreja catholica é a unidade: unidade na crença, unidade na disciplina, harmonia entre todos os membros desse grande corpo; eis ahi, como vimos, para que contribuem poderosamente as Congregaçoens romanas. Levar todas as altas questçoens de moral ao juizo da auctoridade suprema e traçar regras seguras para dirigir as almas, tal é ainda o meio de manter a unidade no exercicio do ministerio mais santo e mais complicado. Roma attinge este fim salutar por meio dos seus tribunaes. A absolvição de certos cazos reservados, o livramento das censuras e irregularidades, a commutação dos votos e juramentos, a dispensa dos impedimentos occultos de matrimonio, a mesma rehabilitação deste con-

tracto, fundamento da familia, do Estado e da Igreja, a solução de todas-as difficuldades *moraes* por cauza das quaes o mundo catholico se dirige à Santa Sé, formam as attribuições da Penitenciaria. Este tribunal é pois a jurisdicção suprema do poder das chaves, é a commissão que o Vigario de Jesus Christo investe do seu direito de atar e desatar. Os elementos deste tribunal supremo apparecem desde a origem dos seculos christãos (1). Depois de modificações successivas, a Penitenciaria recebeu alfim, no tempo de Benedicto XIV, uma forma e regras invariaveis (2). Reune-se uma vez por semana, sob a presidencia de um cardeal que toma o titulo de penitenciario mor; abaixo d'elle estão: o regente que é d'ordinario um prelado, auditor de *Rota*; o theologo que é um padre da companhia de Jesus; o datario, o canonista, o corrector, o guarda-sellos, os tres secretarios ou procuradores e os amanuenses. Duas coisas são de notar a respeito da Penitenciaria: os seus actos são inteiramente gratuitos e os seus poderes de absolver no foro interno ou de conceder dispensas não cessam nem mesmo durante a vacatura da Santa Sé. Deste modo os catholicos do mundo inteiro podem sempre, e sem pagarem coisa alguma, obter da Igreja, sua mãe, as decisoes necessarias para tranquillisarem a sua consciencia. Ha acaso no mundo outro reino, outra republica cujos membros gozem, na ordem civil, de semelhante vantagem?

O chefe deste tribunal desempenha deveres d'alta importancia: é util conhecê-los para com-

(1) Constanzi, t. I, p. 46, n. 51.

(2) Constit. *Pastor bonus*, etc.

prehender certos costumes de Roma christan. O penitenciario mór dirige-se no domingo de Ramos á egreja de S. João de Latran; na Quarta feira Santa, a Santa Maria Maior; na Quinta e Sexta feira Santa a S. Pedro para ouvir as confissoens dos fieis, n'um assento elevado e descoberto. Neste uso conserva Roma um precioso vestigio da antiga disciplina. E' sabido que na primitiva Egreja, o bispo ou sacerdote que ouvia as confissoens se assentava n'um assento elevado, descoberto, e bem que fosse secreta a accusação, tudo se passava na presença da assemblea dos fieis (1). Edificar seus irmãos, humilhar-se a si proprio, reparar a má edificação de que a gente podéra tornar-se culpada, desarmar deste modo a justiça divina, taes eram as razoes deste uso venerando que ainda subsiste em Napoles, ao menos para os homens. Ao penitenciario mór está reservado o direito de cantar a missa na quarta feira de Cinza na capella Sixtina e dar as cinzas ao Santo Padre. E' elle que assiste ao Summo Pontifice nos seus ultimos momentos: finalmente debaixo das suas ordens estão collocados os penitenciaros das Basilicas patriarchaes de Roma e Loreto (2).

2.º A *Dataria*. Se é digno da bondade maternal e da santidade da Egreja dar gratuitamente a seus filhos as dispensas dos impedimentos occultos de matrimonio, assim como a solução das suas duvidas e a absolvição das suas faltas; convem á sua divina sabedora prevenir a suspensão demasiado frequente das suas leis. « Os

(1) Tertull., *de Pœnit.*

(2) Ferraris, t. VI, art. *Major poenitent.*

vossos interesses particulares, diz ella aos christãos, vos levam a pedir a dispensa das minhas santas regras; eu poderia não ter em conta os vossos desejos e obrigar-vos a curvades a frente sob o nivel d'uma legislação que é feita para todos. Todavia apraz-me usar de indulgencia; porem como vós não sois de melhor condição que vossos irmãos, é justo que compenseis com uma boa obra o favor que vos outorgo. A vossa esmola redundará em proveito de todos; de sorte que se d'uma parte abris uma brecha na minha disciplina; d'outra parte, a reparais contribuindo para o bem geral da republica christã. » Tal é na sua mais simples expressão o pensamento da Igreja, quando se tracta das dispensas em geral e das dispensas de casamento em particular.

Ora, o tribunal de Roma, encarregado de conceder estes favores, é a Dataria. Revestida para o foro externo d'um poder semelhante ao da Penitenciaria para o foro interno, é a Dataria chamada pelos doutores catholicos, o *Orgão do Papa* (1). A sua origem é mui antiga; encontra-se já no tempo de Honorio III. Sob Innocencio VIII habitava ella um palacio no Vaticano; desde Paulo V, está no Quirinal. As collações de bispados, de beneficios, de canonicatos, as dispensas de idade, etc., formam as suas attribuições. O presidente da Dataria tem o titulo de prodatario. Este nome indica a um tempo que elle é no seu cargo como o vigario do papa, e que dá a data precisa dos favores concedidos pelo Summo Pontifice. Goza d'uma jurisdicção

[1] Corrad., in Praxi Benefic.; lib. II, c. II, n. 9.

mui extensa, e nos negocios da sua competencia pronuncia sem appellação. Quando as graças que são da alçada da Dataria hão sido obtidas e assignadas pelo Santo Padre, passam á Chancellaria que expede as bullas.

A Chancellaria é em certo modo o ministerio dos negocios estrangeiros da Egreja e a secretaria geral de Sua Santidade. A sua instituição remonta pelo menos ao XII.º seculo, sob o pontificado de Lucio III, nomeado em 1182. Ha muitos seculos que ella segue uma marcha invariavel nas suas relações com o mundo catholico, e a sua constituição [1] tem o nome de *Regras da Chancellaria*. É presidida por um cardeal que toma o titulo de *Vice-Chancellor da santa Egreja romana*. A etymologia deste nome que indica uma especie de inferioridade, vem, segundo uns, de que o papa é o chancellor de Deus; segundo outros, de que a dignidade de Chancellor foi possuida por prelados, que, em rasão da superioridade dos cardeaes, só tomaram o titulo de *Vice-Chancellor*: titulo conservado pelos cardeaes chamados mais tarde à mesma função [2]. Seja como for, as graças expedidas da Chancellaria são enviadas em forma de *bullas*, escriptas em pergaminho e teem o famoso sello de chumbo, assim como a quota d'uma somma a pagar.

3.º *A Rota*. Eis a camara de appellação e o tribunal de cassação de Roma. Chamam-lhe *Rota*, que quer dizer roda, porque a salla onde

[1] É attribuida ao papa João XXII. Vêde *Constanz.*, t. I, p. 35.

[2] Vêde Ciampini, *D. S. R. Ecclesiae Vice-Cancelario*.

se reúne o tribunal é circular, de modo que os juizes assentados formam um circulo. A origem deste tribunal, que se perde na noite dos tempos, mostra toda a sollicitude da Igreja romana pelos interesses geraes da christandade. Outr'ora os Summos Pontifices confiavam de boa mente aos seus capellaens a direcção de certos negocios que lhes eram submettidos. Resultou d'ahi, pelo XV.º seculo, um tribunal composto de doze prelados encarregados de pronunciarem em appellação sobre os processos já discutidos perante os outros tribunaes. Nos dias da unidade da Europa na sé, era Roma para multidão de questoens, ainda mesmo civis, a auctoridade suprema das naçoens; d'aqui vem que a Rota se compõe de juizes tirados de diversos paizes. Outr'ora todas as potencias christans tinham n'ella representantes de sua escolha. Hoje a França, a Austria, a Hespanha e a Toscana são as unicas que tem conservado o direito de nomear auditores de Rota. A Hespanha nomea dois que, reunidos aos das outras potencias, aos quatro Romanos e aos tres das Legaçoens de Bolonha, Ferrara e Forli, formam o numero de doze juizes de que se compõe este tribunal. Não ha presidente, só o auditor mais antigo toma o nome de decano; é um logar cardinalicio. Hoje a Rota não é mais que o primeiro tribunal de justiça dos Estados pontificios. Comtudo a presença d'um auditor *nacional* é uma vantagem e uma garantia para os seus compatriotas, industriaes ou proprietarios nos Estados Romanos, que podem ter processos a sustentar perante este tribunal. Accrescentai que pela posição que occupam na prelatura, pela estabilidade do seu cárgo, pelas prerogativas de

que gozam, os auditores de Rota podem fazer importantes serviços debaixo d'outro ponto de vista. Sempre direi de passagem, que a França acaba de supprimir o seu auditor: não lhe dá isto honra [1].

As Congregações e os tribunaes que constituem a maravilhosa organização da Igreja romana, attraem incessantemente o mundo catholico para o centro da auctoridade e da fé. Por seu turno reage Roma sobre todas as partes da christandade e faz sentir até ás extremidades do mundo a sua acção salutar. Por que meios se

[1] Ainda existem em Roma varias outras Congregações e tribunaes de grande importancia: como porem as suas attribuições não tem relação com os negocios geraes, contentar-me-hei com nomeal-as: A Congregação da *Reverenda fabrica de S. Pedro*, a *dos Estudos do Estado*, a *do Ceremonial da Santa Sé*, etc., a *do Bom Governo*. Dizer que esta ultima Congregação está encarregada de escutar todas as queixas do povo contra os agentes do governo; e de alliviar os contribuintes dos tributos que estão acima da sua posição, é mostrar com que sollicitude o Santo Padre vella pelo bem-estar do seu povo. Esta instituição é um progresso que os nossos governos constitucionaes adoptarão quando ao liberalismo approuver ser liberal. A Congregação *de la Consulta* está instituida para regular os negocios da Santa Sé, da qual forma a camara legislativa e o conselho d'Estado. Todos os prelados que hão sido legados ou nuncios apostolicos assistem a ella.

opera este movimento de retorno? Todos os meios se reduzem a um só, a palavra. Diferentemente das outras capitães que obram sobre as provincias pela preponderancia da riqueza ou da força; differentemente de Roma pagan que opprimia as naçoens pelo poder da espada: como o proprio Deus de quem é orgão, governa Roma christan o mundo pela palavra. Se a doutrina é definida, se os costumes são regulados, se a disciplina é mantida ou modificada, se os bispos são instituidos, se os limites das dioceses são traçados, é á palavra da Santa Sé que cumpre attribuir essa gloria. Ora, Roma fixa esta palavra vivificante nos seus escriptos, ou a personifica nos seus enviados.

Os escriptos emanados da Santa Sé chamam-se *Encyclicas*, *Breves* ou *Bullas*. Aqui tornam-se necessarias algumas explicaçoens; d'uma parte, o viajante consciencioso não tem genio de contactar-se com palavras que não comprehende; d'outra parte, sendo a Igreja romana nossa mãe, mal nos ficaria o ignorarmos os seus usos e os primeiros elementos da sua lingua. Não importa, hoje com especialidade, que nos achemos em estado, não digo de os justificar, que não tem elles precisão de apologia, mas de os explicar no seu verdadeiro sentido?

As *Encyclicas*, isto é univrsaes, são letras pontificias que se dirigem ao mundo inteiro. Regulam um ponto de dogma, de moral, de disciplina ou tractam das questoes que interessam a toda a catholicidade.

O Summo Pontifice falla nellas *ex Cathedra*, como doutor da Igreja universal, a fim de que todo o mundo o oiça e se guie segundo a sua

palavra. Nada mais solemne que a formula del-
las; o chefe dos pastores se dirige a todos os
pastores do immenso redil de Jesus Christo: aos
Patriarchas, aos *Primazes*, aos *Arcebispos*, aos
Bispos; intima-lhes as suas ordens, communi-
ca-lhes as suas decisoes, dà-lhes parte das
suas alegrias e das suas dôres, e lhes traça a li-
nha de proceder que elles devem observar.

Os *Breves*. Se a carta pontificia, ainda trac-
tando de coisas importantes, é curta e succinta;
ou se é longa mas relativa a uma questão, se-
cundaria, é um Breve, *Breve* (1). O Breve es-
creve-se em pergaminho branco e fino, em ca-
racteres latinos com pontuação regular. E' fecha-
do com lacre vermelho fixado por um cordão si-
nho de linho e trazendo a marca do *Anel do*
Pescador. Esta maneira de fechar as cartas é
um vestigio da antiguidade profana: as missivas
dos Romanos, os pacotes confiados aos *Tabella-*
rios, não eram fechados d'outro modo (2). O
Anel do Pescador é o sello pontificio. Certos
monumentos parece estabelecerem que o proprio
S. Pedro marcava as suas cartas com este signal
professional. Como quer que seja, este uso re-
monta á mais remota antiguidade (3). O seu
nome vem-lhe de representar S. Pedro na barca
no exercicio da pesca. Cuidadosamente guardado
por um prelado domestico do Santo Padre, é, por

(1) Ferraris, t. I, verb. *Breve*.

(2) Cic. *Catil.* III, 5. — *Pro Flacco*, 167.
— *Plutarch. da Curiosidade*, 26.

(3) Petra, t. I, ad *Constit. apostol.*, § 2,
Proœm., n. 1, III. CANCELLIERI, *Uso del anello*
Piscatorio, etc., p. 9.

morte do Papa, entregue solemnemente na presença do sacro Collegio, ao cardeal camarlingo que o quebra com um martello.

As *Bullas*. Quando se tracta de negocios de alta importancia e a magestade pontificia se manifesta em expressoens mais sublimadas e extensas, as letras apostolicas tomam o nome de *Bullas*. Na antiguidade, designava esta palavra o botão ou a bolinha de oiro, especie de ornato circular que os jovens romanos traziam no peito (1). Transformado em sinete, o mesmo ornato serviu para sellar as cartas, sobre tudo as cartas dos grandes personagens, as cartas patentes e os edictos dos soberanos. Assim a famosa constituição de Carlos IV que regula os direitos dos imperadores d'Allemanha e dos eleitores é chamada *Bulla d'oiro*, porque foi sellada com uma bulla ou sinete d'oiro (2). Assim como o Breve, é a Bulla escripta em latim; mas n'um pergaminho mais grosso, mais aspero e menos branco, sem pontos nem virgulas, e em caracteres redondos, isto é, gothicos ou gaulezes, para recordar o tempo em que a Santa Sé residia em Avinhão. A fim de ser executoria, deve uma Bulla ser fulminada; mas não póde ser fulminada antes

(1) Ferraris, *loc. cit.*

(2) Ferraris, *verb. Bull. aur.* — Petra, *loc. cit.* Dufresne, *Glossar verb. Bulla*; Bulla enim proprie erat imperatoris sigillum, quod apponi consueverat in litteris ardua continentibus: et quia sigillum erat aureum dicebantur hujusmodi imperiales litteræ *Bullæ aureæ*. Sicque bullare idem est ac sigillare, et litteræ *bullatæ sigillatæ* significantur. Ferraris, *ubi supra*.

de ser sellada. Ora, ella é sellada com um sello de chumbo, que pende da extremidade por um fio de sêda, se a Bulla é *graciosa*; de linho, se é de *justiça* ou *contenciosa*. O sello de chumbo de duas faces tem d'um lado a effigie de S. Pedro e S. Paulo, do outro a do papa reinante. Como o anel do pescador, o sello de chumbo é cuidadosamente conservado por um prelado que se chama o *Presidente do Chumbo*. Por morte do Santo Padre, este sello é apresentado a todos os membros do sacro Collegio; depois feito em pedaços á sua vista pelo cardeal camarlingo (1).

Neste uso de quebrar immediatamente depois da sua morte os dois sellos do Pontifice defuncto, deve-se ver mais uma prova do zelo constante empregado pela Igreja para impedir toda a fraude e toda a supposição de Breves, Bullas ou actos apostolicos.

Entre os Breves e as Bullas, existem ainda outras differenças que é bom conhecer. Assim o Breve data-se do dia do Nascimento de Nosso Senhor; a Bulla, do dia da Incarnação. O Breve leva no cimo o nome do papa: GREGORIUS PP. XVI; a Bulla não tem titulo, começa na linha por estas palavras: GREGORIUS EPISCOPUS, SERVUS SERVORUM DEI. A Bulla indica ao terminar o anno do pontificado; o Breve conclue-se com esta formula: *Dado em Roma, em S. Pedro ou em Santa Maria Maior* (conforme o Santo Padre habita o Vaticano ou o Quirinal) *sob o anel do pescador, etc.*, e é assignado pelo cardeal secretario

(1) Sabe-se que o Cardeal camarlingo é o chefe da camara apostolica, e que a camara apostolica administra os rendimentos da Santa Sé.

dos Breves. Não obstante estas differenças, os Breves e as Bullas teem, cada um sobre o seu objecto, a mesma auctoridade (1).

A estes usos duplicamente veneraveis tanto porque são os da Egreja como porque suscitam a recordação d'um mundo que já não existe, se junta outro não menos respeitavel quando se conhece a sua origem e natureza. As Bullas teem a indicação d'uma somma que se paga á Dataria ou á secretaria dos Breves, pela expedição das letras apostolicas. E' o que em Roma se chama *la Tassa*, a taxa. Ora, ouve-se muitas vezes repetir de viva voz e por escripto, que as causas ecclesiasticas fazem *correr para Roma rios d'oiro estrangeiro*, de que a côrte pontificia abusa para sustentar o seu luxo e a sua molleza. Eis ahi algumas das calumnias que homens que se dizem catholicos não temem de atirar á face de sua mãe. Quando se ouvem estas palavras injuriosas, tudo o que se pôde fazer é dizer com grande sentimento de piedade: *Meu Deus, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!* « Roma despende annualmente para as egrejas estrangeiras a metade mais do que recebe; e todo o dinheiro proveniente das causas ecclesiasticas é empregado em boas obras: » tal é a verdade exacta, nem mais nem menos (2). Assim, em recompensa e não

(1) *Brevia apostolica rite confecta, tantam vim habent in illis materiis in quibus conficiuntur, quantam habent Bullæ in cæteris materiis. Ferraris, verb. Bulla.*

(2) Vêde o opusculo official intitulado: *Del denaro straniero che viene in Roma, e che ne va per cause ecclesiastiche*, por Mar. Marchetti, ar-

em paga dos favores que lhes concede, Roma, a mãe de todas as egrejas, recebe d'algumas de suas filhas abundantemente providas dos bens da terra, quantias mais ou menos consideraveis com que gratifica as suas outras filhas pobres e perseguidas, ajuntando-lhes tudo o que póde dos seus recursos. Deste modo a abundancia d'umas supprime a indigencia das outras, e os laços da charidade catholica estabelecidos pelo mesmo Salvador, são mantidos; eis ahí o seu procedimento. Ora, diga-se o que se disser, não ha para o qualificar senão uma expressão na linguagem humana: é um procedimento admiravel e digno de Roma (1).

Acabavamos de estudar com felicidade o ultimo meio pelo qual a Santa Sé obra sobre o mundo, porem não estavamos satisfeitos. Para

ceb. d'Ancyro. Vêde tambem Constanzi, *Instituzioni di Pietà*, etc., t. I, p. 6 — 37

(1) A's despezas que Roma faz anualmente a favor das pobres egrejas d'Irlanda, d'Allemanha, do Norte, do Oriente e do Occidente, deve-se juntar o juro dos emprestimos contrahidos em diferentes tempos pelos papas para as necessidades geraes da christandade. Os juros destes emprestimos montam a 400,000 escudos; juntando-lhe as despezas da Propaganda e dos seus collegios, tem-se 533,000 escudos. Assim, d'um lado percebe Roma dos paizes estrangeiros 300,000 escudos; do outro, gasta para os paizes estrangeiros 533,000 escudos. É pois lesada por anno em 233,000 escudos romanos, ou 1.265,000 fr. « Eis ahí, conclue o auctor, o que ella ganha nesta troca. » Mur. Marchetti, *supra*.

completar os nossos conhecimentos, era ainda necessario formarmos uma idéa exacta dos embaixadores que levam ás naçoens a palavra romana.

Como principe temporal, mantem o Santo Padre com as potencias relações diplomaticas. No que respeita aos interesses dos Estados Romanos, as negociaçoens seguem a marcha commum das relações dos povos entre si, e são tractadas na linguagem vulgar da diplomacia. Como chefe da Igreja, faz-se o summo Pontifice tambem representar junto das naçoens catholicas. Nestas novas relações, toda a marcha das coisas muda, até o vocabutario: é uma concordata em vez d'um tractado; é um legado em vez d'um nuncio; é uma hulla, um breve em vez d'uma carta. Os embaixadores espirituaes ou, para recordar a expressão do veneravel cardeal Pacca, os braços da Santa Sé, são os legados e os nuncios. Distinguem-se os Legados *a latere*, os Legados *enviados*, os Legados *natos*, e os Delegados.

O poder de enviar os seus representantes a todas as partes do mundo catholico é o apanagio exclusivo da Igreja de Roma. Tem-o exercido desde o começo do Christianismo. Vêem-se alternativamente presidir aos concilios, e sustentar os interesses da religião junto dos reis e dos imperadores do Oriente e do Occidente.

Os cardeaes enviados em missão deixam o seu logar ordinario ao lado do summo Pontifice; d'aht vem que se chamam Legados *a latere* (1). São

(1) Dicuntur a latere quia cardinales ad latus summi Pontificis assistunt, et sic dum mittuntur, quasi a latere extrahi videntur. Ferraris, verb. Legatus.

ordinarios ou extraordinarios. Os primeiros são os cardeacs que presidem ás legações italianas, Bolonha, Ferrara e Forli. Os segundos, revestidos de poderes mui extensos, são enviados nas grandes circumstancias em que se tracta dos mais graves interesses da christandade. Assim um legado *a latere* veio a França para nella restabelecer a Egreja transtornada pela revolução.

Os Legados *enviados*, ou nuncios apostolicos (1), são prelados enviados pelo summo Pontifice junto dos principes christãos para defendem os interesses da Egreja e representarem a Santa Sé. Distinguem-se os nuncios de primeira ordem, taes como os d'Allemanha, de França, d'Hespanha e de Pórtugal; são ordinariamente elevados ao cardinalato ao sabirem da sua legação. Os nuncios de segunda ordem que não gozam do mesmo privilegio, são os da Polonia, de Napoles, de Veneza, de Florença, de Bruxellas, de Colonia e de Lucerna.

Os Legados *natos* são bispos a cuja sé é ligado, pelo summo Pontifice, o direito de legação, de modo que se tornam legados pelo unico facto da sua eleição. Deste numero são os archbispos de Reims, de Salzburgo, de Praga, de Toledo e outr'ora de Cantorbery. Todos os legados *a latere*, os nuncios ou os legados *natos* gozam na sua provincia da jurisdicção ordinaria.

Os Delegados são enviados da Santa Sé, encarregados unicamente de dirigirem um negocio particular ou certos negocios determinados, sem

(1) Legati missi, seu nuntii apostolici.

jurisdição alguma estranha (1). A historia dos legados apostolicos, dos serviços que elles teem prestado ás naçoens e à Egreja, a grandeza de character, a prudencia, o espirito de conciliação que teem desenvolvido nas circumstancias mais difficeis, formam uma das mais bellas paginas dos nossos annaes christãos. Póde a gente convencer-se disso lendo as obras do veneravel cardeal Pacca, cujs nome se encontra unido a todos os grandes negocios da Egreja na Allemanha, em França, e em Portugal, durante o meio seculo que acaba de deslizar-se.

As relações da Santa Sè com o mundo catholico não são mantidas unicamente pelo envio dos legados e dos nuncios, das bullas e dos breves; o Pai commum quiz dar a cada nação um protector e um advogado tirado do seu proprio conselho. Chama-se pois *Cardeal Protector* de tal nação, um membro do sacro Collegio que se faz em certo modo Francez, Hespanhol, etc., conforme é protector da França, da Hespanha, etc., em conselho privado do Papa.

Como os cardeacs são livres em aceitar este protectorado e não o escolhem senão conforme as suas proprias sympathias, teem-o sempre exercido com tanta consciencia, que se não conhece exemplo de protector que tenha obrado contra os interesses do Estado posto sob o seu padroado. O cardeal protector não se occupa dos negocios espirituacs dos povos que teem ministros residentes em Roma; mas è como embaixador e advogado das

(1) Vêde Devoti, *Jus Canonicum*, t. I, p. 198—9, Ferraris, t. V, p. 38—39.

nações que estão sem representantes junto do Santo Padre. A França, a Austria, a Hespanha, as Duas-Sicílias, Portugal, a Polonia, a Sardenha, a Inglaterra, a Escossia, a Irlanda, Ragusa, a Illyria, a Grecia, a Armenia, Lucca, a Saboya e os Maronitas tem cada uma seu cardinal protector.

Tal é o rapido quadro do governo pontificio. A alta sabedoria da Igreja lhe forma o traço saliente, e o vigario de Jesus Christo se mostra nelle aos olhos do observador imparcial muito menos como um rei que como um pai cuja sollicitude se estende pelo mundo inteiro: mas não é mister defender com palavras aquelle que caminha sob o amparo das suas obras.

Os nossos estudos e as nossas correrias não tinham podido fazer-nos esquecer a visita á familia judaica. A hora adiantada nos obrigou a caminhar a passo accelerado, e dentro em pouco nos achamos no foro de Nerva, junto do qual está o Conservatorio dos neophytos (1). Convem saber que em sua charidade maternal, fundou Roma uma casa para receber os infieis que desejam abraçar o Evangelho. Os cathecumenos são alli sustentados gratuitamente, pelo menos por espaço de quarenta dias. Um theologo distincto que entende e falla a lingua delles, é encarregado de instruil-os. A fim de recordar os usos da primitiva Igreja, é-lhes administrado solemnemente o baptismo sabbado da Alleluia ou vespera do Pentecostes, na igreja de S. João de Latran. Segundo as circumstancias escolhem-se tambem outras epochas e outras egrejas para esta bella cerimonia. Depois do baptismo os neophytos ficam ainda algum tempo no Conserva-

(1) Vêde Constanzi, t. I, n. 113 — 119.

torio a fim de consolidar a sua fé nascente. As crianças pobres recebem até alli uma educação conveniente (1).

Este asylo do silencio e da paz foi-nos aberto sem difficuldade. Ao entrarmos encontramos logo as nossas pequenas christans da vespera, radiantes de ventura e pulando com todas as suas forças no primeiro patio. A' vista d'um padre suspenderam seus innocentes brincos, e vieram, segundo o costume-d'Italia, beijar-me a mão. O pai appareceu por sua vez; lagrimas de ternura lhe molharam os olhos quando nos fallou da sua alegria e da de toda a sua familia. Finalmente a propria mãe nos disse com grande ingenuidade: « Eu é que fui a mais má, e me fiz esperar por muito tempo: alfim sou christan.» Depois puxando para cima dos joelhos uma de suas filhas mais novas: « Eis aqui, disse, a que me converteu; querida menina, tu deste a vida a tua mãe.» E lagrimas de sobrenatural ternura lhe corriam dos olhos, e mãe e filha se confundiram em mutuos abraços. Este spectaculo renovou todas as impressoens que na vespera haviamos experimentado. Depois de comprida e interessante conversação, retiramo'-nos, deixando na sua felicidade esta bemdita familia; indo nós proprios felizes com o que tinhamos visto e com o que tinhamos ouvido, e desejando a todos os nossos amigos um dia semelhante.

(1) Na praça de S. Thiago, em *Scossa cavalli*, encontram os herejes um asylo semelhante, onde nada lhes falta, durante todo o tempo da sua instrucção.

4 de Janeiro.

Piscina publica. — *Thermas de Caracalla.* — *Estatuas.* — *Excursão aerea.* — *Recordação de Caracalla.* — *Valle da nymphá Egeria.* — *Egreja dos Santos Nereo e Achilleo.* — *Origem do seu nome de Fasciola.* — *As sete Sallas.* — *As mulas de Sixto V.* — *Foro de Nerva.* — *Templo de Pallas.* — *Açougue dos martyres.*

Antes de assaltarmos novo bairro, pareceu-nos conveniente ajustar as nossas contas com os que já havíamos explorado. Algumas omissoens se reconheceram, e partimos para as repararmos. Alem do monte *Aventino*, na antiga região da *Piscina publica*, estão as *Thermas de Caracalla*; tiveram a nossa primeira visita. A celebre piscina que dava o nome a esta parte de Roma, não era outra coisa que um lago artificial, aonde a mocidade ia exercitar-se na natação. Segundo os auctores antigos, era este lago alimentado pela agua *appia*, a primeira que foi trazida a Roma. Parece haver desapparecido depois que as *Thermas de Caracalla* o tornaram inutil. Com effeito, não só a juventude, mas todo o povo de Roma encontrava neste magnifico edificio com que satisfizesse o seu gosto pelo banho e pelos exercicios nauticos. Representai-vos um palacio quadrado de 4,200 pés de circuito e d'altura proporcionada, todo revestido dos marmores mais raros, e ornado de columnas e estatuas de bronze e marmore, obras-primas da esculptura antiga. Os nossos pés calcam um pavimento de mosaico; os nossos olhos admiram na abobada pinturas exquisitas; á direita e esquerda, mil e seiscentos quartos de banhos com outros

tantos assentos de marmore polido (1); depois salas immensas para os jogos publicos. N'este numero não eram comprehendidas as peças inseparaveis das *Thermas* romanas: o *Apoditerium*, onde se tiravam os vestidos; o *Frigidarium*, onde se tomava o banho frio; o *Tepidarium*, onde se tomava o banho tepido; o *Calidarium*, onde se tomava o banho quente; o *Sudatorium*, onde se excitava a transpiração por meio do vapor; o *Unctuarium*, onde a gente se perfumava ao sahir do banho (2): os logares de devassidão, as bibliothecas, etc. Observamos tambem que os banhos deitavam para o grande Circo: é assim sempre na velha Roma; o sangue e a voluptuosidade são inseparaveis d'ella.

Menos vastas que as de Diocleciano, contavam-se todavia os *Thermas* de Caracalla entre as maravilhas da antiga Roma. Duas coisas constituiam a sua gloria, a grande sala e as estatuas que a aformoseavam. Pela grandiosidade e ligeireza da sua construcção, era esta sala a desesperação dos architectos e dos mecanicos, dos quaes uns sustentavam que era impossivel fazer outra igual e outros negavam que ella fosse da mão dos homens (3). Conforme se póde calcular pelas ruinas que della restam, tinha 690 pés de comprimento por 430 de largura. As estatuas de marmore e bronze eram

(1) Habebant in usum lavantium sellas mille sexcentas e polito marmore factas. Olympiodor., in *Ant. Caracall.* — M. Bluet, moço architecto pensionario da academia de França em Roma, acaba de fazer a planta deste magnifico edificio.

(2) Vêde Bracci, de *Thermis Veterum.*

(3) Sparitian, in *Caracall.*

outra maravilha das *Thermas Antoninas*. D'alli è que foram transportados para o museu de *Napoles* esses primores d'arte, um só dos quaes bastára para illustrar uma cidade, e até um reino. Basta nomear as estatuas d'*Hercules*, de *Flora*, do *Gladiador*, e o famoso grupo de *Dirce*. Vê-se *Dirce* atada ás pontas d'um toiro furioso por seus dois irmãos *Zeto* e *Amphião*; mais adiante, *Antiope* sua mãe e o pastor a quem ella entrega seus dois filhos. Todas estas figuras são de tamanho colossal e formam o grupo mais consideravel que nos legou a arte antiga.

Apezar das representaçoes do amigo que nos acompanhava, quizemos subir á abobada da grande sala. Esta abobada, ou, para fallar mais exactamente, esta lingua de abobada que conta apenas algumas pollegadas de espessura, acha-se sustentada por dois contrafortes; mas está rachada em varios sitios, de modo que a nossa excursão aerea podia não ser sem perigo. Todavia chegamos felizmente, e podémos estender os nossos olhares pelo valle do grande *Circo* e por toda a campina romana. Acreditar-se-hia que a parte superior desta abobada chata era de mosaico? Arrancamos-lhe alguns bocados que conservamos como recordaçoes da prodigalidade romana. Entretanto tractava-se, para descer, de atravessar em toda a sua extensão o estreito espaço sobre que estavamos suspensos. Medindo a horrorosa altura que nos separava do chão, confesso que uma especie de tremura me correu da cabeça aos pés. Sem embargo, depois d'alguns momentos de hesitação, transpuz com passo rapido a perigosa passagem; feliz por haver della voltado, propuz-me firmemente de nunca mais lá tornar.

A recordação de Caracalla, que nos havia impressionado vivamente no recinto do campo Pretoriano, não cessou de perseguir-nos ao percorrermos estas immensas ruínas. De cada pedra, de cada mosaico, de cada troço de columna, parece sahir a voz lugubre que aterrava até no meio das suas ruidosas alegrias o imperador fratricida: Bebe teu irmão: *Bibe fratrem*.

Não longe das Thermas de Caracalla, abre-se o valle d'Egeria, tam conhecido na historia de Numa. A' gruta mysteriosa succede um monumento christão digno da attenção do viajante: é a igreja dos Santos Nereo e Achilleo. O christianismo, entrado com S. Paulo no paço dos Cesares, havia-se conservado alli com vantagem não obstante as perseguições: alguns membros das familias imperiaes o tinham abraçado; neste numero se conta Flavia Domitilla, sobrinha do consul Flavio Clemens, primo de Domiciano. Baptisada por S. Pedro, teve ao seu serviço dois irmãos, Nereo e Achilleo, regenerados como ella pelo principe dos Apostolos e que persuadiram à joven princeza consagrasse a sua virgindade ao Senhor. Reconhecidos como sendo christãos, foram desterrados para a ilha Poncia e martyrisados em Terracina; os seus corpos, arrebatados pelos fies, repousaram por muito tempo na catacumba de Pretextato, na via Ardeatina: mais tarde foram collocados na antiga igreja que tem o seu nome. Edificada pelo papa João I, n'um terreno pertencente a Santa Lucina, foi esta basilica reedificada por S. Leão III. O illustre cardinal Baronio, havendo-se tornado titular della, tomou particular cuidado em conserval-a; foi elle que, em 1597, para alli mandou conduzir os

corpos dos santos martyres, com o de Santa Flavia Domitilla, os quaes Gregorio IX havia collocado na egreja de Santo Adrião.

Antes de ser dedicada aos Santos Nereo e Achilleo, chamava-se a basilica *Fasciola*, o que quer dizer *faixinha*, nome que ainda hoje conserva. Se inquirirdes a origem desta singular denominação, a tradição romana vos responde: « Passando S. Pedro por este sitio da via Appia, um dos pannos postos pelos christãos nas chagas de que os grilhoens lhe tinham coberto os pés, se desatou; e um ediculo veio marcar o lugar onde se realisara o facto (1). » Duas vezes respeitavel pela sua antiguidade e pelos nomes que a apoiam, a tradição de que fallo tiraria em caso de necessidade a sua certeza da circumstancia mesma que testifica. Quem ignora que o mais attento cuidado de conservar os menores factos da vida dos Apostolos entra perfeitamente no genio da piedade primitiva? não é permittida a duvida quando se conhece a profunda veneração, a ternura filial, direi o santo enthusiasmo dos christãos de Roma por S. Pedro e S. Paulo. Todos os monumentos attestam que elles os seguiram passo a passo, indicando primeiro com oratorios, com capellas, e mais tarde immortalizando com magnificas egrejas todos os logares depositarios d'alguma recordação apostolica.

A egreja dos Santos Nereo e Achilleo offerece rica colheita ao artista e ao archeologo. O docel é sustentado por quatro bellas columnas de marmore africano; os dois amboens, bem conservados, apresentam miudezas de grande interesse.

(1) Mazzol., l. VI, p. 251.

No côro, no circuito do abside, ergue-se o pulpito pontificio em que S. Gregorio Magno pronunciou a vigesima oitava das suas homilias, parte da qual está gravada nas costas deste pulpito. Mas o monumento mais importante é o bello mosaico do abside; data do anno 796, e representa a Transfiguração. No topo do arco vê-se Nosso Senhor com Moisés e Elias; mais abaixo os tres Apostolos penetrados de susto, curvados para a terra e cubrindo o rosto com seus mantos.

A' esquerda apparece a Santa Virgem recebendo a visita do anjo; á direita, Maria tendo o Menino Jesus em pé no regaço; perto d'alli está um anjo de azas estendidas, na attitude da admiração. Ha mais de mil annos, que a divindade do Filho e a divina maternidade da Mãe brilham nesta immortal pintura. Eis ahi pois contra os innovadores de todos os tempos a antiguidade da fé e a immutavel razão dos seculos (1).

Tornando a entrar na cidade pela *Via dos Triumphos*, penetramos, alem do Coliseu, n'uma vinha que communica com as *sete Sallas*, *sette Sale* ou *sette Camere*. Dá-se este nome a sete magnificos reservatorios que forneciam agnas primeiro aos jardins de Nero, depois ás *Thermas de Tito*. Outros as olham como ruinas do *Nymphoeum* de Marco Aurelio (2). Como quer que

(1) Vêde ácerca da igreja dos Santos Nereo, etc., a sabia e curiosa obra do abbade D. Bartholomeu Piazza: *Santuario Romano delle Stazioni*, staz. 23; e *Roma christiana ad diem 12 Maii*; vêde tambem Ciampini, *Monim. veter.*, t. II, p. 123.

(2) *Amm. Marcell.*, lib. XV.

seja, as sete Sallas merecem ser vistas, porque dão uma alta idéa da magnificencia romana. As camaras e os vastos corredores que lhes estão contiguos fizeram parte da casa d'ouro de Nero. Sabe-se que esta casa gigantesca foi primeiro chamada *domus transitoria*, porque o povo lhe atravessava os porticos para ir do Coelio para o Esquilino. Esta circumstancia parece-nos explicar, d'um lado, a presença dos medalhoens imperiaes pintados no topo da abobada, e representando o imperador sobrepujado d'uma aguia com as azas estendidas; d'outro lado, a singular inscripção que vou transcrever em latim, porque

Le latin dans les mots brave l'honnêteté ;
Mais le lecteur français veut être respecté :

(O latim affronta nas palavras a honestidade; mas o leitor francez quer que o respeitem.)

Portanto, nas paredes destes soberbos corredores lê-se :

Duodecim deos et Dianam,
Et Jovem optimum maximum
Habeat iratos,
Quisquis hic mixerit aut cacarit.

Os antigos punham a limpeza dos seus monumentos sob a protecção dos deuses, nós põmol-a sob a guarda da policia. Por baixo da inscripção alongam-se duas grandes serpentes viradas uma para a outra e separadas por um feixe de varas. A serpente entre os antigos era um signal de respeito, e o feixe de varas indica o castigo do delinquente.

Como deixassemos as sete Sallas para nos di-

rigirmos ao Foro de Nerva; vimos um moleiro que conduzia cinco mulas carregadas de sacco de farinha. « Eis alli, nos disseram, as cinco mulas de Sixto V. — E' pelos dentes que as conheceis? respondemos no tom do gracejo. — Não, falso seriamente, eis aqui o facto: Como a maioria dos grandes homens, tinha Sixto V uma mania, contava tudo por cinco. Prohibiu aos moleiros o entrarem em Roma com mais de cinco mulas e com menos de cinco: a sua prohibição tem sido sempre mantida. Elle deixou quando morreu cinco mihoens de *scudi* no thesoiro, e cinco mil medidas de trigo nos celleiros publicos; construiu cinco fontes monumentaes, ergueu cinco obeliscos, tomou o nome de quinto; dizia que não reinaria mais de cinco annos, e a sua predicção verificou-se: eleito em 1585, morreu em 1590. » Desde esta explicação, nunca encontramos os moleiros com as suas cinco mulas, nem mais nem menos, sem pensarmos no grande papa, e sem applaudirmos a constancia com que o povo de Roma se conserva fiel á memoria de um Pontifice que foi o seu idolo.

Entretanto viamos erguer-se diante de nós os grandiosos restos do *Foro de Nerva*. Na parte que permanece intacta está a egreja de S. Basilio e o convento das Meninas novamente convertidas á fé. O imperador Alexandre Severo havia adornado este foro de grande numero de estatuas collosaes representando os Cesares, e de soberbas columnas de bronze em que estavam gravados os factos brilhantes da historia romana (1). Este

(1) Statuas collosaeas, vel pedestres, nudas, vel equestres divis imperatoribus cum titulis, et

príncipe, conhecido pela sua integridade, deu allí um grande exemplo de justiça. Vetronio Turino, um de seus cortezãos, havia-se deixado corromper por magníficos presentes, e promettera em recompensa os favores de Cesar: Alexandre condemnou-o a morrer no fumo. Conduziram-o ao foro; e em tanto que um espesso fumo suffocava o criminoso, um arauto tocava trombeta dizendo: *Assim é castigado com fumo aquelle que vendeu fumo* (1).

A alguns passos do Foro vêem-se os restos do templo de Pallas, que a tradição faz remontar a Nerva (2).

Offerece elle ainda excellentes esculpturas com columnas canneladas d'ordem corinthia. No topo ergue-se uma estatua de Pallas de meia estatura; a deusa está em pé, com o capacete na cabeça e o escudo na mão esquerda; a direita, que tinha a lança, está quebrada. Por si mesma não offerece esta ruina pagan senão fraco interesse; porem as sanguinolentas recordaçoes que a ella se ligam, commovem vivamente a alma do christão. Ao pé deste idolo, diante da porta deste templo, foram immolados numerosos martyres. D'ahi vem á egreginha visinha o nome de *Santa Agatha dos Teceloens, no açougue dos Martyres, ad macellum Martyrum* (3). Um profundo poço, encerrado no interior do templo, recebeu os cor-

columnis aereis quae gestorum ordinem continent. — Lamprid., *in Sever.*

(1) *Fumo punitur, qui vendidit fumum. Id.*

(2) *Sext. Aurel.; in Nerva.*

(3) Vêde os actos dos Santos Gordiano, Crescencio, Cornelio, etc.

pos e o sangue de nossos pais. Até muitos parece terem sido lançados inteiramente vivos n'elle; porque se encontrou no poço, no proprio corpo d'um martyr, uma daquellas pedras que se suspendiam ao pescoço dos christãos. Esta é redonda, negra e pôde pezar cem libras pouco mais ou menos. Collocaram-a debaixo d'uma grade no orificio do paço onde, ha muitos seculos, numerosas geraçoens a cercam de seus respeitos e a cobrem de seus beijos.

5 de janeiro.

Antiga região da *Via Lata*. — Tumulo de Publicio Bibulo. — Basilica dos SS. Apostolos. — Casa de Marcial. — *Templo do Sol*. — *Egreja de S. Marcello*. — *Palacio Doria*. — *Egreja de Santa Maria in Via Lata*. — *Prisão de S. Paulo*. — *Palacio de Veneza*. — *Egreja de S. Marcos*.

O nosso bello sol d'Italia havia reaparecido: Roma voltava á vida. Os vendedores de vinho conduziam pelas ruas os seus machos carregados de *flaschi* de vidro branco terminados por uma rolha de papel; os commerciantes de laranjas faziam resoar as praças com seus gritos agudos; o humilde passionista apresentava o seu mealhinho aos transeuntes; e o frade capuchinho, guiando pela redca o burro hereditario, levava para o convento as provisçoens do dia, quando nós partimos para nos dirigirmos ao novo theatro das nossas investigaçcoens: recommçaram ellas no ponto onde na vespera as haviamos deixado. A antiga *Via Lata* que se estendia do Foro de Tra-

jano e da raiz do Capitolio , até á fonte Trevi e á egreja dos Santos Apostolos ; tal era a região que nos devia occupar. Junto da rua *Macel de Corvi*, se apresenta um antigo monumento da velha Roma : é o tumulo de Caio Publicio Bibulo, dom do povo romano ; a inscripção interessa pela sua antiga orthographia :

C. PUBLICIO. L. F. BIBULO AED. PL. HONORIS
VIRTVTISQVE. GAVIA. SENATVS CONSVLTO.
POPVLIQVE IVSSV. LOCO MONVMENTI. QVO
IPSE. POSTERESQVE. EJVS. INFERRENTVR
PVBLICE. DATVS. EST.

O proprio monumento sustentado por quatro columnas coroadas d'uma cimalha com esculpturas, é de boa conservação. Tornando a subir á direita, encontrava-se outr'ora o portico de Constantino, e, segundo os archeologos, o *Forum suarium* ou mercado dos porcos, rodeado de soberbas galerias. Seja o que for destes edificios de que só resta a memoria, convem em que a sua situação corresponde, pouco mais ou menos, á egreja dos Santos Apostolos, comprehendendo a praça e os jardins que a acompanhavam.

Esta egreja é uma das oito basilicas Constantinianas (1). A' direita, debaixo do vestibulo, vê-se uma aguia romana perfeitamente conservada. Como tantos outros monumentos, o emblema do poder imperial repete a todos aquelles que entram ou sahem, o triumpho immortal alcançado sobre os Cesares pelos doze pescadores evangelicos. No

(1) Ciampini parece ser de diferente opinião.
Mon. veter., t. III, p. 137.

limiar do templo uma nobre recordação espera o peregrino: foi aqui que S. Gregorio Magno pronunciou duas das suas eloquentes homilias. Caminhando vê elle á direita uma pintura a fresco symbolica, na qual o Menino Jesus está em pé no regaço de sua mãe. Já se sabe que esta attitude exprime a fé da Igreja na divindade do Salvador e na maternidade divina: a pintura de que fallamos é muito antiga. A' esquerda ergue-se o tumulo de mármore do papa Clemente XIV, obra notavel da mocidade de Canova.

Os apóstolos S. Philippe e S. Thiago Menor repoisam debaixo do altar-mor. Sempre fiel ao pensamento catholico, teve Roma o cuidado de formar em torno delles uma brilhante corôa de santos e martyres. A grade collocada diante do sanctuario fecha um carneiro no qual quinze martyres, tirados das catacumbas d'Apronio, na via Latina, recebem as mais sollicitas homenagens dos peregrinos. Debaixo do altar de Santo Antonio, conservam-se os corpos de Santa Eugenia e de Santa Claudia, sua mãe. Seria longo citar miudamente todas as gloriosas testemunhas da nossa fé, cuja presença faz da igreja dos Santos Apóstolos, um dos mais veneraveis sanctuarios de Roma.

Não ha uma só das celestes gerarchias que não esteja alli representada dignamente: basta nomear S. Lourenço, S. Vicente, S. Gregorio Magno, S. Gregorio VII, S. Carlos Borromeu, S. Bernardino de Sienna, S. Francisco d'Assis, S. Antonio de Padua, Santa Agatha, Santa Praxedes, Santa Margarida de Cortona. Conviode em que estaria bem enfermo o coração que não achasse aqui um amigo outr'ora provado pelas mesmas

dôres e hoje capaz de as adoçar (1). Esta igreja é a séde da *Confraria dos Santos Apostolos*, que foi erecta sob o pontificado de Clemente VIII. Della se tractará mais tarde; direi de passagem que é uma das obras mais dignas da cidade, mãe e senhora não só da fé, mas tambem da charidade.

Quando do palacio da embaixada de França, contiguo à igreja dos Santos Apostolos, a gente se dirige para o *Corso*, passando por ao pé da fonte *Trevi*, encontram-se muitas recordaçoes pagans de mediocre interesse. Aqui era a casa do poeta Marcial; elle proprio nos diz que ella estava situada ao pé da agua *Martia*, na *rua da Pereira*, e que era necessario subir tres grandes escadas para chegar aos seus quartos (2). Mais longe erguia-se o templo dedicado ao *Sol* por Aureliano, e no qual o imperador victorioso do Oriente depoz magnificos despojos. « Eram, diz um historiador, vestidos cobertos de pedrarias, dragoens persicos, liaras e estofos de purpura de tal belleza, que o mundo romano nunca os viu semelhantes (3). » A esta descripção ajunta o auc-

(1) Vêde Mazzol., t. VI, p. 141 e segu.

(2) Sicca domus queritur nullo se rore foveri,
Cum mihi vicino Martia fonte sonet.

Epigram., lib. IX, Epigr. 19.

Non est quod puerum, Luperce, vexes,
Longum est si velis ad pirum venire,
Et scalis habito tribus, sed altis, etc.

Epigram., l. I, Epigr. penult.

(3) Romae Soli templum posuit majore honorificentia conservatum, quod Orientis victor hostili praeda dilavit ornavitque... Tunc illae ves-

lor immediatamente uma particularidade que não parece dar uma alta opinião do respeito dos pagãos para com os templos dos seus deuses. Debaixo dos porticos do templo do Sol vendiam-se os vinhos do fisco, isto é os vinhos que pertenciam ao imperador, quer pelas contribuições, quer pelas portagens (1).

Estas recordações, que não tinham podido retardar a nossa caminhada, nos permittiram chegar promptamente a *S. Marcello*. A egreja do glorioso Pontifice está situada no *Corso*, a principal rua de Roma. Para a visitar com profundo respeito, é mister recordar-se uma das bellas paginas da nossa historia primitiva. Os christãos estavam na afflicção: o papa *S. Marcello* acabava de ser agarrado e entregue ao tyranno. Para humilhar os lieis, condemnou Maxencio o Summo Pontifice a guardar animaes encerrados n'uma tapada. Havia nove mezes que elle estava occupado neste objecto mester, quando os seus sacerdotes acharam meio de o roubar. *S. Lucina* o escondeu em sua casa, sita no mesmo logar onde hoje se ergue a egreja de *S. Marcello* [2]. As ovelhas reuniam-se alli em torno do pastor para receberem a palavra de vida e o vinho que inebri-

tes, quas in templo Solis videmus, consertae gemmis, tunc persici dracones, et tiarae, tunc genus purpurae, quod postea nec ulla gens deluit, nec Romanus orbis vidit. — Vopisc. in *Aurelian*.

(1) Idem.

(2) Tracta-se aqui de *S. Lucina a Moça*, que se não deve confundir com *S. Lucina* que deu a sepultura a *S. Paulo*, etc.

ava os martyres. Esta morada havia-se tornado demasiado santa, pelo que já não devia servir para usos profanos. Lucina fez presente della ao vigario de Jesus Christo, que a transformou em egreja. Havendo Maxencio sabido o que se passava, mandou novamente prender o Pontifice; depois, ajuntando á crueldade a impiedade, ordenou que se transformasse a egreja em cavallariça e que a enchessem d'animaes, de que o santo papa foi condemnado a cuidar. E viu-se o veneravel ancião tornado em palafreneiro ou em bestiaro, guardar n'uma egreja os cavallos, os bois e os porcos, até que o mau cheiro e as privaçoens de toda a especie viessem pôr fim á sua dolorosa existencia. Enterrado com honra na catacumba de S. Priscilla, na via *Salaria*, foi mais tarde reconduzido ao lugar da sua morte (1); e collocado debaixo do altar mor da egreja que tem o seu nome, recebe hoje as homenagens do mundo cathelico no proprio theatro de suas humilhaçoens. Gloriosa vicissitude de que Roma apresenta a cada passo locantes exemplos! Ao lado do Pontifice martyr repouisa Phocas, humilde jardineiro, que tambem, assignou a fé com o seu sangue. Grande numero d'outros martyres enriquecem com suas reliquias sagradas a piedosa egreja de S. Marcello: nomeio só S. Felicidade, a heroína de Carthago, cujo corpo se conserva, em grande parte, debaixo do altar de S. Paulo.

Tres outros objectos attrahem a piedade dos fieis. E' o primeiro uma milagrosa imagem da Santa Virgem, coroada pelo capitulo do Vatica-

(1) Vêde Baron. *Annal.*, t. III, an. 309, n. V.

no (1). Quando uma graça sobrenatural ha sido obtida pela intercessão da divina Mãe, é costume em Roma e na Italia coroar a imagem diante da qual ella se sollicitou. Um circulo de prata, d'ouro ou de pedras preciosas cerca a cabeça de Maria, e chama a devoção perpetuando o testemunho do reconhecimento. Se o primeiro aspecto desta corôa collocada no centro d'um quadro, parece estranho ao viajante que disso ignora a razão, torna-se para o christão esclarecido um motivo sempre novo de confiança filial para com aquella que é, a um mesmo tempo nossa mãe e nossa irman. O segundo objecto é o tumulo do cardinal Gonsalvi. Este mausoleu, que recorda o amavel, o piedoso, o habil negociador, o ministro necessario de Pio VII, acha-se na capella do Crucifixo, onde o illustre diplomata quiz repouisar junto do irmão querido. O terceiro é o milagroso Crucifixo ante o qual raro é não encontrar fiéis a orar. A 22 de maio do anno de 1519, a egreja desabou. Neste montão de ruinas, so o Crucifixo foi achado intacto no seu lugar ordinario e a alampada que o allumiava sempre accesa. Uma confraria de leigos, chamada do *Santissimo Crucifixo*, recorda ainda hoje a memoria consoladora do facto que acabo de referir.

Ao lado da egreja está o palacio Doria, um dos maiores de Roma. Encerra elle uma bella e numerosa collecção de quadros: Alberto Durer, Leonardo de Vinci, Claudio Loreno, Murillo, Mi-

(1) E' pois a auctoridade publica e competente que verifica o milagre e decide da coroação.

guel Angelo, escreveram algumas paginas deste livro immortal.

Ao sahir, não tivemos mais que atravessar a rua, para nos acharmos em Santa Maria in Via Lata. Confesso que viva commoção se apoderou de mim ao pôr os pés neste novo theatro da nossa piedosa curiosidade; e como teria podido eu defender-me della? Calcava a terra que o grande Apostolo em pessoa havia calcado! Ia descer de baixo de abobadas que resoaram com a sua voz! Ia visitar um logar que tinha visto Paulo, o altivo prisioneiro de Jesus Christo; Lucas, seu inseparavel companheiro; Onesimo, Onesiphoro, de Lycaonia, os deputados de Philippes, e muitos outros ainda cujos nomes venerandos brilham com tam doce resplandor nos annaes da primitiva Egreja. Por cima da porta d'uma escada subterranea, lêem-se estas palavras que vos fazem estremecer: *Cum venissemus Romam, permissum est Paulo manere sibimet cum custodiente se milite* (1): « Quando chegamos a Roma, foi permittido a Paulo ficar livre com o soldado que o guardava (2). » Abriu-se a porta a nós descemos á prisão. Foi pois aqui, dehaixo destas escuras abobadas, ennegrecidas pelo tempo, e formadas como todas as substrucçoens romanas de grandes pedaços de *travertin*, que o grande Apostolo foi depositado ao chegar d'Asia, quando a sua primeira viagem a Roma. Foi aqui que elle habitou,

(1) Act. XXVIII, 16.

(2) Sabe-se que entre os Romanos havia duas especies de prisões: a prisão publica e a *libera custodia*, ou casa particular em que o prisioneiro era guardado á vista.

preso, por uma corrente ao braço d'um soldado, por espaço de dois annos inteiros. Tres dias depois da sua chegada, Paulo, cujo zelo não conhecia nem demora nem perigo, convocou na sua prisão os principaes dos Judeus. « Irmãos, lhes diz elle, é pela esperança de Israel que eu estou carregado desta cadêa; » e provou-lhes que o Salvador Jesus era certo o Messias esperado por seus paes e annuciado pelos Prophetas. Nem a eloquencia sobrehumana, nem os eloquentes ferros do prisioneiro poderam convencer aquelles homens de rija nuca, e Paulo lhes disse: « Pois bem, sabei que a nova que vós repellis será enviada ás naçoens; e elles se retiraram a disputar entre si. »

Entretanto o Apostolo appareceu perante Nero, e foi-lhe feita semi-justiça; isto ó, deixaram-lhe o seu guarda, a sua corrente e a sua prisão, porem foi-lhe permittido prégar: Paulo aproveitou-se largamente desta liberdade. A sua prisão não se esvasiava; elle annunciava com segurança o Senhor Jesus, e as verdades do reino de Deus. O collegio dos pontifices, o senado, o pretorio, o mesmo palacio resoaram com ellas (1). Não só fallava, mas tambem se occupava das necessidades de todas as egrejas, escrevia aos fieis e aos seus discipulos. Aqui, Epaphrodito, bispo dos Philippenses, veio trazer-lhe, em nome dos seus charos neophytos, uma quantia de dinheiro; aqui, Onesimo, o pobre escravo que havia fugido, vinha supplicar-lhe obtivesse o seu perdão; e Paulo lhe dava essa carta tam tocante, em que roga pelas suas cadeias a Philemon, o senhor de

(1) Baron., an. 59, n. 7.

Onesimo, que o receba como seu proprio filho. Aqui, escrevia elle aos Philippenses para agradecer-lhes a sua charidade; aos Ephesios enviando-lhes o tabellario Tychico, que encarregava de dar-lhes meudamente noticias suas; a sua segunda epistola ao seu charo Timotheo, na qual pronunciava estas palavras tam dignas da sua grande alma: « Estou n'uma prisão, mas a palavra de Deus não está encadeada. »

Depois com perfeita liberdade de espirito, o prisioneiro de Nero descia à individuação de todos os negocios da Egreja e rogava ao seu discipulo que lhe enviasse o seu manto e os seus papeis (1).

Aqui, S. Lucas escrevia diante dos olhos de Paulo os *Actos dos Apostolos*; S. Pedro, não se pode duvidal-o, veio fazer-lhe frequentes visitas, e Deus sabe que palavras se trocaram, que projectos se conceberam nesta prisão! Felizes paredes! fallai pois e dizei-me o que ouvistes. Mas não, á fé cabe comprehendel-o e ao coração sentil-o. Não vimos mais que um modesto altar, e n'um angulo, ao pé do respiradoiro, uma columna de granito, cercada d'uma cadeia antiga chumbada na base. Com esta cadeia, a esta mesma columna, affirma a tradição que antes da sua conversão atava Marcial o carcereiro a Paulo, seu captivo, e aos seus outros prisioneiros. Uma mão engenhosa gravou n'ella estas palavras do mesmo Paulo: *Sed verbum Dei non est alligatum*. Na outra extremidade da prisão está uma fonte cuja agua limpida se conserva sempre no mesmo nivel. O Apostolo a fez milagrosamente brotar

(1) Baron., an. 89, n. 7.

para baptisar Marcial e outros cathecumenos (1). E' de admirar que um sitio tam veneravel não haja cessado de ser rodeado da pia sollicitude dos fieis?

Assim é que vêmos que uma das mais antigas diaconias de Roma foi alli estabelecida; esta data nos leva aos primeiros successores de S. Pedro. Em tanto que a auctoridade dos Pontifices consagrava esta illustre prisão, comprazia-se o zelo dos christãos em aformoseal-a. A igreja superior tornou-se um sanctuario cuja extraordinaria riqueza attestará por longo tempo o reconhecimento de nossos avós. Uma legião de martyres, dominada por uma milagrosa imagem da Santa Virgem, guarda ainda hoje este logar-d'apostolica memoria. N'este novo ceu em que estão representadas todas as edades e todas as condiçoens, brilha sobretudo o corajoso diacono Santo Agapeto, cujo corpo repouisa debaixo do altar-mór (2).

Quando se continua a seguir o *Corso*, passa-se, desembocando na praça de Veneza, por diante do palacio Rinuccini, ha pouco propriedade da mãe de Napoleão. Mais longe está o magnifico palacio de Veneza, antiga propriedade da famosa republica. Edificado em 1468 no pontificado de Paulo II, serve hoje de habitação ao embaixador d'Austria. A antiga igreja de S. Marcos, está contigua ao palacio. E' mister remontar até ao IV.º seculo para lhe encontrar a origem. O papa S. Marcos a edificou em 336 e a dedicoa a S.

(1) Constanzi, t. II, p. 49; Mazzol., t. VI, p. 315.

(2) Vêde toda a historia de Santa Maria in Via Lata, escripta pelo sabio Martinelli.

Marcos evangelista. Foi renovada por Adriano I, depois restaurada por Gregorio IV, em 833. O altar-mór de grande magnificencia conserva os corpos do papá S. Marcos e dos illustres principes persas, Abdon e Sennon, martyrisados no amphitheatro. As pinturas da abobada são do Tintoretto e o S. Marcos do Perugino.

As nossas digressoens em zigzag nos haviam reconduzido ao nosso ponto de partida : a praça *Macel de' Corvi* e a subida de *Marforio* nos tinham já visto ; atravessamol-as rapidamente para irmos repouisar das nossas fadigas e contar as nossas riquezas.



6 de janeiro.

A Epiphania em Roma. — Missa latina, grega, armenia, maronita. — Agapes na Propaganda. — Festas das Linguas. — Impressoens.

O viajante que tem a ventura de estar em Roma no dia da Epiphania, vê com seus proprios olhos o grande milagre do christianismo, a *diversidade de todos os povos na unidade da fé*. Acha-se no centro d'esse foco luminoso cujos raios se prolongam sem alteração ate ás fronteiras do globo, e cuja circumferencia abrange o universo. É esse, sem contradicção, um bello e doce espectáculo. Para gozal-o é de mister ir á Propaganda : a sua capella torna-se o panorama do catholicismo. Naquelle dia os sacerdotes dos differentes ritos do Oriente e do Occidente, que se acham em Roma, veem, segundo o costume, offerecer o augusto sacrificio no ceuaculo d'oude partem inces-

santemente os apóstolos de todas as nações. Eu mesmo lá fui, feliz e confuso por ser actor na vasta scena que se despregava aos olhares dos homens e dos anjos. Terminada a minha missa, tornamo'-nos por nossa vez espectadores.

Da sacristia sahe um padre grego ; como nos dias antigos, traz uma ampla casulla redonda : todo o seu corpo, excepto a cabeça, está envolto nesse largo manto de sêda, delicadamente adornado de bordados de oiro e de purpura.

Todas as vezes que quer servir-se das mãos, levanta a casulla pela parte de diante e a tem graciosamente enrolada sobre os braços: a liberdade dos seus movimentos não parece de modo algum embaraçada. A sua oração è uma especie de melopea ou de recitativo cadenciado ; as suas ceremonias são mui variadas e a sua missa dura pelo menos tres quartos de hora. Mas, na essencia acha-se sempre a grande, a indivisivel unidade catholica : a mesma materia do sacrificio, a mesma victima, as mesmas palavras sacramentaes. No altar visinho estava um padre melchita. A riqueza e amplidão de seus ornamentos, a doçura da sua pronuncia, o numero das ceremonias sagradas, a graça com que elle as preenchia : tudo isto formava um todo cheio de harmonia que dispunha o coração para os mais doces sentimentos de piedade.

O Armenio, grave, austero, apparece por sua vez. A sua cabeça está ornada d'uma especie de tiara terminada pela cruz ; a sua casulla de grandes ramos d'oiro, parece-se com os nossos pluviaes. A magestosa simplicidade das ceremonias de que elle acompaña o augusto sacrificio, a sua bella cabeça de typo oriental, a sua com-

prida barba preta lhe dão um ar de grandeza e dignidade que infunde respeito. Vendo-o ao alto, figurava-se-me S. Basilio pontificando diante do imperador, Valente, e fazendo tremor, só com a magestade da sua presença, o monarcha herege.

Um bispo maronita veio ajuntar um novo rito a todos estes ritos do Oriente. Trazia na mão uma pequena cruz semelhante á cruz pastoral dos nossos bispos; esteve com ella até ao momento da consagração e, virado para o povo, serviu-se della muitas vezes para o abençoar. Conservou a mitra ou melhor a *cidaris*, quasi até á elevação. O diacono e o subdiacono traziam compridas e largas tunicas verdes, terminadas por uma bordadura de velludo violeta ornado d'ouro. Em seus hombros brilhava uma especie de murça de velludo violeta com raios d'ouro. Como o de todas as nações submettidas a longa escravidão, o canto dos Orientaes è triste e monotonoo. Esquecia-me de dizer que todos os levitas estavam revestidos de compridas tunicas cõr de rosa, vermelhas ou verdes com cruces d'ouro nos hombros, nos braços e no peito.

Todas estas linguas, todos estes ritos e todas estas formas que, apezar de suas differenças, veem confundir-se na mesma unidade, caracterizam divinamente a Igreja catholica. Foi realmente naquelle dia que eu vi, no brilho do adorno prophetico, a immortal esposa do Homem-Deus, á qual seu esposo deu, como signal distinctivo, um vestido ornado d'ouro e uma toga de diversas cõres (1).

(1) *Astitit Regina a dextris tuis in vestito deaurato, circumdata varietate. Ps. 114.*

Acabado o officio , um dos directores do collegio veio convidar-me mui cortezmente a almoçar assim como os meus jovens companheiros. As nossas escusas não foram acceitas e foi-nos forçoso ceder ao costume. Em redor d'uma vasta mesa nos tivereis visto , padres de todas as partes do mundo que acabavamos de consumir a mesma victima sobre o mesmo altar, partir juntos o mesmo pão e offerecer o espectáculo dessa grande fraternidade que só o Christianismo pôde realisar sobre a terra. Occidentaes e Levantinos , Gregos, Armentos , Cophtos , Maronitas , irmãos que nunca se haviam visto e que provavelmente não deviam mais tornar-se a ver , todos comiam o mesmo pão , fallavam a mesma lingua , experimentavam os mesmos sentimentos. Collocados no meio de uma sociedade devorada pelo egoismo , nossos pais dos primeiros seculos traduziam em suas fraternaes agapes a unidade de amor de que achavam o penhor na carne e no sangue d'um Deus , tornados seu alimento ; assim , no declinar do mundo , quer Roma que no solemne dia da Epiphania todos os sacerdotes que celebraram missa na Propaganda , se assentem á mesma meza. Eis ahi realmente essa Igreja catholica sempre a mesma no seu espirito e no seu dogma ; eis ahi realmente essa Roma sempre fiel ao culto das nobres recordações.

Para completar o espectáculo da unidade viva do catholicismo , ás agapes succede a *Festa das linguas* : esta solemnidade teve logar a 10 de janeiro. Nada ha debaixo do ceu mais pitoresco e mais grave. Na extremidade d'uma vasta salla , ricamente decorada , erguia-se um theatro no meio do qual apparecia , sobre um pedestal coberto de

velludo carmesim, o busto do Santo Padre, centro augusto da unidade. O theatro e a salla inteira estavam guarnecidos de assentos; alli para os bispos da Propaganda, aqui para os espectadores. Os cardeaes tomaram logar no recinto reservado e começou a festa.

Um joven americano de Philadelphia, fazendo as funcçoens de presidente, abriu a sessão com um discurso latino pronunciado com perfeita graça. A recordação do dia para sempre memoravel em que o Sol da justiça se levantára sobre o mundo, a unidade da fé encontrada no presepio pelos magos do Oriente, a diffusão da benéfica luz do catholicismo até os escuros bosques do novo mundo, e outros nobres pensamentos inspiraram dignamente o moço orador. O seu discurso não era mais que um prefacio, e como o thema que ia ser desenvolvido successivamente pelos filhos de todos os povos: foi-o trinta e nove vezes em seguida, em trinta e nove differentes linguas. Ouvimos alternativamente o hebreu, o syriaco, o samaritano, o chaldeu, o arabe, o turco, o armenio, o persa, o sabeu, o grego, o peguano, o tamul, o kurdo, o georgiano, o irlandez, o escossez, o illyrio, o bulgaro, o polaco, o allemão, o inglez, o hollandez, o indiano, o hespanhol, o portuguez, o francez, o albano, o cophto, o ethiopio e chinez de todas as especies. Cada parte do globo tinha alli seus representantes e seus orgãos, proclamando, cada um no seu idioma, a grande unidade catholica. Era verdadeiramente como no dia de Pentecostes em Jerusalem, onde se achavam *homens de todas as naçoens que existem debaixo do ceu, proclamando nas suas linguas a grandeza de Deus*. Espectaculo unico, arrebatador e que só póde dar Roma.

Ora, nada era mais estranho, mais curioso que ouvir todos estes sons diversos, ver todas estas physionomias tam differentes; O Arabe falla com cadencia; o Persa aspirando as syllabas; o Peguano, de rosto bronzeado, antes canta do que falla o seu idioma de grande suavidade; o Turco de cabellos de ebano, pronuncia sons gutturaes; o negro Ethiope faz ouvir a sua lingua doce e forte; ao seu lado se mostra um gentil Escossezinho, de tez côr de rosa, martelando com graça o seu aspero dialecto: todos haviam infundido religioso silencio. Mas quando appareceram os Chinezes do Chan-si e do Hu-quan redobrou a attenção. Trouxeram em tributo uma ecloga que foi acolhida com vivas acclamaçoens. Foi outra coisa bem differente quando os tres interlocutores, aproximando-se, se pozeram a cantar em côro: palmas partiram de todas as ordens e se renovaram muitas vezes. O orador infantil que lhes succedeu não foi menos applaudido; era um joven Chinez de Cantão. Uma flauta doce, um bandolim, um pequeno pifaro, tudo o que quizerdes, com tanto que isso cante docemente, e tereis a lingua chinesa de Cantão na bôcca d'uma criança. Como ramillete foi dirigido á assemblea um agradecimento em muito bom italiano por tres jovens alumnos de cerca de doze annos, um Indio, outro Turco e o terceiro Albano.

Cada assistente experimenta nesta festa catholica um prazer proporcionado aos seus conhecimentos linguisticos. O unico homem do universo capaz de o gozar em toda a sua plenitude estava privado disso: o admiravel cardeal Mezzofanti enganou todos os olhos avidos de o contemplar. Tendo pedido noticias suas, responderam-me com

a graciosa formula italiana : *è poco bene* ; « Está indisposto. »

Porem qualquer que seja o seu grau de instrucção, não ha um só espectador em quem a Festa das Linguas não produza vivas impressoens e não deixe profundas recordaçoens. Como ella completa bem a Epiphania no ponto de vista catholico ! No augusto sacrificio, offerecido sobre o mesmo altar por sacerdotes de todas as naçoens, assim como na comida fraternal que o seguiu, brilha a unidade de amor restabelecida pelo Evangelho ; aqui reaparece com não menos brilho a unidade da crença apesar da diversidade das linguas : dupla solemnidade que vos mostra o catholicismo reparador da queda primitiva, reconduzindo todas as coisas á unidade do tempo para preparar a da eternidade. E depois como ver sem enternecimento estes jovens alumnos da Propaganda ? Como esquecel-os nunca ? Nobres filhos das quatro partes do mundo, vindos de cinco ou seis mil leguas do seu berço, para se prepararem para o apostolado e para o martyrio. Sim, dizia eu comigo mesmo, entre estes mancebos tam bons, tam distinctos, tam perfeitamente interessantes muitos ha, talvez grande numero, que d'aqui a poucos annos terão expirado no meio das torturas ; e gravava cuidadosamente os seus nomes na memoria, e contemplava avidamente as suas feiçoens com o pensamento de que um dia ao ler os *Annaes da Propagação da Fé*, poderia ajuntar : « Este missionario que acaba de assignar o Evangelho com o seu sangue, vi-o, ouvi-o. » Ora, ha felicidade, gloria e proveito em encontrar, sequer uma vez, no caminho da vida, um santo, um martyr.

7 de janeiro.

O Quirinal. — Templo do deus Fídió. — Templo de Quirino.
— Praça do Quirinal. — Palacio. — Pormenores acerca
do Couclave. — Recordaçõens. — Rapto de Pio VII.

O Quirinal antigo e moderno occupou o nosso dia. Situado na antiga região *d'Alta Semita*, offerece algumas ruinas e muitas recordaçõens. Os banhos de *Paulus*, sitos na base da montanha, occupavam, ao menos em parte, a rua chamada hoje por corrupção *Via Magnanapoli*. Crê-se que a especie de theatro encontrado debaixo do mosteiro de Santa Catherina de Sienna, fazia parte destas famosas *thermas*. Como quer que seja, o jardim *Aldobrandini*, collocado na vizinhança, estende-se na planura da antiga collina *Mutialis*, celebre pelo templo do deus da boa fé, *Dius Fidius*. Um fragmento de marmore representa os elementos da boa fé, taes como eram comprehendidos pelos antigos. A' direita vê-se um homem na plenitude da força, com o vestido de paz, e esta palavra: *Honor*. A' esquerda, está uma figura de mulher no mesmo trajo e coroada de loiro, com esta palavra: *Veritas*. Estes dois personagens dão a mão um ao outro. Entre elles apparece um gracioso menino, de olhar pudico, cuja cabeça está cercada por estas palavras: *Divs Fidivs*. N'outro resto, em vez das palavras precedentes lê-se: *Amor*, e mais acima *Fidei simulacrum*. O templo de Fídió era descoberto, a fim de que os deuses do Olympo fossem espectadores dos ritos que n'elle se effectuavam. Assim, aos olhos dos Romanos, a honra, a verdade, a afeição no coração dos contractantes e o Ceu por

testimunha, taes eram as garantias da fé jurada: era, parece-me a mim, difficil escolher melhor. Era no templo de Fidio que o patriotismo romano conservava, com nobre orgulho, a roca e o fuso de Tanaquilla, mulher de Tarquino Prisco (1).

Não longe d'alli e ao pé de Santo André dos Jesuitas, erguia-se o templo de *Quirinus*: sabe-se que Quirino não era outro que Romulo. Havendo este principe morrido, suspeitou o povo que os senadores o tinham assassinado; tornava-se imminente uma guerra civil, quando Julio Proculo veio affirmar com juramento que Romulo, cercado de sobrehumana gloria, lhe havia apparecido na collina chamada depois o *Quirinal*, e que o havia encarregado de annunciar aos Romanos um imperio eterno. Em consequencia, foi Romulo posto entre os deuses, sob o nome de *Quirinus*, e adorado n'um templo edificado sobre a montanha. Este edificio recebeu do dictador Papirio o primeiro quadrante solar que se viu em Roma. A *Fortuna publica*, a *Salvação* e não sei quantos outros deuses masculinos e femininos tinham seus sanctuarios nos arredores. No mesmo lugar estavam tambem as *thermas* de Constantino, magnifica construcção, cujo mais bello ornato, talvez, eram os dois cavallos de marmore branco que hoje se vêem diante do palacio do *Quirinal*.

Este palacio começado por Paulo III, continuado por Gregorio XIII., por Sixto V e Clemente VIII, foi acabado por Paulo V, da familia Borghese. Os Summos Pontifices o habitam durante o verão, porque está n'um bairro mais

(1) Plin., l. VII, c. 48.

salubre que o Vaticano. Pelo mez d'outubro o Santo Padre deixa esta nova habitação e vai passar os mezes da *malaria* para Castel Gandolfo, situado a quatro leguas de Roma, nas alturas de Albano. No Quirinal como no Vaticano, se em-
prazaram as bellas-artes. O patio de honra, a salla real, a capella Paulina restaurada por ordem de Pio VII, testificam o gosto exquisito dos pintores e esculptores, e a magnificencia dos Pontifices. Até estes ultimos tempos os conclaves haviam-se quasi sempre reunido no Vaticano: celebram-se agora no Quirinal (1).

Esta circumstancia obriga o viajante christão a fazer um estudo particular d'um palacio onde o mundo catholico recebe o seu chefe, e a gloriosa caddia dos Pontifices o novo anel que deve prolongal-a através dos seculos. Mas, para se tornar interessante, exige este estudo alguns pormenores acerca da eleição dos papas.

Quando pois ha expirado o Santo Padre, o cardeal camarlingo, de veste violeta, se apresenta a porta da sua camara, a que bate tres vezes com um martello de oiro, chamando de cada vez o papa em voz alta, pelos seus nomes de baptismo, de familia e de papa. Depois de breve pausa, diz em presença dos Clerigos da camara e dos Notarios apostolicos que tomam auto desta cerimonia: *Elle está pois morto.*

(1) Notizie istoriche delle stagioni, etc., da Francesco Cancellieri, p. 69. — Cœremoniale continens ritus electionis romani Pontificis, etc., cui præliguotûr constitutiones pontificiæ et conciliorum decreta ad eam rem pertinentia. In 4.º, Romæ, 1728.

Trazem ao mesmo cardeal o anel do pescador, e elle o quebra com o *mesmo martello* em presença do sacro collegio; os bocados delle pertencem ao mestre das ceremonias. Depois de haver tomado posse do Vaticano, envia guardas para se apoderarem do castello do Santo Anjo e das portas da cidade. Quando ha provido á segurança de Roma sahe do palacio de carroagem, precedido do capitão das guardas do papa, e rodeado dos allabardeiros suissos que acompanham ordinariamente S. Santidade. A' partida do cortejo loca-se o grande sino do Capitolio, que annuncia a morte do Summo Pontifice; no mesmo instante os sinos de todas as egrejas enchem a cidade de seus sons funebres. Entretanto que os fieis estão em oração, o magistrado romano reúne a milicia do Capitolio e a manda, sob a direcção dos Presidentes Legionarios, tirar da cadeia os criminosos detidos por delictos de pouca gravidade. Da sua parte, o sacro Collegio deputa correios extraordinarios a todos os cardeaes ausentes de Roma, para os convidar a dirigirem-se ao conclave.

Entretanto o corpo do Santo Padre fica exposto durante nove dias na basilica vaticana, á vista de todo o povo que vem em multidão beijar-lhe os pés. Ao nono dia pronuncia-se a oração funebre e deposita-se o papa defuncto a'um tumulo provisorio. No dia seguinte, reúnem-se os cardeaes em S. Pedro, e o cardeal decaño diz alli a missa do Espirito Santo, para a eleição do novo Pontifice. Durante o dia o sacro Collegio se reúne na egreja de S. Sylvestre no Quirinal, d'onde parte, ao canto do *Veni Creator*, para se dirigir processionalmente ao conclave. O

immense lado do Quirinal, que costêa a *Via Pia*, está dividido em toda a sua extensão em cellas fechadas por simples tabiques de madeira. Cada cella compõe-se de diferentes sallinhas ou gabinetes, e cada cardeal tem a sua para si e seus conclavistas. O quarto do cardeal basta apenas para conter um leito, cinco ou seis cadeiras e uma meza: a salla que se segue é destinada para um conclavista. Por cima da do cardeal, está um quarto para segundo conclavista, com duas sallas ao lado, uma das quaes serve de capellã e a outra de salla de comer. Todas as cellas são armadas de sarja verde por fóra e por dentro, excepto as dos cardeaes creados pelo papa defuncto, que são tapetadas de sarja violeta por fóra, e por dentro d'uma sarja de lã da mesma côr: cada cardeal manda pôr as suas armas por cima da porta da sua habitação.

Quando os cardeaes são chegados ao conclave, faz-se-lhes leitura das bullas concernentes á eleição do papa, e todos juram observal-as. O mestre das ceremonias representa-lhes que não devem encerrar-se no conclave, se não teem intenção de se conservarem alli até ao fim, como prescrevem as bullas. O governador do conclave e o marechal da Santa Egreja começam então a collocar os seus soldados nos logares onde julgam necessario para a segurança da eleição. Entrados os principes da Egreja nas suas cellas, tapam-se a pedra e cal as portas do palacio, assim como as janellas, á excepção d'um postigo; o que não deixa penetrar no conclave senão um meio clarão, favoravel ao recolhimento. Pratica-se uma communicação com o exterior por via de rodas, quasi semelhantes ás dos conventos de religiosas.

Estas rodas tem duas fechaduras, uma interior, outra exterior; o mesmo succede com a unica porta que não está tapada e que se não deve abrir senão para a sahida dos cardeaes ou de seus conclavistas, que cahem doentes no conclave. As chaves da fechadura exterior das rodas são confiadas ao prelado governador do conclave; as da fechadura interior ficam na mão do mestre das ceremonias. O principe Savelli guarda as chaves exteriores da porta principal. É um privilegio concedido pelos papas á sua familia que é de nobreza mui antiga. Em toda a duração do conclave permanece noite e dia de guarda a esta porta, á testa d'um numero de destacamento de tropas. O cardeal camarlengo tem as chaves interiores desta mesma porta; bem como as de um postiguinho que se abre somente para as audiencias dadas pelos cardeaes chefes de ordem, aos embaixadores das potencias catholicas.

Pela noite, o cardeal decano e o cardeal camarlengo fazem a visita para vêrem se tudo está em ordem. Não ficam no conclave alem dos cardeaes e seus conclavistas senão os quatro mestres das ceremonias, o secretario do sacro Collegio, alguns religiosos para servirem de confessores, dois medicos, um cirurgião, um boticario com dois rapazes, dois barbeiros, e dois ajudantes, um mestre pedreiro, um mestre carpinteiro, e uns trinta criados chamados *facchini*, para fazerem o serviço mais pesado.

A' hora da comida, os copeiros dos cardeaes vão buscar ás cozinhas as iguarias destinadas a a seus amos. Chegando á roda, chamam o seu cardeal em voz alta, a fim de que o conclavista que espera no interior mande pegar nos pratos a

creados encarregados de os levarem á cella do cardeal. Quando se ha passado tudo o que compõe a comida, um censor de vestido violeto, tendo na mão uma maça de prata, fecha pelo exterior a janella das rodas, e o prelado assistente lhe applica o sello com as suas armas. O mestre das ceremonias faz a mesma coisa pelo interior. Os prelados que assistem ás rodas são deputados do sacro Collegio. Este posto de honra e de confiança é occupado por Bispos, Auditores de Rota, Clerigos da camara e Conservadores romanos. Quando se quer fallar a um cardeal ou a qualquer outra pessoa encerrada no conclave, deve a gente apresentar-se ás horas fixadas; a conversação não pôde ter logar senão na presença dos guardas do conclave, em voz alta, e em italiano ou latim a fim de que todos a entendam: Taes são em geral as precauçoens tomadas para impedir toda a communicação com o exterior, e procurar a liberdade do conclave desligando-o de toda a sollicitação estranha.

A's medidas da prudencia humana juntam-se os meios d'uma ordem superior. Por ordem do cardeal vigario todos os padres dizem á missa, e isto durante toda a vacatura da Santa Sé, a collecta *pro eligendo summo Pontifice*. Conformemente á Constituição de Gregorio X, é exposto o SS. Sacramento em grande numero de egrejas, como para as Quarenta horas. Em quanto que as diversas confrarias de Roma veem visital-o pela manhan e de tarde, cantando as ladainhas e recitando as oraçoens indicadas para a circumstancia, o clero secular e os religiosos mendicantes se dirigem todos os dias em procissão da egreja dos Santos Apostolos ao palacio do Quirinal, para

obterem uma feliz escolha. No interior, não cessa o sacro Collegio de invocar as luzes do ceu. No dia seguinte á entrada no conclave, o cardeal decano diz uma missa rezada do Espirito Santo, na qual commungam todos os seus collegas a quem elle exhorta a que trabalhem seriamente na eleição. Immediatamente começa o grande negocio, e todos os dias, á tarde e pela manhã, se reúnem os cardeaes na capella do escrutinio. A convocação da assemblea faz-se deste modo: ás seis horas da manhã e ás duas horas depois do meio dia, um dos mestres das ceremonias percorre todo o conclave para avisar os cardeaes, tocando uma campainha e dizendo: *Ad capellam, Domini; á capella, Eminencias*. Todas as noites, pelas nove horas, o mesmo mestre das ceremonias annuncia a retirada com a sua sineta, dizendo: *Ad cellam, Domini; á cella, Eminencias*.

O escrutinio faz-se com grande solemnidade. No meio da capella Paulina está uma longa meza, que tem em rima dois calices destinados a receber os bilhetes. Sobre a mesma meza está a formula do juramento que cada cardeal pronuncia antes de depositar o seu voto; eis-aqui o teor d'elle (1): « Tomo por testemunha a Jesus Christo Nosso Senhor que deve julgar-me, que elejo aquelle que creio, segundo Deus, dever ser eleito, e que farei a mesma coisa no *accessit*. » Recorre-se ao *accessit*, quando o escrutinio não dá a nenhum dos candidatos os dois terços dos votos, que é o numero que se requer para ser eleito.

(1) « Testor Christum Dominum qui me iudicaturus est, eligere quem secundum Deum iudico eligere debere, et quod in accessu præstabo. »

Neste caso, podem os cardeaes votar n'aquelle que reunia mais votos: accedem deste modo aos seus collegas, e d'ahi vem o nome dado a esta forma de eleição. Digamos de passagem que este uso remonta à antiga Roma. O senador, que era da opinião d'outro, levantava-se do seu logar e aproximava-se d'elle; ou, se não queria deixar o logar, dizia muito alto: *Accedo ad idem; voto como fulano.*

Para manter a boa harmonia entre as nações e o Summo Pontifice, tem a Igreja por bem conceder às grandes potencias catholicas o direito de excluirem o cardeal que lhes não é agradável (1). A Austria, a França e a Hespanha gozam deste direito de *veto*. Mas compre observar que cada corôa não pôde dar a exclusão senão a um só. Para neutralizar, em certos casos, esta influencia que poderia afastar injustamente do pontificado os membros mais veneraveis do sacro Collegio, o conclave faz uso de toda a sua habilidade. Se percebe que tal ou tal potencia quer fazer dar a exclusão a algum, não deixa de propor outro candidato que se sabe não ser agradável a essa corôa: este ultimo é quasi sempre excluido. Depois de ter feito accetar a troca à potencia interessada, o conclave torna ao primeiro candidato, que já não pôde ser excluido por essa potencia; porque tem esgotado o seu direito.

Dissemos, em outra parte, que, segundo a bulla de Sixto V, os dois terços dos votos são necessarios para a eleição. Quando os escrutinadores hão reconhecido que um membro do sacro

(1) Ha quem pretenda que é um direito usurpado, não se sabe quando, nem por quem.

Collegio reuniu essa maioria, um d'entre elles, elevando fortemente a voz, proclama o nome do cardeal, dizendo: *Cardinalis N.*; o cardeal *N.* Apenas este nome é pronunciado quando o ultimo cardeal-diacono toca a campainha; a este signal o mestre das ceremonias e o secretario do sacro Collegio entram na capella; depois os tres cardeaes chefes d'ordem caminham até diante do cardeal eleito, e o cardeal decano lhe diz: « Accipias a eleição que de vós acaba de ser feita canonicamente para o summo pontificado (1)? » Mal obtido o consentimento, todos os pequenos pallios collocados por sobre os assentos occupados pelos cardeaes se abatem; só fica o do novo papa. Os cardeaes que estão á direita e esquerda do novo eleito, afastam-se d'elle, e deixam o seu lugar por um sentimento de respeito; é a primeira homenagem que prestam á superioridade que elle sobre elles acaba de adquirir, e como uma declaração tacita de que cessam de ser seus eguaes.

Então o cardeal decano lhe roga que faça conhecer o nome que quer tomar. Até 1009, conservavam os papas o seu nome de baptismo; porém o papa naquelle anno nomeado chamava-se Pedro; cãõ quiz ter o nome sagrado dado por N. S. ao santo Apostolo, e tomou o de Sergio IV. Desde então, tem os papas tomado sempre um novo nome ao subirem á santa Cadeira. Cumprida esta formalidade, o primeiro mestre das ceremonias lavra um auto authenticico da eleição; depois do que os dois primeiros cardeaes-diaconos conduzem o novo papa atraz do altar-mor onde os

(1) *Acceptasne electionem de te canonice factam in summum pontificem?*

mestres das ceremonias o revestem com os ornamentos da sua dignidade. A sotana de melancia branca, o cinto de borlas d'ouro, o roquete de linho fino, a murça de setim vermelho bordado de arminho, a estola bordada d'ouro, as meias brancas, os sapatos de velludo vermelho, ornados da cruz d'ouro, compoem o vestido do novo Pontifice. Levam-o á sua poltrona collocada no degrau do altar. Os cardeaes, começando pelo decano, vão beijar-lhe o pé, depois a mão, e o Santo Padre lhes dá o osculo de paz no rosto. O cardeal camarlingo passa para o dedo do papa o anel do pescador, que S. Santidade confia logo ao mestre das ceremonias encarregado de lhe mandar gravar o nome do novo successor de S. Pedro. É então que o primeiro cardeal-diacono, precedido do primeiro mestre das ceremonias e da musica papal que canta a antiphona: *Ecco Sacerdos Magnus; eis aqui o Gran' Pontifice*, se dirige à janella que deita para a praça do Quirinal, para advertir o povo reunido da eleição do papa. A' vista do cardeal, um longo estremecimento percorre a immensa multidão, depois estabelece-se um silencio religioso, e com voz forte pronuncia o príncipe da Igreja vagarosamente estas solemnes palavras: « Annuncio-vos uma grande alegria; temos por papa o Eminentissimo e Reverendissimo N. N. do titulo de S. N. cardeal da santa Igreja romana, N. que tomou o nome de N. (1). »

[1] Annuncio vobis gaudium magnum: habemus papam, Eminentissimum ac Reverendissimum Dominum N. N. tituli S. N. sanctae romanae Ecclesiae cardinalem N. qui sibi nomen imposuit N...

A estas palavras transportes d'alegria rebentam de todas as partes; os tambores tocam marchas graves, os clarins resoam; a grande colubrina do castello do Santo Anjo retumba, e o estampido de toda a artilheria de Roma se mistura com o som dos sinos das suas tresentas egrejas. Segundo um antigo costume o povo derriba as paredes que tapam as portas do conclave e pega em tudo o que encontra; assim que os cardeaes tem cuidado de acautelar o que querem salvar. Entretanto o Santo Padre, revestido dos ornamentos pontificaes, é levado ao altar da capella Paulina, onde recebe de novo as homenagens do sacro Collegio, na presença de todo o povo, e depois do canto do *Te Deum*, abençôa a assemblea. A' noite toda a cidade é illuminada e o Santo Padre manda distribuir aos pobres grande quantidade de pão, vinho e dinheiro.

Quando é chegado o dia da *Coroação*, levam o Summo Pontifice à basilica de S. Pedro, no meio da mais solemne pompa. Em tanto que o cortejo desce a escada real, os cantores da capella executam o *Ecce Sacerdos Magnus*. S. Santidade é recebida sob o portico pelo capitulo de S. Pedro, que canta a sublime antiphona: *Tu es Petrus*; o Santo Padre desce da *Sedia* diante do altar do SS. Sacramento, e vai assentar-se no altar que esta diante da cadeira de S. Pedro. Entretanto que recebe alli a homenagem dos cardeaes, canta-se o *Te Deum*; e o novo Pontifice abençôa pela primeira vez o povo immenso que enche a vasta Basilica.

A coroação tem lugar d'ordinario no domingo que se segue á eleição; faz-se em S. Pedro. Desde S. Sylvestre, a quem Constantino a deu,

teem sempre os papas usado a corda, symbolo da realza e do poder conferido a S. Pedro sobre toda a Igreja por J. C. Segunda corda foi ajuntada á primeira, se não por Nicolau II, em 1058, ao menos por Bonifacio VIII, em 1294, e quando mais tarde por Clemente V, em 1305; Benedicto XII, em 1334, Urbano V, em 1362, ou, segundo outros, Bonifacio IX, em 1389, tomaram a terceira [1].

Chegando ao seu throno o Santo Padre entõa *Terça*, durante a qual S. Santidade se reveste dos vestidos pontificaes. Os cardeaes, os prelaos e os bispos tomam seus ornamentos brancos e sua mitra, e fazem a procissão em volta do côro. Durante a marcha, um mestre de ceremonias leva na mão um comprido bastão prateado, na extremidade do qual estão atadas estopas de seda. Chegando á capella dos SS. Procés e Martiniano, volta-se, faz uma genuflexão diante do Pontífice, um clerigo da capella accende as estopas, e o mestre de ceremonias levanta-se cantando: *Pater sancte, sic transit gloria mundi; Padre Santo, assim passa a gloria do mundo!*

A' volta da procissão começa a missa. Terminado o *Gloria in excelsis*, observa-se no côro um grande movimento: o primeiro cardeal-diacono, acompanhado dos auditores de Rota e dos

[1] Vejam-se para todos os pormenores que precedem e que se seguem: Riganti, *De regul. Cancell.*; Rocca, *Thesaur. antiquit.*; Cancellieri, *Notizie dei diversi silti in cui sono stati tenuti i conclavi nella città di Roma*; *Cæremoniale continens ritus electionis S. Pontif. Romae*, in-4.^o; *Capellas Papaes*, por G. Mazoni, etc.

advogados consistoriaes, desce ao tumulto dos apóstolos Pedro e Paulo, debaixo do altar da Confissão; e da capella subterranea se eleva o grito tres vezes repetido: *Christe, escutai-nos.* O côro: *A Nosso Senhor N. escolhido de Deus para Summo Pontifice e Papa universal, vida (1).* São estas as ladainhas da coroação cuja origem

(1) Exaudi, Christe! O côro: Domino Nostro N. a Deo decreto Summo Pontifici, et universali Papae vita!

Exaudi, Christe! O côro: Domino Nostro N. a Deo decreto Summo Pontifici et universali Papae vita!

Exaudi, Christe! O côro: Domino Nostro N. a Deo decreto Summo Pontifici et universali Papae vita!

Salvator mundi! O côro: Tu illum adjuva!

Salvator mundi! O côro: Tu illum adjuva!

Salvator mundi! O côro: Tu illum adjuva!

Sancta Maria! O côro: Tu illum adjuva!

Sancta Maria! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Michael! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Gabriel! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Joannes Baptista! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Petre! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Paule! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Andrea! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Stephane! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Leo! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Gregori! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Benedicte! O côro: Tu illum adjuva!

Sancte Basili! O côro: Tu illum adjuva!

se perde na noite dos seculos. Não sei se existe alguma coisa mais solemne que esta oração que, elevando-se do tumulto apostolico, atravessa a sublime cupula e sobe directamente ao ceu.

Depois da missa, recebe o Santo Padre as insignias da dupla dignidade de Pontifice e Rei que o eleva acima de todas as potestades visiveis. O cardeal-diacono põe-lhe o *Pallium* dizendo: « Recebei o *Pallium*, insigoiã da plenitude do poder pontifical, para honra do Deus omnipotente, da gloriosissima Virgem Maria sua mãe, e dos bemaventurados apóstolos Pedro e Paulo, e da santa Igreja romana [1]. » O Padre Santo sobe depois á grande janella do Vaticano, e o primeiro cardeal-diacono, a quem está reservada a honra de o coroar, lhe põe na cabeça a Tiara, emblema do poder real, dizendo: « Recebei a Tiara, ornada de tres corôãs, e sabei que sois o pai dos principes e dos reis, o moderador do mundo, o vigario na terra de Nosso Senhor Jesus Christo, a quem seja honra e gloria nos seculos dos seculos. Assim seja (2).

Sancte Saba! O côro: Tu illum adjuva!

Sancta Agnes! O côro: Tu illum adjuva!

Sancta Caecilia! O côro: Tu illum adjuva!

Sancta Lucia! O côro: Tu illum adjuva!

(1) Accipe *Pallium*, signum plenitudinis pontificalis officii, ad honorem omnipotentis Dei et gloriosissimae Virginis Mariae ejus matris, et beatorum apostolorum Petri et Pauli, et sanctae Romanae Ecclesiae.

(2) Accipe *Tiaram* tribus coronis ornatam, et scias te esse patrem principum et regum, rectorem orbis, in terra vicarium Salvatoris nostri

O Padre Santo abençoa o povo, depois o diacono do sacro Collegio, em nome de todos os cardeaes, vai fazer-lhe o comprimento *Ad multos annos*, desejando-lhe longos annos de pontificado. Neste fausto momento, Roma está em alegria: a artilheria do castello do Santo Anjo, toda a infantaria e cavalleria formadas em batalha na praça de S. Pedro, dão uma descarga geral; à noite, illumina-se a cidade inteira.

Rei, o Summo Pontifice recebeu a corôa real na basilica vaticana; Bispo, resta-lhe tomar posse do seu bispado.

E' em S. João de Latran que tem lugar a augusta cerimonia do *possesso*. Esta egreja occupa a primeira ordem entre todas as egrejas catholicas; é a cathedral do mundo, porque é a cathedral de Roma: eis por que o bispo do mundo, o bispo de Roma alli se dirige depois da sua coroação. Afim de attrahir as bençãos do ceu sobre este solemne passo, manda o Padre Santo distribuir na vespera abundantes esmolas, faz instituiçoens pias, e dá ás artes preciosos fomentos. O sacro Collegio, os prelados, os chefes d'ordem, todas as auctoridades romanas se dirigem ao palacio habitado pelo Papa. A' hora indicada põe-se em marcha o brilhante cortejo e atravessa a cidade passando pelo Capitolio, onde um arco de triumpho espera o Pontifice-Rei. As chaves da fortaleza são-lhe apresentadas pelo senador, que tem na mão um sceptro de marfim. Transpõe-se o *Forum*, passa-se por baixo do arco de Tito e pelo Colisen; de forma que o successor de Pedro

Jesu Christi, cui est honor et gloria in saecula saeculorum, Amen.

o Galileu atravessa, como triumphador, todos aquelles logares celebres pela crueldade dos tyranos e pela carnificina dos martyres. Desde o arco de Tito até ao Coliseu mandam os Judeus tapetar o ô caminho e o adornam à direita e esquerda de rotulos em que se lêem sentenças em hebreu e latim, applicadas ao novo papa. O gran' rabbino, à testa de seus confrades, apresenta a S. Santidade uma biblia hebraica. O Santo Padre recebe-a e lhes diz: « E' em vão que esperais o Messias que este livro divino promette, pois ha mais de dezoito seculos que elle veio; não resistais por mais tempo á verdade.» E roga ao Senhor que tire a veu-da fatal que lhes rouba a luz.

Ao chegar debaixo do portico de S. João de Latran, é o Summo Pontifice cumprimentado pelo cardeal-arcipreste, em nome do capitulo. As chaves da basilica, uma d'ouro, e a outra de prata, são-lhe apresentadas n'uma salva de prata dourada cheia de flores. E' então que a musica canta estas palavras do prepheta: «Elle levantou do chão o indigente, a fim de o collocar entre os principes do seu povo.» Toda a basilica está tapetada de panos vermelhos franjados de ouro, com inscriçoens relativas á cerimonia. Depois da homenagem do sacro Collegio e do canto do *Te Deum*, recebe o Padre Santo assentado no seu throno do primeiro cardeal-diacono medalhas cunhadas com motivo da sua tomada de posse. Cada cardeal recebe duas na sua mitra, uma de ouro, outra de prata, e beija ao mesmo tempo a mão do Santo Padre. O cortejo torna-se a pôr em movimento e dirige-se á galeria do portico, d'onde o Summo Pontifice dà a benção solemne; depois lançam-se sobre toda a multidão numerosos punhados de

peças de prata, cunhadas de proposito com as armas do papa, dizendo estas palavras: *« Elle distribuïu e deu aos pobres; dispersit, dedit pauperibus.*

Taes são as principaes ceremonias que precedem, acompanham e seguem a eleição do vigario de Jesus Christo. E'-se feliz em visitar, no meio deste cortejo de graves recordaçoes, o palacio onde se realiza o grande acontecimento; mas se o Quirinal vos repete a gloria do papado, recordavos tambem as suas dôres. Podiamos nós esquecer, nós viajantes francezes, o que se passou n'este celebre palacio na noite de 5 para 6 de julho de 1809? O general Radet, enviado da Toscana para roubar o veneravel Pio VII, havia cercado o palacio. Umhas escadas, applicadas aos muros do jardim, e ao arco que une o Quirinal á rua visinha, haviam permittido aos satellites introduzirem-se na habitação do Pontifice: nenhuma resistencia se oppõe á sua sacrilega empreza. Radet, á testa dos seus esbirros, se acha as tres horas da madrugada no limiar do quarto occupado pelo Padre Santo. Alguns instantes depois, o vigario de Jesus Christo, acompanhado do seu fiel ministro, o veneravel cardeal Pacca, é encerrado n'um coche e conduzido a marchas forçadas até Florença. Sahiram pela porta do Povo. « Brevemente, diz o cardeal Pacca, o Santo Padre me perguntou se eu tinha trazido algum dinheiro. » — « Eu lhe disse: Vossa Santidade viu que eu fui preso no seu quarto, e não me foi permittido voltar ao meu. » Então tiramos as nossas bolsas; e apesar da afflicção e da dor em que estavamos mergulhados de nos vermos arrancados de Roma e separados do seu bom povo, não podêmos deixar de rir, quando

achamos na bolsa do papa um *papetto* (vinte baícos, uns vinte e dois soldos de França), e na minha tres *grossi* (quinze baícos, um pouco mais de dezeseis soldos). Não tinhamos nem provisoes, nem vestidos, nem roupa branca para mudar. O papa fez ver o *papetto* ao general Radet dizendo-lhe: «^o De todo o nosso principado, eis pois o que nos resta (1) ! » Fiel em conservar todos os monumentos da sua historia, deixou Roma subsistir os vestigios da violencia exercida no Quirinal contra o immortal Pontifice. As janellas quebradas por mãos francezas estão ainda alli para recordar o sacrilego attentado e o modo por que foi commettido. Quem de nós póde vel-assem abaixar os olhos?

Epcerra o Quirinal um sanctuario em que se não penetra sem ser acommettido de profundo respeito, que é a *Custodia*. Dá-se este nome às magnificas sallas onde Roma conserva as reliquias dos martyres. Todos os heroes do christianismo estão alli representados: é como o quartel-general da coragem e da gloria. Para alli são levados os corpos dos martyres que se extrahem das catacumbas (2); d'alli partem para todas as egrejas do mundo christão, as reliquias sagradas que vão testificar a fé primitiva e avivar a piedade dos povos envelhecidos: mas darei a este respeito novos pormenores fallando das catacumbas. Antes de deixarmos o Quirinal lançamos uma ultima olhadella para a praça que lhe serve de avenida. Esta praça é irregular, porem nobremente ter-

(1) *Memorias* do card. Pacca.

(2) Pelo menos em parte; depositam-se outros no Apollinario.

minada pelo palacio pontificio, pelas cocheiras e pelo palacio da *Consulta*. Outro ornamento da praça de *Monte Cavallo*, é o obelisco do tumulo d'Augusto. Similhante ao de Santa Maria Maior, alça-se do meio d'uma fonte entre as duas colossaes estatuas de Castor e Pollux tendo pelo freio seus cavallos. Do seu lado, eleva a fonte a grande altura suas aguas abundantes, que tornam a cahir graciosamente n'um soberbo tanque de granito oriental, encontrado no *Forum*, de frente da prisão Mamertina. O todo do monumento nada deixaria a desejar, se os semi-deuses não estivessem n'um estado de nudez que causa dó. Os derradeiros raios do sol, que doiravam a grande fachada do Quirinal, nos advertiam de que era tempo de pôr fim aos nossos estudos. Transpondo pois com rapidez a praça de *Trevi*, regressamos pela Propaganda á nossa pousada da rua dos *due Macelli*.

S de janeiro.

Fontes de Roma. — Aqueductos dos antigos Romanos. — Poder da cidade eterna.

Pela manhã cedo descemos ao *bairro da Columna*, novo objecto de nossas investigações; mas no caminho encontramos a fonte *Trevi*: é impossivel passar sem fazer alto. Roma, celebre por tantos monumentos, sobre tudo se distingue pelas suas fontes. Póde dizer-se que debaixo deste novo ponto de vista não tem rival. A fonte de *Moisés*, a fonte *Paulina*, as da praça *Navone*

é da praça de *Trevi*, excedem tudo quanto se pôde admirar neste genero, não só pela riqueza de seus ornatos, mas também pela abundancia de suas aguas. Nas outras partes, que é o que tendes? fiozinhos de agua ou mananciaes mais ou menos abundantes, que, escondendo nas entra-nhas da terra o caminho que percorrem, deposi-tam humildemente suas aguas silenciosas em re-servatorios de madeira ou de pedra. Aqui que differença! vêdes verdadeiros rios que veem de dez e quinze leguas sobre arcos de triumpho tra-zer o seu tributo ao povo-rei. As aguas cahem em cascata em vastos tanques de marmore ou granito, rodeados d'um povo d'estatuas; ou então escapam-se borbulhando das fendas dos rochedos dispostos com uma arte que eguala a natureza. Por esta magnificencia se conhece, ao menos em parte, a herança dos antigos senhores do mundo. Imprimia Roma pagan a todas as suas obras um sello de grandeza que a cada passo revela a po-derosa rainha da força. Haviamol-o admirado nos seus canaes, e foi mister começar de novo ao aspecto das fontes. Em pé, com os braços cru-zados, à borda do gracioso tanque de marmore branco da praça de *Trevi*, que a agua virginal enche de suas argenteas ondas, repassamos em nossa memoria este novo capitulo da magnificen-cia romana.

Até ao anno de 442, contentaram-se aos ro-manos com a agua do Tibre, dos poços e d'algu-mas fontes borbulhantes. Nesta epocha, o censor Appio Claudio, cognominado o Cego, emprehen-deu trazer a Roma um manancial sito a tres leguas de distancia, na via Prenestina. Teve a gloria de ser bem succedido e dar o seu nome ao pri-

meiro aqueducto que possuia a cidade (1). Alternativamente escondido nos flancos das montanhas ou suspenso nos ares sobre magnificas arcarias, vinha este rio desembocar ao pé da porta *Capena*, e corria até ao Campo de Marte (2). A vista desta maravilha, aliás tam util á salubridade da cidade e tam favoravel ao luxo sempre crescente dos Romanos, excitou uma nobre emulação. Os censores, os edis, os proprios pretores quizeram dotar a cidade de algum monumento semelhante.

O *Anio vetus* foi trazido a Roma pelos censores Curio Dentato e Lucio Papirio Cursor, no anno 481. Os soldados de Pyrrho, feitos prisioneiros, e as riquezas deste principe construíram este soberbo aqueducto. Começando muito alem de Tivoli, vinha reunir-se ao aqueducto de Claudio, ao pé da porta *Capena*. O seu comprimento total era de dezeseis leguas e meia; as cinco sextas partes dellas em canos subterraneos, e o resto em substrucçoens elevadas acima do solo.

A agua *Tepula*, que tinha a sua fonte a onze milhas de Roma, na via Latina, chegava n'um aqueducto construido pelos censores Caio Servilio Cepio e Lucio Cassio Longino, no anno de 628 (3).

A agua *Martia*, a mais fresca das aguas romanas, foi trazida pelo pretor Quinto Marcio (4).

[1] Per Appium Claudium censorem via facta et aqua inducta est, quae ipsius nomine nuncupatur. Cassiod., Frontino, de *Aquæduct.*, 5; Tit. Liv., IX, 29.

(2) Frontin., *id*; Nardini, p. 446.

(3) *Id.*, *id.*

(4) *Clarissima aquarum omnium in toto orbe*

Sahindo das montanhas da Sabina, atravessava o paiz dos Marsos e o lago Ficino, e chegava a Roma n'um aqueducto cuja extensão total era de vinte leguas e meia; a sobre terra, de tres leguas e um quarto, a metade dellas pouco, mais ou menos em arcadas gigantescas.

A agua *Julia*, trazida a Roma por Agrippa, sob o consulado d'Augusto, no anno de 721, tomava a sua origem nas montanhas de Tusculum, ao pé da via Latina, a doze milhas de Roma (1). Entrava na cidade do lado da *Porta Maior* e vinha regar o Quirinal.

A agua *Virgem*, a mais leve, e sadia de todas, foi ainda conduzida a Roma por Agrippa, no anno de 535. Deveu o seu nome a uma moça que a encontrou, na via de Prenesto, a seis leguas de Roma. O aqueducto tinha cinco leguas em canaes subterraneos, o resto em substrucçoens e arcadas (2). Entrava em Roma pelo lado da via *Nomentana*, costeava a base do monte Pincio, e desembocava acima dos jardins de Sallustio, não longe do sitio onde se acha hoje a *Trindade dos Montes*. Aqui a fonte virginal divide-se em dois braços; um que se estende para a rua chamada por isso *de' Condotti* e para a naumachia de Domiciano; o outro para a fonte de *Trevi* que alimenta. Numerosos canaes davam agua em abundancia ás planicies do Campo de Marte, assim como á septima e nona Região. Perdida

frigoris, salubritatisque palma praeconio urbis Martia est inter reliqua Deum munera urbi tributa. — Plin., lib. XXXI, c. 3.

(1) Plin., *id.*, *id.*; Frontin., *id.*

(2) Plin., lib. XXXI, c. 3; Frontin., 5.

em resultado das guerras, esta corrente, tam amada dos Romanos, foi restituda aos seus desejos pelos papas. Gregorio XIII a distribuiu por todos os bairros da cidade aonde o nivel permittio fazel-a chegar. Graças ao intelligente e generoso Pontifice, ella correu bem depressa a grandes ondas na praça do Povo, na praça Calonna, na praça da Rotunda e na praça Navona. As estatuas, os obeliscos, as bacias de bronze e de granito, as mais bellas obras da arte foram prodigalisadas para ornar estas soberbas fontes.

A agua *Alseatina* foi um presente do mesmo Augusto. Tomava a sua origem no lago do mesmo nome, sito a oito leguas de Roma, na via Claudia (1). Não servia senão para as naumachias e para o bairro Transteverino, nos casos de necessidade. Esta agua tinha o nome d'*Augusta* que partilhava com outra que o mesmo imperador juntou por um soberbo aqueducto á agua *Martia*. Era para supprir esta ultima nos tempos de secca (2). Os successores d'Octavio caminharam pelas pisadas deste principe e o excederam ainda em magnificencia e liberalidade para trazerem a Roma novas correntes. Em breve se contaram quatorze aqueductos pelos quaes podia viajar commodamente um homem a cavallo (3).

(1) Frontin., 5.

(2) Id., id.

(3) Romae aquaeductus decem et quatuor numero sunt cocto ex latere per priscos homines aedificati, et latitudine et simul profunditate, ut aequitans vir aliquis ipso cum equo per eos superne evadere liberius queat. — Procop. de Bell. Gothic., l. IV. — Victor conta 20.

O mais notavel de todos pela grandeza e ousadia de suas proporçoens era o aqueducto de Claudio, cujas prodigiosas ruinas atravessam a campina romana. Que digo, as ruinas? o proprio aqueducto subsiste; e hoje ainda conduz a Roma uma boa parte da agua que dá de beber e aformosêa a cidade. Começado por Caligula e acabado por Claudio, conduzia a agua de Subiaco, a quarenta milhas de Roma. A sua altura è tal que elle domina a sete collinas, e outr'ora, desembocando no cume do Aventino, deixava cahir as suas aguas em magnificas cascatas no valle do grande Circo (1). Plinio o Antigo nos espanta quando diz que semelhante obra não custou senão sete milhoens e meio; mas convem saber que a mão d'obra não era paga. Prisioneiros de guerra, infelizes escravos, dizei-nos quantos milhares fostes para acabardes este trabalho de gigantes!

O *Anio novus*, regato limpido que sahia das montanhas da Sabina, do lado de Subiaco, a quarenta e duas milhas de Roma, fazia a sca entrada na cidade pelo aqueducto de Claudio (2).

(1) *Vicit antecedentes aquarum ductus novissimum impendium operis inchoati a C. Caesare et peracti a Claudio: quippe a quadragesimo lapide ad eam excelsitatem ut in omnes urbis montes levarentur, influxere Cinctus et Coeruleus fontes.— Plin., XXXVI, 15. — Claudiam per tantam fastigii molem sic ad Aventini caput esse perductam; ut cum ibi ex alto lapsa ceciderit, cacumen illud excelsum, quasi imam vallem irrigare videatur.— Cassiod.*

(2) *Front. 5.*

O regato d'*Hercules* percorria pouco mais ou menos a mesma distancia e seguia o mesmo caminho. Depois de havermos contemplado com pasmo estas obras que o mundo inteiro já não seria capaz de executar (1), transportamo'-nos ao occidente da cidade, para a banda do Vaticano e do Janiculo. Alli nos esperavam novas provas não sò dessa força romana tam habil em luctar contra a natureza, senão tambem dessa vasta exploração do homem pelo homem sob o paganismo.

A soberba fonte Paulina, bastante forte para fazer gyrar moinhos ao cahir do aqueducto, revela a mão de Trajano. Foi pelo anno de 112 da nossa era que depois de gloriosas luctas contra as resistencias da natureza, o vencedor de Decebalo fez correr as abundantes fontes d'Oríolo e Bassano (2) acima do Vaticano: a distancia percorrida é enorme. Ao Papa Paulo V, digno emulo dos Cesares por sua magnificencia, se deve a restauração do aqueducto e a nova distribuição da agua trajana, tam util ao *Borgo* e até a Roma. Pelos cuidados do mesmo Pontifice, atravessa hoje o aqueducto o Tibre e vem alimentar grande numero de fontes no interior da cidade: a mais notavel é a da praça Farnese. Foi um principe da Egreja, o cardeal Odoardo Farnese, que mandou construir esta soberba fonte, á qual deu como recipiente o vasto tanque de granito numidico, achado nas thermas de Caracalla. Paulo V tirou outro partido da agua trajana. Debaixo da sua

(1) Ad quae opera patranda nunc totus orbis infirmus videatur. — Lander Albertus, *Descript. Ital.*

(2) Forum Claudii et Bassi.

intelligente direcção veio ella regar os jardins do Vaticano, e elevar-se em repuchos immensos na praça de S. Pedro, nas duas magnificas fontes que toda a gente admira. A do septentrião foi construida pelas suas ordens, segundo os desenhos do cavalleiro Maderna. Veio a ser o modelo da segunda que está ao meio-dia e cuja gloria pertence a Clemente X. O previdente Pontifice mandou-a elevar para commodidade dos peregrinos que iam affluir a Roma durante o anno santo de 1675. Finalmente sob Alexandre VII, serviu a agua trahida de motor á prensa da casa da moeda: novo uso que a seguinte inscripção gravada sobre a porta do edificio recorda:

ALEXANDER VII PONT. MAX.
MONETARIAM OFFICINAM
IN QUA NOVO ARTIFICIO
PRÆCIPITIS AQUÆ IMPULSU VERSATIS ROTIS
MAGNO TEMPORIS OPERÆQUE COMPENDIO
NUMMI AFFABRE CELBRITERQUE SIGNENTUR
PUBLICÆ UTILITATI CONSTRUXIT
ANNO SAL. MDCLXXV.

Haviamos estudado uma das maiores maravilhas da cidade dos Cesares e da cidade dos Pontifices. Calculando a extensão total dos aqueductos que vinham refrescar Roma, alormosear os seus edificios e vivificar as suas praças e os seus amphitheatros, acha-se uma distancia de cerca de trinta leguas! Outros calculos estabelecem que todas as aguas reunidas formavam um rio da força do Sena. (1). Que dizer da solidez dos

(1) Rondolet fez este calculo segundo *Frontino*: a massa d'agua trazida pelos aqueductos era

aqueductos e das difficuldades vencidas para os construir? Durante seculos estes leitos artificiaes levaram massas de um péso enorme; resistiram ás intemperies do ar, aos estragos do tempo, aos golpes dos Barbaros, ao aluimento do solo e a todos os accidentes que ameaçam construcções desta especie. Aindã hoje os seus grandiosos restos não parecem affrontar as edades e sobreviver à mesma Roma senão para perpetuarem a gloria da cidade eterna, levando até ás ultimas gerações o grave testemunho do seu incomparavel poder. A construcção dos aqueductos não attesta nem menos genio, nem menos poder. Montanhas perforadas, valles entulhados, as entranhas da terra escavadas muitas vezes a trinta pés de profundidade, canaes suspensos nos ares, levando sobre longas fileiras d'arcadas um rio, ás vezes dois ou tres, um por cima do outro, a uma altura prodigiosa: ao pé destas gigantescas obras que são os nossos tunneis e os nossos canaesinhos?

Todavia, não é isso mais que uma parte das maravilhas que apresentam as aguas romanas. Quando em pé sobre essas ruínas, junto dessas fontes salvas pela mão dos Pontifices, se penetra mais ávaute no systema interior dos aqueductos, redobra a admiração. Chegados às portas da cidade, cahiam estes rios uns em vastas piscinas onde depositavam o seu limo, outros em mães-d'agua (*castella et dividicula*) d'onde se dividiam para tomarem differentes direcções. Nos *divi-*

equivalente a um rio da largura de 30 pés, da profundidade de 6, e cuja ligeireza fosse de 30 pollegadas por segundo.

dicula estavam largos vasos de bronze, em forma de funis; fixados sobre vastos tubos de chumbo, recebiam a quantidade de água destinada a cada região, a cada naumachia, etc.

Uns poços estabelecidos de distancia em distancia davam água ás casas, aos jardins, aos euripos, ás pias, às villas dos arrabaldes (1). Estas mães-d'água eram em numero de mais de duzentas. Imaginem-se pois estes duzentos *castella*, ornados das estatuas das divindades protectoras das aguas; os innumeraveis tubos de chumbo que corriam por baixo das ruas e formavam como as veias e arterias deste corpo gigantesco; as pias e as fontes borbulhantes em numero de muitas mil; todos estes rios que corriam suspensos atravez da imensa cidade, e não se terá difficuldade em exclamar com Plinio, que nenhuma coisa no universo era mais digna da admiração dos homens (2).

Tal é, com effeito, o primeiro sentimento que se experimenta á recordação de tanto poder e genio. Ha segundo de que é impossivel a gente defender-se quando se pensa nas provincias de-

(1) *Flumina per orbem et cloacas videri fluere, atque domum prope modum habere fistulas et canales quibus aquam inducat.* — Strab.

(2) *Si quis diligentius æstimaverit, aquarum abundantiam in publico, in balneis, piscinis, domibus, euripis, hortis, suburbanis villis, spatioque advenientium extractos arcus, montes perfossos, convalles æquatas, patebitur nihil magis mirandum fuisse toto orbe terrarum.* — Plin., lib. XXXVI, 15. — *Magnitudinis Romani imperii id præcipuum esse inditium.* — Front., 5.

soladas, nos escravos encadeados cujas mãos e riquezas edificaram estes sumptuosos aqueductos que deveram ter levado rios de lagrimas antes de conduzirem as aguas necessarias à molleza dos senhores do mundo. A fonte de *Trevi* nos tinha aberto um tam grande horizonte que nos foi mister renunciar a ultrapassal-o n'aquelle dia. Todavia a vista dos aqueductos e das fontes não pôde fazer-nos esquecer os nossos amigos de França : antes de nos recolhermos, fomos pedir as vossas cartas. Mas apenas tocavamos nas galerias da casa do correio, quando um fatal cartaz veio ferir-nos os olhos da maneira mais desagradavel possível. *I corrieri di Toscana e di Bologna non sono giunti*; o que quer dizer : Senhores Francezes, hoje não tereis cartas.



6 de janeiro.

Columna Antonina. — A Legião Fulminante. — Baixo-relevo. — Edicto de Marco-Aurelio. — Restauração da columna por Sixto V. — Monte-Citorio. — A Fonte. — O Gnomon. — O Campo de Marte. — Os septa e a Villa publica. — Os Jardins, as Thermas e o lago d'Agripa.

Antes das nove horas entravamos nós no bairro da *Columna*. Deve o seu nome à columna Antonina que se ergue na praça principal. Situado para o centro da cidade, occupa parte das antigas regioens da *Alta Semita* e da *Via Lata*. A praça da *Columna* é uma das mais regulares de Roma. Dois monumentos a aformoseam: uma soberba fonte e a columna d'Antonino. Esta columna, tam famosa na his-

loria, foi erguida pelo senado ao imperador Marco Aurelio Antonino, pelas victorias que tinha ganho aos Marcomanos, Quados, e outros povos da Allemanha. E' de marmore branco e apresenta onze pés e meio de diametro por cento e quarenta e oito e meio d'altura.

Os baixos-relevos que a rodeiam da base ao topo representam as façanhas do imperador. Que felicidade para nós o vemos alli esculpido por mãos pagans um facto cótemporaneo, tam glorioso para o Christianismo nascente! quero fallar do milagre da legião fulminante. Era no anno de 176, e o imperador estava no coração da Allemanha com o seu exercito. Enganados pelos Quados, entranham-se os Romanos n'um profundo valle, cingido de todos os lados por altas montanhas. Os Barbaros apparecem de repente no cume das alturas: o exercito romano não pôde nem avançar nem recuar, e vae soffrer pela segunda vez a humilhação das Forças Caudinas. A desmoralisação se introduz nas fileiras; as forças phisicas faltam às legioens: uma sêde espantosa atormenta os Romanos privados d'agua havia cinco dias. Nesta extremidade, o commandante das cohortes pretorianas vem ter com Marco-Aurelio: « Cesar, lhe diz, a legião mehitina, que faz parte do corpo de exercito, compõe-se de christãos, aos quaes nada é impossivel. — Fazei-a pôr-se em oração, responde-lhe o imperador. » Animados da fé victoriosa do centurião do Evangelho, todos aquelles velhos soldados, vindos do Oriente, cahem de joelhos e supplicam ao verdadeiro Deus que glorifique o seu nome. Apenas é acabada a sua oração quando se cobre o ceu de espessas nuvens; o raio estalla com um estampido espantoso, repetido mil

vezes pelo ecco das montanhas. Acompanhada de uma saraiva horrivel, cahe, torna a cahir ainda sobre os Barbaros que abraza, espantá e põe em desordem; em tanto que uma benefica chuva refresca os Romanos. « De tal forma, diz um auctor pagão, que se via ao mesmo tempo e no mesmo lugar, o fogo e a agua descerem do ceu, uns refrescados e os outros abrazados; porque o fogo não alcançava os Romanos e a agua abrazava os Barbaros como azeite inflammado.

« Inundados como estavam, pediam agua em altos gritos, e se faziam largas feridas para apagar o incendio que os devorava. Em sua desesperação lançaram-se nó meio dos Romanos, onde somente era a agua refrigerante; o imperador teve piedade delles. Em memoria deste facto, acclamou o exercito a Marco Aurelio imperador pela septima vez; e o principe quiz que a legião melitina se chamasse d'ahi em diante a *Legião Fulminante*. Não se contentou com isso; havendo dado parte ao senado do milagroso acontecimento, publicou um edicto para fazer cessar a perseguição contra os christãos (1). »

Este edicto, que ainda possuímos, começa por esta formula que dà idéa da pomposa emphase desenvolvida em suas letras officiaes pelos senhores do mundo: « O imperador, Cesar, Marco Aurelio Antonino Augusto, parthico, germanico, sarmatico, summo pontifice, tribuno vinte e oito vezes, imperador sete vezes, consul tres vezes, pai da patria, proconsul, ao senado e povo ro-

(1) Dion., *in Marc. Aurel.*; Xiphil., *id.*

mano (1). Depois da morte de Marco Aurelio, quando o senado lhe decretou as honras divinas, erigiram á sua memoria a soberba columna que nos occupa neste momento. Ou seja porque o senado não quizesse render homenagem ao Deus dos christãos pelo livramento do exercito, ou seja porque não quizesse contradizer a opinião do povo que o attribuia a Jupiter pluvioso, fizeram gravar o successo na columna; mas figuraram Jupiter dando a chuva aos Romanos e arremecendo o raio sobre os Barbaros. Bello tropheu do erro, em verdade! O senado complacente já não existe, o povo cego já não existe; a columna resta, o baixo-relevo resta tambem com o edicto de Marco Aurelio que rende homenagem à verdade.

Procuramos com diligencia este importante baixo-relevo. Na parte superior vê-se Jupiter pluvioso; o deus está em meia estatura, com barba de Neptuno, os braços estendidos, com duas azas despregadas: á direita e esquerda, o raio sulca o espaço. Os dois exercitos estão por baixo, um em desordem, o outro caminhando com a arma em punho. E crêdes que o viajante christão não é feliz em achar as provas da sua fé gravadas pelos mesmos perseguidores n'um monumento de semelhante data e de semelhante importancia! Honra ao genio de Sixto V a quem nada grande è estranho! Foi este papa de immortal memoria que fez levantar de novo a columna d'Antonino.

(1) IMP. CÆSAR. M. AVRELIVS. ANTONINVS.
AVGVSTVS. PARTHICVS. GERMANICVS. SARMATICVS.
PONTIFEX. MAXIMVS. TRIBVNITIE. POTESTATIS. XXVIII.
IMP. VII. COS. III. PATER PATRIÆ. PROCOS. S. P.
Q. R. S. D.

A estatua de Marco Aurelio que a coroava, bem como as taboas de marmore em que estavam gravadas as inscripções antigas, desappareceram. No seu lugar brilha a estatua de bronze doirado do apostolo S. Paulo, ess'outro vencedor dos Barbaros. Uma inscripção christan, gravada por ordem do Pontifice, annuncia a restauração da soberba columna.

SIXTVS. V. PONT. MAX.

COLVMNAM HANC

AB OMNI IMPIETATE

EXPVRGATAM

S. PAVLO APOSTOLO

ÆNEA EJVS STATVA

INAVRATA IN SVMMO

VERTICE POSITA D. D.

A. M. D. LXXXIX. PONT. IV.

è Sixto V, Summo Pontifice, dedicou esta columna, purificada de toda impiedade, ao apostolo S. Paulo cuja estatua de bronze doirado mandou collocar no topo, no anno de 1589, do seu pontificado quarto. »

Glorioso e altivo de sua purificação, canta o monumento a sua gratidão e o seu novo destino :

TRIVMPHALIS

ET SACRA NVNC SVM

CHRISTI VERE PIVM

DISCIPVLVM FERENS

QVI PER CRVCIS

PRÆDICATIONEM

DE ROMANIS

BARBARISQ.

TRIVMPHAVIT.

« Sou agora triumphal e sagrada, sustendo

o discípulo verdadeiramente pio de Christo, que pela prégação da cruz triumphou dos Romanos e dos Barbaros. » Dest'arte, a immortal columna salva pelo Christianismo proclama dois triumphos: o de Marco Aurelio sobre os Barbaros do Norte e o de Paulo, pela cruz, sobre os Romanos e sobre os Barbaros do mundo inteiro. Saudamol-a com transporte e deixando à esquerda a casa do correio, monumento de Gregorio XVI, achamo'-nos em alguns instantes na praça de *Monte-Citorio*.

Este pequeno oiteirinho parece formado das ruínas do amphitheatro' de Statilio Tauro. O opulento Romano o construiu sob o quarto consulado de Cesar e fez a dedicação delle com o sangue dos gladiadores. Queimado no grande incendio de Nero, ficou este edificio supulto debarxo de suas proprias ruínas (1). Alli se eleva hoje a *Curia Innocentiana*. Este sóberbo palacio, onde se administra a justiça e onde se tira a loteria, deve o seu nome ao papa Innocencio XII que o comprou á familia Ludovisi. Depois de o haver augmentado e aformoseado, destinou-o o Summo Pontifice aos tribunaes e assignou a renda delle ao hospicio de S. Miguel.

A generosidade do Pontifice é recordada na inscripção gravada na magestosa fonte que corre, diante da grande fachada:

INNOC. XII. P. O. M.
HAC IN ÆDE PLVRA COMPLEXO
ORNAMENTVM VRBIS
TRIBVNALIA IN VNVM COLLECTA

(1) Dio, *lib. 51 et 43—63*; Piranesi, *Iconographia*, etc. Nardin., p. 317.

CENSVM HOSPITIIS PAUPERVM
DE MAGNIFICENTIA
JUSTITIA ET MISERICORDIA
OPTIME MERITO.

A grande bacia que recebe a agua da fonte foi achada nas ruinas do Foro de Trajano: é de granito oriental e tem dezeseis pés de diametro. A praça que está diante do palacio apresenta dois outros ornamentos dignos da attenção dos archeologos. O primeiro é o pedestal da columna Antonina. Descoberto sob Clemente XI, foi tirado do meio das ruinas e collocado onde hoje está por Benedicto XIV. N'elle se vê em baixo-relevo a apothese d'Antonino, com os symbolos e os ritos forçados; todas estas esculpturas são do melhor gosto e explicam-se pela inscripção que as acompaña:

DIVO. ANTONINO, AVG. PIO.
ANTONINVS. AVGVSTVS.
E VERVS. AVGVSTVS. FILII:

O segundo ornamento é o obelisco egypcio. A opinião mais acreditada entre os sabios vê neste monolithe o celebre *gnomon*, ou agulha do relógio solar do Campo de Marte. Este famoso relógio occupava o lado do Campo de Marte onde hoje se acha a igreja de S. Lourenço *in Lucina*. Restaurado e erigido por Benedicto XIV na praça de *Monte-Citorio*, o obelisco excita tres sentimentos na alma do viajante: a compaixão pelas *pisaduras* e fracturas numerosas que elle soffrêra durante a sua longa sepultura; o reconhecimento pela paciencia e pelo genio empregados em collocar-o novamente sobre a sua base; em fim pro-

funda piedade pelo mundo escravo de Roma, forçado a vir ao seio da Cidade eterna attestar, com seus mais preciosos monumentos, a sua sefvidão e vergonha. A inscripção antiga faz nascer este ultimo sentimento :

IMP. CÆSAR. DIVI. F. AVGVSTVS.
PONTIFEX MAXIMVS. IMP.
XII. COS. XI. TRIB. POT.
XIV. ÆGYPTO. IN. POTESTATEM
POPVLL
ROMANI REDACT.
SOLI. DONVM. DEDIT.

« O imperador Cesar, filho do divino Cesar, Augusto, summo pontifice, imperador doze vezes, consul onze vezes, tribuno quatorze vezes, havendo submettido o Egypto ao poder do povo romano, offereceu esta homenagem ao sol. »

Haviamos posto o pé no *Campo de Marte*, tantas vezes nomeado na historia romana. Aqui que colheita de recordaçoes ! Consagrado ao deus Marte depois da expulsão dos reis, comprehendia este famoso campo o espaço encerrado entre o Tibre e o Capitolio d'um lado, o Quirinal e o *Pincius* do outro. Parte delle era reservado para a corrida dos cavallos e para os exercicios da juventude romana : o resto cobriu-se pouco a pouco de monumentos celebres. Algumas ruinas e o sitio que elles occuparam, eis ahi o que resta da maior parte. Visitamos em todos os sentidos esta vasta planicie onde está assentada a sexta parte de Roma moderna, parando em cada situação, diante de cada resto dos antigos edificios. Não longe do Monte-Citorio brilhavam os *Septa Julia*. Eram

magníficos porticos de marmore , de quatro mil e quinhentos e trinta e tres pés de comprimento , sustentados por centenaes de columnas , e que serviam às assembleas do povo para a eleição dos seus grandes magistrados (1). Caminhando, encontra-se o logar da *Villa Publica*, grande e sumptuoso edificio de dois andares , de porticos , brilhante d'ouro e azul , adornado de pinturas , de madeiras preciosas e de raros marmores. Destinada a alojar os embaixadores das naçoens inimigas (2) , tornou-se esta villa tristemente famosa durante as guerras civis: Sylla mandou alli degollar quatro legioens fieis a Mario e que se haviam rendido debaixo da promessa de lhes ser salva a vida (3). Inevitavel destino do viajante em Roma ! por todas as partes deve resignar-se a poisar o pé no sangue e nas ruinas.

Para o centro da planicie estava o bairro designado pelo nome de *Campo d'Agrippa*. Ministro e genro d'Augusto , havia o opulento Romano aformoseado estes logares com muitos monumentos dignos da sua magnificencia. Alli, eram os seus jardins , o seu lago , as suas thermas e finalmente o immortal Pantheon. Tudo o que o luxo oriental , ajudado da riqueza romana, podera inventar mais raro , mais lisongeiro para os sentidos , se achava reunido nos jardins e nas thermas : o lago fez-se famoso pelas loucuras de Nero.

Este principe , a quem o orgulho e a voluptuosidade parecem ter perturbado a razão , gos-

(1) Plin. , lib. XVI . 10.

(2) Tit. Liv , *Decad.* , IV , c. 3.

(3) Valer. Max. , lib. IX , c. 2.

tava de comer as suas ceias sobre a agua. Uma mesa sumptuosa coberta de baixella d'ouiro e das mais excentricas iguarias, reunia o filho d'Agripina e todos quantos devassos havia em Roma. Ao ruido das symphonias e ao clarão dos archotes se via a galera que levava os convivas e a ceia imperial, rébocada por outras galeras resplandecentes d'ouiro e marfim, passear lentamente até ao meio da noite neste lago guarnecido d'arvores verdes (1).

Finalmente, chegamos a diante do Pantheon, hoje a *Rotunda*. Já não é uma recordação que temos a evocar, já não é uma ruina que interrogar e reconstruir: estamos em frente d'um monumento inteiro, o mais bem conservado sem contradicção da antiga Roma. Era demasiado tarde para o estudarmos á nossa vontade; differimos a partida para o dia seguinte.



10 de janeiro.

O Pantheon, sua historia. — Riquezas. — Purificação. — Milagre. — A Minerva. — Tumulo do B. Angelico de Fiesola. — Quarto de Santa Catherina de Sienna. — Praça Navone. — Fontes. — Mercado. — Jogos. — Santa Ignez.

Tempo incerto, porem novo ardor para o estudo: antes das onze horas estavamos nós no Pantheon. Todos sabem que este soberbo templo

(1) Tacit., *Annal.* XV; Suet. in *Ner.*, c. XXVII.

foi edificado pelo genro d'Augusto, durante o seu terceiro consulado, isto é no anno de Roma 527, vinte e seis annos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo. A inscripção gravada no friso determina esta epocha:

M. AGRIPPA. L. F. COS. TERTIVM. FECIT.

O Pantheon divide-se em duas partes: a Rotunda propriamente dita e o Portico. A primeira foi elevada por Agrippa para servir de *Calidarium* ás suas thermas, e, quando mais tarde quiz fazer della um templo, lhe ajuntou o Portico. Augusto devia ser, no pensamento d'Agrippa, o deus tutelar da Rotunda; mas o principe recusou esta honra e permittiu sómente que fosse posta a sua estatua debaixo do peristylo. Estava ella n'um nicho à direita da porta da entrada, e a de Agrippa occupava um nicho igual à esquerda. O templo foi dedicado a *Jupiter vingador*, *Jovi ultori*; mas em breve veio o Olympo inteiro tomar logar no novo sanctuario que foi chamado *Pantheon*, ou porque allí se adoravam todos os deuses juntos, ou, como pretende Dion Cassio, porque tinha a forma do ceu (1). O que não é duvidoso, é que nenhum outro templo egualava a grandeza e a riqueza deste soberbo edificio. Em logar de descer como hoje, subiam-se cinco degraus para entrar n'elle. Sob o peristylo abria-se a porta cujas duas metades, de bronze doirado, se conservavam abertas a toda a gente. Como as do templo, eram as paredes do peristylo cobertas dos marmores mais preciosos, ornadas de

(1) Lib. LIII.

baixos-relevos, e o solo lageado de planisphérios de marmore e porphyro de mais de sete pés de diametro. O Portico tem cento e tres pés de comprido por sessenta e um de largo. E' formado de dezeseis columnas todas d'um só pedaco de granito oriental. Teem quatorze pés de circumferencia e trinta e oito d'altura sem comprehender as bases e os capiteis. Estes ultimos, de marmore branco, passam pelos mais bellos que a antiguidade nos legára. O cume inteiro do peristylo compunha-se de traves e de vigas oucas, de bronze. Por baixo, eram cobertas de grandes pranchas do mesmo metal, curvadas em abobada e adornadas de quantidade de ornatos de prata em fundo d'ouro; por cima, eram cobertas de telhas de bronze doirado; uma esculptura do mais poderoso effeito, cujas figuras encaixadas eram de bronze, enchia o tympano do frontão.

Esta rica preza escapara aos Barbaros; mas o imperador Constante II, tendo vindo a Roma em 663, mandou tirar a preciosa cobertura com parte do vigamento igualmente de bronze doirado: a sua intenção era ornar com elles Constantinopla. Infelizmente a frota carregada destes despojos foi saqueada pelos Sarracenos, e os ornatos do Pantheon foram perecer a Alexandria (1). Mais nobre foi o pensamento d'Urbano VIII. A fim de utilizar para gloria do verdadeiro Deus o que restava do bronze outr'ora consagrado aos idolos, este Pontifice o mandou lançar na maravilhosa fôrma d'onde sahiam as columnas torcidas do docel de S. Pedro. O mesmo papa construiu ainda

(1) *Fabriz. Descriz. di Roma*, c. 2.

as duas torres que coroam hoje o peristyllo. Alguns auctores crêem que a grande porta de bronze é a mesma que foi posta por Agrippa; mas isto não é mais que uma opinião. Como quer que seja, ter-se-ha uma idéa de bronze empregado no Pantheon, quando se souber que só os prégos pesavam nove mil e trescentas e setenta e quatro libras, e que a totalidade deste precioso metal se elevava a quatrocentas e cincoenta mil duzentas e trinta libras. Vê-se aqui como em todas as partes que os Romanos talhavam à larga.

Depois de termos estudado o Portico, entramos no mesmo templo. E' circular e apresenta um diametro de cento e trinta e dois pés: a altura do edificio desde a base até ao topo é igual ao diâmetro, e a espessura da parede é de dezenove pés.

A cupula de S. Pedro não tem senão dois pés de diametro menos que a do Pantheon; mas está a trescentos pés acima do solo. D'onde este dicto dos Romanos: *Miguel Angelo edificou nos ares o que Agrippa construiu na terra.* A Rotunda apresentava no interior seis grandes nichos, abertos na espessura da parede, tres circulares e tres fiogindo a forma de um parallelogramme. Cada nicho formava um edicolo ou templosinho que continha a estatua de bronze, de prata, d'ouro ou de mármim, d'um deus ou d'uma deusa. Júpiter occupava o nicho do meio, que, maior do que os outros, podia comparar-se a um hemicyclo. Numerosas estatuas ornavam todas as paredes do templo. A mais rica, se não a mais notavel, era a de Venus, a qual se via suspensa a metade da grande perola que figurou na ceia

de Cleopatra: esta joia era avaliada em mais d'um milhão e quinhentos mil francos (1).

Duas columnas de marmore amarello, caneladas, de mais de vinte e sete pés d'altura e ornadas de capiteis de bronze de Syracusa, de admiravel lavor, separavam cada ediculo da parte circular do templo. Todas juntas sustentavam uma cimalha de marmore branco que corria em volta do edificio e á qual realçava um friso de porphyro. Um attico de marmore, aberto por quatorze janellas entre as quaes estavam as cariatides de bronze, coroava esta cimalha. Ella propria sustentava a abobada, no centro da qual havia uma abertura de vinte e sete pés de diametro por onde se via o ceu. Este olho da abobada era guardado d'um circulo de bronze doirado, e d'uma armação que tinha uns ganchos a que se atava um toldo de purpura para interceptar os raios do sol. Mais de cento e cincoenta florcoens de bronze doirado brilhavam na cupula e decoravam cinco ordens de caixoens doirados, cujos maiores tinham perto de doze pés de diametro.

O que era ha dezoito seculos, é-o a Rotunda ainda hoje; só o ornamento e o destino mudaram: o mesmo peristyllo, a mesma forma, as mesmas paredes, a mesma cupula; o olho da abobada ficou o que era e a vista christian ergue-se ao ceu pelo mesmo caminho que seguiu a vista pagan. Mas que differença no pensamento, na oração e na esperanza! Nechum toldo fecha a abertura; e o sol brilha e a chuva cahe livremente na Rotunda: ouve-se n'ella algumas vezes missa de guarda-chuva. Igreja san-

(1) Owerbeke, del. Panteon.

ta, fiel guarda do passado, fizestes bem em deixar as coisas n'este estado: se a cupula aberta apresenta um sello pagão, o sentido é christão, christianissimo; e este sentido pertence-vos. Entretanto a agua vasa-se por uma abertura gradeada, feita no ponto central do pavimento para a qual se inclina suavemente todo o chão do edificio.

Em frente da porta da entrada, no mesmo sitio occupado pelo ediculo de Jupiter, se ergue o altar-mor. Os outros sete ediculos tornaram-se em capellas secundarias. Na terceira, á esquerda entrando, está a bella estatua da Santa Virgem chamada a *Madonna del Sasso*, cuja base forma o tumulo de Raphael. Descoberto em 1833, a 14 de séptembro, foi o corpo do grande pintor tornado a collocar no mesmo sitio, na tarde de 18 d'outubro, com toda a pompa e todas as cerimónias necessarias. Para entrar no Pantheon seria mister, como diante da çarça ardente Moisés, tirar o calçado. N'este mesmo logar profanado por todas as divindades pagans, repoisam hoje as reliquias de innumeraveis martyres: todas as partes do Pantheon estão cheias destas ossadas sagradas. No anno do Senhor de 608, o papa Bonifacio IV, querendo purificar este templo, desceu às catacumbas e tirou da sua morada subterranea uma legião de heroes christãos: vinte e oito coches, magnificamente ornados, transportaram, no meio das acclamaçoens de Roma inteira, os novos triumphadores ao sanctuario do paganismo vencido. O Pantheon, dedicado á Rainha dos anjos e dos homens, tomou o nome de *Santa Maria dos Martyres*. Dois seculos depois, em 830, Gregorio IV o consagrou em honra de todos os

santos. Por ordem do Pontífice, o dia desta consagração tornou-se uma festa de preceito, que a Igreja catholica celebra ainda todos os annos no primeiro de novembro.

Na Rotunda acha-se o viajante no meio de milagres. Primeiramente o Pantheon transformado em templo de Maria lhe attesta a inexplicavel victoria do Christianismo sobre a idolatria; depois as abobadas do templo lhe repetem o triumpho de Maria sobre o Judaismo obstinado. Como o Deus d'Israel havia consagrado o templo de Salomão com a appareção da sua gloria; quiz a augusta Virgem tomar posse da sua nova morada com um brilhante prodigio.

O enthusiasmo dos christãos, ao vêrem sua mãe Maria assentada no Pantheon, provocou as zombarias e blasphemias dos judeus habitantes de Roma. Chegaram estas aos ouvidos d'um nobre Romano, cego de nascença; mas muito instruido das verdades da fé. Breve se apresenta occasião de confundir os obstinados filhos d'Israel; acalora-se a disputa, e n'um movimento d'inspiração clama o cego: Pois que as razoens mais claras não vos podem convencer, render-vos-heis á verdade se eu recobrar a vista pela intercessão de Maria antes que haja passado a festa da Purificação? A proposta é acceta com um sorriso d'incrédulidade que dizia: A nossa promessa não nos obriga a nada, a condição não será cumprida. Entretanto diffunde-se pela cidade a voz do ajuste. No dia da festa, aperta-se no Pantheon immenso concurso de christãos e judeus; a expectação do que deve succeder tem suspensa a multidão. Chegado com grande custo ao recinto sagrado, entoa o cego a *Antiphona* que elle proprio

compoz em honra de Maria : *Salve , virgem Maria , sois vós só que tendes vencido todas as heresias no universo* [1]. Ainda canta e já seus olhos estão abertos á luz : mil testemunhas, amigos e inimigos , certificam o milagre. O pasmo e a alegria apoderam-se da assemblea ; quinhentos judeus se rendem á evidencia ; o proprio papa os baptiza pela sua mão e inaugura dest'arte o novo sanctuario da Mãe das misericordias. Em memoria do facto , poz a Igreja na sua liturgia o canto do piedoso cégo que ainda repete em nossos dias [2].

Nós o repetimos com ella e deixamos o Pantheon para nos dirigirmos a *La Minerva*. Na praça deste nome , sita no centro de Roma , se acha o celebre convento dos Dominicos com sua bella bibliotheca e sua grande igreja , edificada sobre as ruinas d'um templo dedicado a Minerva. Um tumulo illustre chama a este logar o artista e o christão ; aqui repouisa o bemaventurado Angelico de Fiesola. As duas aureolas da santidade e do genio rodeam a immortal fronte do filho de S. Domingos. Pintor verdadeiramente catholico , o bemaventurado Angelico morreu em 1455. Atraz do altar da sacristia está um pequeno oratorio d'onde se exhala' não sei que perfume de innocencia e charidade ; é a camara de Santa Catharina de Sienna. Feliz habitante da cidade eterna , que tendes tantos logares onde a devoção parece nascer de tudo o que vos cerca !

No meio da praça ergue-se o obelisco egypcio

[1] *Gaude , virgo Maria , cunctas haereses sola interemisti in universo mundo.*

[2] *Baron. , an. 830.*

consagrado outi'ora a Neith, que era a Minerva dos Gregos e Romanos. Este monolithe foi achado em 1665, nos jardins do convento, ao pé d'um templo d'Isis. Dois annos depois, Alexandre VII o mandou erigir no lugar que ainda hoje occupa: a inscripção allude ao elefante que lhe serve de pedestal:

Sapientis Ægypti insculptas obelisco figuras,
Ab elephanto belluarum fortissima gestari
Quisquis hic vides, documentum intellige
Robustae mentis esse solidam sapientiam sustinere.

Deixando a região *della Pigna*, entramos no *Parione*. No centro deste novo bairro está a praça Navone; succede ao circo d'Alexandre Severo, cuja forma ellyptica conserva. Tres bellas fontes lhe servem d'ornamentos: a do meio passa pela obra-prima do Bernino. O todo representa os quatro grandes rios das quatro partes do mundo: o Danubio, o Ganges, o Nilo e o Plata. Estas colossaes estatuas estão assentadas nos quatro cantos d'um rochedo bruto, cujo topo é coroado por um obelisco. O rochedo, furado dos quatro lados; lança quatro arroios e apresenta uma vista de caverna. Do meio sahem um leão e um cavallo que veem saciar-se. O obelisco, a que o rochedo serve de pedestal, é um monolithe egypcio achado no circo de Romulo.

Todas as quartas-feiras, apresenta a praça Navone o aspecto mais variado e pitoresco. Cobre-se de pequenas tendas ao ar livre, nas quaes se offerece aos curiosos toda a especie de objectos de quincalharía, de coisas em segunda mão e sobre tudo de antiguidades muitissimas vezes

modernas. É a um Francez, o cardeal de Rohan, embaixador em Roma, que se deve este curioso mercado. A mesma praça serve tambem para o divertimento do povo romano. Todos os sabba-dos do mez d'agosto, pela tarde, fecham-se os escoadoiros, de modo que no dia seguinte a praça está um lago. Os bellos trens vão alli passear, os cavallos teem agua até aos peitos, o povo cir-cula em volta da praça por galerias improvisadas, em tanto que muitos corpos de musica executam alegres symphonias. Roma não é de modo algum inimiga dos prazeres innocentes; até creio que não ha cidade alguma no mundo onde os diverti-mentos deste genero sejam mais communs e ac-cessiveis à multidão. Esta observação, que se tornará a apresentar mais tarde, parece-me muito significativa.

Quando haveis admirado os primores-d'arte modernos e repassado em vosso espirito as re-cordaçoens pagans do circo de Severo, o Chris-tianismo vos apparece e vos mostra aqui o thea-tro d'um de seus triumphos mais brilhantes. Que magnifica egreja é esta que se ergue em frente da grande fonte, na parte lateral da praça? A primeira criança responderá: É a egreja de Santa Ignez, a querida dos Romanos. Sim, n'este mesmo logar onde reina a moça virgem a quem immortaliza uma dupla victoria, era, sob o pa-ganismo, o *lupanar* do circo. Ora, um dia, o filho do prefeito Sempronio péde a mão da vir-gem christan. Ignez responde que está promettida a um esposo divino: a sua recusa é comprehen-dida. Sempronio toma o partido de seu filho e manda prender a nobre meuna. Segundo o estylo dos tyrannos, promessas, ameaças, tudo é posto

em acção para abalar a sua resolução. Vãos esforços! Ignez resiste com todo o poder da sua candura e da sua fé. Sempronio manda-a despojar de seus vestidos e lançar no *lupanar* para ser entregue aos insultos dos libertinos. « E vós fazeis desta forma, clamava Tertulliano, o nosso mais bello elogio, pois o maior supplicio que podeis inventar contra nossas filhas e contra nossas irmãs é expôr aos vossos ultrajes sua pudica virtude; » mas o Deus das virgens teve cuidado de sua joven esposa: milagrosamente protegida contra os ataques dos libertinos, Ignez victoriosa expirou no meio dos tormentos. Isto passava-se sob o imperio de Diocleciano, sendo Ignez de idade de treze annos.

Com que religioso respeito penetra o viajante moderno neste logar subterraneo, theatro d'uma victoria de que ainda tira proveito depois de quinze seculos! Ao clarão d'um archote, lê ao voltar da escada a inscripção que recorda a protecção milagrosa de que o Senhor cobriu a sua fiel serva, e em breve pisa o pavimento de mosaico tocado pelos pés da santa: está na masmorra della. A joven heroina foi alli lançada por uma abertura feita na abobada, similhante á da prisão Mameritina. Esta masmorra estreitissima póde ter doze pés de profundidade. Era inteiramente privada de luz; hoje uma gotteira deixa penetrar nella alguns raios d'um clarão incerto. O *lupanar* visinho ao qual foi conduzida Ignez, compõe-se de duas salas abobadadas de bellas pedras; cada sala tem doze pés d'altura por outros tantos de largura e vinte pés de comprimento. Tal é o glorioso theatro onde o Christianismo, personificado n'uma donzella de treze annos, triumphou das

duas mais temíveis potencias do pagãoismo, a voluptuosidade e a crueldade. A' vista destes logares tam eloquentes, commove-se o coração, cresce a fé e recorda-se a gente com admiração desse facto demasiado pouco notado da nossa historia primitiva: nos formidaveis combates que foram dados a nossos pais, viram-se algumas vczes os homens empallidecer e renegar a fé; porem não se cita uma moça virgem que tremesse ou pelo menos morresse ná apostasia. Tam verdadeiro é esse dicto de que Deus se apraz em escolher o que ha mais fraco para confundir o que ha mais forte.

11 de janeiro.

Palacio Braschi. — Anecdota. — Praça de Pasquino. — Chiesa nuova. — Recordações de S. Philippe de Neri. — O joven Spazzara. — Campo-di-Fiore. — Theatro, porticos, curia de Pompeu. — Morte de Cesar. — Palacio Spada. — Estatua de Pompeu. — S. Jeronimo da Charidade — Naumachia de Cesar. — Combate naval.

Pela manha achavamo'-nos na praça Navone. Depois de a termos percorrido em toda a sua extensão, voltamos à direita e fomos diante do palacio Braschi. Esta soberba habitação recorda a gloriosa memoria do immortal Pio VI; a grande escada passa por uma obra-prima. Ao subirmos os largos degraus de marmore polido, pensavamos no Pontifice que os havia tantas vezes subido; seguimos-o depois do seu palacio ás prisões do Directorio e até à cidadella de Valença, tornada seu tumulo. Possa a justiça divina

perdoar á França os sacrilegos attentados commettidos contra o unguido do Senhor! A estas recordações solemnes, juntou um dos nossos amigos uma curiosa anecdota relativa ao mesmo Pontífice. Em 1784, dirigiu-se Pio VI a Vienna para conferenciar com o imperador acerca dos negocios da Igreja. Quando ia caminhando, disse-lhe um de seus companheiros de viagem: « Sabeis, Santissimo Padre, que as populações protestantes olham ainda o Papa como o ante christo e crêem, por consequencia, que vossa Santidade tem um pé de bode? » Esta estranha revelação divertiu em principio o excellente Pontífice. Depois, tendo piedade do erro daquella pobre gente, disse: « Nós lhes mostraremos o contrario. » Chegando a Worms, quiz depois do jantar passear a pé n'uma das praças da cidade: Pio VI passava pelo homem mais bello do seu seculo.

A multidão pasmada o contempla; sua estatura elevada, seu nobre andar, seu bello rosto em que se pinta a bondade do pai e a magestade do Pontífice, suas maneiras tam simples e distintas, tudo n'elle attrahe e subjuga; mas os pés..... são objecto de avida curiosidade. Ora, o papa tem os pés como toda a gente! sim, como toda a gente: visto, conhecido, demonstrado. O papa não é pois o ante-christo, como dizem os livros de Luthero, como prégam os ministros, como nós ainda hontem criamos; enganam-nos, zombam de nós: taes foram as reflexões que circularam entre a multidão, e os pés do Pontífice prepararam essas numerosas conversões que a vista de nossos sacerdotes francezes devia terminar alguns annos depois.

A dois passos do palacio Braschi está a praça

proverbial *de Pasquino*. Pasquino era um alfaia-te que se comprazia em escarnecer de todos aquelles que passavam por diante da sua loja. Depois da sua morte achou-se uma antiga estatua muito danificada cujo nome ninguem pôde dizer. O povo a baptizou com o nome de Pasquino, e todas as noites ella recebe os *lazzis* e os ditos dos satyricos de Roma, que repete todo o dia. No seguinte acha-se a resposta aos pasquins, affixada na estatua de Marforio, visinha do Capitolio. Desde o alvorecer a multidão curiosa se aperta em volta das duas estatuas fallantes, que ás vezes dizem severas, mas boas verdades.

Continuando na direcção da praça de Pasquino, chega-se em alguns minutos á egreja de Santa Maria *in Navicella*, aliás *Chiesa nuova*. Esta soberba egreja, que deve a sua fundação a S. Gregorio Magno, foi reedificada em 1575 pelos cuidados de S. Philippe de Neri. O oiro, o marmore e as ricas pinturas brilham alli por todas as partes, especialmente na capella de S. Philippe, onde repousa o venerando corpo do apostolo de Roma. Fundador da congregação do oratorio, foi Philippe de Neri ao mesmo tempo o grande confessor de Roma, o amigo dos mancebos, o pai dos pobres, o protector dos artistas e o modelo dos sacerdotes. Por tantos titulos mereceu o reconhecimento filial dos Romanos, e entre elles nenhum outro nome é mais popular. Um padre do Oratorio nos conduziu primeiro ao quarto do santo. Segundo o mui louvavel costume d'Italia, este venerando quarto é conservado tal qual estava durante a vida do servo de Deus, com os mesmos moveis que foram do seu uso. Alli, vimos o seu confissionario de má madeira de pinho

carunchoso, e cujo assento está guarnecido d'uma almofadinha forrada de coiro. A' maneira dos outros confissionarios d'Italia, as grades compoem-se d'uma simples folha de lata furada por borquinhos redondos como uma escumadeira. Que de sabios conselhos, que de consoladoras palavras, que de exhortações *conversivas*, passaram por alli! Grades tantas vezes veneraveis, porque não podeis fallar? N'um armariosinho se guarda o aquentador do santo confessor, que está coberto d'uma madeira grosseira; mais longe está o seu pobre leito e finalmente o modesto *pulpito* do qual fallava.

Esta salla unica compunha todos os quartos daquelle que recusou tantas vezes os palacios, as riquezas e dignidades humanas. Alli, dava elle as suas audiencias espirituaes e recebia os seus numerosos visitantes. Sempre amavel, sempre cheio do espirito de Deus, tinha o talento de despedir contentes e melhores aquelles que se lhe aproximavam. Um dia, entre outros, o joven Francisco Spazzara, glorioso pimpolho d'uma nobre familia, foi ter com o padre Philippe a fim de conversar familiarmente com elle. « Entregais-vos agora ao estudo do direito? diz-lhe o santo. — Sim, padre Philippe, e com muito ardor. — Como sois feliz! fallai-me um pouco dos vossos projectos, continuou o santo fazendo-lhe extraordinarias caricias. — Espero ser em breve admittido doutor. — Como sois feliz! — Conto vir a ser advogado consistorial, e depois entrar na prelacia. — Como sois feliz! » Depois o santo se poz a individuar-lhe todas as grandezas que o mundo lhe podia offerecer e cuja idéa havia passado pela mente do mancebo. Depois de cada

gloria, cada vantagem, repelia: Como sois feliz! Francisco tomava tudo isto a serio, quando o santo apertando-o ternamente ao coração, lhe disse: «mui baixinho ao ouvido: E depois! Estas duas palavras ficaram tam profundamente gravadas na alma do mancebo, que, de volta a casa, não podia deixar de as repetir a si proprio. Após cada um dos seus sonhos de fortuna vinham aquellas duas inexoraveis palavras: « E depois! e depois ser-me-ha forçoso morrer..., deixar tudo..., ser julgado..., absolvido ou condemnado.... Vaidade de tudo o que passa, exclamou elle um dia; » depois, virando todos os seus pensamentos para aquelle que não passa, entrou na congregação do Oratorio onde viveu e morreu santamente (1).

E depois! Estas duas mysteriosas palavras parecem resoar ainda aos ouvidos do viajante neste quarto onde foram tam efficazmente pronunciadas, e o preparam para entrar na capellinha do santo.

E' ella contigua á sala que acabavamos de visitar; aqui nada está mudado: a mesma porta, o mesmo crucifixo de pau, o mesmo quadro da Santa Virgem tendo ao collo o Menino Jesus, o mesmo altar; n'uma palavra, a mesma mobilia do uso do santo sacerdote e tantas vezes testemunha das suas oraçoens, das suas lagrimas e dos seus divinos extases. Não se póde, sem experimentar profundo sobresalto, pizar este solo venerando e applicar os labios ao milagroso quadro collocado sobre o altar. Descendo á sacristia da egreja, vimos um numero bastante grande de cartas autographas do santo, boa parte dos seus

(1) *Vida de S. Philippe*, l. III, p. 237.

vestidos, o relicario que elle recebeu de S. Carlos Borromeu depois de o haver curado, o crucifixo que trazia sobre o peito e um bocado de pão deixado por elle na sua ultima ceia, na vespóra da sua morte. Se todos estes objectos ou sómente alguns houvessem pertencido a Cicero, a Cesar, a qualquer outro pagão de certo renome, não ha um viajante que os não quizesse ver, que não fosse muito feliz e muito orgulhoso se os tivesse visto. Bem: então porque acharieis estranho, ridiculo talvez o entusiasmo e a santa alegria do christão á vista dos venerandos restos dos nossos grandes homens? Os nossos santos valem bem os vossos heroes! A visita do Oratorio terminou-se por uma ultima estação na magnifica capella em que repouisa S. Philippe. Possa o illustre confessor de Roma obter a todos os seus irmãos no sacerdocio o espirito de sabedoria, de doçura e de zelo de que elle foi dotado para a direcção das almas!

Da *Chiesa nuova*, a nossa excursão tomou a sua direcção para o *Campo-di-Fiore*. Era entrar em pleno paganismo. O Campo de Flora dado ao povo romano por Acca Laurentia, famosa meretriz de quem Macrobio refere a historia, recorda as prodigalidades do luxo, os prazeres insensatos da velha Roma, e a tragica morte do primeiro dos Cesares. Bosquetes de platanos, unidos por soberbos porticos, povoados de estatuas de homens e de animaes, refrescados por fontes borbulhantes; depois basilicas e por ultimo theatros: taes eram os principaes ornatos deste lugar de delicias. Entre todos estes edificios brilhava o theatro de Pompeu do qual se vêem ainda alguns vestigios no palacio Orsini. O vencedor de Mithridates

foi o primeiro que edificou em Roma um theatro permanente; até allí os theatros eram demolidos depois dos jogos. A fim de fazer respeitar a sua obra, juntou-lhe Pompeu um templo dedicado a *Venus victoriosa: Veneri victricis*. Queimado varias vezes, pelo menos em parte, foi successivamente concertado por Tiberio, Caligula e Nero (1). Este ultimo teve um dia a extravagancia de mostrar a Tiridates, rei d'Armenia, a riqueza e o esplendor do povo romano. Em vinte e quatro horas mandou doirar as abobadas, as cornijas, as pilastras, n'uma palavra, todas as partes do theatro que o não estavam. Julgue-se do pasmo do principe estrangeiro ao entrar n'este edificio d'ouro, onde trinta mil espectadores estavam assentados e cujo immenso ambito scintillava aos raios de muitos milhares de tochas (2)!

Havendo Pompeu obtido, por uma gloriosa excepção, as honras do triumpho, quando ainda não era mais que simples cavalleiro romano, mandou edificar, junto do seu theatro, um templo á *Fortuna equestre*. Veio depois a construcção do seu celebre portico e da sua *Curia* tam famosa pela morte de Cesar. O portico compunha-se de soberbas arcadas sustentadas por cem columnas do mais formoso marmore. Segundo os eruditos, servia elle ao mesmo tempo de passeio ás pessoas ociosas, de retiro aos espectadores quando a chuvia os obrigava a deixar o theatro, e finalmente de caminho para ir á *Curia*. Não menos sumptuoso que os outros, este ultimo edificio, que occupava

(1) Tacito, *Annal.*, lib. VI; Suet., *in Tiber.*; id., *in Calig.*; Plin., lib. XXXIII.

(2) Plin., *id.*; Dion., lib. LXIII.

o espaço comprehendido entre o palacio Orsini e a igreja de Santo André della Valle, era destinado às assembleas do senado. No dia dos idos de março, no anno 43 antes da era christian, os padres conscriptos alli se reuniam. Não obstante funestos prognosticos, Cesar, cujo poder está no seu apogeu, lá apparece por sua vez. O senhor do mundo se acha, sem o saber, no meio dos seus assassinos. Bruto e Cassio, ambos pretores, se aproximam como para lhe fallar; ao mesmo tempo os conjurados, envolvendo-o de todos os lados, o crivam de punhaladas. Os senadores, estranhos á conjuração, são de tal modo tomados de espanto e horror, que não teem força nem de fugir, nem de soccorrer Cesar, nem sequer de proferir uma palavra. O dictador defende-se só com muita coragem, mas vendo Bruto, a quem tinha sempre querido como filho, no numero dos conjurados, exclama: « E tambem tu, Bruto! » A estas palavras cobre o rosto com a toga, e, crivado de vinte e tres golpes, vai cahir ao pé da estatua de Pompeu.

Estavamos no mesmo sitio onde se realizara este tragico acontecimento. Para ver uma testemunha delle ainda subsistente, basta entrar no palacio Spada onde se acha a famosa estatua de que acabo de fallar. E' de marmore branco, de excellente trabalho e proporçoens heroicas.

Pompeu está representado na attitude do mando, com um braço estendido; mas o nú antigo impede vital-o (1). Estranhas vicissitudes das coisas humanas! Dois rivaes disputam entre

(1) Alguns poem em duvida a identidade desta estatua.

si o sceptro do mundo : Pompeu vencido por Cesar cahe aos golpes dos Barbaros , e Cesar apunhalado pelos seus vai expirar aos pés da'estatua do seu rival. Um e outro haviam muitissimas vezes zombado da vida dos seus semelhantes : a justiça de Deus devia ter a sua vez.

Em quanto a Cesar em particular , achavamo'-nos a alguns passos sómente do logar onde elle deu um dia o espectaculo da mais fria crueldade. Antes de o visitarmos entramos , para serenarmos nossa alma , na egreginha de *S. Jeronimo da Charidade*. Edificada no sitio da casa de Santa Paula , recorda não só esta illustre filha de Scipião , como tambem o mesmo S. Jeronimo que foi alli morar durante a sua estada em Roma , em 382. Longo tempo foi ella uma peregrinação forçada para os artistas , porque possuia a *Communhão de S. Jeronimo* , a obra-prima do Dominiquino : hoje não tem mais que uma copia della , porque o original está no Vaticano. Todavia ainda póde offerecer ao estudo e até á admiração a toalha de communhão da primeira capella lateral. Esta toalha , unica no seu genero , é de marmore vermelho com veios brancos : dir-se-hia um filó , ou um bordado a agulha , tam delicadamente está recortada. Nas extremidades estão ajoelhados dois lindos anjos adoradores , de marmore branco , que a sustentam com delicadeza e a deixam cahir em graciosos festoens. Independentemente deste curioso trabalho , as grandes recordaçoes que esta igreja suscita sempre bastarão para attrahir o viajante christão.

Continuando a circular no *Campo-di-Fiore* , do qual a gente gosta de estudar todos os contornos , chegamos , fazendo um bico , ao antigo

campo *Caudeta*. Foi na parte baixa deste terreno, visinho do Campo de Marte e do Tibre, que Cesar mandou abrir a sua *Naumachia* (1). Depois da conquista da Hespanha e das Gallias, quiz o dictador dar alli um espectáculo digno de si e do povo romano. No immenso tanque alimentado pelas aguas do rio, viram-se um dia entrar cem navios, biremos, triremos e quadriremos. Divididos em duas frotas, occupavam as duas extremidades do lago e tinham diante de si um vasto campo de batalha: um lado tinha o nome de exercito de Tyro, outro o de exercito do Egypto (2); dezenove mil homens tripulavam estes baixeis. Segundo Tacito, estes combatentes eram todos malfeteiros (3). Na verdade aonde tinha Roma ido buscar dezenove mil malfeteiros? Ah! a historia de mais nol-o manifestou; os escravos, os gladiadores, os prisioneiros de guerra: taes eram os malfeteiros que Roma obrigava a degollarem-se para seu divertimento.

Com receio de que os *naumacharios*, alentados pelo seu numero e sabendo de mais a mais a sorte que os esperava, quizessem revoltar-se, tinham guarnecido o tanque de tropas prestes a repellil-os com a espada na mão. Em fim Cesar chega, reconhecem-o de longe pela coroa de loi-

(1) Segundo Festus, ó campo *Caudeta* achava-se alem do Tibre: *Caudeta ager, in quo frutices existunt in modum caudarum equinarum. — Caudeta appellatur ager trans Tiberim, quod in eo virgulta nascuntur ad caudarum equinarum similitudinem. V. Caud.*

(2) Suet., *Caes.*, 39.

(3) *Annal.*, lib. XII, 56.

ros que não mais lhe deixa a fronte despida, pelo vestido triumphal que elle tem o privilegio de trazer em todos os jogos publicos, pelo conjuncto do seu vestuario em que reinam a mais elegante affectação e a molleza mais effeminada (1). Rodeado d'um cortejo de moços officiaes e precedido de lictores ornados de loiros, caminha para a poltrona d'ouro que lhe está preparada, quando ouve seus soldados murmurarem alto contra elle. A magnificencia desenvolvida nas festas precedentes e renovada nesta causa o seu descontentamento. « Para que servem todas estas despezas, dizem, não teria elle feito melhor se repartisse por nós este dinheiro? » O dictador effeminado lança um olhar fulminante para os temerarios que parecem insultal-o; depois, arremecendo-se no meio d'elles com toda a impetuosidade da colera, agarra um com suas proprias mãos e o entrega ao supplicio. Este rasgo de vigor, diria de despotismo musulmano, restabelece a ordem, e Cesar volta com um vagar affectado a tomar logar na especie de throno que lhe está reservado [2].

As duas frotas desfilam então por diante d'elle. *Cesar, aquelles que vão morrer te saudam, bradam*, segundo o costume, os naumacharios ao passarem aos pés do dictador. Bem que pronunciadas ha dezenove seculos, estas palavras, que parecia repetir ainda o logar em que estavamos, lançavam um estremecimento até ás profundezas da alma. Entretanto os navios se formam, cinquenta d'um lado e outros cinquenta do outro. Dá-se o signal, os combatentes dão um grito unanime,

(1) Suet., *Caes.*, 45; Dio., lib. XLIII.

[2] Dio., lib. XLIII.

começam as manobras, levantam-se os remos e tornam a cahir em cadencia; o ar resoa, os vasos se movem e o combate se trava ao principio de longe.

As pedras, o chumbo, os brandoens, guardados de estopas inflammadas, untados de azeite, de bitume e d'enxofre; as frechas, os dardos vôm de todas as partes, arrojados por machinas guerreiras ou pelo braço nervoso dos combatentes, e enchem o ar de longos traços de chamma e fumo.

Em poucos instantes desaparece o espaço diante das naus escumantes; as duas frotas juntam-se com um choque violento que faz tremer e recuar as ondas. Os temiveis esporoens de cobre de que está armada cada prôa se enterram nos costados dos navios e tornam a sahir delles para nelles se tornarem a enterrar ainda. Bem depressa as galeras se arruinam, e alguns desgraçados intentam salvar-se a nado; são porem repellidos para as ondas pelos desapiedados guardas da margem. A frota egypcia guiada com menos habilidade que a frota tyria é encurralada nas ribanceiras da Naumachia. Bloqueada assim, procura restabelecer a egualdade do combate tentando a abordagem. A mortandade torna-se horrivel, torrentes de sangue humano inundam as cobertas, as aguas se fazem com elle vermelhas, os navios desaparecem engolidos pelas ondas, e apenas alguns sobrenadam ainda tripulados pelos restos mutilados de dezenove mil homens! Cesar, que durante o espectaculo não cessou de ler cartas (1), levanta-se de repente, e, com um ar

(1) Suet., Aug. 45.

am distrahido quanto indifferente, manda conceder graça àquelles que restam (1).

O povo, que acolhêra o dictador com applausos universaes, se afastou murmurando, porque, dizia elle, em todos os jogos publicos Cesar affectava occupar-se d'outra coisa que não do espectáculo. Melhor que um livro, este ultimo traço pinta a velha Roma: é digno de Tacito (2).

Alguns cantos do Campo de Flora e do Campo de Marte, nos restavam por visitar, mas era demasiado tarde paraprehendermos nova excursão. Recolhidos às cinco horas, redigiamos as notas do dia, quando a boa *Maddalena* me bate à porta e me diz: *Ecco un signore che vuol parlargli*. Passo à sala visioha e reconheço M. N... « Vêdes-me muito tarde, diz elle, mas não pude vir mais cêdo. Esta manhan pedi a vossa audiencia ao Padre Santo e esta mesma tarde recebi a resposta: è para àmanhan às nove horas e meia. — Eu, àmanhan, ver o Padre Santo! » Não pude dizer outra coisa e passou-me uma especie de estremecimento dos pés até à cabeça. Acordou-se que no dia seguinte, às nove horas, eu estaria de carruagem na praça Columna. M. N... partiu, e eu apressei-me a escrever as graças que queria pedir.

(1) Tacit., *Annal.*, XII, 56.

(2) Id., *id*; *Roma no seculo d'Augusto*, t. IV, p. 95.

12 de janeiro.

Audiencia papal. — Impressoens. — Acolhimento do Santo Padre. — Realeza pontificia. — Gabinete particular do papa. — Retrato de sua Santidade Gregorio XVI. — Ceremonia do osculo dos pés.

O tempo serve d'alguma coisa nas nossas festas; um sol brilhante, uma temperatura moderada, um ceu sem nuvens convidam à alegria e completam as doces impressoens d'um coração contente. Por isso dei graças a Deus, quando chegado à praça Columna vi o sol brilhar com todos os seus fogos sob um céu azul cujo fulgor nem um só vapor empannava: entre o risonho espectáculo da natureza e as disposições da minha alma, havia harmonia. A's nove horas exactas rodava a carruagem para o Vaticano. Eu ia de grande trajo de padre francez; com uma mão sustinha o meu largo manto de cerimonia, e na outra levava a boceta que continha os meus rosarios e os meus favores. Chegados à ponte do Santo Anjo, o coração batia-me já com muita força: « Na verdade, disse a M. N..., não sei que figura vou fazer diante do Santo Padre; estou de tal forma commovido, que aposto desde já que commetterei algum grande desacerto. » Tranquillizaram-me; mas era um pouco tarde; o trem parava ao pé da escada real. Subimos de vagar esses soberbos degraus que tantos milhares de principes da Egreja e de principes dos povos, tantos bispos, tantos missionarios peregrinos do mundo e dos seculos, haviam subido! Como elles eu ia prostrar-me aos pés do immortal Pontifice. Um pouco mais, e eu ia ver o representante visivel da Divindade, ia ouvir a sua voz, ser abençoado pela

sua mão, eu, obscuro cordeiro do seu immenso redil! D'onde me vem tanta felicidade.....? Porque não posso eu repartil-a com todos os meus amigos de França.....? Esta homenagem de respeito e de amor filial vou eu prestal-a ao successor de Pedro o Galileu, n'esse mesmo palacio edificado sobre o de Nero, nos mesmos logares em que os christãos serviram de archotes vivos para os jogos de Cesar, onde o primeiro dos papas foi crucificado, onde Pio VI, que segundo as predicções da impiedade devia ser o ultimo, foi agarrado e levado como um malfecedor. Pois bem! sim, Igreja catholica, divina bigorna forjada pelo Christo, vós tendes consumido todos os martellos; os Neros antigos e os Neros modernos passaram, e o papa subsiste!

Já estavamos na primeira antecamara. Pelas suas pinturas a fresco e pilastras de marmore, annuncia esta immensa sala que a habitação do papado é tambem o palacio das artes. Alli estavam alguns soldados da guarda suissa, com tres *sediarii* de trajo completamente vermelho. Diante de nós se abriram successivamente segunda, terceira, quarta sala, semelhantes a primeira tanto no pessoal como na decoração. Todavia, caminhando, o adorno torna-se cada vez mais magnifico. Paredes ornadas de tapeçarias de damasco vermelho, de quadros escolhidos, de christos de marfim de surprehendente dimensão; abobadas brilhantes de pinturas e dourados; soalhos cobertos de ricos tapetes: tal é o todo de cada sala.

No penultimo achamos os prelados domesticos do Santo Padre, de vestido violeta; um guardanobre de grande uniforme fazia guarda à porta

que communica com a antecamara seguinte : em breve vem um camareiro pegar na minha provisão de rosarios, que deposita em cima d'uma bandeja para os apresentar à benção pontificia. Apenas elle desapareceu, quando se faz ouvir uma pequena campainha : é chegado o momento da minha audiencia. Atrevesso a ultima antecamara occupada pelo mordomo e por alguns prelados : eis-me no limiar do gabinete particular do Santo Padre. Abre-se uma porta e eu começo as tres genuflexoens do costume. Não está acabada a primeira quando o Santo Padre se levanta da sua poltrona e, chamando-me pelo meu nome, me abre os braços.... Prostro-me de novo para beijar o sapato, mas o excellente papa me levanta e, por um favor que me confunde, dá-me a mão a apertar. Depositei-lhe em cima da meza um exemplar d'alguns dos meus *peccados literarios*. « Já os conheço, me disse o Papa. » Depois abriu o primeiro volume do *Cathecismo* e leu em voz alta a primeira e segunda pagina, dizendo : *Si, si, questo è vero, questo è ben vero.*

Com uma bondade inteiramente paternal dignou-se agradecer-me o que eu havia escripto, alentou meus esforços para o porvir, poz o volume em cima da meza, e pegando-me na mão, poz-se a conversar comigo como um pai com seu filho..... tanta simplicidade, tanta familiaridade, tanto amavel abandono havia em suas benevolas palavras. A conversação prolongou-se por muito tempo ; com tacto exquisito, S. Santidade teve o cuidado de a fazer versar sobre tudo o que podia interessar-me como sacerdote e como Francez. E' grande culpa minha se eu estava perturbado ; comtudo esta culpa, comettia-a eu ao mesmo tem-

po que della me reprehendia ; não tardei a ser por ella castigado. A uma das perguntas do Santo Padre, respondi: Sim, *Senhor!* fiz-me com isto vermelho como uma roman; o augusto velho surriu-se docemente; depois, apertando-me a mão com mais afeição, perguntou-me quanto tempo me demoraria em Roma: « Santissimo Padre, tenciono demorar-me aqui até á Paschoa. — Bem, então vireis visitar-me outra vez, não é assim? » Este novo testemunho de bondade poz no áuge o meu reconhecimento e me animou a pedir as minhas graças. Haviam-me dicto na sala da espera que não sollicitasse certas indulgencias, porque as não obteria; porem, vendo o Santo Padre tam bom, aventurei a minha petição. Cóm um sorriso que parecia dizer: Não vos vexeis; o Papa fez um signal de cabeça e me attendeu. Em quanto à lista das outras graças para mim e para os meus amigos, pegou n'ella, leu-a toda e disse: *Sim, sim, tudo isto: Sì, sì, tutto questo;* e assignou-a pela sua mão.

A audiencia havia-se prolongado álem do tempo ordinario; um camareiro abriu a porta, o vigario de Jesus Christo abençoou-me de novo, e depois de me ter pegado nas mãos entre as suas, empenhando-me a que voltasse, dirigiu-se para a sua poltrona e eu sahi. Tal é em resumo a acolhida que recebi de Gregorio XVI: muitos outros podem dizer outro tanto. A narração de tantos favores immerecidos, devia ficar sepultada n'um silencio eterno; assim o exigia o amor-prprio; porem na nossa epocha de diffamação e independencia, é ella para o peregrino de Roma um dever imperioso, é fazer conhecer a realza pontifical nos seus dois caracteres de magestade

divina, e de bondade paternal. A só vista do Vaticano, esses grandiosos saloens onde brilha o luxo das bellas-artes, essas guardas que os occupam, esses officiaes diligentes, tudo annuncia ao viajante a magestade dos reis, e, em que lhe pése, um sentimento de temor se apodera de sua alma. Se, chegando ao fundo do palacio, a gente se achasse na presença d'um monarcha assentado no seu throno, rodeado de magnificencia; se a gente não colhesse de sua bôcca senão algumas raras palavras dictadas pela etiqueta e reguladas pela politica, ficaria debaixo da unica impressão do respeito e do temor; ao sabir poder-se-hia estar orgulhoso, mas não se estaria satisfeito: o coração não teria tido a sua parte. Tal é contudo a audiencia dos reis do seculo; tal o sentimento dominador que ella inspira. Não vos admireis disso, pois elles são senhores, não são pais; sabem-o e vós sabeil-o como elles.

Mui differente é o rei do Vaticano. A' impressão de temor e respeito produzida pelo grave aparato da magestade suprema, une-se, na sua presença, o delicioso sentimento da confiança e do amor. Todos aquelles magnificos saloens terminam n'uma modesta sala onde se acha não um monarcha no sentido degenerado da palavra; mas um pai que vos acolhe com desvelo, que vos recebe em seus braços, que vos affaga como a um filho querido; que se abaixa até vós para vos erguer até elle; que se identifica comvosco a fim de pôr o seu coração em unisonancia com o vosso; que vos falla como se vos houvesse conhecido sempre, e cujos labios só se abrem para vos sorrirem e as mãos para vos abençoarem. N'estes dois caracteres de força e doçura, auctoridade e amor, magestade

e simplicidade, revela-se o typo do poder divino; um sentimento desconhecido, mistura indefinivel de respeito, confiança, amor e dedicação, domina todos os outros: a impressão é deliciosa; porque o espirito, o coração, todas as faculdades são satisfeitas. Dest'arte, pai e rei, e rei porque é pai, eis Gregorio XVI, eis o papa. Tal é a realza do Vaticano, tal foi a do Calvario.

O gabinete em que eu recebi a minha audiencia é uma peça oblonga, bastante estreita e simplesmente mobilada; a um dos lados estava uma meza de escrever. Papeis, alguns livros, um modesto tinteiro e um lindo crucifixo de marfim com uma estatuasinha da santa Virgem, eram todo o seu ornato. Em cima d'um estrado de cerca de seis pollegadas d'altura se erguia uma simples poltrona de escriptorio; não ha outro assento. O Santo Padre trazia uma sotana de molletão branco, sem cinto, segundo o costume d'Italia; meias brancas, um solideo branco, com um manteo da mesma cor, do comprimento da metade d'uma murça ordinaria, completavam o seu vestuario. Só os sapatos eram vermelhos e ornados d'uma cruz d'oiro. Gregorio XVI é de estatura elevada, e os seus cabellos são brancos como a neve. Tem a côr fresca, antes pallida que córada, a voz doce e forte, os olhos grandes e pretos, ornadas de largas sobranceiras bem arqueadas. O seu andar é firme e a sua estatura direita não obstante o pêso de setenta e seis annos. As suas faculdades moraes tem conservado todo o seu vigor; a sua memoria especialmente é admiravel. Ajuntai a todas estas vantagens, a dignidade e simplicidade de maneiras com não sei que ar de espiritual bondade, e tereis o retrato não lisongeiro do augusto e veneravel ancião.

Entre as ceremonias usadas nas audiencias papaes, ha uma de que não é inutil explicar a origem, por quanto exprime ao seu modo a natureza da realza christã que acaba de occupar-nos: quero fallar da genuflexão e do osculo dos pés. Os povos antigos testemunhavam o seu respeito á magestade suprema, quer dobrando o joelho, quer prostrando-se com a fronte por terra. D'onde estas expressões tam frequentes nos auctores contemporaneos: *genuflexus ante eum, provolulus ad pedes*. Ainda hoje os Orientaes se inclinam até ao chão quando apparecem diante de seus senhores. Este costume, conservou-o o Christianismo, e o catholico presta com amor e dignidade, ao vigario de Jesus Christo, a homenagem que o temor ou a lisonja arrancava aos povos acurvados sob o jugo do despotismo. Mas os primeiros Summos Pontifices, não querendo que se podesse crer que elles a exigiam para a sua pessoa, collocaram a cruz sobre os sapatos, a fim de que o fiel ao prostrar-se diante delles, beijasse este signal adoravel. Na egreja de S. *Martinho* dos Montes; vimos nós a cruz sobre uma sandalia do papa S. *Martinho* I, martyrisado pelo meado do VII.º seculo. O mesmo signal se encontra no retrato a mosaico d'Honorio I, em Santa Ignez fora dos Muros, e no de S. *Cornelio*, egualmente a mosaico, na egreja de Santa *Maria in Trastevere*. A este primeiro signal de humildade, ajuntaram os Summos Pontifices, desde S. *Gregorio Magno*, o titulo de *Servo dos servos de Deus: Servus servorum Dei*. O Evangelho, programma, devisa da realza christã, estas tres palavras gravadas no coração dos monarchas seriam a garantia do seu throno e a felicidade dos seus povos. Se assim não é, abstenham-se de imputal-o á Egreja romana, que

nos seus menores costumes e nas mais sollemnes instrucçoens se revela como a maior escola de respeito e como a maior escola de dedicação: dois deveres que encerram a solução de todos os problemas sociaes.

13 de janeiro.

Visita ao P. Mantone. — Pormenores ácerca de Santo Afonso, e sobre a sua canonisação. — Carta do Santo. — A sua Theologia é uma Theologia local, nova, perigosa, de contrabando? — Curiosa conversação do bom Padre. — Visita a S. Luiz dos Francezes.

Havia muito tempo que uma visita que eu muito desejava me havia sido promettida. Pelas dez horas, um excellente amigo veio buscar-me e me conduziu a casa dos religiosos do *Santissimo Redemptor*: o padre José Mantone, superior da casa, era o objecto da minha viva curiosidade.

Este veneravel ancião recebeu o habito religioso das mãos de Santo Affonso de Liguori, com quem viveu quatro annos. Encontramol-o na sua cellinha, occupado a pôr em ordem alguns opusculos ineditos do Francisco de Sales da Italia. A's perguntas que lhe dirigi ácerca da vida intima do santo bispo, respondeu-me: « Apesar de seus continuos soffrimentos, o nosso padre era o mais alegre e o mais amavel possivel. Durante o recreio não deixava de tocar piano ou cravo para divertir a communiidade; era a alma da conversação. A partir do dia em que foi nomeado bispo, nunca mais quiz bulir nos seus instru-

mentos. — Meu padre, lhe diziam seus filhos, porque já não tocais? — *Ma che, ma che direbbe la povera gente?* Que diria o pobre povo? Elle não deixaria de dizer: Em quanto que nós estamos na miseria e no trabalho, Monsenhor se diverte. » Para evitar esta especie de escandalo, não tornou a tocar no seu cravo senão depois de dar a sua demissão.

Digno filho de Santo Affonso, é tambem o padre Josè um ancião mui amavel. Travou-se uma longa conversação sobre a theologia moral do santo bispo e sobre as contradicções que ella encontrára. « Ah! me diz elle, essas contradicções não datam d'hoje, eu sei alguma coisa a esse respeito. Postulador da causa no processo da canonisação do nosso padre, tive rudes combates que sustentar. Um dia, entre outros, o promotor da fè, a quem chamamos vulgarmente *o advogado do diabo*, julgou ter-me apanhado nas suas redes objectando-me que Santo Affonso carecêra de *prudencia*, pois sustentára o probabilismo, contra a opinião de grande numero de theologos. E isto é tam verdade, ajuntava elle, que se assegura que Affonso de Liguori se retractou antes de morrer. »

A estas palavras, o bom velho, tirando o barrete, me dizia com um ar maligno: « Eu deixei-o andar sem interrompel-o; julgavam-me quasi derrotado. Quando acabou, li a minha resposta á objecção d'imprudencia; foi julgada victoriosa pela sagrada Congregação, e o mesmo promotor abandonou este capitulo de accusação; porem restava a pretendida retractação do santo: era alli que eu esperava o *advogado do diabo*. Tiro dos meus autos a carta que aqui tenho, es-

cripta pelo mesmo santo pouco tempo antes de apparecer perante Deus. » Abrindo então a gaveta da sua banca leu-me a tal carta : é de tal maneira decisiva que me perdoarão o referil-a.

« O padre Patuzzi me insinua muitas vezes no seu livro que devo retractar-me ; porem deixa entender que eu preferiria expôr a salvação da minha alma a n'isso consentir. Agradeço-lhe a boa opinião que de mim faz. Deste modo eu deixei o mundo , privei-me da liberdade para entrar na minha congregação , onde se faz voto de perfeita pobreza e perseverança ; n'uma palavra condemnei-me a viver como missionario n'uma estreita cella, e para quê? para morrer como reprobô , e isto porque não quero render-me á verdade e retractar a minha opinião. Mas que loucura seria a minha ! por quanto não haveria para mim deshonra alguma em retractar-me , porem gloria diante do mundo inteiro. Ao retractar-me eu diria que até agora tenho estado na boa fé , mas que sendo homem sujeito ao erro , me dei pressa a render-me á luz quando aprouve ao Senhor allumiar-me. Estou certo que todos , ainda os meus partidarios, me olhariam como um homem de consciencia e não me recusariam os seus elogios. Em quanto aos antiprobabilistas , de que louvores me não haviam de encher ao vêrem-me passar para o seu campo ? Ao contrario , permanecendo na minha opinião , passo para o padre Patuzzi e seus adherentes por uma cabeça adoidada , um desenvolto, um obstinado, e o que mais é , por um homem ridiculo e de má fé.

« A minha avançada idade e as minhas enfermidades me advertem de que apparecerei em breve diante de Deus ; porem consolo-me em pen-

sando que a minha sentença eterna será dada não pelo padre Patuzzi, mas sim por Jesus Christo que vê o fundo dos coraçoes. E' verdade, que temo o juizo por causa dos meus peccados; mas de modo nenhum por causa da opinião que sustento, pois me parece de tal maneira certa que só a Egreja m'a podéra fazer abandonar condemnando-a. N'este caso submetterá o meu juizo á sua infallivel auctoridade, mas obedeceria sem saber porquê. *Ed in tal caso io sottoporro il mio giudizio alla di lei autorità infallibile, e dirò che mi bisogna ubbidire, benechè sia mi ignoto il perchè.* »

N'outra parte o santo exprime-se assim : « Vossa paternidade saberá que eu tive desde o principio por mestres e por directores nos estudos ecclesiasticos partidarios do rigorismo; que o primeiro auctor que me metteram nas mãos, foi Gi-netti, chefe dos probabilioristas, e que eu fui por muito tempo ardente defensor do probabilismo. Mais tarde, examinando as razoes da opinião contraria, mudei de parecer. Durante o espaço de trinta annos pouco mais ou menos que me occupei desta questão, li innumeraveis auctores partidarios d'uma e outra opinião: e durante todo esse tempo nunca cessei de pedir a Deus me fizesse conhecer o systema que devia abraçar a fim de evitar o erro. Alfim assentei a minha opinião, apoiado, não no meu discernimento pessoal, mas no ensino dos theologos e, antes de todos, do principe da theologia, S. Thomaz, oraculo de todas as escholas e doutor da Egreja.

« Tenho-me applicado muitas vezes a examinar bem a minha consciencia. Estou certo de não ter escripto nem por paixão, nem por enthusias-

mo... Termino. Ha muitos mezes que estou atacado d'uma molestia que me não dá repouso algum e que provavelmente me levará breve á sepultura. Ora, diz-se commumente que uma é a linguagem de que se usa durante a vida e outra a que se emprega no artigo da morte; pois á hora da morte se experimentam remorsos que se não sentem ou para melhor dizer que se não querem sentir durante a vida. Pois bem, eu não tenho remorso algum de haver sustentado o meu systema tocante ao probabilismo; que digo? o meu maior remorso seria usar o systema contrario na instrucção dos outros, bem que apoiado na opinião de certos auctores modernos. Eu no ensino segui o conselho de S. Chrysostomo: *Circa vitam tuam esto acerbus, circa alienam benignus.* »

« A' leitura destas cartas, ajuntava o padre José, tivereis visto o promotor da fé abrir grandes olhos; ficou mudo e a sagrada Congregação declarou que Affonso havia praticado a prudencia n'um grau heroico; e notai que se tracta aqui da prudencia do escriptor que deve dirigil-o nas suas instrucçoens. Redigiu-se a bulla, e levou-se á approvação do Santo Padre. O cardeal relator tremia ao lê-la, tam fortes e explicitas eram as expressoens da Congregação, ácerca das obras e da san doutrina d'Affonso. Quando chegou á passagem que continha este juizo, interrompeu-o o Padre Santo exclamando: *Bravo, tutto questo è vero.* Julgai qual foi a minha consolação ao saber estas palavras sahidas do oraculo da verdade! disse pela minha vez: *Petrus locutus est, causa finita est*: Pedro fallou, a causa está terminada.

— Não para toda a gente, lhe disse eu. — Ah, sim, eu sei, replicou elle vivamente, que

ha alguns ruins Francezes, *Francesacci*, que ainda resistem. Mas não são maus, *non sono cattivi*, disse elle levando o index á testa, *sono pazzi, si, si, pazzi, e perchè: sim, sim, loucos e eis porquê.* » Então poz-se a desenvolver-me com muita logica e lucidez as consequencias do gallicanismo e do rigorismo. « Eu conheço esses senhores, continuou o espirituoso velho; *theologia local, theologia nova, theologia perigosa, theologia de contrabando, eis o que elles dizem' da moral de Santo Affonso.* »

Depois tirando de novo o barrete, inclinava-se para a minha banda e proseguia com doce ironia: « *Theologia local! ma per Baccho*; muito *local*, effectivamente, pois é adoptada em *todos os logares* do mundo, na Italia, na Allemanha, na Polonia, na Bosnia, na Servia, nas Indias, na America e até em França. Eis ahi as assignaturas de sete dos vossos bispos que, de acordo com sessenta e cinco de seus collegas, rogaram ao Santo Padre pozesse Affonso no numero dos doutores da Igreja. *Theologia local!* porem quando ella não fosse para toda a catholicidade, os vossos Francezes devêram ainda olhal-a como feita para o seu paiz. Fazer favor de me dizer, a quem responderen Sua Santidade solemnemente que se podiam, *tuta conscientia*, seguir em tudo as opinioens de Santo Affonso? Foi a algum bispo italiano, allemão, hespanhol? Não, foi a um cardeal francez que, provavelmente, não o consultava para a Italia, Allemanha ou Hespanha; mas para a França, para a sua diocese; e a prova, é que a pia Eminencia se deu pressa em remetter aos seus sacerdotes a resposta do vigario de Jesus Christo, exhortando-os a que seguissem uma mo-

ral approvada pela mãe e senhora de todas as Igrejas. E quando foi feita tal consulta? Não ha nem cem, nem cincoenta, nem vinte e cinco annos; ha nove annos. A moral de Santo Affonso é por tanto boa para a França actual (1). Theologia local! mas se ella é boa para uma parte da catholicidade, *perchè, di grazia*, não seria boa para as outras? Desde quando cessou a moral de ser *uma*? Quem ousou jamais dizer que a regra dos costumes podia variar segundo os graus de longitude? O que é justo, honesto, licito, na Italia, na Allemanha, em Hespanha, pôde ser injusto e illicito em França? Não se tracta na moral de Santo Affonso, de certas applicações particulares que podem variar segundo os logares e as pessoas, admittindo ao mesmo tempo como verdadeiro o principio d'onde ellas dimanaram; tracta-se do fundamento mesmo de toda a sua theologia, a saber, se uma lei duvidosa obriga ou não obriga. Ora, a solução deste problema não pôde variar segundo os paizes e as pessoas; deve ser necessariamente a mesma em todas as partes. Pois bem, a Igreja achou irreprehensivel a solução dada a este problema por Santo Affonso; logo em todos os paizes se pôde, para não dizer se deve, seguir a moral que della dimana. *Ecco in breve per la theologia locale*: eis em poucas palavras pelo que toca á theologia local!

— *Benone, padre, benone*; muito bem, padre, muito bem, lhe disse eu; é uma theologia nova: não se pôde negal-o. — Theologia nova!

(1) Resposta da Santa Sé a sua Eminencia o cardeal de Rohan, arcebispo de Besançon, a 31 de janeiro de 1833.

replicou elle : *ah Francesacci, qui vi prendo* ; *ah ! gallicanos* , aqui vos apanho eu.

« Em que vos pese, n'este ponto os innovadores não são os que se crê ! Fazei favor de dizer-me , qual é a data das vossas theologias favoritas ? Quantas citaes que sejam mais velhas que a que eu defendo ? Conheço algumas das vossas theologias que não teem cincoenta annos, que não teem vinte annos, e até ha uma que não está completamente nascida. Tendel-as, dizeis, que são antigas. Sim, datam da segunda metade do XVII.^o seculo. Mas S. Thomaz, S. Boaventura, Santo Antonino, S. Raymundo de Pennaforte, os seiscentos cincoenta e seis principes e grandes senhores do mundo theologico, cujos oraculos compoem a moral de Santo Affonso, não são d'ho-tem. Reinavam antes dos vossos theologos, e com a ajuda de Deus, reinarão ainda depois dos recém-vindos. Ah ! vós dizeis que os entendeis melhor do que nós : *ma per Baccho !* tendes alguma vez reflectido neste facto tam notavel ? De uma parte, vejo em moral todas as egrejas do mundo, com Roma á testa, caminhando pela mesma via e adoptando sem contestação a moral de Santo Affonso ; da outra, alguns Francezes que a rejeitam. Umas e outros dizem terem esses grandes santos por mestres e doutores ; de que lado está a verdadeira interpretação ? *Quem mudou ? Ab initio non fuit etc.* Esta divisão nem sempre existiu ; antes de 1641, estava a França em unisonancia com as outras Egrejas. Lêde as vossas conferencias ecclesiasticas, os vossos rituaes, as vossas theologias anteriores a essa epocha ; ellas vos offerêcerão a prova deste magnifico accordo. Porque, quando e como cessou elle ? perguntae-o

ao jansenismo. O clero de França, bem que conservando-se catholico, não esteve bastante precavido contra as severas novidades da seita. Nova pratica substituiu a antiga, excepto não obstante em certas communidades religiosas que conservaram até à revolução franceza as antigas tradiçoens. Eis em poucas palavras pelo que pertence à *theologia nova*. »

O bom padre, que eu escutava com o mais vivo interesse, parou um instante e me offereceu um retrato de Santo Affonso, assim como um quarto de papel, em que estavam notas escriptas pela sua mão, depois um bocado do lençol em que expirára o santo bispo. Recebi estes objectos com respeitosa gratidão; depois, após algumas particularidades ácerca da pobreza de Affonso, incitei de novo o seu habil defensor ajuntando: « Sem embargo convinde, meu padre, que esta theologia é perigosa, e que se abusa della.

— Theologia perigosa! *Gesú mio!* eu vou traduzir-vos essa modesta pretensão dos vossos Francezes: « Eu abaixo assignado, superior, professor, director de seminario, cura, vigario francez, sabendo, de direito melhor que o papa, se uma theologia é boa ou má; conhecendo, de facto, melhor que elle a moral que convem ensinar em França, declaro perigosa a theologia de Liguori, approvada pelo papa, e má em França posto que boa para a Italia, Allemanha, Hespanha e para o resto do mundo: em fé do que declaro que a minha consciencia não me permite nem seguir, nem ensinar a sobredicta moral, e que Roma teria feito muito melhor em pôr Liguori no index do que inscrevel-o no cathalogo dos santos. » Ah! está, ah! está, me disse, sorrindo, o excellente velho,

a modestia dos vossos doutores. Ora, ajuntou elle, quem quer que sejaes, superior, director, professor de seminario, apesar do respeito que me inspiraes, apesar da minha veneração para com a Sorbonna, vosso concilio permanente das Gallias, declaro-vos, pela minha vez, que só conheço um homem no mundo a quem fosse dicto: *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja; confirma teus irmãos; apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas.* O que elle condemna condemno-o eu, o que elle approva approvo-o eu. Podeis vós dizer outro tanto? Abusa-se della, ajuntou ainda; mas abusa-se tambem do Evangelho: è elle mau por isso? é

E fitava-me com força, escrutando o meu pensamento; eu como o via em tam bom caminho disse-lhe para o levar ao termo: « Não deixa de ser certo que é uma theologia de contrabando que se introduz furtivamente nos seminarios e nas dioceses, com grande desgosto dos professores e bispos. — Theologia de contrabando! *ma che vergogna!* O Santo Padre é ou não é o chefe da Igreja universal? O seu reino espirital, o seu direito de reger e ensinar estende-se ou não se estende sobre todos os reinos, ainda sobre a *bemaventurada* Igreja gallicana? Tem elle ou não tem direito de approvar, de censurar os prégadores e os theologos, de fazer ensinar ou de condemnar as doutrinas? De lhes dar ou de recusar-lhes vistos e passaportes para todo o universo? Se disserdes sim, e muito cumpre que a isso vos submettaes sob pena de deixardes de ser catholico, poderieis nomear-me quem tem direito de declarar mercadoria de contrabando a uma theologia approvada e recommendada pelo vigario de

Jesus Christo? Quem tem direito de estabelecer alfandegas nas fronteiras de tal ou tal imperio para pesar, verificar, registrar, contramarcas, apprehender, confiscar as doutrinas que elle envia?

« Pois bem, a moral de Santo Affonso vem de Roma, o seu passaporte está assignado *Benedicto, Clemente, Leão, Pio, Gregorio*; logo não é uma mercadoria de contrabando; logo está em regra, logo livre passagem, livre circulação; logo ás auctoridades competentes cumpre prestarem-lhe auxilio e apoio em caso de necessidade.»

A estas palavras, o reverendo padre descobri-se outra vez e diz-me inclinando profundamente a cabeça: « Quantas teem os vossos Francezes que apresentem os mesmos certificados? » Não pude deixar de sorrir vendo o enthusiasmo do bom velho. O sal da sua conversação m'a faz gostar de tal forma, que não tive difficuldade em referir-a inteira. Oxalá ella possa servir para determinar os espiritos n'uma questão da mais alta importancia!

Ao voltar para casa visitei *S. Luis dos Francezes*; é a igreja nacional mais bella que ha em Roma. Alem da magnifica fachada de *travertim*, admiram-se n'ella dois soberbos frescos do Dominiquino; as pinturas da abobada pelo cavalleiro d'Arpin; o tumulo do cardeal de Bernis e especialmente um quadrosinho da santa Virgem, collocado na sacristia: esta obra da maior belleza attribue-se ao Corregio. Edificada em 1589 segundo os desenhos de Jacques de la Porte, é a igreja dedicada á santa Virgem, a *S. Luis*, rei de França, e a *S. Dinis o Areopagita*, apostolo das Gallias. Assim, em que pese aos nossos criticos de reacção, Roma e nossos avós crêram sempre que a

Gallia celtica possui a fé do illustre discipulo de S. Paulo. Na verdade, quando se têram as sábias *Dissertaçoens do padre Mamachi*, admirasse a gente de que a França moderna haja podido repndiar tam nobre origem. Até ao principio do XVII.º seculo, não se punha seriamente em duvida, ainda entre nós, a missão de S. Dinis. O *Martyrologio gallicano*, publicado pelo sabio Du Saussaye, e a egreja de S. Luis dos Francezes em Roma, são um nobre monumento della: não se encontrará hoje um critico digno desse nome, para rever tal processo?

14 de janeiro:

O abbade Palotta, — O Padre Bernardo. — O Padre Ventura. — Prêgação Italiana.

Com licença do Santo Padre, Mor. B..., protonotario apostolico, celebrava na sua capella privada, a festa patronal de S. Luis: pediu-me que dissesse alli missa. Fiquei tanto mais agradecido com este amavel convite, quanto devia alcançar-me a vantagem de ver um dos santos de Roma, o reverendo padre Bernardo, religioso minimo. Elle e o abbade Palotta são altamente accusados de fazerem milagres. O facto é que elles gozam em Roma dessa veneração religiosa que se une a santidade, como a sombra ao corpo; e tudo leva a crer que aqui a voz do povo é a voz de Deus. O abbade Palotta é um sacerdote secular, napolitano de origem, amigo e companheiro do veneravel conego del Buffalo, fundador da *Congregação do precioso Sangue*; herdou o

seu espirito e o seu zelo. A sua vida passa-se em todas as especies de boas obras. Vou citar em particular o *Apostolado catholico*, vasta concepção do genio da fé, na qual veem concentrar-se todos os pensamentos particulares, todas as obras isoladas que tendem à gloria de Deus e ao bem espiritual dos homens. E' para fazer conhecer esta obra, representando-a com o seu caracter de universalidade, que durante a oitava da Epiphania se prèga em todas as linguas em Santo André *della Valle*, e que se celebra alli missa em todos os ritos. O abbade Palotta é continuamente chamado junto dos doentes; se ha uma missão difficil, parece ser da sua alçada, tam grande é a confiança que inspiram suas virtudes! Traz sempre consigo uma imagem da santa Virgem, collocada n'um grande relicario, e em vez do *bom dia* ou do *alé à vista* mundano, offerece Maria á vossa veneração. Este homem extraordinario é pequeno de estatura, delgado e um tanto corcovado. Seus cabellos já grisalhos, sua côr pallida, seus grandes olhos azues como o ceu de Roma, seu olhar doce e penetrante, seu rosto oval, de grande pureza, a amenidade de suas maneiras, o ar de melancolia e candura espalhado por toda a sua pessoa, mas sobre tudo a sua fé que não duvida de nada, vos inspiram não se que sentimento de confiança filial e de respeito religioso de que a gente se não pôde defender. O abbade Palotta falla pouco, e a sua presença sempre composta dá idéa d'um verdadeiro *mystico* no bom sentido desta palavra.

Outro é o *padre Bernardo*, porque a graça se modifica segundo os caracteres e temperamentos. Calabrez de nascimento, soldado antes de ser re-

ligioso, tem o padre Bernardo modos mais decididos que o abbade Palotta. A sua estatura é alta, o seu andar vivo e sacudido, a sua physiognomia mobil, cabellos pretos como azeviche, uma côr morena, olhos pretos e pequenos, brilhantes como fachos em suas orbitas profundas, labios finos, maçans salientes caracterizam n'elle o typo meridional. Amavel, alegre, simples, um pouco desalinhado, attrahe a si pela franqueza de suas maneiras, pela espirituosa viveza de sua palavra, e por esse inexplicavel sello de santidade impresso em toda a sua pessoa, de que elle nem mesmo suspeita. Quando sahe toda a gente o faz parar nas ruas para lhe beijar a mão e recommendar-se ás suas oraçoens.

Isto lhe succede todos os dias; pois desde pela manhan até á noite e desde a noite até pela manhan é chamado junto dos doentes, dos afflictos e dos peccadores. Todas as classes o disputam entre si, e elle se dá todo a todos. Mas a sua saude não póde com tanto, e, posto que ainda novo, é já corcovado; muito menos sob o peso dos seus quarenta e cinco annos que pelas austeridades e fadigas. Para o pouparem seus superiores o enviaram, ha algum tempo, para a Calabria. Apenas o povo de Roma soube da partida do *santo*, dirigiu-se em tropel ao convento dos minimos e reclamou com suas lagrimas o seu consolador e seu amigo. A sua supplica chegou até o Summo Pontifice que tornou a chamar o padre Bernardo, e muito tempo o povo fez guarda durante a noite em torno do mosteiro para obstar a que lh'o roubassem segunda vez.

Tivemos a felicidade de assistir á sua missa, celebrada na capella de Monsenhor de B...; disse-

a como santo que é com muito recolhimento e simplicidade. Não esteve senão vinte minutos no altar e não foi longo senão no Offertorio, no *Memento*, na Consagração e na Communhão. Tudo o mais, aviou-o elle lestantemente: via-se que tractava com Nosso Senhor como amigo. Teve a bondade de dar a cada um de nós uma lembrança e de fallar-nos da França, cuja situação moral conhecia bem. A reputação de homem de Deus de que goza o padre Bernardo é tão real, que nos assumptos difficeis o Summo Pontifice recorre muitas vezes ás suas luzes.

Bem se vê, Roma é um grande relicario em que se acham não sò santos mortos, mas tambem santos vivos: deve, parece-me a mim, ser assim. Por ventura a nota de santidade não deve ser permanente e sensível na Egreja, como a de catholicidade? Acaso não é no proprio coração da celeste esposa do Homem-Deus, que deve brilhar este caracter com um fulgor mais constante e vivo? Ora, é pela permanencia do milagre que a santidade da Egreja se torna sobre tudo incontestavel. Pois bem, os santos mortos cujas reliquias enchem as catacumbas de Roma, ou repoisam sob os altares, como o corpo do bem-aventurado Crispino e do bemaventurado Leonardo de Porto Mauricio, provam que ella era santa nos tempos passados, e os santos vivos mostram que não cessou de o ser.

Disse eu que o abbade Palotta dirigia o Apostolado catholico: encaminhamo'-nos a Santo André *della Valle*, para contemplarmos esta grande obra em acção. Durante o dia varios sermoens tinham tido logar em differentes linguas; o da noite foi prégado pelo celebre padre Ventura, cujo

pulpito rodeava immensa concorrência. Com difficuldade a vasta igreja com as capellas lateraes eram sufficientes para a multidão. O padre appareceu no *palco*, especie de estrado elevado seis pés acima do auditorio; bastante largo para n'elle se collocar uma meza e uma poltrona e bastante comprido para que o prégador possa passear. Em quanto ao mais, não é rodeado nem de grades, nem de balaustradas; somente uns pannos mais ou menos ricos o cobrem inteiramente e cahem até ao chão. O prégador não tinha outro vestido que o seu trajo de *theatino*. Depois do exordio, o grande orador poz-se em movimento e indo da direita para a esquerda, depois da esquerda para a direita, distribuia a palavra santa para todas as partes da numerosa assistencia. Graças a esta liberdade, havia na sua acção e no seu gesto uma naturalidade e dignidade que tornarão sempre impossiveis as especies de tonéis em que a arte moderna prende o prégador cisalpino.

Nunca vi mais perfeito recolhimento. E' verdade que o assumpto em si mesmo inspirava, especialmente em Roma, poderoso interesse: *Maria rainha dos Apostolos*, tal foi o thema do Orador. Não sei que se devia admirar mais, se a nobre simplicidade, se a prodigiosa erudição com que a materia foi tractada. Como homem superior, o padre Ventura fallando a um auditorio composto em parte de gente do povo, soube pela clareza inteiramente evangelica da sua elocução pôr-se ao nivel dos mais simples espiritos; ao mesmo tempo que a sua sciencia profunda forçava o assentimento da razão mais elevada. Mostrou-nos que Maria merecia o seu glorioso titulo, não só porque foi a mãe do Rei dos Apostolos, mas

tambem porque havia sido o primeiro apostolo de seu filho. No presepio fel-o ella conhecer aos Magos; no cenaculo presidia à diffusão da Egreja depois de haver presidido ao seu nascimento na gruta de Bethlem. Foi ella que revelou aos Apostolos aos mysterios da santa Infancia; ella que obteve a S. Pedro o perdão, aos outros Apostolos a fidelidade e a Santo Estevão a coragem do martyrio; ella que poz fim á controversia entre S. Pedro e S. Paulo. A ella edificou Pedro uma igreja na Palestina, Paulo na Hespanha, Thomé na India, André na Achaia. Ao ouvir cada uma destas proposições, a maior parte tam novas para mim, dizia comigo mesmo interiormente: Como vai o padre proval-a? Mais eis, coisa espantosa! que depois de cada asserção vinha em prova um ou mais textos dos Padres da Egreja. Este sermão produziu profunda impressão e deu uma alta idéa da eloquencia e da sciencia do pré-gador.

Para o fim o padre parou, todo o auditorio se poz de joelhos e recitaram-se em voz alta tres *Ave, Maria*, a fim de que a graça viesse, como benefico orvalho, fecundar a semente sagrada depositada nas almas: isto pareceu-me tocante e perfeitamente logico. Durante este momento de descanso os membros d'uma confraria fizeram o peditorio. Cobertos de grandes saccoes de burel preto que os escondiam inteiramente sem exceptuar o rosto, percorriam todas as naves da igreja. A fim de não desordenarem a assistencia penetrando nas fileiras, iam munidos de compridas varas na extremidade das quaes estava suspenso um sacco; faziam-n'o chegar diante de cada ouvinte que podia, sem se incommodar, depositar

n'elle a sua offerta: uma brilhante salve coroeu dignamente o sermão.

Devo dizer que a prégção italiana differe notavelmente da nossa. Em Roma, particularmente, os assumptos de moral tem a preferencia, nem alli se supportam os nossos sermoens philosophicos. Um assumpto practico apropriado ás necessidades do auditorio, os testemunhos da Escripura, dos Padres, dos concilios, com alguma passagem de historia, eis pelo que respeito á essencia. Em quanto á forma è simples, o estylo menos estudado que entre nós, o pathetico muito mais frequente, sobretudo o dialogo com o ouvinte, ou o colloquio com o crucifixo invariavelmente pregado no pulpito, quando o prégador não o tem na mão. Aos assumptos de moral junta-se a hermeneutica ou explicação historica, dogmatica e moral da Escripura sagrada: fallarei disso mais adiante.

15 de janeiro.

Egreja de Belisario. — Santa Maria *in Fornica*. — Fogueira imperial. — Descripção. — Funeraes d'Augusto, seu mausoleo. — Pormenores ácerca da camisa d'amianto.

A parte do Campo de Marte que fica visinha do mausoleo d'Augusto restava-nos por explorar. Em vez de nos dirigirmos lá pela praça de Hespanha, tomamos a direcção da fonte de *Trevi*, e passando outra vez pela Rotunda, chegamos pelo centro de Roma ao novo theatro de nossas investigoens. A razão deste rodeio era o desejo de

visitarmos a egreginha de Santa Maria *in Fornica*, edificada junto da fonte de Trevi; o seu nome vem-lhe dos arcos *fornices* que sustentavam o antigo aqueducto da agua virginal. Os ornatos que a decoram não teem nada de notaveis; mas a sua origem excita vivamente a curiosidade do viajante. Belisario obedecendo cegamente às ordens sacrilegas da imperatriz ousára depôr o papa Pelagio. Mas o illustre guerreiro não esteve muito tempo sem reconhecer a sua falta. Humilhou-se, e para perpetuar a memoria do seu arrependimento, mandou erguer esta egreja que nós tinhamos vindo visitar. Na parte exterior da parede lateral vê-se uma prancha de marmore cuja inscripção recorda este facto ao mesmo tempo humilhante e glorioso. Eis essa inscripção bastante grosseiramente esculpida:

Hanc vir patricius Belisarius urbis amicus

Ob culpæ veniam condidit Ecclesiam,

Hanc iccirco pedem qui sacram ponis in ædem,

Ut miseretur eum sæpe precare Deum:

Janua adest templi Domino defensa potenti.

« O patricio Belisario, amigo de Roma, edificou esta egreja em reparação da sua falta. Por isso vós que entraes n'este sanctuario rogai muitas vezes a Deus que tenha piedade delle: eis a porta do templo defendida por um senhor poderoso. » Entrando na egreja monumental, ora o peregrino de boa vontade por Belisario, e chora vivamente essas edades de fé em que a fraqueza humana sabia resgatar as suas culpas com uma brilhante expiação.

Chegados á rua *della Scrofa*, vizinha da

egreja de Santo Agostinho, estávamos no mesmo lugar onde n'outr'ora se erguia o *bustum* imperial: aqui vinha acabar a gloria dos sehhores do mundo. Ainda antes de aguardar os estragos da sepultura, era seu corpo reduzido a cinzas. Elevada primeiro para queimar o corpo d'Augusto, a fogueira tornou-se permanente e serviu para consumir os seus successores. Que de graves pensamentos surgem deste lugar tantas vezes testemunha da vaidade das grandezas mais espantosas que o homem pôde alcançar! O monumento fatal que serviu para reduzir a pó tantos Cesares devidosados, pereceu como elles, e não resta d'elle senão o sitio e a recordação; mas com a historia na mão è possível reconstrui-lo e estudal-o.

Affigrem-se um templo quadrangular formado d'uma enorme pilha de lenha, cujo interior està cheio de materias combustiveis e o exterior coberto de tapeçarias recamadas d'oiro e adornado de pinturas e estatuas. Este templo compõe-se de quatro andares abertos, diminuindo um sobre o outro, de modo que o segundo é mais pequeno que o primeiro, o terceiro que o segundo e assim consecutivamente. Quando Augusto morreu expozeram-n'o por espaço de sete dias no vestibulo do *palatium*. Sobre um leito vasto e elevado, ornado d'oiro, de marfim e de cobertas de purpura bordadas a oiro, via-se uma estatua de cera à similhaça do imperador. Ai! o senhor do mundo já não era mais que um cadaver e para o esconder á vista havia-se reservado um lugar na parte inferior do leito, para n'elle encerrar o verdadeiro corpo.

Augusto era representado deitado, adornado do vestido triumphal e tendo toda a pallidez d'um

doente [1]. Junto do leito se conservava um moço e bello escravo, que, com um leque de pennas de pavão, enxotava as moscas de cima do rosto do principe, como para lhe proteger o somno. Em volta do leito via-se estarem assentados, durante a maior parte do dia, à esquerda, todo o senado de vestidos de lucto; á direita as matronas distinctas pelas dignidades de seus maridos e parentes. Não traziam nem enfeites d'ouro, nem collares; todas estavam vestidas de simplícés togas brancas, e na attitude de profunda tristeza. Durante os sete dias, os medicos se apresentaram quotidianamente, como se visitassem um doente, e diziam de cada vez: Vai peor [2].

No dia das exequias, os consules designados se dirigiram á casa Palatina, para fazerem o levantamento do leito funerario, que quarenta soldados pretorianos tomaram aos hombros. Diante do leito observava-se uma estatua da Victoria, que, por uma lisonja assaz delicada, quizera o senado fazer apparecer n'esta pompa funebre, como se esta deusa fosse da familia dos Cesares. Era acompanhada de duas estatuas d'Augusto, uma d'ouro, em cima d'um andor, destinada a receber as honras divinas, e a outra, n'um carro triumphal. Vinham depois os bustos, não só de todos os avôs da familia imperial, excepto Julio Cesar, *por causa da sua divindade*: senão tambem os de todos os romanos, que, desde Romulo, se haviam illustrado por meio de suas bellas acçoens. Entre os bustos e as estatuas appareciam tambem paineis em que se viam os titulos de todas as leis

(1) Herodian., IV, Ant., p. 87.

(2) Herodian., IV, Ant., p. 87.

promulgadas e os nomes de todas as nações vencidas por Augusto (1).

Enxames de moços e moças acompanhavam a pompa funebre, cantando poemas em honra do defuncto. O senado, os cavalleiros, os soldados pretorianos e uma multidão immensa de cidadãos fechavam a marcha. Todos iam de vestidos de lucto e tinham deixado os anneis d'ouro para tomarem outros de ferro (2). Chegado ao Foro, parou o cortejo. Houve duas orações funebres, uma pronunciada por Tiberio, outra pelo joven Druso. Os senadores, como elles proprios haviam decretado, vieram por sua vez pegar no leito aos hombros para o levarem á fogueira: collocaram-o sobre o segundo andar do templo improvisado cuja volta deram os pontifices e os sacerdotes processionalmente. O cortejo os seguia, e cada um lançou, ao passar, perfumes, plantas odoríferas, aromas de todas as especies, armas de honra, recebidas outr'ora pelos soldados, por seus bellos feitos na guerra (3). Tiberio e a familia imperial foram dar o ultimo beijo na estatua d'Augusto; collocaram-se depois n'uma tribuna e distribuiram-se tochas aos centurioens que inflammaram a fogueira. No mesmo instante se soltou do templo-sioho superior uma aguia que, elevando-se rapidamente acima dos turbilhoens de chamma e fumo, dirigiu o seu vôo para o ceu, como para levar para alli a alma do illustre morto. Livia e os principaes cavalleiros, de simples tunicas, sem cinto e com os pés descalços, conservaram-se cinco

(1) Tacit., *Annal.*, I, 8.

(2) Suet., *Aug.*, 100.

(3) Dio., l. VI, p. 685.

dias ao pé da fogueira, recolheram as cinzas do imperador e as encerraram no seu mausoleu (1).

Este soberbo monumento, construído pelo proprio Augusto, compunha-se d'uma grande torre redonda muito alta, de tres andares concentricos, o segundo dos quaes era d'um diametro muito menor que o primeiro, e o terceiro ainda menor que o segundo. O espaço deixado por cada andar era cheio de terra e plantado no seu circuito de arvores que, não despindo nunca a sua verdura, faziam agradável contraste com as paredes do edificio construído todo de marmore branco. Uma estatua de bronze do imperador formava o remate do ultimo andar. Na parte inferior do mausoleu haviam *loculi*, para as cinzas do principe, de seus parentes e amigos (2). Por traz estendia-se um bosque sagrado com passeios abertos ao povo; depois uma praça rodeada de duas cercas, uma de marmore, outra de ferro, precedida de dois obeliscos de sessenta pés de altura e d'um só pedaço de granito oriental: tal era o mausoleu d'Augusto.

Deste monumento que levava até ao ceu o magnifico testemunho do nosso nada, não resta

(1) *Roma no seculo d'Augusto*, carta LXX, p. 10.

(2) *Quorum omnium (sepulcrorum) praeclarissimum est Mausoleum, agger ad omnium supra sublimem albi lapides fornicem congestus et ad verticem usque semper virentibus arboribus cooptus. In fastigio statua Augusti Caesaris: sub aggere loculi ejus et cognatorum ac familiarium. A tergo locus magnus ambulationes habens admirabiles. — Strab., V, p. 211.*

hoje mais que uma grande ruina. Quando o viajante, entrando na rua *dos Pontifices*, chega ao pé do palacio *Corea*, acha-se em frente de grossas paredes notantes e arruinadas, obra reticular de tufo lithoide, que é a base do soberbo tumulo: nada de marmore, nada de inscripçoens, nada de estatuas, nada de obeliscos, tudo desappareceu. O diametro actual das ruinas da base é de duzentos e vinte pés romanos antigos. Examinando-as de perto, distinguem-se ainda no circuito os vestigios de treze camaras sepulcraes; a decima-quarta servia de entrada para a grande salla redonda situada debaixo do *agger*, cujo diametro era de cento e trinta pés.

Como as de todos os Cesares, foram as cinzas d'Augusto lançadas ao vento, mas em fim repoisaram n'este logar. Por que meio tinham podido distinguil-as das cinzas da lenha que serviu para consumir o cadaver imperial? E' uma questão que não carece de interesse, mas a resposta exige alguns pormenores. O resultado de que fallo era devido ao emprego da camisa d'amianto, na qual se envolviam os corpos destinados à fogueira. Todos sabem que o amianto é um mineral fibroso, de côr parda ou achumbada, de que se faz um tecido que resiste perfeitamente á acção do fogo. O amianto encontra-se sobretudo na Corsega, em Chypre, na India, nos Pyrenneus e ainda nos Alpes. Quanto ao modo de pol-o em obra, pega-se na pedra e deita-se em agua quente, onde se conserva mais ou menos tempo conforme a temperatura do banho. Depois tritura-se, amassa-se com as mãos para fazer sahir della uma especie de terra esbranquiçada semelhante á cal. Esta terra forma o vinculo que reúne os filamentos do ami-

anto. Quando a agua em que se effectua esta operação se ha tornado branca, espessa, substitue-se por outra, continuando a manipulação até que o mineral esteja inteiramente desembaraçado das substancias estranhas. O amianto reduzido a filamentos é exposto em uma caniçada para seccar.

Pega-se depois em dois cardos ou pentes semelhantes aos que servem para cardar a lan e pentêa-se de vagarinho o amianto. Quando os cardos estão cheios, põem-se um sobre o outro e collocam-se em cima de uma meza: é a roca. Com um ganchinho em forma de fuso tiram-se os filamentos, reúnem-se uns poucos, faz-se gyrar o fuso e obtem-se o fio. Durante esta operação, o obreiro tem cuidado de molhar em azeite o index e o pollegar; porque, d'um lado, o fio de amianto corta e esfolha, e, d'outro lado, o azeite abranda o filamento e o torna mais facil de fiar.

Quando se obteve o fio, seguem-se, na tecedura, os processos empregados para o canhamo e linho. A longura do trabalho, e sobre tudo a raridade do linho vivo, dão uma idéa da riqueza dos Romanos, que empregavam os tecidos d'amianto não só como camisas funerarias, mas tambem como roupa da meza (1). Para lavar esta roupa de nova especie

(1) Inventum jam est quod ignibus non absumeretur; -vivum (linum) id vocant, ardentisque in focis conviviorum ex eo videmus mappas, sordibus exustis, splendentesigni magis quam possent aquis. Regum inde funebres tunicæ, corporis favillam ab reliquo separant funere... Nascitur in desertis... assuescitque vivere ardendo, rarum inventu, difficile textu propter brevitatem... Ergo huic lino principatus in toto orbe. — *Plin.*, lib. XIX, c. 1.

basta lançal-a ao fogo; sahe delle purificada de todas as nodos e tornada ao seu primeiro estado. Mas os tecidos d'amianto são naturalmente seccos, de forma que a simples fricção basta para os estalar; conservam-se embebendo-os de azeite, e quando se quer fazer uso delles passam-se pelo fogo. Era assim que a mesma 'camisa fune'ria podia servir muito tempo na mesma familia (1).

Augusto foi pois envolvido, para ser reduzido a cinzas, n'esta mortalha incombustivel; depois depositado n'um 'loculus' do mausoleu imperial. Marcello, seu sobrinho, e Germanico, idolo do povo, foram em breve alli reunir-se-lhe (2). Foram seguidos d'Octavia, irman d'Augusto, de Druso e dos outros membros da familia reinante, à excepção das duas Julias, filha e sobrinha d'Augusto, que foram delle excluidas por ordem do proprio Augusto. O ultimo imperador que foi alli tomar logar foi Nerva, no anno de 98. Mas, como observamos, nem o prestigio destes grandes nomes, nem as grades de bronze, nem as paredes de marmore poderam proteger o monumento imperial, que já hoje não é mais que uma ruina informe; ao passo que nos mesmos logares Pedro e Paulo reinam gloriosos em seus sepulcros tornados em templos; ao christianismo só, é concedido o privilegio de dar a immortalidade, ainda á sepultura.



(1) Veja-se Ciamp., *Mon. Vet.*, t. III, p. 220.

(2) Tacit., *Annal.*, III.

16 de janeiro.

Praça do Povo. — Obelisco. — Santa Maria do Povo. —
Naumachia de Domiciano. — Trindade dos Montes.

Não longe do Mausoleu d'Augusto é a *Praça do Povo*. Descemos a ella pela manhã cedo, a fim de recomeçarmos a nossa excursão no ponto onde hontem a havíamos deixado.

Uns passeios, plantados de arvores verdes, rodeavam o tumulo dos Cesares, e estes elysios romanos estavam semeados de monumentos fúnebres pertencentes, a maior parte, aos libertos da familia imperial. Alem dos testemunhos da historia, temos, a favor deste facto, grande numero de inscriçoens tumulares encontradas no sitio. Só referirei a seguinte :

D. M.

VLPIO. MARTIALI. AVGVSTI
LIBERTO. A. MARMORIBUS.

• Aos deuses Manes. A Ulpio Marcial, liberto d'Augusto, conservador dos marmores. •

Mudando de destino, a praça do Povo nada perdeu da sua belleza. E' vasta, circular e rodeada de estatuas e edificios soberbos. No centro ergue-se o obelisco d'Augusto com uma magnifica fonte, cujas aguas cahem n'um tanque de granito. A circumferencia é aberta pelas tres grandes ruas do *Babouino*, do *Corso* e de *Ripetta*, que prolongam o raio visual até ao centro de Roma, em tanto que as bellas egrejas que formam o recinto, descançam a vista arrebatada com tanta magnificencia e harmonia. Para a esquerda de-

senham-se as relvas em amphitheatro do *Pincius*, cortadas por carreiros em espiral; e á direita as arvores verdes que encobrem o Tibre. A Porta Flaminia, com seus baixos-relevos, completa o panorama. Esta praça annuncia dignamente a cidade de Roma aos viajantes que chegam de França ou Alemanha pela estrada da Toscana. Assim que, desde a mais remota antiguidade, os imperadores, os papas, os cardeaes e os principes soberanos a tem escolhido para fazerem a sua entrada publica na Cidade eterna. Vitellio a seguiu precedido das suas legioens victoriosas, para ir depois expirar miseravelmente ao pé do Capitolio; e Pio VII, de immortal memoria, voltando do exilio, passava por alli, acompanhado das benções e das lagrimas d'um povo de que era modelo e pai.

Aproximamo'-nos do obelisco para melhor o estudarmos; tem setenta e quatro pés d'altura, não comprehendendo o pedestal sobre que repouza, nem a magnifica cruz por que é coroado. Depois da victoria d'Accio e da conquista do Egypto, mandou Augusto transportar para Roma este soberbo monolithe, collocou-o no *Circus maximus* e o dedicou ao Sol. Em 1589, Sixto V o tirou dos entulhos do Circo, o mandou erigir na praça do Povo, e o consagrou á cruz, verdadeiro sol do mundo. O proprio obelisco reconta a sua historia e canta o seu novo destino. No primeiro lado lê-se:

IMP. CÆSAR. DIV. F.
AVGVSTVS.

PONTIFEX. MAXIMVS
IMP. XII. COS. XI. TRIB. POT. XIV.

ÆGYPTO IN POTESTATEM
POPULI ROMANI REDACTA
SOLI DONVM DEDIT.

« O imperador Cesar, filho do divino Cesar, Augusto, summo pontifice, imperador doze vezes, consul onze vezes, tribuno quatorze vezes, havendo submettido o Egypto ao imperio do povo romano, offereceu este dom ao Sol. »

No segundo lado :

SEXTVS. V. PONT. MAX.
OBELISCVM HVNC
A. CÆS. AVG. SOLI
IN CIRCO MAXIMO RITV
DICATVM IMPIO
MISERANDA RVINA
FRACTVM OBRVPTVMQVE
ERVI TRANSFERRI
FORMÆ SVÆ REDDI
CRVCIQ. INVICTISS.
DEDICARI IVSSIT.

A. M. D. LXXXIX PONT. IV.

« Sixto V, Summo Pontifice, mandou desenterrar, transportar, restaurar e dedicar á cruz victoriosa este obelisco sacrilegamente consagrado, por Augusto, ao Sol, no grande Circo, depois miseravelmente quebrado e sepultado debaixo das ruinas. No anno de 1589, quarto do seu pontificado. »

Alludindo á vizinha egreja de Santa Maria do Povo, ajunta o obelisco :

ANTE SACRAM
ILLIVS ÆDEM
AVGVSTIOR

LÆTIOREQVE SVRGO
CVJVS EX VTERO
VIRGINALI
AVG. IMPERANTE
SOL IVSTITIÆ
EXORTVS EST.

« Mais santo e mais alegre, eu me ergo diante do sanctuario daquella de cujo virginal seio, sob o imperio d'Augusto, sahio o Sol da justiça. »

Penetrados desta poesia duas vezes sublime pela materia e pela forma, quizemos honrar no seu templo a celeste Virgem, tam bem cantada pelo monolithe egypcio. E estes cantos e as nossas homenagens, Maria parece recebel-as especialmente n'este logar; porque é bello ver o typo da pureza e da misericordia reinar sobre as ruinas do tumulto de Nero. « Quando elle morreu, diz Suetonio, suas amas Egloga e Alexandria, com Acté, o sepultaram na sepultura da familia Domicia, que se vê do Campo de Marte, na collina dos Jardins (1). »

N'este logar, manchado pelas cinzas impuras do parricida coroadado, cresceu, com o andar dos tempos, uma nogueira de tamanho espantoso. A copada arvore tornou-se o asylo d'uma nuvem de corvos que desolavam esta parte de Roma. Recorreu-se a Maria; ella appareceu ao papa Pascal II, disse-lhe que aquelles corvos eram

(1) Reliquias *Ægloge* et *Alexandria* nutrices cum *Acte* concubina gentili *Domitorum* monumento condiderunt, quod prospicitur e campo *Martio* impositum colli *Hortorum*. *In Ner. vers. fin.*

espiritos das trevas, mandou cortar a arvore funesta (*albero malnato*), lançar ao vento as cinzas infames, e edificar neste sitio um templo em sua honra. A ordem foi exactamente cumprida. Em 1231, o papa Gregorio IX, rodeado de todo o povo e do sacro Collegio, levou, com grande pompa, a Santa Maria do Povo, a milagrosa imagem da santa Virgem, venerada até então em S. João de Latran. Destes dois factos, o primeiro está archivado nos annaes da historia (1); o segundo está gravado nos dois baixos-relevos de estuque dourado, que estão à esquerda e direita do altar. Tres seculos depois, em 1578, viu-se o papa Gregorio XIII ir alli em procissão com todo o clero, descalço, para pedir, pela intercessão de Maria, o afastamento da peste de que Roma estava ameaçada; e a peste desappareceu. Estes titulos e muitos outros justificam explicando-a a veneração do povo romano pela *Madonna del Popolo*. Ha precisão de accrescentar que a Rainha do ceu está aqui, como nos outros sanctuarios de Roma, cercada d'uma côrte numerosa de santos e martyres? Baste nomear S. Pedro, S. Paulo, Santo André, Santo Estevão, S. Lourenço, Santo Hippolyto, S. Tiburcio, Santo Innocencio, da legião Thebana; Santa Ruffina, Santa Seconda, Santa Ignez e Santa Faustina, cujo corpo repouisa debaixo do altar da Conceição, na capella Cibo.

Ladeando a base do monte *Pincius*, chegamos á praça d'Hispanha ornada da bella fonte chamada *Barcaccia*. Era alli, segundo os archeologos, que se achava a famosa *Naumachia* de Domi-

(1) *Vêde* Mazzolari, Landucci, Alberici.

ciano (1). Os senhores do mundo pagão não as faziam d'outra especie : roubavam o Oriente e o Occidente para edificar em Roma duas coisas , *thermas* e *theatros* ; e é mister dizel-o, para pintar a sociedade que elles personificavam , a sua popularidade , o seu mesmo sceptro existiam por este preço. Acima da praça d'Hespanha estende-se a soberba escada que conduz a *Trindade de Monti* e á *Academia de França* ; aqui, estavamos completamente em nossa casa. A bella igreja da *Trindade* com os edificios que a rodêam pertence à nossa patria. As nossas damas do *Sagrado Coração* dão alli as jovens Romanas a educação tam distincta e tam christã que toda a gente conhece. Depois de termos saudado o obelisco de *Salustio* , erguido diante da igreja pela magnificencia de *Pio VI* , entramos para vermos a celebre *Descida da cruz* , de *Daniel de Volterra*. Citada pelo *Poussin* como um dos tres primeiros quadros de Roma , prova ainda , apesar de penosas degradaçoens , que o *Poussin* a havia classificado perfeitamente. Admira-se sobre tudo o grupo da *Santa Virgem* e das santas mulheres , a figura de *Nosso Senhor* que cahê verdadeiramente *come corpo morto cade* , e aquelle homem subido a uma escada , tam cheio de estro e tam maravilhosamente desenhado.

A collina que percorriamos , assim como o convento das *Carmelitas* e dos *Capuchinhos* , eram occupados outr'ora pelos jardins de *Lucullo* , tornados mais tarde propriedade de *Messalina* ! Deve a gente admirar-se de que , para sanctificar o *theatro* d'uma voluptuosidade sem vergonha e d'uma

(1) *Suet.* , in *Dom.* , c. IV.

opulencia duas vezes escandalosa, haja estabelecido a Providencia no mesmo logar os anjos da pureza e os modelos vivos da pobreza voluntaria, quero dizer as virgens do Carmelo e os filhos de S. Francisco? Contraste tocante, que o christão não pôde ver sem admirar-o e bemdizel-o.

17 de janeiro.

Templo d'Antonino. — Ponte e Castello do Santo Anjo. — Anecdota ácerca de uma quadrilha de salteadores. — Santa Maria *in Traspontina*. — Columnas de S. Pedro e S. Paulo. — Cupula de S. Pedro. — *Palla*. — Cemiterio dos Peregrinos.

Monsenhor de B... nos havia obtido liceuça de subirmos á cupula de S. Pedro: elle proprio devia acompanhar-nos. O tempo era o que deve ser quando se quer gozar do magnifico panorama de Roma e de seus arredores, contemplado do ponto culminante da Cidade eterna. Todavia, em vez de tomarmos a linha recta, descemos ao centro da cidade, a fim de visitarmos um monumento que haviamos visto muitas vezes sem o estudarmos. Na praça *di Pietra* se encontram os restos formidaveis d'um antigo edificio. Onze columnas magestuosissimas de marmore branco, canneladas e d'ordem corinthia, estão ainda em pé, e sustentam uma magnifica cimalha de marmôre.

As tres primeiras parecem pertencer a um portico, pois que a architrave que as une apparece em saliencia dos dois lados; as outras oito sustentavam a abobada d'um templo ou d'uma basilica:

sobre os seus capiteis apoia-se uma curvadura que deixa entrever a grandeza do edificio. Que monumento' era este? Uns pretendem que era o portico e o templo de Neptuno, edificado por Agrippa em memoria das batalhas navaes ganhas por Augusto; mas a opinião mais commum vê alli um templo d'Antonino. Como quer que seja, os Summos Pontifices tiveram cuidado de conservar esta ruina, mandando levantar paredes que apoiam as columnas e a abobada. D'onde resultou um edificio vasto e regular, no qual Innocencio XII estabeleceu a *alfandega de terra*. E' alli que ao chegardes a Roma ireis fazer a vossa primeira estação.

Chegamos pelas nove horas á ponte do Santo Anjo, outr'ora ponte Elia. Sobre os pilares estão postos à direita e esquerda anjos de tamanho heroico, cada um dos quaes tem na mão um dos instrumentos da Paixão. O pedestal de cada estatua tem em guisa de inscripção um versiculo do Evangelho, analogo ao instrumento de supplicio que serviu para consummar o deicidio. Esta composição um tanto pretenciosa é do inevitavel cavalleiro Beroia. Na cabeça da ponte está o castello do Santo Anjo, magnifico mausoleu d'Adriano. Este principe o mandou construir com um luxo e uma solidez capazes de eclipsar o tumulo d'Augusto e de affrontar os seculos (1). Ainda forma uma massa redonda cujo diametro actual é de cento oitenta e oito pés. Todo o exterior era outr'ora

(1) Sepultus est in ripa fluminis juxtam pontem Ælium; illic sepulcrum conditum; jam enim Augusti monumentum repletum erat, nec quisquam amplius in eo sepeliebatur. — Dio, in Adrian.

revestido de lajeas de marmore de Paros, e a plataforma ornada de estatuas de homens, de cavallos e de carros. Vê-se hoje alli um oratoriosinho dedicado a S. Miguel e sobrepujado pela estatua do Archanjo embainhando de novo a espada, tal qual appareceu a S. Gregorio Magno por occasião da terrivel peste de Roma. A torre era protegida, como ainda é, por uma cerca quadrangular, e o massiço das paredes é tal que apenas deixa, no interior da rotunda, o logar sufficiente para uma pequena escada. N'este estreito vasio estava a urna que continha as cinzas imperiaes. Desde o tempo de Honorio a mole d'Adriano tornou-se n'uma cidadella. Conservou esse destino ao mesmo tempo que se tornou tambem em prisão d'Estado, e até em prisão criminal. Quando a visitamos contavam-se n'ella muitos centenares de forçados. Entre os quartos superiores mostraram-nos aquelle que havia recentemente occupado o sobrinho de Napoleão; como os outros prisioneiros, tinha elle gravado o seu nome na parede: *Luis José Napoleão, chefe de esquadrão*, outubro de 1836. Singular destino desta familia! Nascidos nos degraus do throno, todos os seus membros vivem hoje no exilio ou nos ferros.

Entre os prisioneiros do castello do Santo Anjo, havia um que ha pouco excitava vivamente a curiosidade dos viajantes. Era Bernardone, ultimo sobrevivente dessa quadrilha de *Malandrini*, tam famosos na Italia ao começo do nosso seculo (1). A sua historia merece ser conhecida e vou referil-a tal qual a aprendi, em Roma, d'um Francez, tes-

(1) Bernardone tinha sido transferido para Civitá-Vecchia.

temonha occular dos acontecimentos. Uma quadrilha de saltadores, verdadeiros typos do genero tantas vezes descripto pelos viajantes, se havia estabelecido nas montanhas que separam o reino de Napoles dos Estados pontificios. Composta d'uns trinta individuos, determinados e armados até aos dentes, formava, sob a direcção d'um chefe absoluto, uma tropa perfeitamente disciplinada. Era tanto mais formidavel quanto conhecia até á ultima as cavernas daquelles bosques quasi que inacessiveis. Em vão se tinham enviado em sua perseguição esquadras de carabineiros e até tropas de linha: ella escapava a todos os esforços, e o terror que inspirava no paiz ia sempre crescendo.

Para obter viveres lançava contribuições ás herdades e ás aldeas. « Tal dia, a tal hora, mandava dizer o chefe aos habitantes, depositareis em tal sitio, tanto pão, vinho, dinheiro, etc., senão, deitar-se-ha fogo ás vossas casas. Alem disso, se ousais tocar nas nossas mulheres e nos nossos filhos, ou tomal-os em refens, esperai por sanguinosas represalias.» Era o systema dos trabucarios hespanhoes. Os aldeoes assustados forneciam docilmente aos seus inimigos os meios de continuarem seus estragos. Não se sabia nem quando, nem como este flagello findaria, quando um parcho das vizinhanças, ancião venerando, que tinha a dor de contar entre os saltadores muitos dos seus freguezes, resolveu fazer uma tentativa.

Animado pelo exemplo de S. João, correndo apezar da sua avançada idade em busca d'um moço ladrão, decide-se o bom pastor a penetrar, com risco da vida, até ao covil dos malfetores. Recommenda-se a Deus, pega no bordão e no braviario, e enca-

minha-se, pela noite, para a temivel montanha. Com fadigas incriveis chega ao mais profundo do bosque na borda d'um escarpado barranco. «Quem vive, grita-lhe uma voz terrivel partida da borda opposta? — Meus filhos, brada o padre, eu não venho para vos fazer mal. Quero o vosso bem; deixai-me aproximar-me; sou o cura de N., estou só e sem armas. Vós deveis conhecer-me; ha muitos entre vós, que eu baptisei, que eu tive sobre os meus joelhos.»

Um dos salteadores se afasta, em quanto outro, com a carabina na mão, conserva o padre a distancia. E' levada a nova ao quartel-general; uns querem que se deixe vir o padre, outros oppoem-se a isso. O chefe corta a questão e manda dizer ao velho que pôde vir; mas que ficará em refem, até que elle esteja bem seguro de que o seu passo não encobre nenhum laço, e que pagará com a cabeça o minimo mal feito ao bando. O padre acceita com felicidade: escoltado por dois salteadores, chega ao quartel-general. Era uma especie de clareira baixa, estreita, cercada de duas triocheiras de arvores copadas e cavernosos rochedos. Os bandidos estavam assentados em torno d'uma grande fogueira quasi apagada. Seus rostos morenos, suas compridas barbas, seus olhares ferozes, seus punhaes, suas terriveis carabinaas, a desordem d'um bivaque junta a todo este vestuario do handido dos Abruzzos, era de natureza de fazer tremer o homem mais intrepido. A este espectaculo, o bom padre põe-se a chorar. «Que quereis? que viestes fazer aqui, pergunta-lhe o chefe. — Meus filhos, diz-lhes o velho, eu sou vosso pai! e quiz ver-vos para vos dizer quam afflicto estou! Que vida é a vossa! em que estado se acha a vossa alma! ... Em tanto que

vossos pais e mães, vossos amigos, toda a Italia, e até o mundo inteiro se apressam a aproveitar-se do anno santo fazendo penitencia, vós, vós multiplicaes os vossos peccados !... Meus filhos, pensais n'isso? sereis os unicos que haveis de recusar o perdão que a todos é offerecido? Não estaes cansados do crime? Acreditai-me, meus caros filhos, é tempo de vos deterdes: eu vim buscar-vos para vos reconduzir ao aprisco.»

A's palavras paternaes do bom velho, os bandidos, espantados, olham uns para os outros. O chefe rompe alfim o silencio e diz: «Se quizerem conceder-nos o perdão, deixaremos a vida que levamos; porem sabemos o que nos cabe; e assim, morrer por morrer, antes queremos morrer aqui que na forca. — Não posso prometter-vos coisa alguma, responde o padre; ninguém me enviou; mas, se vos permitissem tornar a entrar na sociedade, viverieis como bons christãos? — Não nol-o concederão! — Eu irei ter com o Santo Padre; pedirei graça para vós, e voltarei: meus filhos, eu vol-o supplico, fazei as vossas reflexoens: pensai na vossa alma.» Vendem os olhos do padre, e dois malandrins o reconduzem á fralda das montanhas. Sem perder um instante, o bom velho dirige-se a Roma. O Papa é informado do que se passa: reune-se a Commissão de justiça, e decide-se que o padre voltará junto dos ladroens, que lhes prometterá a vida salva, mas que elles deverão, para o mais, entregar-se á clemencia do Santo Padre.

O velho põe-se novamente a caminho, volta junto dos bandidos e dá-lhes partes da decisão do Summo Pontifice. Supplica-lhes não desprezem essa occasião unica de entrarem de novo no bom caminho. « Em todo o caso, meus caros filhos,

lhes diz, não vale mais serdes condemnados n'este mundo a alguns annos de prisão, que serdes precipitados, por toda a eternidade, nos fogos do inferno? » Poder admiravel da fé sobre aquellas almas abandonadas! os bandidos são vencidos. « Eu mesmo quero acompanhar-vos, diz-lhes o bom pastor. » Põe-se a caminho, e Roma vê um dia esse veneravel sacerdote entrar em seus muros, atravessar-lhe as ruas, seguido de trinta bandidos, ainda hontem terror da Italia, e hoje mansos como cordeiros. Dirigem-se directamente ao castello do Santo Anjo; os malandrini são julgados e condemnados a prisão, uns por certo tempo, outros por toda a vida. Passava-se isto em 1825, anno do grande Jubileo. Este acontecimento, conhecido de Roma inteira, confirmou de novo a observação que eu tivera occasião de fazer já em Genova, já em Florença, a saber: que a idade media, com seus dois caracteres de fé vigorosa e paixoes temiveis, reina ainda nas populaçoens italiannas. Oh! sim, restitui-nos a fé, e não desesperemos de nada com ella, as mesmas pedras se tornam em filhos de Abrahão (1).

A curta distancia do castello do Santo Anjo, acha-se a bella egreja de Sante Maria in *Traspontina*: entramos n'ella para visitarmos dois monumentos do martyrio de S. Pedro e S. Paulo. A' esquerda, nas capellas lateraes, estão duas columnas de marmore branco com veios vermelhos, d'altura de cerca de cinco pés. Os gloriosos Apostolos foram a ellas atados para soffrerem a flagellação que, segundo as leis romanas, precedia o supplicio dos

(1) Um facto quasi similhante se refere na *Vida do cardeal Baronio*, lib. III, c. 2, p. 143.

escravos e dos estrangeiros. Crê se com fundamento que estas duas columnas estavam no *Comitium*, de que fallamos descrevendo o Foro romano. Na primeira lê-se: *Hæc est columna ad quam ligatus fuit S. Petrus, flagellatus et verberatus, Nerone imperante*: « É esta a columna a que foi atado S. Pedro, flagellado e açoitado, por ordem de Nero. » A segunda tem a mesma inscripção, com a unica mudança do nome do Apostolo: *Hæc est columna ad quam ligatus fuit S. Paulus, flagellatus et verberatus, Nerone imperante*. Era a quarta vez pelo menos que o grande Apostolo soffria, apezar da sua qualidade de cidadão romano, o supplicio da flagellação (1); tanto é certo que a respeito dos christãos se permittiram sempre pôr-se acima das leis. Depois de termos beijado com amor estes veneraveis monumentos da nossa fé, dirigimo'-nos para o Vaticano.

É necessario subir ás galerias da cupula para fazer uma fraca ideia do gigantesco monumento chamado S. Pedro de Roma. Assim, as quatorze estatuas de Nosso Senhor, de S. João Baptista e dos doze Apostolos, que decoram a grande fachada da Igreja, parecem apenas, vistas da praça, attingir o tamanho natural: aproximais-vos, e achais que tem dezeseite pés d'altura! Os cumes da grande nave são em plataforma, e crê-se sonhar ao ver alli casas, uma fonte, carros, e não sei quantas outras coisas que se não suspeita. N'estas habitaçoens aereas vivem parte dos *Pietrini*, isto é obreiros de todas as especies empregados na conservação do monumento: o seu numero passa de trezentos e cincoenta. Por uma escada magnifica

(1) . *Ter virgis cæsus sum. II Cor. XI, 25.*

chega-se à primeira galeria da cupula, situada immediatamente por cima das letras: *Tu es Petrus*, etc. O circuito interior desta galeria tem duzentos pés, e as letras, que da nave parecem ter seis pollegadas de altura, tem na realidade cinco pés e meio. Chegando à segunda galeria, podem-se admirar à vontade os magníficos mosaicos cuja riqueza e cujo brilho dão uma idéa dos esplendores da Igreja triumphante, representada em todas as paredes da cupula. A Igreja militante apparece por sua vez, quando, cravando os olhos até ao docel de S. Pedro, a gente recorda que estas columnas, feitas com o bronze do Pantheon d'Agrippa, estão cheias de ossos de martyres. Base e remate do immortal edificio, tudo tem a vista abrangido: a impressão é completa. D'alli ainda se avista, não longe do tumulo apostolico, o altar dos Santos Procés e Martiniano, carcereiros de S. Pedro e S. Paulo na prisão Mamertina; e comprehende-se o espirito d'uma religião que reúne no mesmo templo, associa ás mesmas honras os algozes e as victimas! E' que effectivamente, aos olhos de Deus, o sangue derramado pela fé apaga todas as distincçoens apagando todos os peccados.

Continuando a subir, chega-se em fim á passagem que communica do mirante ao interior da bola: *Hic opus, hic labor*. Diante de vós está suspensa verticalmente uma estreita e comprida escada de ferro, collocada no centro d'um tubo que se poderia tomar, se fosse mais largo, pela trachéa d'uma baleia: Jonathas não teve precisão de se despir para penetrar na sua prisão viva; menos favorecidos são os visitantes da *Palla*. Aquelle que passa d'um certo diametro deve divor-

ciar-se com o seu capote, paletó e até casaco; feliz se a epiderme, demasiado fortemente apertada, não deixa perceber, depois da difficil ascensão, alguma solução de continuidade: este espectáculo tragi-comico se nos offereceu. Um dos nossos companheiros de peregrinação, *gentleman* de largo abdomen, despoja-se dos seus vestidos, contem a respiração, põe-se de esguelha o mais possível, e crendo ter attingido o calibre forçado, tenta a passagem. Medidas insufficientes! preso mesmo no meio da sua excursão aerea, não pode nem avançar nem recuar. Todos se poem em estado de o desembaraçar; uns o empurram pelos pés, outros lhe pucham pelos braços; e se não fosse a honra de poder dizer *eu subi á bola*, afirmo que elle teria querido estar a cem leguas do que chamava, no meio de gargalhadas universaes, uma horrivel ratoeira. Deve-se convir em que similhante honra já é alguma coisa; pois que se vêem inscriptos em chapas de marmore os nomes dos personagens illustres que tem entrado na *bola*: nós chegamos lá valorosamente.

Calculando o espaço que occupavamos, achamos que a *bola* pode em rigor acolher trinta pessoas; ora, como nós não eramos mais de nove, comprehender-se-ha que estavamos muito á vontade. Ergui-me nas pontas dos pés, e foi com custo que com o index estendido, consegui tocar a parte superior desta camara de cobre doirado. Quando se vê lá em cima, a quatrocentos vinte e quatro pés nos ares; quando pensa que por cima da sua cabeça está a cruz, e que um pedaço da arvore sagrada do Calvario domina todo este monumento, proclamando a victoria do christianismo e a profunda misericordia do Deus Salvador, o viajante

christão entõa involuntariamente a *Gloria in excelsis*, depois o *Credo* Depois de Bethlem, a *Palla* de S. Pedro de Roma é talvez o logar do mundo onde estes dois canticos produzem mais viva, mais arrebatadora impressão.

O panorama verdadeiramente magifico de que gozavamos nos offerecia outra compensação. Entre os pontos curiosos do vasto quadro, os nossos olhares fitaram-se com avidez no cemiterio dos Peregrinos; acha-se elle á esquerda de S. Pedro, não longe do Santo Officio. Quando se souber de que terra elle é formado e qual é o seu destino, comprehender-se-ha quam-legitima era a nossa curiosidade. Depois da sua traição, Judas, atormentado de remorsos, torna a levar aos sacerdotes os trinta dinheiros, preço sacrilego do sangue innocente. O Sanhedrim decide que com elle se compre o campo d'um oleiro para sepultura dos peregrinos. *in sepulturam peregrinorum*. Pois bem, sim, *Judeus deicidas, vós sereis prophetas!* A imperatriz Santa Helena, visitando os santos logares, mandou transportar para Roma a terra do *Haceldama*; e, para verificar até ao fim dos seculos a palavra prophetica, a Egreja fez desta terra um cemiterio reservado para os peregrinos, *in sepulturam peregrinorum* (1).



(1) *Fraudulenter principes sacerdotum cogitaverant et decreverant illius pecuniæ summam in vilissimæ et abjectissimæ rei usum expendere, in sepulturam scilicet militum aliorumque pauperum et ignobilium gentilium; ut hac ratione Chris-*

18 de Janeiro.

O Trastevere. — Ponte Fabricius. — Ilha do Tibre. — Ponte Cestius. — Recordações pagans. — Monumentos christãos. — Martyrio de Santa Cecilia. — Igreja de Santa Cecilia, seu tumulo. — Seu quarto de banhos. — Mosaicos do abside e do cõro. — Reliquias. — Vaso do portico: — S. Francisco *d Ripa*. — Quarto de S. Francisco. — Claustro do convento.

Havíamos estudado todos os bairros de Roma cercados pelo Tibre; restava-nos visitar a região que se acha além do rio, e que por essa razão

ti memoriam ad necem: empti, et suam ipsorum impietatem emptione sepulturæ sepelirent. Sed aliter Dei Providentia factum, ager quippe ille emptus æternum monumentum factus est sceleris ipsorum. — Novarum. in *Matth.*, c XXVII.

Nam cum jussu imperatricis Helenæ, de hoc agro, quantum terræ plures naves capere poterant, Romam evectum, ac juxta montem Vaticanum in eum locum exoneratum sit, quem incolæ *Campum Sanctum* vocitant, licet cælum mutarit, eandem tamen retinere vim quotidiana experientia docet. Romanos enim respueas, sola peregrinorum corpora ad sepulturam admittit: quorum etiam hic omnem carnis substantiam intra viginti quatuor horas prorsus consumit, ossibus tantum residuis. — Adrichom, *Descript. Jerosal.*, p. 173, n. 216. Vide etiam Brochardum, Nicephorum, Bredembachium, Saligniacum, etc. — Sæpius Romæ vidi et visi Campum Sanctum, ac ita serem habere ab ipso loci parcho ejusque asseclis ac Romanis cæteris audivi. — Cornel. a Lapid. in *XXVII Matth.*, p. 618, n. 8.

se chama o Trastevere. Chegamos lá pela ponte *di Quatro Capi*, outr'ora ponte *Fabricius*. Edificada de madeira desde os primeiros tempos da republica, foi construida de pedra por *Fabricius*, *Curador das vias*, algum tempo depois da conjuração de *Catilina*. A inscripção posta no arco não deixa duvida alguma a este respeito :

L. FABRICIVS C. — P. CVR. VIAR. FACIVNDVM
CONRAVIT. IDEMQVE PROBAVIT

Q. LEPIDVS. M. — F. M. LOLLIVS. M. — F. COS.
S. C. PROBAVERVNT.

Chamam-lhe vulgarmente *de' Quatro Capi*, das Quatro Cabeças, por causa d'uma estatua de *Janus Quadrifrons* que se vê á entrada da praça. Esta ponte conduz á Ilha do Tibre, tam celebre na historia de Roma pagan e de Roma christian, Allí se erguam o templo de *Jupiter Licaonio* e o templo mais famoso d'*Esculapio*. Roma, assolada pela peste, enviou embaixadores ao Epiro, conforme os oraculos sibyllinos, com ordem de trazerem o deus d'*Epidauro*. Uma serpente monstruosa foi levada para Roma e collocada na Ilha do Tibre, onde teve seu templo, seus sacerdotes e seus altares (1).

Os doentes vinham em tropel pedir-lhe a saude; e os Romanos, para se não darem ao trabalho de tractar os seus escravos velhos ou enfermos, os enviavam ao pretendido Deus a fim de que os curasse. Era um meio commodo de se desemba-

(1) Epitomat. Livii, lib. II; Plin., lib. XXIX, c. IV.

raçarem :delles (1). Na ilha do Tibre se encontra uma daquellas bellas harmonias que Roma apresenta a cada passo ao viajante attento. E primeiramente, no mesmo sitio em que a antiga serpente se fazia adorar pelos senhores do mundo, reina hoje no seu glorioso tumulo um dos doze pescadores galileus que derrubaram a idolatria: alli se ergue a linda egreja de S. Bartholomeu na Ilha. Depois, em torno dos restos sagrados do Apostolo, nos edificios arruinados que alojaram os sacerdotes d'Esculapio, se estende o hospicio dos frades de S. João de Deus, tam amados dos doentes e dos pobres de Roma. Não longe do templo de Jupiter estavam o ediculo de Fauno, depois a estatua de Simão o Magico posto no numero dos deuses do imperio (2). Sob Tiberio, a Ilha do Tibre, testemunha da agonia dos escravos abandonados, o foi ainda das angustias das pessoas de distincção que já o capricho e a crueldade do feroz Cesar condemnavam á morte: era ali que ellas esperavam por espaço d'um mez inteiro a execução da sua sentença (3). Aos pagãos succederam nossos pais na fé, e multidão de martyres purificaram com o seu sangue aquella terra tantas vezes manchada. A antiga ponte *Cestius* junta a Ilha do Tibre ao *Trastevere*. Atrabalde Saint-Marceau, rua Moulletard de Roma, o *Trastevere* não foi longo tempo habitado senão pelo povo meudo e pelos Judeus (4). Augusto

(1) Suet. in *Claud.* c. XXV.

(2) Euseb., *Hist. Eccl.* lib. II, c. XII; Just., *Apol.* 1.

(3) Sidon., lib. I, epist. 7.

(4) Phil. *De Legat. ad Caium*; Bar. *Annal.*, t. I.

edificou alli um quartel para os soldados de marinha pertencentes á frota de Ravenna; os que faziam parte da frota de Mysena tinham o seu alojamento na terceira região, ao pé do monte Cœlio. Alli se achavam os prados de Mucio Scevola dados em recompensa pelo povo romano; os campos de L. Quinctilio, e finalmente as quatro geiras de Cincinnato (1). Que parte do Trastevere occupavam estes logares historicos? não se sabe. A opinião mais commum colloca os primeiros nas visinhanças de Santa Cecilia e de S. Francisco a' Ripa. O bairro transteverino encerra ainda outras recordações de que fallarei na ordem segundo a qual se apresentarem.

Entre os monumentos christãos que chamam o viajante álem do Tibre, deve-se collocar primeiramente a igreja de Santa Cecilia (2). Sob o reinado de Alexandre Severo vivia uma joven christã chamada Cecilia, mais distincta pela sua angelica virtude que pela nobreza da sua origem e pelo brilho da sua belleza. Valeriano, official do imperador, nascido no paganismo, pede a mão della. Inspirada pela graça, Cecilia accêita a proposta, converte seu desposado, e um e outro promettem ao Senhor perpetua continencia. Tiburcio, irmão de Valeriano, cede tambem ás doces exhortações de sua cunhada e recebe o baptismo. A voz desta dupla victoria espalha-se, e os neophytos são presos. O centurião Maximo, que os conduz ao supplicio, é tam tocado por seus discursos e por sua coragem, que tambem se con-

(1) Cincinnato arati quatuor sua jugera, etc.
— *Plin.*, lib. XVIII, c. III.

(2) Santa Maria Nova.

verte ; e, condemnado immediatamente, mistura o seu sangue ao sangue dos seus prisioneiros.

Restava a moça heroína, principal instrumento do seu triumpho. -E' dada ordem de a procurar ; os perseguidores se dirigem álem do Tibre, a casa de Cecilia que é agarrada, e votada á morte. Em attenção ao seu alto nascimento empregou-se, para fazel-a expirar, uma especie de supplicio conhecido dos Romanos, quando se tractava das mulheres, e sobre tudo das mulheres nobres. Encerraram-a no *Sudatorium* dos seus banhos. Esta sala que se acha em todas as *thermas*, e cujo modelo se vê ainda em Pompeia, era hermeticamente fechada e aquecia-se por meio d'um calorifero. Elevaram de tal modo o fogão que a Santa devia ser abafada em algumas horas ; não succedeu assim, e ao cabo de tres dias sahio cheia de vida do seu ardente tumulto. Foi então que o juiz mandou cortar-lhe a cabeça ; o algoz deu-lhe tres golpes que ou por um requinte de crueldade da parte do tyranno ou pelo effeito d'um milagre, a deixaram sobreviver por tres dias. A heroica martyr aproveitou-os para continuar a sua missão. Grande numero de pagãos se converteram e receberam, na mesma casa de Cecilia, a graça do baptismo das mãos do papa Santo Urbano. Antes de expirar a Santa rogou ao Pontifice mudasse a sua casa em egreja : o seu desejo foi cumprido. Consagrada pelo papa Santo Urbano, e restaurada por S. Gregorio Magno, esta egreja, já tam veneravel, o veio a ser ainda muito mais sob o reinado de S. Pascal.

Os corpos dos santos martyres haviam sido sepultados nas catacumbas de Pretextato, mas ignorava-se o logar das suas sepulturas. Cecilia

o fez conhecer ao Vigario de Jesus Christo, que, depois de longas buscas, conseguiu descobri-lo. O *loculus* de Santa Cecilia continha o corpo da illustre martyr, envolvido em vestidos bordados a oiro e manchados com o seu sangue; aos pés estavam paunos enrolados e igualmente imbebidos de sangue. O corpo de S. Valeriano, Tiburcio, Maximo e dos papas santo Urbano e S. Luciano, foram igualmente encontrados pelo feliz Pontifice. Nos dias dos seus triumphos, nunca Roma pagan exultou d'uma alegria igual à de Roma christian quando os gloriosos vencedores da idolatria entraram nos seus muros. Todos foram depositados na egreja de Santa Cecilia, que S. Pascal mandou reedificar inteiramente, a fim de tornal-a mais digna do deposito sagrado que devia encerrar.

Ricos com estas noções reclamadas pelo espirito e sobre tudo pelo coração do viajante christão, pozemos o pé na egreja tantas vezes monumental. No fundo dos degraus do côro abre-se a veneravel crypta onde repouza o corpo de Santa Cecilia. Está n'um relicario de cypreste encerrado n'outro de prata do valor de 4,292 escudos d'oiro: homenagem do papa Urbano III, milagrosamente curado pela intercessão da santa martyr. A bella estatua de marmore branco, d'Estevão Madero, representa a Santa deitada de lado, como foi achada, quando no XVI.º seculo o cardinal Sfondrato abriu o seu tumulo. Este principe da Egreja, tutellar de Santa Cecilia, enriqueceu a confissão da illustre martyr com noventa lampadas de prata que ardem de noite e de dia, e a sua egreja com grande quantidade de reliquias insignes de que brevemente fallaremos.

Feitas as nossas orações no tumulto da heroína da Fé, quizemos ver o logar do seu triumpho. E' em frente da sacristia e pôde ter dezoito pés de comprimento por seis de largura. No fundo, as mesmas paredes, as mesmas dimensoens, o mesmo pavimento de mosaico, pisado pelos pés descalços da Santa e de seus algozes. A fim de que nada falte à veneração do peregrino no immortal *Sudatorium*, uma grade de ferro marca o logar occupado pelo fogão e pela caldeira d'onde se desprendia o vapor homicida. Se estivessem no quarto onde Socrates bebeu a cicuta, os nossos *loristas* não se esgotariam referindo as suas impressoens; e quereriam que o christão fosse mudo e insensivel em logares consagrados pela morte muito mais heroica de seus irmãos e de suas irmans na fé! Mas estas impressoens, não pôde a penna expressal-as; ao coração toca sentil-as.

Tal é, em parte, a gloria interior da egreja de Santa Cecilia; a sua gloria exterior brilha nas pinturas que a decoram. No portico vê-se d'um lado a Santa revelando o logar da sua sepultura ao papa Pascal, e do outro a trasladação das suas reliquias para o sanctuario que lhe é consagrado. Este monumento da arte é de grande interesse; mas tem soffrido muito, e é de desejar que o transportem para um logar onde cesse de estar exposto ás injurias do tempo, sem o que dentro em breve já nada restará d'elle.

Um soberbo mosaico orna o arco absidal e o côro da egreja. No centro do arco apparece a Rainha das virgens assentada n'um throno scintillante de pedras preciosas. No regaço de sua divina Mãe, o menino Jesus está em pé, com o rosto virado para o espectador. A' direita e esquerda

do throno de Maria conservam-se dois anjos de pé, com as azas estendidas. Mais longe veem, de cada lado, cinco virgens coroadas; vestidas de roupagens fluctuantes, trazendo nas mãos, cobertos d'um veu pendente, especies de pães redondos, symbolo do trabalho e da charidade. Entre cada virgem ergue-se uma palmeira, cujos ramos são o attributo da victoria. Podia elle ser mais bem collocado que n'um desenho consagrado à gloria d'uma virgem martyr? Nas extremidades do arco desenham-se duas cidades, ornadas de lampadas suspensas ás portas, Bethlem e Jerusalem, d'onde sahiram a vida, a salvação, a luz do genero humano; e d'onde, n'um certo sentido, devem sahir todos os homens para chegarem ao throno de Deus na patria celeste.

Por baixo do arco, no campo das pilastras; vêdes de cada lado doze personagens vestidos de grandes roupagens e cada um dos quaes eleva uma corôa para o throno da Rainha dos anjos e dos homens. Os doze Patriarchas e os doze Apostolos representam aqui em toda a duração da sua existencia a Egreja catholica; que se reconhece humildemente devedora das suas victorias e da sua immortalidade áquella que reina nos ceus: taes são as mysteriosas e magnificas pinturas do arco triumphal. O côro não é menos rico. No ponto mais elevado da concha, na junção das duas soberbas grinaldas que formam a moldura, brilha o monogrammó do papa S. Pascal $P. \frac{S}{A} L.$ Do alto do ceu apparece a mão mysteriosa, emblema da divindade, depondo uma corôa de diamante na cabeça de Nosso Senhor que está em pé.

...O Salvador tem na mão esquerda um livro

enrolado, e com a direita abençoá à maneira dos Gregos; isto é, o pollegar e o dedo annular estão reunidos, em tanto que os outros dedos estão estendidos. Sabe-se que os Latinos abençoam estendendo o pollegar, o index e o dedo do meio, estando os outros curvados. D'uma e d'outra maneira proclamam a Egreja do Oriente e a Egreja do Occidente o mysterio da SS. Trindade. Não é este o unico merito da particularidade que signalamos; prova tambem que os mosaicos de Santa Cecilia são obra d'um artista grego, e que são na realidade da remota epocha a que os referem.

A' direita do Salvador vê-se S. Paulo, cuja mão direita pende naturalmente, em tanto que a esquerda, apoiada sobre o peito, tem um livro, symbolo da doutrina. O grande Apostolo é seguido por uma joven virgem que tem o traje das imperatrizes, com collares de diamantes em volta do pescoço, em tanto que a aureola circular lhe adorna a cabeça enriquecida d'uma coroa de perolas. Esta virgem é Santa Agatha, cotitular da basilica. A' sua direita vem o papa S. Pascal que traz o modelo da egreja, e tem a cabeça cercada da aureola quadrada, signal distinctivo do personagem vivo. Atraz delle uma palmeira estende os seus magestosos ramos, entre os quaes se vê uma phenix, emblema da resurreição. A' esquerda de Nosso Senhor apparece S. Pedro que tem as chaves, e acompanhado de S. Valeriano e de Santa Cecilia, que trazem um e outro nas mãos a corôa comprada pelo preço do seu sangue. O centro da moldura inferior apresenta o Cordeiro de Deus, que tem sobre a cabeça o monogrammo de Nosso Senhor; de cada lado seis cordeiros indo para elle, e sahindo de duas cidades semelhantes

pelo modelo e pela significação ás de que já fallamos (1).

O conjuncto harmonioso da composição, a simplicidade, a energia, ou, para melhor dizer, a transparencia dos emblemas, a magnificencia das decoraçoens e o brilho das côres, fazem deste mosaico um dos mais bellos monumentos da nossa antiguidade religiosa. Que differença entre esta maneira simples, facil, sublime dos artistas christãos e a dos nossos artistas modernos! D'onde procede que os ultimos nem mesmo tem bastante gosto para irem procurar os seus modelos religiosos nos nossos seculos de fé? Como a maioria das egrejas de Roma, é Santa Cecilia não só um museu e uma galeria, mas ainda um relicario. Nomear os santos e martyres cujos veneraveis restos, recolhidos pelo cardeal Sfondrato, enriquecem a santa basilica, fôra demasiado longo. Basta saber que todas as ordens de bemaventurados tem aqui seus representantes, como para felicitar a illustre virgem do seu glorioso triumpho, fortalecer a fé do peregrino, reanimar a sua coragem e muitas vezes fazel-o córar da sua pusillanimidade.

Sahindo da igreja cumpre examinar, no antigo atrium, um desses grandes vasos de warmore, chamados *canthari*, que serviam de lavatorio para a ablução dos fieis. O de Santa Cecilia é de boa conservação e recorda, pelo uso a que era destinado, o religioso temor e a innocencia sem mancha que nossos pais se esforçavam por levar ao templo santo.

Singular destino dos logares em que estamos! Antigas testemunhas da coragem de Mucio Scevola,

(1) Ciamp., *Vet. Mon.* t. II, c. XXVI.

foram o premio da sua dedicação [1]; feitos sob o christianismo theatro d'uma dedicação mais nobre, são consagrados a perpetuar-lhe a recordação. O heroismo da virgindade e do martyrio, e o heroismo talvez tamanho da pobreza e da humilhação voluntaria, recebem alli as homenagens que merecem. A Clelia e Mucio Scevola succedem Santa Cecilia e S. Francisco d'Assis: cojas virtudes, inspiradas pela fé, conquistaram à sua gloria esta parte do Trastevere. Curta distancia nos separava do convento e da egreja de *San Francisco a Ripa*. No fundo desta humilde habitação está um pequeno sanctuario d'onde se exhala não sei que perfume de santidade que penetra e embalsama a alma e os sentidos: nomeei o quarto de S. Francisco d'Assis. Quaesquer que sejam o teu paiz, a tua crença e o teu nome, peregrino, descalça aqui os teus sapatos; entras na habitação d'um heroe, d'um santo, sublime instrumento da Providencia na obra da civilisação.

Teus pés pisam o mesmo solo, teus olhos vêem as mesmas paredes, o mesmo tecto; tuas mãos tocam a mesma porta de madeira, a mesma pedra que lhe serviu de travésseiro; n'uma palavra, estás cercado de todos os objectos testemunhas das orações, dos suspiros, das austeridades, dos extasis do seraphico patriarcha: espectáculo duas vezes eloquente que te revela o segredo de te tornares

(1) Aqui eram, como se sabe, os prados de que a Republica fez presente a Mucio Scevola em recompensa da sua coragem. Cré-se que é no mesmo sitio em que se achá a *Ponte rotto*; que teve logar o acto heroico do celebre Romano.

um grande homem, ensinando-te que Deus escolheu sempre para operar coisas maravilhosas os pequenos e os humildes.

N'este venerando quarto, transformado em capella, repoisam vinte e oito corpos santos com quantidade de reliquias preciosas, que uns caixilhos gyratorios offereceram aos nossos olhos e à nossa piedade. Um dos religiosos que nos acompanhavam puxou depois uma cortina posta atraz do altar, e vimos o *verdadeiro* retrato de S. Francisco d'Assis; crê-se contemporaneo do illustre fundador. Os claustros do convento representam nos frescos numerosos, os papas, os cardeaes, os homens illustres, os santos e os martyres da ordem. E' para os bons padres uma galeria de familia cuja vista, estou certo disso, tem feito germinar mais d'uma virtude e alentado mais d'um sacrificio. O mundo aproveita com isso, e iograto que é, demasiadas vezes esquece a religião que o inspira.

19 de janeiro.

Santa Maria in Trastevere. — *Tabernã meritoria.* — Rescripto d'Alexandre Severo. — Milagre da fonte d'oleo. — Provas. — Primeira igreja de Roma dedicada á Santa Virgem. — Vista da fonte. — Inscriptoens. — Mosaicos. — Tumulos. — Reliquias de Martyres. — Os Transteverinos. — S. Pedro *in Montorio.*

O Tibre tornou a ver-nos nas suas margens. Deixando á esquerda Santa Cicilia e S. Francisco, que tinhamos visto, e S. Miguel que veremos mais tarde, chegamos brevemente a Santa Maria *in Trastevere.* Esta igreja offerce uma rica colheita

ao antiquario e em especial'ao christão. No mesmo lugar onde ella se ergue, via-se outr'ora a *Taberna meritoria*, especie de hospital dos soldados invalidos e de armazem publico, onde se depositavam as mercadorias (1). Seja em razão do prodigio de que vou fallar, seja por qualquer outra causa, o armazem de deposito foi abandonado. Os christãos, que ligavam grande importancia a possuirem este local, tomaram-o de arrendamento, e construíram nelle um oratorio; mas os taverneiros das vizinhanças tiveram por bem inquietal-os e expulsal-os. O negocio foi levado ao tribunal do imperador Alexandre, que deu o rescripto seguinte: « Vale mais que Deus seja honrado, não importa como, na *Taberna meritoria*, que entregal-a aos taverneiros (2).» Senhores deste lugar tam desejado, ápressaram-se os christãos a edificar n'elle uma igreja, que foi consagrada, em 224, pelo papa S. Calixto, e dedicada á Virgem Maria: é a primeira que Roma viu erguer em honra da Rainha do ceu (3).

D'onde vinha aos fieis este ardente desejo de possuirem a *Taberna meritoria*, e de a consagra-rem com um monumento religioso? A historia

(1) *Tabernæ meritoriæ, quæ vulgo diversoria vel fullonica appellantur. Cod. Lex. Si ususfructus, § 16.*

(2) *Rescripsit melius esse ut quomodocumque illic Deus colatur, quam popinariis dedatur. — Lamprid. in Alex.*

(3) *Illic nobilem ecclesiam erexerunt sanctissimæ Virginis Dei genitricis partui, olim eo prodigio præsignato, religiosissime consecrandam. — Bar. ann. 224, n. V.*

profana e a sagrada respondem de commum accordo: Sob o reinado d'Augusto, quando Deus tinha o mundo suspenso com multiplicados prodigios; quando o Occidente resoava com os milagres da Sybilla de Cumas, popularisados por Virgilio; e quando o Oriente tinha os olhos virados para a Judea, d'onde as antigas tradiçoens annunciavam a proxima sabida do dominador do universo: nesse momento solemne, viu Roma de repente brotar no lugar occupado pela *Taberna meritoria*, uma fonte d'oleo que correu por espaço d'um dia inteiro com tanta abundancia, que descia até ao Tibre (1). Os pagãos registraram este facto entre os acontecimentos extraordinarios que assignalaram o reinado d'Augusto, mas não comprehendiam melhor o sentido delle que o das antigas tradiçoens (2). Este sentido consolador não foi ignorado dos christãos.

N'esta fonte d'oleo milagrosamente sabida do seio da terra, no meio do bairro de Roma habitado pelos filhos d'Abrahão, n'um lugar de commercio onde elles deviam ser em grande numero assim como os pagãos, viam elles com razão a eterna misericordia de Deus que nunca deixou seu Filho sem testemunho, e o annuncio perfeitamente symbolico do nascimento de Christo, succedido pouco tempo depois. *Com effeito, ajunta Orosio, christo

(1) Anno tertio Romæ e taberna meritoria trans Tiberim oleum e terra erupit, fluxitque toto die sine intermissione. — Euseb. in *Chron.* Assim fallam Dion Cassio, Tiron Prospero, Idacio, Orosio, Eutropio, Anastasio, Raban. Mauro, etc., etc.

(2) *Philo., Hist.*, lib. II, c. XXXI; *Dio. Hist. rom.*, lib. XLVII.

quer dizer unguido ; e este oleo milagroso annunciava o unguido por excellencia, o Filho de Deus que ia nascer sob o reinado d'Augusto, e os christãos, *uncti*, que deviam perpetuá-lo no imperio. Este oleo sahe da *Taberna meritoria*, ponto de reunião commum dos judeus e dos pagãos, e figura da Igreja, composta dos gentios e dos filhos d'Israel (1).»

Tal é o milagroso facto que, attestado primeiro pelos dois testemunhos da historia profana e da sagrada ; depois, vinte vezes submettido ao exame da mais severa critica, atravessou dezoito seculos sem perder coisa alguma da sua authenticidade. Ainda hoje explica, justificando-o, o ardor d'outro modo inexplicavel dos primeiros christãos em possuírem o mesmo logar em que se havia realisado (2).

(1) Quo signo, quid evidentius quam in diebus Cæsaris toto orbe regnantis futura Christi nativitas declarata est? Christus enim unctus interpretatur. Itaque cum eotempore, quo Cæsari perpetua tribunitia potestas decreta est, Romæ fons olei per totum diem defluxit, sub principatu Cæsaris, romanoque imperio per totum diem, id est, per omne Romani tempus imperii, Christum, et ex eo christianos, id est unctum et ex eo unctos, de meritoria Taberna, hoc est de hospitali largaque ecclesia affluenter atque incessabiliter processuros, etc. — Oros., *Hist.*, lib. VI, c. XX.

[2] Os principaes auctores que teem examinado este facto são : Pietro Moretti, *Historia hujus prodigii elucid. et defen.* Romæ 1767. — Panvinius, *De septem urbis Ecclesiis*, p. 81. — Donat., *Roma vetus*, etc., lib. III, c. XXI. — Piazza,

Com sua sollicitude ordinaria, tem Roma ve-
lado por este venerando logar. Posto que con-
certada varias vezes, a egreja, edificada por S.
Calixto, conserva ainda no seu recinto e protege
com suas paredes sagradas o logar d'onde sahiu a
milagrosa fonte. O viajante não pôde deixar de
encontral-a; porque numerosas inscripçoens, or-
natos de marmore e de bronze, e sobre tudo a
piedade dos peregrinos, a indicam a todos os
olhos. Nós vimol-a; e o momento em que nos
foi dado contemplal-a permanece na nossa memo-
ria como uma das alegrias da peregrinação.

Quando estaes no começo dos degraus de
porphyro que sobem para o sanctuario, vêdes à
dritta, no pavimento, uma abertura circular guar-
necida d'uma grade, e cujo orificio revestido de
marmore branco pôde ter dois pés de diametro.
Por cima lê-se: *Fons olei*, fonte do oleo.

À direita :

Hinc oleum fluxit, cum Christus Virgine luxit.

«D'aqui correu uma fonte de oleo, quando
Christo nasceu da Virgem.»

Gerarchia cardinalizia, p. 164. — De Bererdesca,
*In collectione miraculorum, quæ in Christi na-
tivilate visa sunt. Neapoli 1553.* — Trombelli, *Vita
B. Virg.*, t. II, p. 317, 323. — Mazzolari, *Basi-
liche sacre*, t. VI, p. 297. — Constanzi, *Istituz.*,
etc., t. II, p. 40. — Cancellieri, *Notte di natale*,
p. 121. — Baron., *Apparatus ad Ann. eccl.*, p.
7; id *Ann. ann.* 221. — Benedicto XIV, *De
Festo Natal. Domini*. O sabio Pontifice exprime-
se nestes termos: «Nulla de veritate miraculi du-
bitatio, etc.» n. 53.

A' esquerda :

**Nascitur hic oleum, Deus ut de Virgine : utroque
Oleo sacrata est Roma terrarum caput.**

«D'aqui sahe o oleo quando nasce Deus da Virgem: por estas duas unçoens, é sagrada Roma rainha do mundo.»

A voz milagrosa que se eleva do seio da terra subiu até as abobadas da basilica, d'onde torna a descer em ondas de poesia. O mosaico do sanctuario despede estes accentos :

**Jam puerum, jam summe Pater, post tempora natus,
Accipimus genitum, tibi quem nos esse coævum
Credimus, hinc olei scatarire liquamina Tibrim.**

«Finalmente, Pai todo-poderoso, finalmente, possuimo!-o, esse menino nascido na plenitude dos tempos, e que crêmos eterno como vós; foi para o annunciar que correu deste logar até ao Tibre uma fonte d'oleo.»

A fachada exterior responde; é a propria basilica que, personificando-se de repente, canta a sua felicidade e a sua gloria :

**Dum tenet emeritus miles, sum magna Taberna ;
Sed dum Virgo tenet me, major nuncupor et sum :
Tunc oleum fluo, significans magnam pietatem
Christi nascentis, nunc trado petentibus ipsam.**

« Occupada pelo soldado emerito, sou o grande hospicio; occupada por Maria, chamo-me maior e o sou; então derramo oleo, emblema da grande misericordia de Christo nascente, e agora a dou áquelles que a pedem. »

Isto não é bastante; para onde quer que se

volvam, é mister que os olhos vejam e que os ouvidos escutem o testemunho do milagre. Por cima da magnífica cimalha da capella Aldobrandini, visinha do altar-mór, brilha esta inscripção :

In hac prima Matris æde,
Taberna olim meritoria.
Oleo fons esolo erumpens
Christi ortum protendit.

« N'este primeiro templo de Maria, outr'ora a *Taberna meritoria*, uma fonte d'oleo sahida do seio da terra annuncia a chegada de Christo.»

Absorto por esta grande recordação, pôde o viajante apenas occupar-se das localidades materiaes da antiga egreja. Os preciosos mosaicos da fachada exterior datam do XII.º seculo, e representam a *Santa Virgem, o Menino Jesus e as dez Virgens do Evangelho*. Nos do côro, egualmente de grande belleza, figura o papa Innocencio II, restaurador da Egreja em 1139. Titular desta basilica, adornou-a o cardeal Altemps com o quadro da *Assumpção*. Considera-se este fresco do Dominiquino como um dos primeiros de Roma pelo colorido e pela perspectiva. As magnificas columnas de granito que sustentam o edificio proveem das thermas d'Ampelide ou de Priscilliana (1): despojos opimos do paganismo voluptuoso, estão bem collocadas n'um templo dedicado à Rainha das virgens. O tecto resplende de doirados, em tanto que o chão, de porphyro, de verde antigo e outros marmores raros, se desenha como um rico jardim. Entre os tumulos, observamos ao pé da sacristia o do car-

(1) Nard., *Rom. antic.*, p. 414.

deal d'Alençon, irmão de Philippe o Bello, monumento curioso da architectura, da esculptura e da pintura do XIV.º seculo. Não menos interessante para o archeologo é a lapide sepulcral do sabio e piedoso Bottari, prefeito da Vaticana, e tam justamente celebre pelos seus trabalhos sobre as catacombas.

Ao pé do altar conserva-se a pedra com que o papa Calixto foi precipitado no poço onde consumou o seu glorioso martyrio : póde pezar cerca de cem libras, comprehendendo a corrente. O proprio santo Pontifice repouisa debaixo do altar com seus illustres successores Julio e Cornelio, martyres como elle, e os Santos Calepodo e Quirino, o primeiro sacerdote, o segundo bispo, e ambos os dois martyres. Nas differentes partes da Igreja habita uma legião de santos tomados em todas as gerarchias. Os doze Apostolos estão alli presentes em parte dos seus sagrados restos; Santo Estevão, S. Lourenço, Santo Austero, S. Sixto, Santo Ignacio e multidão d'outros representam alli a ordem dos martyres; S. Chrysostomo, S. Jeronimo, Santo Henrique, S. Severino, S. Francisco de Paulo e S. Philippe de Neri, a dos pontifices e dos sacerdotes; finalmente Santa Margarida, Santa Ignez, Santa Rufina, Santa Pudencia, Santa Aurelia, Santa Balbina, Santa Justina formam um côro de virgens em torno da sua augusta Rainha.

De Santa Maria dirigimo'-nos para S. Pedro *in Montorio*. Para lá chegarmos, foi necessario seguir a *Longara*, immensa rua que atravessa todo o Transteverino, e podemos ver o typo bem caracterisado dos habitantes deste bairro. Os *Trasteverini* crêem-se descendentes dos antigos Romanos, e a sua pretensão não parece sem algum fundamento.

Orgulhosos, atrevidos, conservam vestígios da energia e allivez de seus antepassados. Conta-se que um Suisso da guarda pontificia afastava um destes homens curioso de ver de demasiado perto o Santo Padre. O Transteverino, recoando, apostrophou assim o allabardeiro: *Barbaro, son di sangue romano anche trojano!* Acha-se na sua linguagem uma mistura de imaginação e de recordações da antiguidade que parece uma herança de familia: em nenhuma parte os nomes dos heroes e dos logares celebres da antiga Roma são tam populares. As simplices mulheres repetem as palavras *Via Appia* e *Via Flaminia* indicando-vos o vosso caminho; e Castiglione cita o dito d'um Transteverino que, indo a casa do podestá declarar o roubo do seu burro, terminava a sua queixa e o elogio deste burro dizendo que quando tinha a sua albarda, parecia verdadeiramente um Cice-ro: *Che quando aveva il suo basto addosso, pareva propriamente un Tulio.* Em quanto ao mais, os Transteverinos são d'uma dedicação ardente pela pessoa do Santo Padre: no momento do perigo seria forçoso passar-lhes por cima do corpo antes de chegar até elle.

Eramos chegados á fralda do outeirinho onde S. Pedro deu testemunho ao seu divino Mestre. Uma via em zig-zag, ornada de estaçoens do caminho da cruz, sobe o flanco arduo da collina, e adverte o peregrino de que toca n'uma terra sanctificada. Segundo a opinião mais bem fundada, o Montorio fazia parte não do Janiculo, mas do Vaticano. Assim é que se justifica a expressão dos antigos auctores que poem no monte Vaticano a crucificação de S. Pedro (1). Irritado pela morte de Simão o

(1) Baron. *Annal.*, t. I, an. 66, in not. ad'

Magico e pelas numerosas conquistas que fazia o pescador da Galilea no proprio seio da côrte imperial, mandou-o Nero agarrar e lançar na prisão Mamertina (1). O Apostolo não sahiu della mais que para ser atado á columna que tinhamos visto em Santa Maria Transpontina, e cruelmente flagellado, depois condemnado ao supplicio da cruz. O instrumento fatal foi levantado não longe do palacio imperial, n'uma crista elevada d'onde podia ser visto de longe: Nero era mui capaz de haver escolhido este sitio, a fim de poder, do alto de seus balcoens, repastar-se do espectaculo do Pastor supremo, como quizera gozar das angustias das simples ovelhas fazendo-as servir de tochas nos seus jardins. Como quer que seja, o Apostolo achou que era demasiada honra para si o ser crucificado como seu divino Mestre, e quiz ser atado á cruz com a cabeça para baixo (2).

Os primeiros christãos, tam fieis em marcar com monumentos duradoiros todos os passos dos Apostolos, não podiam deixar de guardar cuidadosamente a memoria do logar consagrado pela morte de S. Pedro, e de rodeal-o da sua veneração. O sanctuario que elevaram no *Montorio* tornou-se com o andar dos seculos na bella egreja que vamos em breve admirar. Chegados á plataforma, d'onde a vista descobre as sete reacs collinas e Roma intei-

martyr. Rom. 29 de junho.

(1) Maxim. Taurin., *Serm. V. in Natal. S. App.*; S. Ambr., *Serm. 68 contr. Auxent.*; Lact., *De mortib. persecut.*

(2) Origen. apud. Euseb., *Hist. eccl.*, lib. III, c. I; S. Hierony., *In Catalog.*; Prudent., *Peristephan.*, hym. 12; S. Ambr., *In Psalm. 118.*

ra, fomos recebidos com desvelo pelos religiosos que vélam pelo venerando outeirinho. Singular destino ! foi aos pobres filhos de S. Francisco, a esses homens olhados pelos olhos profanos como o lixo do mundo, que Deus confiou, no Oriente e no Occidente, a guarda dos logares eternamente celebres onde correu o sangue de seu Filho e o do seu vigario: gloriosa missão, digna recompensa da humildade. Os bons Padres nos introduziram no convento, e d'alli na egreja. A' direita, ao entrar, cumpre estudar com cuidado a capella Borgherini, pintada por Sebastião del Piombo segundo os desenhos vigorosos de Miguel Angelo. E' o resultado da liga deste ultimo com Sebastião, seu discipulo favorito, contra Raphael, que havia sido posto acima de Miguel Angelo quanto á invenção e ao colorido. Desta lucta de gigantes sahio a *Transfiguração*, que poz nas mãos do joven Sanzio o sceptro da arte. A' egreja succede o templosinho do Bramante. Este sanctuario, intimo em forma de cupula e magnificamente ornado pelas offrendas de Philippe II, rei d' Hespanha, marca o mesmo logar em que S. Pedro soffreu o martyrio. No centro do pavimento de precioso marmore está a abertura espheroidica que serviu de pedestal à cruz. Prostrar-se, orar, bendizer, amar, eis o que se faz espontaneamente; porque fôra necessario ser menos que homem para se não sentir profundamente impressionado, com a recordação da heroica dedicação de que foi testemunha este logar.

